ARTHUR
C. CLARKE
O FIM DA
INFÂNCIA
1001
MUNDOS

Ficha Técnica

Título: O Fim da Infância
Título original: Childhood's End
Autor: Arthur C. Clarke
Editora: Rita Fazenda
Tradução: Carlos Angelo (edição brasileira, editora Aleph)
Adaptação para Português Europeu: Bernardo Gaivão
Revisão: Sebastião Veloso
Capa: Rui Garrido
ISBN: 9789892355115

Edições ASA II, S.A.
uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

Arthur C. Clarke © Rocket Publishing, Ltd., 1953
© 2022, edições ASA II, S.A.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.asa.pt
www.leya.pt

Índice

Capa

Ficha Técnica

PREFÁCIO DO AUTOR

I - A TERRA E OS SENHORES SUPREMOS

1

2

3

4

II - ERA DOURADA

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

III - A ÚLTIMA GERAÇÃO

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

extras

1

Anjo da Guarda

ARTHUR C. CLARKE

O FIM DA INFÂNCIA

Tradução
Carlos Angelo

PREFÁCIO DO AUTOR

O Fim da Infância foi escrito entre fevereiro e dezembro de 1952, e amplamente revisto na primavera de 1953. A primeira secção é baseada num conto anterior, «Anjo da Guarda», publicado em 1950, depois de alguma edição criativa por parte de James Blish.

Menciono as datas para enquadrar a narrativa numa perspetiva histórica, já que a maioria dos leitores de hoje não tinha sequer nascido quando a primeira edição foi publicada pela editora Ballantine, a 24 de agosto de 1953. Faltavam ainda quatro anos para o primeiro satélite orbitar a Terra, embora nem mesmo os mais otimistas dos entusiastas do espaço sonhassem que estivéssemos tão perto; «pelo fim do século» era o máximo que ousávamos esperar. Se alguém me tivesse dito que, antes do final da década seguinte, eu ia estar a dez quilómetros da primeira nave espacial a partir para a Lua, eu ter-me-ia rido dessa pessoa.

A propósito disso, este livro já tinha dezasseis anos de idade quando Armstrong e Aldrin pousaram no Mar da Tranquilidade e os Estados Unidos venceram definitivamente a corrida ao espaço contra a União Soviética. Em 1989, atualizei a introdução para transportar a narrativa para o próximo século; estava a trabalhar quando, no vigésimo aniversário da alunagem do Apollo 11, o presidente Bush anunciou que Marte seria a próxima meta no programa espacial americano. Todavia, tratou-se de uma meta que, infelizmente, foi logo esquecida.

Para esta edição, reverti à abertura original, mas também ofereço a de 1989 como um apêndice, em parte por razões sentimentais. Há cinco anos, tive o privilégio de visitar a Cidade das Estrelas, fui um dos primeiros ocidentais a fazê-lo, graças à influência do meu amigo, o cosmonauta Alexei Leonov. Estive diante daquela famosa estátua e visitei o escritório de Yuri Gagarin, onde o relógio está parado na hora de sua morte.

Quando este livro foi escrito, no início dos anos 1950, eu estava ainda muito impressionado pelos indícios daquilo que era genericamente

chamado de Paranormal, e usei-o como um dos principais temas deste romance. Quatro décadas mais tarde, depois de gastar alguns milhões de dólares dos fundos da Yorkshire Television em pesquisas para os meus programas, *Mundo Misterioso* e *Estranhos Poderes*, tornei-me num cético quase total. Vi demasiadas alegações dissolverem-se no ar, e um número excessivo de demonstrações a serem desmascaradas como fraudes. Foi uma aprendizagem longa e, às vezes, embaraçosa.

Quando *O Fim da Infância* apareceu pela primeira vez, muitos leitores ficaram estupefatos com a advertência de abertura: «As opiniões expressas neste livro não são as do autor». Isto não foi, de todo, uma brincadeira: um ano antes, tinha publicado *A Exploração do Espaço*, onde pintei um quadro otimista sobre a nossa futura expansão pelo Universo. Agora, escrevia um livro onde dizia que «as estrelas não são para o Homem», e não queria que ninguém pensasse que eu tinha mudado tão repentinamente de ideias.

Hoje, gostaria de mudar o alvo da minha advertência para cobrir 99% daquilo que é «paranormal» (não pode ser tudo parvoíce... ou pode?) e 100% dos chamados «encontros» com OVNIS. Ficaria muito infeliz se este livro viesse a contribuir ainda mais para a sedução dos ingénuos, hoje cinicamente explorada por todos os meios de comunicação. Livrarias, bancas de jornais e o espectro eletromagnético estão todos poluídos por um esgoto que faz apodrecer a mente a respeito de OVNIS, poderes psíquicos, astrologia, as energias das pirâmides, os médiuns... escolha um nome, alguém está a comercializá-lo, num rasgo final de decadência *fin-de-siècle*...

Isso significa que *O Fim da Infância* (que trata tanto do paranormal como de visitantes espaciais) deixou de ter relevância? De maneira alguma; é um trabalho de ficção, céus! Ainda podemos apreciar *A Guerra dos Mundos*, apesar dos marcianos não terem reduzido Woking a um churrasco em 1898, ou, por falar nisso, Nova Jersey, em 1938. E, como já repeti mais vezes do que aquilo que me consigo lembrar, duvido pouco de que o Universo esteja repleto de vida. A SETI (a procura pela inteligência extraterrestre) é agora uma área plenamente aceite pela astronomia. O facto de se tratar, ainda, de uma ciência sem um objeto de estudo concreto, não deve nem ser surpreendente nem desapontar. Só durante metade da duração de uma única vida humana é que tivemos a tecnologia suficiente para ouvir as estrelas.

Logo após a publicação, *O Fim da Infância* foi vendido para o cinema; desde então, passou por inúmeras mãos, e foi adaptado por incontáveis

guionistas. Durante algum tempo colaborei com um refugiado da vergonhosa era McCarthy, Howard Koch, mais conhecido por *Casablanca* e *A Raposa*, protagonizado por Keir Dullea, do *2001*! Adorei quando Howard vendeu, por uma bela quantia de seis dígitos, o famoso guião de rádio com o qual ele e Orson Welles aterrorizaram os Estados Unidos (refiro-me a *A Guerra dos Mundos*, explicado no parágrafo anterior).

Segundo a informação mais recente dos gulags de Hollywood, o preço atual de *O Fim da Infância* é várias centenas de vezes a remuneração perfeitamente satisfatória que recebi em 1956. E, mesmo que nunca chegue ao grande ecrã, milhões de pessoas já assistiram a uma versão bem impressionante da abertura, no sucesso de bilheteira *Dia da Independência*.

Então, quando/se *O Fim da Infância* finalmente chegar ao cinema, os devoradores de pipocas certamente vão pensar que estamos a plagiar o *Dia da Independência*. No entanto, Theodore Sturgeon obteve o *copyright* da ideia há muito tempo. Lá para 1947 (sim, 47!) ele escreveu um conto com o título e a última linha inesquecíveis: «O céu estava cheio de naves».

Meia década antes do conto de Ted, eu de facto testemunhei uma cena assim. Não, não fiquei de repente maluco de tanto escrever ficção científica...

Estava um belo anoitecer de verão em 1941, e eu ia apanhar boleia para Londres com meu melhor amigo, o falecido Arthur Valentine Cleaver, engenheiro-chefe da Divisão de Foguetes da Rolls-Royce e, como eu, um membro entusiástico da Sociedade Interplanetária Britânica.

O Sol punha-se nas nossas costas, e a cidade estava ainda a trinta quilómetros. Chegámos ao alto de uma colina onde a vista era tão incrível que o Val parou o carro. Era, ao mesmo tempo, belo e aterrador, mas nenhuma futura geração jamais poderá ver essa cena de novo: a tecnologia superou-a, para o bem ou para o mal.

Dezenas, centenas de balões de barragem brilhantes e prateados estavam ancorados no céu de Londres. Enquanto as suas formas de torpedo atarracado capturavam os últimos raios do Sol, parecia realmente que uma frota de naves alienígenas estava suspensa sobre a cidade. Durante um longo momento sonhámos com o futuro distante e expulsámos todos os pensamentos a respeito do perigo imediato contra o qual aquela cerca aérea tinha sido erguida, para guardar a cidade.

Talvez, naquele instante, *O Fim da Infância* tenha sido concebido.

Arthur C. Clarke
Colombo, Sri Lanka
17 de junho de 2000

O FIM DA INFÂNCIA

Para Marilyn,
por me deixares ler as provas durante a nossa lua de mel.

I

A TERRA E OS SENHORES SUPREMOS

1

«O vulcão que erguera Taratua das profundezas do Pacífico já dormia há meio milhão de anos. Ainda assim, muito em breve», pensou Reinhold, «a ilha será banhada por um fogo muito mais intenso do que as chamas que testemunharam o seu nascimento.» Olhou em direção à plataforma de lançamento, e o seu olhar escalou a pirâmide de andaimes que ainda cercava a *Colombo*. Sessenta metros acima do solo, a proa da nave apanhava os últimos raios do Sol poente. Esta seria uma das últimas noites que ela veria: brevemente estaria a flutuar no eterno dia do espaço.

Aqui, por baixo das palmeiras, no cume da crista rochosa da ilha, o silêncio imperava. O único som do Projeto era o queixume esporádico de um compressor de ar, ou o grito indistinto de um dos operários. Reinhold aprendera a gostar destas palmeiras amontoadas: ao anoitecer, vinha quase sempre para ali para contemplar o seu pequeno império. Entristecia-o pensar que seriam reduzidas a átomos quando a *Colombo* se erguesse em direção às estrelas, envolta numa fúria flamejante.

A dois quilómetros dos recifes, o *James Forrestal* com os seus holofotes vasculhava as águas escuras. O Sol agora já desaparecera completamente, e a rápida noite tropical vinha de este a correr. Reinhold perguntou-se, com um ligeiro sarcasmo, se o porta-aviões esperava encontrar submarinos russos tão perto da costa.

Pensar na Rússia fez com que se lembrasse, como sempre, de Konrad e daquela manhã na desastrosa primavera de 1945. Passaram mais de trinta anos, mas a memória daqueles últimos dias, quando o Reich se desintegrou sob as ondas do Este e do Oeste, nunca se desvanecera. Ainda conseguia ver os olhos azuis e cansados de Konrad, e a barba dourada por fazer no seu queixo, quando apertaram as mãos e se despediram na cidadezinha prussiana arruinada, enquanto uma torrente ininterrupta de refugiados passava por eles. Fora uma despedida que simbolizava tudo o que acontecera desde então com o mundo: a divisão entre o Este e o Oeste, uma

vez que Konrad escolhera a estrada para Moscovo. Reinhold tinha-o considerado um tolo, mas agora já não tinha tanta certeza.

Durante trinta anos, imaginara que Konrad estivesse morto. Apenas na semana passada o coronel Sandmeyer, da Inteligência Técnica, lhe trouxera a notícia. Reinhold não gostava de Sandmeyer, e tinha certeza de que o sentimento era mútuo. Contudo, nenhum deles deixava que isso interferisse no trabalho.

– Sr. Hoffmann – o coronel começara, com o seu melhor tom oficial – acabo de receber algumas informações alarmantes de Washington. É claro que são extraordinariamente secretas, mas resolvemos revelá-las ao pessoal da engenharia, para que compreendam a necessidade da pressa. – Fez uma pausa dramática, gesto que não surtiu efeito em Reinhold. De certa forma, já sabia o que vinha a seguir.

– Os russos estão quase empatados connosco. Conseguiram algum tipo de propulsão atómica. Pode até ser mais eficiente do que a nossa. Estão a construir uma nave nas margens do lago Baikal. Não sabemos até onde chegaram, mas a Inteligência acredita que ainda possa ser lançada este ano. O senhor sabe o que isso significa.

«Sim», pensou Reinhold, «eu sei. A corrida começou... e nós podemos perder.»

– Sabe quem é o chefe da equipa deles? – havia perguntado, sem esperar de facto uma resposta. Para sua surpresa, o coronel Sandmeyer empurrara sobre a mesa uma folha datilografada e, no cabeçalho, estava o nome: Konrad Schneider.

– O senhor conheceu muitos destes homens em Peenemünde, não foi? – perguntou o coronel. – Isso poderá dar-nos uma ideia dos métodos que eles usam. Gostaria que me preparasse algumas notas sobre o maior número possível deles: as suas especialidades, as ideias brilhantes que tiveram e assim por diante. Sei que estou a pedir muito, depois deste tempo todo... Mas veja o que pode fazer.

– Konrad Schneider é o único que importa – Reinhold respondera. – Ele era brilhante. Os outros são apenas engenheiros competentes. Só Deus sabe o que é que o Konrad pode ter feito em trinta anos. Não se esqueça que ele deve ter visto cada um dos nossos resultados, e nós não vimos nenhum dos dele. Só com isso, ele já tem uma enorme vantagem sobre nós.

Não pretendera, com aquilo, criticar a Inteligência, porém, por um momento, pareceu-lhe que Sandmeyer ficaria ofendido. Mas o coronel encolheu os ombros.

– Tem suas vantagens e desvantagens, como o senhor mesmo me disse. O nosso intercâmbio livre de informações significa um progresso mais rápido, mesmo que deixemos escapar alguns segredos. Os departamentos de pesquisa russos metade das vezes não devem fazer ideia do que é que o seu próprio pessoal faz. Vamos ter que lhes mostrar que a democracia pode chegar à Lua primeiro.

«Democracia... Parvoíce!», pensou Reinhold, mas não foi louco o suficiente para o dizer. Um Konrad Schneider valia um milhão de eleitores. E o que é que Konrad já teria conseguido fazer a esta altura, com todos os recursos da URSS do seu lado? Quem sabe, neste mesmo instante, talvez a sua nave já estivesse a afastar-se da Terra...

*

O Sol que desertara Taratua ainda estava alto sobre o lago Baikal quando Konrad Schneider e o Comissário-assistente da Ciência Nuclear se afastaram, caminhando lentamente na plataforma de teste do motor. Os seus ouvidos ainda pulsavam, doridos, embora os últimos ecos ensurdecedores tivessem morrido no lago dez minutos antes.

– Porquê essa cara? – perguntou, de súbito, Grigorievitch. – Devia estar feliz agora. Daqui a um mês estaremos a caminho, e os ianques vão ficar roídos de raiva.

– Você é um otimista, como sempre – disse Schneider. – Mesmo com o motor a funcionar, não é assim tão fácil. É verdade que agora não consigo imaginar nenhum obstáculo sério... Mas estou preocupado com os informantes de Taratua. Eu já lhe expliquei o quão bom é o Hoffmann, além disso ele tem biliões de dólares por trás dele. As fotografias da nave dele não estão muito nítidas, mas parece já não faltar muito para terminarem. E bem sabemos que eles já testaram o motor há cinco semanas atrás.

– Não se preocupe – riu Grigorievitch. – São eles que vão ter uma grande surpresa. Não se esqueça que eles não sabem nada sobre nós.

Konrad Schneider ponderou se isso seria ou não verdade, mas decidiu que era muito mais seguro não levantar dúvidas. Poderia fazer com que a mente de Grigorievitch começasse a explorar canais tortuosos demais e, se tivesse

havido alguma fuga de informação, talvez fosse difícil provar a sua própria inocência.

O guarda bateu continência no momento em que Schneider voltou ao edifício administrativo. «Há quase tantos soldados aqui», pensou, mal-humorado, «quanto técnicos.» No entanto, era assim que os russos faziam as coisas, e desde que se mantivessem fora do seu caminho, estava tudo bem por ele. No geral, com algumas exceções irritantes, as coisas tinham corrido praticamente conforme o esperado. Agora só o futuro lhe poderia dizer quem, entre ele e Reinhold, tinha feito a melhor escolha.

Já estava a trabalhar no seu relatório final quando foi perturbado pelo som de vozes a gritar. Durante um momento sentou-se imóvel à secretária, sem conseguir imaginar em que possível circunstância alguém seria capaz de perturbar a rígida disciplina do campo. Depois dirigiu-se à janela e, pela primeira vez na sua vida, soube o que era o desespero.

*

A toda a sua volta haviam estrelas quando Reinhold desceu a encosta. Ao fundo, no mar, o *Forrestal* ainda vasculhava as águas com os seus dedos de luz, enquanto, mais perto da praia, os andaimes à volta da *Colombo* se transformavam numa árvore de natal iluminada. Apenas a proa saliente da nave permanecia como uma sombra escura, ocultando as estrelas.

Um rádio tocava música de dança bem alto nos alojamentos e, sem dar por isso, os pés de Reinhold aceleraram de acordo com o ritmo. Já tinha quase alcançado a estrada estreita que rodeava a areia quando uma premonição, apenas um movimento vislumbrado, fez com que parasse. Perplexo, desviou o olhar da terra para o mar, e do mar para a terra. Passou-se algum tempo até que se lembrou de olhar para o céu.

Nesse momento, Reinhold Hoffmann soube, ao mesmo tempo que Konrad Schneider, que tinha perdido a corrida. Soube que a perdera não por poucas semanas ou meses, como temia há algum tempo, mas por milénios. As enormes e silenciosas sombras que se moviam entre as estrelas, mais quilómetros acima da sua cabeça do que se atrevia a imaginar, superavam a sua pequena *Colombo* tanto quanto esta superava as canoas de madeira de um homem do paleolítico. Durante alguns momentos, que pareceram durar para sempre, Reinhold ficou pasmado, da mesma maneira que todo o planeta o fazia, enquanto as enormes naves desciam na sua avassaladora

grandiosidade, até que, por fim, pôde ouvir o grito difuso da sua passagem pelo ar rarefeito da estratosfera.

Não lamentou que o trabalho de uma vida se tivesse perdido. Batalhara para levar o homem às estrelas e, na hora do seu triunfo, as estrelas, distantes e indiferentes, tinham vindo até ele.

*

Era neste momento que a história sustinha a respiração, e o presente se destacava do passado da mesma forma que um iceberg se separa das encostas geladas que lhe dão origem para navegar pelo oceano, solitário e orgulhoso. Tudo o que as gerações passadas tinham conquistado era, agora, como nada. Um único pensamento ressoava na mente de Reinhold:

«A raça humana não está sozinha».

2

O Secretário-Geral das Nações Unidas mantinha-se imóvel junto à grande janela, os olhos fixos no trânsito que se arrastava pela Rua 43. Às vezes, questionava-se se era bom que um homem trabalhasse áquela altura, tão acima dos seus pares. Distanciamento era aceitável, mas assim seria demasiado fácil transformá-lo em indiferença. Ou estaria ele simplesmente a tentar racionalizar a sua aversão por arranha-céus, que não diminuíra mesmo depois de vinte anos passados em Nova York?

Ouviu a porta a abrir-se nas suas costas, mas não se virou quando Pieter Van Ryberg entrou. Houve a inevitável pausa enquanto Pieter olhava, com desagrado, para o termostato. Não eram novas as piadas sobre o Secretário-Geral gostar de viver num frigorífico. Stormgren aguardou até que o assistente se juntasse a ele à janela, e só então se obrigou a desviar os olhos do panorama familiar, mas sempre fascinante, lá em baixo. Disse:

– Estão atrasados. Wainwright devia ter chegado há cinco minutos.

– A polícia acabou de avisar. Ele trás um verdadeiro cortejo, o que engarrafou o trânsito. Deve chegar a qualquer momento.

Van Ryberg fez uma pausa até que acrescentou, abruptamente:

– *Ainda* acha mesmo que é uma boa ideia falar com ele?

– Receio que agora seja um pouco tarde para recuar. Afinal de contas, eu concordei. Embora tu saibas que a ideia não partiu de mim.

Stormgren caminhara até à mesa e brincou com o seu famoso pisa-papéis de urânio. Não se sentia nervoso, apenas indeciso. Também estava satisfeito por Wainwright estar atrasado, já que isso lhe daria uma pequena vantagem moral quando a reunião começasse. Trivialidades assim desempenhavam um papel muito mais importante nas relações humanas do que qualquer pessoa apegada à lógica e à razão gostaria.

– Aí estão eles! – disse Van Ryberg, de repente, encostando a cara à janela. – Estão a subir a avenida. Mais de três mil, diria eu.

Stormgren pegou no bloco de notas e voltou para o lado do seu assistente. A quase um quilómetro dali, uma pequena mas decidida multidão, movia-se, devagar, na direção do Edifício do Secretariado. Carregavam faixas que eram ilegíveis àquela distância, mas Stormgren já conhecia muito bem a mensagem. Rapidamente se fizeram ouvir, elevando-se acima do barulho do trânsito, o ritmo ameaçador de centenas de vozes em coro. Sentiu uma onda repentina de aversão a tomar conta de si. Certamente este mundo já tivera demasiadas hordas em marcha e frases inflamadas!

A multidão chegara à frente do edifício. Deviam saber que o Secretário-Geral os observava, pois aqui e ali, de forma um pouco tímida, punhos agitavam-se no ar. Não se tratava de um desafio a Stormgren, embora não existissem dúvidas de que os manifestantes desejavam que o gesto fosse visto por ele. Como pigmeus que ameaçam um gigante, estes punhos furiosos erguiam-se contra o céu, cinquenta quilómetros acima das suas cabeças: contra a cintilante nuvem prateada que era a nave almirante da frota dos Senhores Supremos.

«Com certeza», pensou Stormgren, «que o Karellen estava a assistir a tudo e a divertir-se imenso, já que esta reunião nunca teria ocorrido se não tivesse sido instigada pelo Supervisor.»

Era a primeira vez que Stormgren se reunia com o dirigente da Liga da Liberdade. Já tinha deixado de se perguntar se isso era prudente, os planos de Karellen muitas vezes eram subtis demais para a mera compreensão humana. Mesmo no pior dos cenários, Stormgren não via como é que algum dano adicional poderia ser feito. Caso se tivesse recusado a receber Wainwright, a Liga teria usado esse facto contra ele.

Alexander Wainwright era um homem alto e elegante, de quase cinquenta anos. Era, Stormgren sabia, honesto de cima a baixo e, por conseguinte, duplamente perigoso. Contudo, a sua sinceridade óbvia tornava difícil uma pessoa não gostar dele, quaisquer que fossem as opiniões que se tivesse sobre a causa que ele defendesse... e sobre alguns dos seguidores que ela atraísse.

Depois das apresentações feitas por Van Ryberg, breves e um pouco tensas, Stormgren não perdeu tempo.

– Presumo que o principal objetivo da sua visita seja registar um protesto formal contra o projeto da federação. Estou correto?

Wainwright acenou com a cabeça, sério.

– Esse é o meu principal protesto, senhor Secretário. Como sabe, durante os últimos cinco anos temos procurado despertar a raça humana para o perigo a que está exposta. A tarefa tem sido difícil, já que a maioria das pessoas parece satisfeita em deixar que os Senhores Supremos governem o mundo como melhor lhes convém. No entanto, mais de cinco milhões de patriotas, em todos os países, assinaram o nosso abaixo-assinado.

– Não é um número muito impressionante, numa população de dois mil milhões e meio.

– É um número que não pode ser ignorado. E, para cada pessoa que assinou, há muitas que têm sérias dúvidas quanto à sensatez, para não falar na justiça, deste plano de federação. O próprio Supervisor Karellen, apesar de todo o seu poder, não pode apagar mil anos de história com uma canetada.

– O que é que alguém sabe dos poderes de Karellen? – replicou Stormgren. – Quando eu era miúdo, a Federação Europeia era um sonho. Mas, quando cresci, era uma realidade. E *isso* foi antes da chegada dos Senhores Supremos. Karellen está apenas a concluir o trabalho que nós começámos.

– A Europa era uma entidade cultural e geográfica. O mundo, não. Essa é que é a diferença.

– Para os Senhores Supremos – continuou Stormgren, sarcástico – a própria Terra deve parecer muito mais pequena do que a Europa pareceria aos nossos pais. E a visão deles, diria eu, é mais madura do que a nossa.

– Eu não discordo, necessariamente, da federação como um objetivo *final*, embora muitos dos meus simpatizantes possam não concordar. Só que isso deve partir de dentro, e não pode ser imposta de fora. Nós precisamos de tentar resolver o nosso próprio destino. Não pode haver mais interferência nos assuntos humanos!

Stormgren suspirou. Já ouvira tudo aquilo uma centena de vezes, e sabia que só podia dar a velha resposta que a Liga da Liberdade se recusava a aceitar. Tinha fé em Karellen e eles não. Era essa a diferença fundamental entre eles, e não havia nada que pudesse fazer a esse respeito. Felizmente, tampouco a Liga podia fazer o que quer que fosse.

– Deixe-me fazer-lhe algumas perguntas – disse Stormgren. – Pode negar que os Senhores Supremos trouxeram segurança, paz e prosperidade ao nosso mundo?

– É verdade. Só nos tiraram foi a liberdade. Nem só de pão...

– ...vive o homem. Sim, eu sei. Mas esta é a primeira época em que todos os homens têm a certeza de conseguir, pelo menos, isso. De qualquer maneira, que liberdade perdemos em comparação com a que os Senhores Supremos nos deram, pela primeira vez na história da humanidade?

– A liberdade de controlar as nossas próprias vidas, guiados por Deus.

«Finalmente», pensou Stormgren, «chegámos ao ponto. No fundo, trata-se de um conflito religioso, por mais que se tente disfarçá-lo. Wainwright nunca deixa ninguém esquecer que já foi sacerdote. Embora já não use o colarinho clerical, de algum modo deixa sempre a impressão de que ele ainda ali está.»

– No mês passado – observou Stormgren – uma centena de bispos, cardeais e rabinos assinou uma declaração conjunta dando apoio à política do Supervisor. As religiões do mundo estão contra si.

Wainwright abanou vigorosamente a cabeça, num gesto de negação indignada.

– Muitos desses líderes estão cegos. Foram corrompidos pelos Senhores Supremos. Quando se aperceberem do perigo, poderá ser tarde demais. A humanidade já terá perdido a iniciativa, ter-se-á tornado numa raça de vassalos.

Seguiu-se um instante de silêncio. Até que Stormgren respondeu:

– Daqui a três dias vou me reunir de novo com o Supervisor. Explicar-lhe-ei as suas objeções, visto que é o meu dever representar os pontos de vista do mundo. Mas isso não vai mudar nada, posso garantir.

– Há uma outra questão – falou Wainwright, devagar. – Temos muitas objeções aos Senhores Supremos, mas, acima de tudo, abominamos essa insistência deles em manterem-se ocultos. O *senhor* é o único ser humano que já falou com Karellen e, mesmo assim, nunca o viu! Será de admirar que duvidemos dos motivos dele?

– Apesar de tudo o que ele tem feito pela humanidade?

– Sim, apesar de tudo isso. Não sei o que é que nos ofende mais: a omnipotência de Karellen ou sua reclusão. Se não tem nada a esconder, porque é que nunca se mostra? Da próxima vez que falar com o Supervisor, Sr. Stormgren, faça-lhe essa pergunta!

Stormgren ficou em silêncio. Não havia nada que pudesse dizer. Nada que convencesse o outro. Às vezes Stormgren não tinha certeza se mesmo ele

realmente se convencera.

*

Do ponto de vista deles, era obviamente apenas uma operação muito pequena, mas, para a Terra, era o maior acontecimento da história. Não tinha havido nenhum aviso antes das grandes naves se precipitarem das profundezas desconhecidas do espaço. O dia fora descrito inúmeras vezes, em ficção, mas ninguém acreditava realmente que acontecesse. Agora, por fim, esse dia chegara: as formas cintilantes e silenciosas, suspensas sobre todas as terras, simbolizavam uma ciência que o Homem não poderia ter a esperança de igualar nos próximos séculos. Durante seis dias flutuaram, imóveis, sobre as cidades, sem sequer dar a entender que sabiam da sua existência. Mas não era preciso: não fora por coincidência que as poderosas naves pararam precisamente sobre Nova York, Londres, Paris, Moscovo, Roma, Cidade do Cabo, Tóquio, Camberra...

Antes mesmo do fim destes dias aterradores, alguns homens já tinham adivinhado a verdade. Não se tratava do primeiro e hesitante contacto de uma raça que nada sabia sobre a humanidade. Dentro destas naves silenciosas e imóveis, mestres da psicologia estudavam as reações dos seres humanos. Quando a curva de tensão atingisse o máximo, eles agiriam.

Foi no sexto dia que Karellen, Supervisor para a Terra, se fez conhecer ao mundo numa transmissão que se sobrepôs a todas as frequências de rádio. Falou num inglês tão perfeito que a controvérsia que iniciou assolaria os dois lados do Atlântico durante uma geração. Mas o contexto do discurso foi ainda mais surpreendente do que a forma. Por quaisquer padrões, era a obra de um génio insuperável, mostrando um domínio completo e absoluto dos assuntos humanos. Não restava qualquer dúvida da sua erudição e virtuosismo, os vislumbres de um conhecimento tentador e ainda inexplorado tinham sido concebidos de antemão para convencer a humanidade de que estavam na presença de um poder intelectual esmagador. Quando Karellen terminou, as nações da Terra souberam que os seus dias de soberania precária tinham terminado. Os governos locais, internos, ainda conservariam os seus poderes, mas, no campo mais amplo dos assuntos internacionais, as decisões supremas deixaram as mãos humanas. Discussões, protestos... tudo era inútil.

Dificilmente se poderia esperar que todas as nações do mundo se submetessem, de maneira dócil, a uma tal limitação dos seus poderes. No entanto, a resistência apresentava dificuldades desconcertantes, uma vez que a destruição das naves dos Senhores Supremos, mesmo que fosse possível, aniquilaria as cidades imediatamente abaixo delas. Apesar disso, uma das grandes potências tentou. Talvez os responsáveis esperassem matar dois coelhos com um só míssil atómico, já que o seu alvo flutuava sobre a capital de uma nação vizinha e hostil.

Enquanto a imagem da enorme nave se expandia no ecrã do televisor da sala de controlo secreta, o pequeno grupo de autoridades e técnicos deve ter sentido diversas emoções contraditórias. Se sucedessem, qual seria a reação que as restantes naves iriam adotar? Será que também poderiam ser destruídas, deixando que a humanidade voltasse ao seu próprio caminho? Ou será que Karellen desencadearia uma terrível vingança sobre os seus agressores?

Quando o míssil se destruiu com o impacto, o ecrã ficou subitamente vazio, e a imagem passou de imediato para uma câmara aérea, a muitos quilômetros de distância. Nessa fração de segundo, já se deveria ter formado uma bola de fogo, enchendo o céu com suas chamas solares.

Todavia, não acontecera absolutamente nada. A poderosa nave pairava incólume, banhada pela luz crua do Sol, na fronteira do espaço. Não só a bomba falhara o seu alvo, mas também nunca ninguém conseguiria explicar o que é que aconteceu ao míssil. Além do mais, Karellen não tomara qualquer tipo de medida contra os responsáveis, ou tampouco demonstrou de forma alguma que se tinha dado conta do ataque. Ignorara-o com desdém, deixando que se preocupassem com uma vingança que nunca chegaria. Tinha dispensado um tratamento muito mais eficiente, e muito mais desmoralizante, do que qualquer outro tipo de medida punitiva. Resultado, algumas semanas depois, o governo responsável desintegrava-se completamente no meio de recriminações mútuas.

Também existira alguma resistência passiva às políticas dos Senhores Supremos. Quase sempre, Karellen fora capaz de lidar com isso simplesmente deixando que os envolvidos fizessem o que queriam, até descobrirem que só se prejudicavam a si mesmos com a recusa em cooperar. Apenas uma vez tomara medidas diretas contra um governo recalcitrante.

Durante mais de cem anos, a República da África do Sul havia sido o centro de rivalidades raciais. Homens de boa vontade, de ambos os lados, tinham tentado construir pontes, mas em vão: os temores e preconceitos tinham raízes profundas demais para permitir qualquer tipo de cooperação. Os sucessivos governos distinguiam-se apenas pelo grau da sua intolerância. O país estava envenenado pelo ódio e pelas consequências da guerra civil.

Quando se tornou claro que nenhuma tentativa seria feita para pôr fim à discriminação, Karellen emitira o seu aviso. Limitou-se a especificar uma data e um horário; nada mais. Houve apreensão, mas pouco medo ou pânico. Ninguém acreditava que os Senhores Supremos fossem adotar uma medida violenta ou destrutiva que atingisse tanto inocentes quanto culpados.

E não adotaram. O que aconteceu foi simplesmente que, à hora em que passava pelo meridiano da Cidade do Cabo, o Sol desapareceu. Vislumbra-se apenas um fantasma pálido e arroxeado, que não fornecia nem calor nem luz. De alguma forma, no espaço, a luz do Sol fora polarizada por dois campos transversais, de modo a que nenhuma radiação pudesse passar. A área afetada tinha quinhentos quilómetros de diâmetro, e era perfeitamente circular.

A demonstração durou trinta minutos. Foi o suficiente: no dia seguinte, o governo da África do Sul anunciou que todos os direitos civis seriam restituídos à minoria branca.

Exceto em alguns casos de incidentes isolados, a raça humana aceitara os Senhores Supremos como parte da ordem natural das coisas. Fora uma curva temporal surpreendentemente curta, mas o choque inicial desapareceu e o mundo voltou a seguir o seu curso. A única diferença que um Rip van Winkle recém-acordado notaria era uma certa esperança silenciosa, um certo estado de apreensão e expectativa, enquanto a humanidade aguardava que os Senhores Supremos se mostrassem e descessem das suas naves cintilantes.

Cinco anos depois, continuavam a aguardar. «E isso», pensou Stormgren, «era a causa de todos os problemas.»

*

Havia o habitual círculo de curiosos, com as suas câmaras prontas, enquanto o carro de Stormgren se aproximava do campo de lançamento. O Secretário-Geral trocou algumas palavras de última hora com o seu assistente, agarrou na sua pasta e passou pelo meio da roda de espectadores.

Karellen nunca o deixava muito tempo à espera. Com um súbito «Oh!» vindo da multidão, uma bolha prateada expandiu-se no céu com uma velocidade de tirar o fôlego. Uma súbita rajada de ar agitou as roupas de Stormgren quando a minúscula nave pousou a cinquenta metros de distância, flutuando, com suavidade, alguns centímetros acima do solo, como se temesse ser contaminada pela Terra. À medida que avançava lentamente, Stormgren viu o casco metálico inteiriço a vincar-se de modo familiar. Logo a seguir, aparecia diante de si a abertura que tanto desconcertara os melhores cientistas do mundo. Entrou assim no único compartimento da nave, suavemente iluminado. Atrás de si, a entrada fechou-se como se nunca tivesse existido, bloqueando qualquer som e toda luz vinda de fora.

A nave tornou a abrir-se cinco minutos depois. Não houve qualquer tipo de sensação de movimento, mas Stormgren sabia que estava, agora, cinquenta quilómetros acima da Terra, bem no interior da nave de Karellen. Estava no mundo dos Senhores Supremos: à sua volta, eles tratavam dos seus negócios misteriosos. Chegara mais perto deles do que qualquer outro homem. Não sabia, porém, mais sobre sua natureza física do que os milhões de habitantes do mundo lá em baixo.

A pequena sala de reuniões, ao fundo do curto corredor de ligação, não estava mobilada, à exceção de uma cadeira e de uma mesa sob um ecrã assente numa divisória. Como esperado, não diziam absolutamente nada a respeito das criaturas que as tinham construído. O ecrã estava vazio, como sempre estivera. Às vezes, em sonhos, Stormgren imaginava que ele se acendia de repente, revelando um segredo que atormentava todo o planeta. No entanto, o sonho nunca se tornara realidade: por trás do retângulo de escuridão, ocultava-se um mistério completo. Contudo, também havia poder e sabedoria. E, talvez mais importante, um imenso e bem-intencionado afeto por aquelas criaturinhas que rastejavam no planeta em baixo.

Do outro lado da divisória veio a voz calma e nunca apressada que Stormgren conhecia tão bem, embora o mundo só a tivesse ouvido uma vez na história. A sua profundidade e ressonância davam a única pista que

existia a respeito da natureza física de Karellen, transmitiam uma sensação marcante de puro *tamanho*. Karellen era grande. Talvez muito maior do que um homem. Era verdade que alguns cientistas, depois de terem analisado a gravação do seu único discurso, tinham sugerido que a voz era a de uma máquina. Isso, porém, era algo em que Stormgren jamais poderia acreditar.

– Sim, Rikki, eu estava a ouvir a tua pequena reunião. A que conclusão chegaste sobre o Sr. Wainwright?

– É um homem honesto, mesmo que muitos dos seus simpatizantes não sejam. O que é que vamos fazer? A Liga em si não é perigosa, mas alguns dos seus elementos extremistas apregoam abertamente a violência. Estive a pensar se deveria colocar guardas em minha casa. Mas espero que não seja preciso.

Karellen esquivou-se ao assunto como, às vezes e de forma irritante, fazia.

– Os detalhes da federação mundial já foram divulgados há um mês. Houve algum aumento substancial nos sete por cento que não aprovam a minha presença ou nos doze por cento dos indecisos?

– Ainda não. Mas isso não tem importância. O que realmente me preocupa é um sentimento generalizado, mesmo entre os simpatizantes, de que chegou a altura de terminar a sua reclusão.

O suspiro de Karellen foi tecnicamente perfeito, embora, de certa maneira, lhe faltasse convicção.

– Também achas isso, não é?

A pergunta era tão retórica que Stormgren não se deu ao trabalho de responder.

– Pergunto-me se realmente compreende – prosseguiu, sem meias palavras – como é que este estado de coisas dificulta meu trabalho.

– Também não ajuda o meu – replicou Karellen, com um certo vigor. – Gostaria que as pessoas parassem de pensar em mim como um ditador e se lembrassem de que sou apenas um funcionário público, a tentar pôr em prática uma política colonial de cuja formulação não participei.

«Isso,» pensou Stormgren, «é uma descrição interessante». Perguntou-se ao certo o quão verdadeira seria.

– Não pode pelo menos dar-nos *algum* motivo para a sua reclusão? Porque efetivamente não a conseguimos compreender, incomoda-nos e gera todo o tipo de boatos.

Karellen deu aquela sua gargalhada, intensa e profunda, um pouco ressonante demais para ser completamente humana.

– O que é que eles acham que eu sou agora? A teoria do robô ainda é a principal? Preferia ser uma massa de válvulas eletrónicas do que uma espécie de centopeia. Ah, sim, eu vi a caricatura no *Chicago Tribune* de ontem! Estou a ponderar pedir-lhes o original.

Stormgren contraiu os lábios visivelmente. «Havia alturas», pensou, «em que Karellen tratava as suas responsabilidades de forma completamente leviana.»

– Isto é *sério* – disse Stormgren, em tom de reprovação.

– Meu caro Rikki – respondeu Karellen – é só por *não* levar a raça humana a sério que eu consigo manter os vestígios de que ainda possuo dos meus outrora consideráveis poderes mentais!

Mesmo sem querer, Stormgren sorriu.

– Isso não me ajuda muito, não é? Ainda vou ter que descer à Terra e convencer os meus pares de que, embora você não se vá mostrar, não tem nada a esconder. Não é um trabalho fácil. A curiosidade é um dos traços mais marcantes da humanidade. Não vai poder contê-la para sempre.

– De todos os problemas com que nos defrontámos quando viemos para a Terra, esse foi o mais difícil – admitiu Karellen. – Mas vocês têm confiado na nossa sabedoria noutros assuntos. Com certeza também poderão confiar neste!

– Eu confio – disse Stormgren – mas o Wainwright não, nem os simpatizantes dele. Podemos mesmo culpá-los se interpretarem mal a sua relutância em mostrar-se?

Houve silêncio por um momento. Então Stormgren ouviu o som fraco (seria um *estalido*?) que poderia ter sido causado pelo Supervisor movendo ligeiramente o corpo.

– Sabes porque é que o Wainwright e os outros como ele têm medo de mim, não sabes? – perguntou Karellen. A sua voz sóbria, como um grande órgão fazendo soar as suas notas na nave de uma catedral. – Encontras homens destes em todas as religiões do mundo. Sabem que nós representamos a razão e a ciência e, apesar da confiança que têm nas suas crenças, temem que derrubemos os seus deuses. Não necessariamente com um ato deliberado, mas de uma maneira mais subtil. A ciência tanto pode destruir a religião ignorando-a, como refutando as suas doutrinas. Nunca

ninguém demonstrou, que eu saiba, a inexistência de Zeus ou de Thor. Ainda assim hoje têm poucos seguidores. Os Wainwrights também temem que saibamos a verdade sobre a origem das suas crenças. Perguntam-se: Por quanto tempo estivemos a observar a humanidade? Será que vimos Maomé começar a Hégira, ou Moisés a entregar as leis aos judeus? Será que sabemos tudo o que está errado nas histórias em que eles acreditam?

– E *sabem*? – murmurou Stormgren, meio para si mesmo.

– Esse, Rikki, é o medo que os atormenta, embora jamais o reconheçam abertamente. Acredita em mim, não temos prazer nenhum em destruir a fé dos homens, só que as religiões do mundo não podem estar *todas* certas, e eles sabem isso. Mais cedo ou mais tarde, o homem vai ter que saber a verdade; mas o momento ainda não chegou. Quanto à nossa reclusão, que tu acusas corretamente de agravar os nossos problemas, é uma questão que está para lá do meu controlo. Lamento a necessidade desta reserva tanto como tu, mas acredita que há razões suficientes para isso. No entanto, eu vou tentar conseguir uma declaração dos meus... superiores... que talvez vos satisfaça e, quem sabe, talvez acalme a Liga da Liberdade. Agora, podemos voltar à nossa agenda e recomeçar a gravação?

*

– Então? – perguntou Van Ryberg, ansioso. – Teve sorte?

– Não sei – respondeu Stormgren cansado, enquanto atirava as pastas para cima da mesa e se deixava cair na cadeira. – Karellen vai consultar os seus superiores agora, sejam quem, ou o que forem. Não quis fazer promessas.

– Escute – disse Pieter abruptamente – estive a pensar numa coisa. Que motivo é que nós temos para acreditar que existe alguém acima do Karellen? E se *todos* os Senhores Supremos, como nós lhes chamamos, estiverem aqui na Terra, dentro das naves? Talvez não tenham para onde ir, mas escondam isso das pessoas.

– É uma teoria bem pensada – sorriu Stormgren. – Só que vai contra o pouco que eu sei, ou penso que sei, sobre o passado do Karellen.

– E quanto é que o senhor sabe?

– Bom, ele refere-se sempre à posição dele aqui como algo temporário e que não o deixa dedicar-se ao seu verdadeiro trabalho, que deve ser algo tipo matemática. Uma vez mencionei a citação de Acton sobre o poder

corromper e o poder absoluto corromper absolutamente. Queria ver qual seria a *reação* dele. Ele deu uma daquelas gargalhadas cavernosas e disse: «Não há perigo disso vir a acontecer comigo. Em primeiro lugar, quanto mais rápido terminar o meu trabalho aqui, mais rapidamente posso voltar para onde realmente pertenço, a muitos anos-luz daqui. E em segundo lugar, não tenho poder absoluto, de maneira nenhuma. Sou apenas um... Supervisor.» É claro que ele me podia estar a enganar. Nunca vou ter a certeza.

– Karellen é imortal, não é?

– Sim, pelos nossos padrões, embora haja algo no futuro que parece temer. Não consigo imaginar o que seja. E isso é mesmo tudo o que eu sei sobre ele.

– Não é muito conclusivo. A minha teoria é que a frota dele se perdeu no espaço e está à procura de um novo lar. Não devem querer que nós saibamos que eles são poucos. Quem sabe, se calhar as outras naves são todas automáticas e não têm ninguém lá dentro. Se calhar são só uma fachada imponente.

– Tu – disse Stormgren – andas a ler ficção científica a mais.

Van Ryberg sorriu, um pouco embaraçado.

– A «invasão do espaço» não correu tão bem como previsto, não é? A minha teoria certamente explicaria porque é que Karellen nunca se mostra. Não quer que nós saibamos que não existe mais nenhum Senhor Supremo.

Stormgren sacudiu a cabeça, discordando, bem-humorado.

– A tua explicação, como quase sempre, é bem pensada demais para ser verdadeira. Embora só tenhamos como inferir a sua existência, deve haver uma grande civilização por trás do Supervisor. E uma que sabe da existência da humanidade há muito tempo. O próprio Karellen deve ter nos estudado durante séculos. Repara no domínio que ele tem do inglês, por exemplo. Ele ensinou-me a *mim* a usar expressões idiomáticas!

– Já conseguiu descobrir *alguma* coisa que ele não soubesse?

– Ah, sim, muitas... mas só coisas triviais. Acho que ele tem uma memória absolutamente perfeita, mas há certas coisas que não perdeu tempo a aprender. Por exemplo, o inglês é a única língua que ele compreende com perfeição. Embora nos últimos dois anos tenha aprendido bastante de finlandês, só para me baralhar. E não se aprende finlandês assim! Mas eu já o ouvi a citar grandes trechos do *Kalevala*, enquanto tenho

vergonha de dizer, eu próprio só conheço alguns versos. Também conhece as biografias de todos os estadistas vivos e, às vezes, consegue identificar as referências que eles usam. O conhecimento dele em história e ciência parece completo. Bem sabes o quanto é que nós já aprendemos com ele. No entanto, tomados um de cada vez, não creio que seus dotes intelectuais estejam muito além do alcance das conquistas humanas. A diferença é que nenhum homem conseguiria fazer *todas* as coisas que ele faz.

– Essa é mais ou menos a conclusão a que já cheguei – concordou Van Ryberg. – Podemos discutir eternamente sobre Karellen, mas no fim voltamos sempre à mesma pergunta: porque diabo é que ele não se mostra? Até que ele apareça, vou continuar a fazer teorias e a Liga da Liberdade vai continuar a berrar.

Ergueu um olho rebelde para o teto.

– Numa noite escura, Sr. Supervisor, espero que um repórter pegue num foguete vá até à sua nave e suba pela porta dos fundos com uma câmara. O furo que *isso* seria!

Se Karellen estava a ouvir, não deu sinais disso. Mas, é claro, nunca dava.

*

No primeiro ano da sua chegada, o advento dos Senhores Supremos causara menos mudanças na estrutura da vida humana do que seria espectável. A sua sombra estava em todo o lado, mas era uma sombra discreta. Embora houvessem poucas cidades grandes na Terra onde os homens não pudessem ver uma das naves prateadas resplandecendo no zénite, passado algum tempo elas começaram a ser vistas como uma parte tão integrante da paisagem como o Sol, a Lua ou as nuvens. A maioria das pessoas provavelmente tinha apenas uma vaga consciência de que o seu padrão de vida era cada vez melhor e que isso se devia aos Senhores Supremos. Quando paravam para pensar nisso, o que era raro, percebiam que as naves silenciosas tinham trazido paz ao mundo pela primeira vez na história, e aí sim, ficavam devidamente gratas.

No entanto, esses eram benefícios por exclusão e como tal não eram espetaculares. Eram aceites, mas rapidamente esquecidos. Os Senhores Supremos permaneciam distantes, escondendo as suas caras da humanidade. Karellen poderia despertar respeito e admiração, mas não

conquistaria nada mais profundo enquanto prosseguisse com sua política atual. Era difícil não sentir algum rancor contra estes seres do Olímpo que se dirigiam à humanidade apenas por meio dos circuitos de telégrafo na sede das Nações Unidas. O que acontecia entre Karellen e Stormgren nunca vinha a público e, às vezes, até o próprio Stormgren se perguntava porque é que o Supervisor considerava as reuniões necessárias. Talvez sentisse a necessidade de ter algum contacto direto com pelo menos um ser humano. Talvez percebesse que Stormgren precisava dessa forma de apoio moral. Se era essa a explicação, o Secretário-Geral ficava-lhe grato. Não se importava que a Liga da Liberdade se referisse a ele, com desprezo, como «o Estagiário de Karellen».

Os Senhores Supremos nunca se envolviam com países ou governos individuais. Tinham tomado a Organização das Nações Unidas tal e qual como a encontraram. Limitaram-se a dar instruções para a instalação dos equipamentos de rádio necessários e emitiam as suas ordens pela boca do Secretário-Geral. O delegado soviético observara, com propriedade, longa e repetidamente, que o procedimento não estava de acordo com a Carta da ONU. Karellen não parecia preocupado.

Era assombroso como tantos abusos, loucuras e males podiam ser desfeitos com apenas uma daquelas mensagens do céu. Com a chegada dos Senhores Supremos, as nações perceberam que não precisavam de se recear umas às outras, e adivinharam (antes mesmo de experimentar) que as armas existentes, seriam certamente inúteis contra uma civilização capaz de atravessar o abismo entre as estrelas. Desta forma, o maior obstáculo individual à felicidade da raça humana fora removido de imediato.

Os Senhores Supremos pareciam bastante indiferentes relativamente às diferentes formas de governo, desde que não fossem opressivas ou corruptas. A Terra ainda tinha democracias, monarquias, ditaduras benevolentes, comunismo e capitalismo. Este foi um dos motivos de grande surpresa para muitas almas mais simples, que estavam completamente convencidas de que o seu era o único modo de vida possível. Outros acreditavam que Karellen estava apenas à espera para introduzir um sistema que iria varrer do mapa todas as formas existentes de sociedade e, por isso, não se preocupava muito com reformas políticas menores. Tudo isso, porém, tal como todas as outras suposições a respeito dos Senhores

Supremos, era pura especulação. Ninguém conhecia os motivos deles. E ninguém sabia para que futuro estavam a conduzir a humanidade.

3

Stormgren andava a dormir mal nas últimas noites, o que era estranho, já que brevemente iria deixar de lado para sempre todas as inquietações do seu cargo. Servira a humanidade durante quarenta anos, e os seus Senhores durante cinco. Poucos homens podiam olhar para trás e contemplar uma vida com tantas ambições conquistadas. Talvez fosse esse o problema: nos anos da sua reforma, não importava quantos fossem, não teria novas metas para dar sabor à vida. Desde a morte de Martha, e agora que os seus filhos tinham constituído as suas próprias famílias, a sua ligação ao mundo parecia ter ficado enfraquecida. Também podia ser, que estivesse a começar a identificar-se com os Senhores Supremos, distanciando-se assim da humanidade.

Esta era mais uma dessas noites agitadas em que o seu cérebro continuava a girar como uma máquina cujo regulador se partiu. Sabia perfeitamente que não valia a pena tentar dormir e, relutantemente, saiu da cama. Vestiu rapidamente o roupão e foi dar uma volta no jardim do terraço do seu modesto apartamento. Não havia um único dos seus subordinados que não vivesse em alojamentos muito mais luxuosos, mas esta casa era mais do que suficiente para as necessidades de Stormgren. Chegara a uma posição em que nem as posses materiais, nem as cerimónias oficiais podiam acrescentar o que quer que fosse à sua estatura.

A noite estava quente, quase sufocante, mas o céu continuava claro e uma Lua brilhante pendia baixa, a sudoeste. A dez quilómetros dali as luzes de Nova York ardiam no horizonte como uma aurora congelada no momento em que nascia.

Stormgren ergueu os olhos em direção à cidade adormecida, escalou novamente as alturas a que apenas ele, entre todos os homens vivos, alguma vez ascendera. Embora estivesse muito longe, conseguia distinguir bem o casco da nave de Karellen reluzindo ao luar. Tentou imaginar o que é que o

Supervisor estaria a fazer, não acreditava que os Senhores Supremos dormissem.

Mais acima, um meteoro forçou a sua lança brilhante através da abóbada celeste. O rasto luminoso brilhou suavemente durante algum tempo, até que definhou, deixando apenas as estrelas. Um lembrete brutal: daqui a cem anos, Karellen ainda guiará a humanidade rumo aquela meta que só ele é que consegue ver, mas daqui a quatro meses será outro homem o Secretário-Geral. Não que Stormgren se importasse muito. Mas isso significava que lhe restava pouco tempo se queria tentar descobrir o que é que estava por trás daquela divisória.

Só nos últimos dias é que ousara admitir que a reclusão dos Senhores Supremos começava a obcecá-lo. Até há pouco tempo, a sua fé em Karellen mantivera-o livre de dúvidas. Mas agora, pensou com certa ironia, os protestos da Liga da Liberdade estavam a começar a afetá-lo. Era verdade que toda aquela propaganda sobre a escravidão do Homem não passava disso mesmo, propaganda. Poucas pessoas acreditavam realmente nisso, ou tampouco desejavam voltar aos velhos tempos. Os homens tinham-se habituado ao governo impercetível de Karellen. Todavia, tornavam-se impacientes, precisavam de saber quem é que os governava. E quem é que os podia culpar?

Embora fosse de longe a maior, a Liga era apenas uma das organizações que se opunham a Karellen e, por conseguinte, aos humanos que cooperavam com os Senhores Supremos. As objeções e políticas desses grupos variavam muito: alguns assumiam o ponto de vista religioso, enquanto outros apenas expressavam um sentimento de inferioridade. Sentiam-se, com toda a razão, mais ou menos como um indiano culto do século dezanove se deveria ter sentido ao contemplar o Raj do Império Britânico. Os invasores trouxeram paz e prosperidade à Terra. Mas a que custo? A história não os tranquilizava: mesmo os contactos mais pacíficos entre povos com níveis culturais diferentes tinham resultado, quase sempre, na destruição da sociedade mais atrasada. Nações, tal como as pessoas, podiam simplesmente perder o amor à vida quando encaravam um desafio impercetível. E a civilização dos Senhores Supremos, embora estivesse envolta em mistério, era sem dúvida o maior desafio que o Homem já enfrentara.

O fax na sala do lado emitiu um clique suave ao ejetar um resumo das notícias enviado, a cada hora, pela Central News. Stormgren voltou para dentro e folheou as páginas, sem muita atenção ou entusiasmo. Do outro lado do mundo, a Liga da Liberdade inspirara uma manchete não muito original. «O HOMEM É GOVERNADO POR MONSTROS?», perguntava o jornal, prosseguindo com a citação: «No seu discurso no comício de hoje em Madras, o Dr. C. V. Krishnan, presidente da Divisão Oriental da Liga da Liberdade, disse: "A explicação para o comportamento dos Senhores Supremos é muito simples. A sua forma física é tão alienígena e repugnante que não se atrevem a revelá-la à humanidade. Desafio o Supervisor a negar este facto."»

Stormgren atirou a folha para o chão, irritado. Mesmo que a acusação fosse verdadeira, o que é que isso importava? A ideia era velha, mas nunca o preocupara minimamente. Não acreditava que houvesse uma forma biológica, por mais estranha que fosse, que ele não pudesse aceitar com o tempo. Quem sabe, talvez vir a apreciar a sua beleza. A mente e não o corpo, era isso que contava. Se ao menos conseguisse convencer Karellen disso, os Senhores Supremos talvez pudessem mudar as suas diretrizes. Com certeza que a realidade não chegaria nem perto do horror dos desenhos muito criativos que encheram os jornais após a sua chegada à Terra!

No entanto, Stormgren sabia que não era apenas a consideração pelo seu sucessor que o deixava ansioso para ver o fim deste estado de coisas. Era honesto o suficiente para admitir que, em última análise o seu principal motivo era simples curiosidade humana. Passara a reconhecer Karellen como uma pessoa e nunca ficaria satisfeito até que descobrisse também que tipo de criatura é que ele poderia ser.

*

Quando Stormgren não chegou à hora habitual na manhã seguinte, Pieter Van Ryberg ficou surpreendido e ligeiramente incomodado. Embora o Secretário-Geral, muitas vezes, fizesse algumas visitas antes de ir para o escritório, avisava sempre. Para piorar as coisas, hoje haviam várias mensagens urgentes para Stormgren. Van Ryberg ligou para meia dúzia de departamentos numa tentativa vã de o descobrir, até que desistiu, nervoso.

Ao meio-dia já estava verdadeiramente alarmado, pelo que decidiu mandar um carro até à residência de Stormgren. Dez minutos depois, foi apanhado de surpresa pelo uivo de uma sirene, enquanto um carro de patrulha acelerava pela Roosevelt Drive. As agências noticiosas deviam ter contactos dentro daquela viatura, porque quase ao mesmo tempo, enquanto Van Ryberg observava a sua aproximação, o rádio contava ao mundo que ele próprio já não era apenas um Assistente. Era agora, o Secretário-Geral interino das Nações Unidas.

*

Se Van Ryberg tivesse menos problemas em mãos, teria achado interessante estudar as várias reações da imprensa ao desaparecimento de Stormgren. No mês anterior, os jornais do mundo tinham-se dividido em dois grupos bem definidos. A imprensa ocidental, que de forma geral aprovava o plano de Karellen de tornar todos os homens em cidadãos do mundo. Os países do Oriente, por outro lado, atravessavam uma fase de violentos, embora altamente artificiais, espasmos de orgulho patriótico. Algumas dessas nações eram independentes há pouco mais do que uma geração, e agora é que se sentiam enganados. As críticas aos Senhores Supremos eram generalizadas e vigorosas: depois de um período inicial de extrema cautela, a imprensa descobrira que podia ser tão arrojada com Karellen quanto desejasse, que nada aconteceria. Todavia, agora já se estava a exceder.

A maior parte dos ataques, embora não tivessem papas na língua, não representavam a grande massa dos povos. Ao longo das fronteiras, que em breve desapareceriam para sempre, as patrulhas tinham sido reforçadas, embora os soldados de cada lado se fitassem com uma cordialidade muda. Os políticos e os generais podiam gritar e berrar, mas os milhões que aguardavam em silêncio achavam que, muito em breve, chegaria ao fim um capítulo longo e sangrento da nossa história.

Mas agora Stormgren desaparecera e ninguém sabia bem para onde. Todo esse barulho diminuiu de repente, o mundo apercebia-se subitamente da perda do único homem por meio de quem os Senhores Supremos, pelas suas próprias e estranhas razões, falavam com a Terra. Uma paralisia global pareceu assaltar todos os comentadores de imprensa e da rádio. A única voz

que sobressaía do silêncio era a voz da Liga da Liberdade, ansiosamente protestando a sua própria inocência.

*

Estava escuro como breu quando Stormgren acordou. Durante alguns instantes, sentiu tanto sono que nem se apercebeu o quanto isso era estranho. Até que, quando retomou a sua consciência plena, sentou-se com um sobressalto à procura do interruptor ao lado da cama.

No meio das trevas, a sua mão encontrou apenas uma parede de pedra nua e fria ao toque. Imobilizou-se de imediato, a mente e o corpo paralisados com o choque do inesperado. Então, não querendo confiar nos seus sentidos, ajoelhou-se na cama e começou a explorar, com a ponta dos dedos, a parede tão surpreendentemente desconhecida.

Fazia isso há apenas um momento quando ouviu um *clique* repentino e parte daquela escuridão deslizou para o lado. Viu, de relance, a silhueta de um homem contra um fundo de luz fraca. Imediatamente a seguir, a porta tornou-se a fechar e o vazio voltou. Aconteceu tudo tão depressa que não teve hipótese de registar nada sobre os aposentos onde se encontrava.

Até que, uns instantes depois, foi ofuscado por uma luz intensa proveniente de uma lanterna elétrica. O feixe de luz passou sobre o seu rosto, fixou-se nele por um instante e, em seguida, desceu para iluminar toda a cama, que era, via ele agora, nada mais do que um colchão apoiado em tábuas rústicas.

Da escuridão, uma voz suave dirigiu-se a ele num inglês perfeito, mas com um sotaque que Stormgren, a princípio, não conseguiu identificar.

– Ah, Sr. Secretário. Fico satisfeito por o ver acordado. Espero que se sinta cem por cento bem.

Havia algo nesta última frase que chamou a atenção de Stormgren, de tal forma que as perguntas indignadas que estivera a ponto de fazer morreram nos seus lábios. Cravou os olhos na escuridão e respondeu calmamente:

– Durante quanto tempo estive inconsciente?

O outro riu, divertido.

– Vários dias. Prometeram-me que não haveriam efeitos colaterais. Mas é bom ver que se confirma.

Em parte para ganhar tempo, em parte para testar as suas próprias reações, Stormgren rodou as pernas para fora da cama. Ainda trazia vestido

o seu pijama, mas estava bastante amarrotado e parecia ter acumulado uma boa quantidade de pó. Quando se mexeu, sentiu uma ligeira tontura. Não era forte o suficiente para ser desagradável, mas bastante para o convencer de que tinha efetivamente sido drogado.

Voltou-se para a luz.

– Onde estou? – perguntou, sem meias palavras. – O Wainwright sabe disto?

– Calma, não fique agitado – respondeu o vulto nas sombras. – Não vamos falar já sobre esse tipo de coisas. Aposto que está a morrer de fome. Troque de roupa e venha jantar.

O círculo luminoso da lanterna deslizou pelo aposento e, pela primeira vez, Stormgren teve uma ideia das suas dimensões. Mal chegava a ser um quarto, as paredes pareciam ser cravadas em rocha nua, polida. Depreendeu que estava debaixo do solo, talvez a uma grande profundidade. E, uma vez que estivera inconsciente durante vários dias, podia estar em qualquer parte da Terra.

A lanterna iluminou uma pilha de roupas dobradas sobre um caixote.

– Essas roupas devem ser suficientes – disse a voz na escuridão. – O serviço de lavandaria é um tanto ou quanto problemático por aqui, de modo que trouxemos alguns dos seus fatos e meia dúzia de camisas.

– Isso – disse Stormgren, mal-humorado – foi bastante simpático da vossa parte.

– Sentimos muito pela ausência de mobília e de luz elétrica. Este lugar é conveniente de algumas formas, mas deixa a desejar noutros aspetos.

– Conveniente para quê? – perguntou Stormgren, enquanto se enfiava numa camisa. A sensação do tecido familiar nos seus dedos era estranhamente tranquilizadora.

– Apenas... conveniente – disse a voz. – E, a propósito, já que é provável que passemos algum tempo juntos, pode chamar-me Joe.

– Apesar da sua nacionalidade? – retorquiu Stormgren. – Você é polaco, não é? Acho que seria capaz de pronunciar o seu nome verdadeiro. Não pode ser pior do que muitos dos nomes finlandeses.

Houve uma pequena pausa, e a luz oscilou por um instante.

– Bem, eu devia estar à espera disto – disse Joe, conformado. – O senhor deve ter muita prática neste tipo de coisas.

– É um passatempo útil para um homem na minha posição. Até posso apostar que você foi criado nos Estados Unidos, mas que não saiu da Polónia até...

– Isso – disse Joe, com firmeza – é mais do que o suficiente. Como parece que já terminou de se vestir... Obrigado.

A porta abriu-se à medida que Stormgren se aproximou dela, sentindo uma pontada de alegria com a sua pequena vitória. Enquanto Joe se punha de lado para o deixar passar, Stormgren ponderou se o seu captor estaria armado. Quase de certeza que sim, e, de qualquer forma, teria amigos por perto.

A luz do corredor era fraca e proveniente de lampiões a óleo, dispostos em intervalos regulares. Pela primeira vez, Stormgren pôde ver Joe com clareza. Era um homem com cerca de cinquenta anos e que devia pesar mais de cem quilos. Tudo nele era extra-grande, desde a farda de combate manchada, que podia ter vindo de meia dúzia de forças armadas diferentes, até ao anel de sinete espantosamente grande que trazia na mão esquerda. Um homem com um físico desta escala podia muito bem não se dar ao trabalho de carregar uma arma. Não devia ser difícil descobri-lo, pensou Stormgren, se algum dia conseguisse sair deste lugar. E quase imediatamente sentiu-se desanimado ao compreender que Joe também devia ter plena consciência desse facto.

As paredes ao seu redor, embora aqui e ali estivessem revestidas de betão, eram, no geral, feitas de rocha nua. Ficou claro para Stormgren que estava dentro de uma mina abandonada. Dificilmente conseguia imaginar uma prisão mais eficaz. Até aí, o facto de ter sido sequestrado não o tinha preocupado tanto. Imaginava que, acontecesse o que acontecesse, os imensos recursos dos Senhores Supremos em breve o localizariam e resgatariam. Agora, já não estava assim tão certo. Estava desaparecido há vários dias... e nada acontecera. Devia existir algum limite até mesmo para os poderes de Karellen e, se de facto estivesse enterrado em algum continente remoto, toda a ciência dos Senhores Supremos poderia ser incapaz de o descobrir.

Haviam mais dois homens sentados à mesa naquela sala simples e mal iluminada. Quando Stormgren entrou, ergueram os olhos com interesse e uma boa dose de respeito. Um deles empurrou sobre a mesa um saco de sanduíches, que Stormgren aceitou, afoito. Embora sentisse muita fome,

teria preferido uma refeição mais atrativa, mas era óbvio que até os seus captores não tinham comido nada melhor.

Enquanto mastigava, olhou de relance para os três homens à sua volta. Joe era de longe a figura que mais se destacava, e não só na questão do porte físico. Era notório que os outros eram os seus ajudantes: homens comuns, cujas origens Stormgren seria capaz de descobrir quando os ouvisse falar.

Alguém servira um pouco de vinho num copo pouco higiénico que Stormgren usou para empurrar a última das sanduíches garganta abaixo. Sentindo-se mais em controlo da situação, voltou-se novamente para o enorme polaco.

– Bem – disse-lhe numa voz calma – talvez agora me possa dizer a que se deve tudo isto, e exatamente o que é que esperam conseguir.

Joe limpou a garganta e respondeu:

– Gostaria de deixar uma coisa clara. Isto não tem nada a ver com o Wainwright. Garanto que ele vai ficar tão surpreendido como o resto do mundo.

Stormgren já estava mais ou menos à esperava disso, embora não soubesse bem porquê, Joe só estava a confirmar as suas suspeitas. Há algum tempo que acreditava que deveria existir um movimento extremista dentro, ou nas margens, da Liga da Liberdade.

– Só por curiosidade –disse ele – como foi que me raptaram?

Não tinha muita esperança de obter uma resposta, e foi com um certo espanto que percebeu a boa vontade, até mesmo o entusiasmo com que o outro lhe respondeu:

– Foi como num *thriller* de Hollywood – disse Joe esfuziante. – Não tínhamos a certeza se o Karellen o mantinha sob vigilância, por isso tomámos algumas precauções um tanto ou quanto complexas. Adormecemo-lo com um gás no ar condicionado. Fácil. Depois levámo-lo para o carro. Sem problemas. Tudo isso, devo dizer, não foi feito por nenhum dos nossos. Contratámos... profissionais para o serviço. Karellen talvez os encontre. Aliás, deve encontrar. Só que não vai conseguir nada do lado deles. Quando saíram de sua casa, o carro entrou num túnel comprido, a menos de mil quilómetros de Nova York. Voltou a sair, passado algum tempo, na outra extremidade, ainda transportando um homem drogado e muito parecido com o Secretário-Geral. Mais tarde, um camião grande,

carregado de caixas metálicas, saiu do túnel na direção oposta e dirigiu-se a um aeroporto onde as caixas foram carregadas num avião de carga, numa transação cem por cento legítima. Tenho certeza de que os donos ficariam horrorizados se soubessem como usamos as caixas deles.

– Enquanto isso – continuou Joe – o carro que realmente tinha feito o serviço seguiu caminho, com uma série de manobras evasivas, sempre em direção à fronteira com o Canadá. Quem sabe, Karellen talvez já o tenha apanhado. Não sei nem quero saber. Como vê, espero que aprecie a minha franqueza, todo o plano dependia de uma única coisa. Temos várias razões para crer que o Karellen consegue ver e ouvir tudo o que se passa na superfície da Terra. Só que, a menos que use magia e não ciência, não consegue ver o que se passa *por baixo* dela. Desta forma, não se conseguiu aperceber das mudanças dentro do túnel. Pelo menos, antes que fosse tarde demais. É claro que nós arriscámos, mas também haviam mais uma ou duas salvaguardas que não vou revelar agora. Podemos querer usá-las de novo, e seria uma pena abdicar já delas.

Joe narrara toda esta história com um prazer tão evidente que Stormgren mal pôde deixar de sorrir. No entanto, também o deixou significativamente preocupado. O plano fora engenhoso e era bem possível que Karellen tivesse sido enganado. Stormgren não tinha sequer a certeza se o Senhor Supremo mantinha alguma forma de guarda protetora sobre ele. Nem tinha ele, nem tinha Joe, como se tornara evidente. Quem sabe, talvez fosse esse o motivo de tanta franqueza: poderia estar a tentar testar as reações de Stormgren. Muito bem, faria um esforço para parecer confiante, fossem quais fossem os seus verdadeiros sentimentos.

– Vocês devem ser tontos – disse Stormgren, fazendo pouco caso – se acham que podem enganar os Senhores Supremos assim tão facilmente. De qualquer forma, o que é que acham que vão conseguir?

*

Joe ofereceu-lhe um cigarro, que Stormgren recusou, acendendo um para si próprio em seguida e sentando-se na borda da mesa. A madeira deu um estalo, fazendo-o saltar depressa.

– Os nossos motivos – disse ele – são bastante óbvios. Já percebemos que discutir é inútil, então tivemos que tomar outras medidas. Já haviam movimentos clandestinos antes, e até mesmo o Karellen, quaisquer que

sejam os seus poderes, não vai achar fácil lidar connosco. Estamos dispostos a lutar pela nossa independência. Não quero que me compreenda mal. Não vai ser nada de violento... pelo menos no início. Mas uma vez que os Senhores Supremos têm de usar agentes humanos, nós podemos sempre dificultar-lhes a vida a eles.

«Começando comigo, pelos vistos», pensou Stormgren. E deixou-se ficar a pensar se o tipo lhe estava a contar a história toda. Será que eles achavam mesmo que este tipo de métodos, este banditismo, teria qualquer tipo de influência, por menor que fosse, sobre Karellen? Por outro lado, é bem verdade que um movimento de resistência bem organizado consegue tornar a vida de um governante num inferno. Joe tinha tocado precisamente no único ponto fraco do governo dos Senhores Supremos. No final das contas, todas as suas ordens eram levadas a cabo por agentes humanos. Se esses agentes fossem aterrorizados ao ponto da desobediência, todo o sistema poderia ruir. Todavia, era apenas uma vaga possibilidade, Stormgren mantinha a confiança de que Karellen encontraria uma solução rapidamente.

– O que é que pretendem fazer comigo? – perguntou, por fim. – Sou um refém, ou algo parecido?

– Não se preocupe. Vamos tratar de si. Estamos à espera de umas visitas daqui a alguns dias. Até lá vamos tentar hospedá-lo da melhor maneira possível. – Joe ainda acrescentou algumas palavras na sua língua materna e um dos outros tirou do bolso um baralho de cartas novo.

– Comprámos este só por sua causa – explicou Joe. – Li no outro dia na *Time* que é um bom jogador de póquer. – A sua voz engrossou de repente. – Espero que tenha algum dinheiro na carteira – disse, ansioso. – Nunca nos lembrámos de ver. Ao final de contas, não podemos aceitar cheques.

Chocado Stormgren encarou impassível os seus captores. Depois, à medida que o verdadeiro humor da situação penetrava a sua mente, ocorreu-lhe de repente que todas as responsabilidades e preocupações do cargo se tinham dissipado dos seus ombros. Deste momento em diante, o espetáculo era de Van Ryberg. O que quer que acontecesse, não havia absolutamente nada que pudesse fazer daqui. E agora, estes criminosos fantásticos esperavam, ansiosos, para jogar póquer com ele.

Subitamente, atirou a cabeça para trás e riu como não fazia há anos.

*

«Não há dúvidas», pensou Van Ryberg, abatido, «Wainwright está a dizer a verdade.» Podia ter as suas suspeitas, mas ainda não sabia quem é que tinha levado Stormgren. Nem aprovava o sequestro em si. Van Ryberg tinha a impressão de que já há algum tempo que os extremistas da Liga da Liberdade tentavam pressionar Wainwright para que adotasse uma política mais ativa. Agora, tinham finalmente tomado o assunto nas suas próprias mãos.

O sequestro fora maravilhosamente organizado, sem sombra de dúvida. Stormgren podia estar em qualquer sítio do planeta. Parecia haver pouca esperança de o conseguir encontrar. No entanto, alguma coisa tinha de ser feita, decidiu Van Ryberg, e rápido. Apesar das piadas que ia fazendo com relativa frequência, o seu verdadeiro sentimento em relação a Karellen era de um intenso temor reverencial. A ideia de abordar diretamente o Supervisor deixava-o apreensivo, mas parecia não haver alternativa.

O Departamento de Comunicações ocupava todo o andar superior do grande edifício das Nações Unidas. Filas e filas de aparelhos de fax estendiam-se à distância, alguns quietos, outros estalando, ocupados. Através destes aparelhos chegavam intermináveis fluxos de estatísticas: números de produção, resultados de censos e toda a contabilidade de um sistema económico mundial. Algures na nave de Karellen devia existir um equivalente a esta enorme sala... e Van Ryberg imaginou, com um arrepio na espinha, as formas que se moviam para lá e para cá, recolhendo as mensagens que a Terra enviava aos Senhores Supremos.

Hoje, porém, não estava interessado nos aparelhos nem nos assuntos de rotina com que lidavam. Caminhou para a pequena sala particular na qual apenas Stormgren devia entrar. Conforme as suas instruções, a fechadura tinha sido forçada e o Diretor de Comunicações esperava por ele à porta.

– É um teleimpressor comum, com um teclado padrão – informou-o prontamente. – Também tem aqui um aparelho de fax, caso precise de enviar imagens ou informações em tabelas, mas julgo que me disse que não ia precisar disso.

Van Ryberg assentiu distraído e respondeu:

– Isso mesmo, é tudo. Obrigado. Não conto ficar muito tempo. Depois peço-lhe que volte a trancar a sala, e me entregue todas as chaves.

Aguardou até que o Diretor de Comunicações saísse e, em seguida, sentou-se diante do aparelho. Sabia que fora usado pouquíssimas vezes, quase todos os assuntos entre Karellen e Stormgren eram discutidos nas reuniões semanais. Uma vez que este era, de certa forma, um recurso de emergência, não esperava uma resposta muito demorada.

Após um breve momento de hesitação, com dedos destreinados, começou a bater a sua mensagem. O aparelho ronronou baixinho e as palavras brilharam durante alguns segundos no ecrã escuro. Depois, encostou-se na cadeira e esperou pela resposta.

Pouco mais de um minuto depois, o aparelho voltou a zumbir. Não pela primeira vez, Van Ryberg perguntou-se se o Supervisor alguma vez dormia.

A mensagem que chegou era tão breve quanto inútil:

NENHUMA INFORMAÇÃO. DEIXO O ASSUNTO INTEIRAMENTE AO TEU CRITÉRIO. K.

Bastante amargurado e sem qualquer tipo de satisfação, Van Ryberg apercebeu-se de quanto poder recaía sobre si.

*

Nos três dias que se seguiram, Stormgren analisara os seus captores com um certo cuidado. Joe era o único que tinha alguma importância. Os outros eram meros figurantes: a gentalha que se poderia esperar às margens de qualquer movimento ilegal. Os ideais da Liga da Liberdade nada significavam para eles: a sua única preocupação era ganhar a vida com um mínimo de esforço.

Joe era uma pessoa mais complexa, de modo geral, embora às vezes parecesse a Stormgren um bebé gigante. As intermináveis partidas de póquer eram intercaladas por violentas discussões políticas. Ficou imediatamente claro para Stormgren que o enorme polaco jamais pensara a fundo nas causas pelas quais lutava. A emoção e o conservadorismo extremo nublavam todas as suas opiniões. A longa batalha do seu país pela independência condicionara-o tão completamente, que ainda vivia no passado. Era um ativista curioso. Uma daquelas pessoas que jamais encontraria a felicidade numa vida normal. Quando o seu tipo

desaparecesse, se é que isso alguma vez aconteceria, o mundo seria um lugar mais seguro, embora talvez menos interessante.

Restavam agora poucas dúvidas de que o Supervisor não iria conseguir localizá-los, pelo menos para Stormgren. Tentara o seu *bluff*, mas não convencera os seus captores. Se bem que agora tinha quase certeza que só o mantinham ali para ver se Karellen agia. E, como nada acontecera, podiam seguir com os seus planos.

O Secretário-Geral não ficou surpreendido quando, quatro dias após a sua captura, Joe o avisou que iam chegar visitas. Durante algum tempo o pequeno grupo exibira uma espécie de nervosismo crescente, e o prisioneiro adivinhou que os líderes do movimento, tendo percebido que a costa estava livre, viriam finalmente buscá-lo.

Já estavam à sua espera, reunidos à volta daquela mesa precária, quando Joe, educadamente lhe fez sinal para que viesse até à sala de estar. Stormgren notou, divertido, que o seu captor usava agora, bem visível, uma enorme pistola até então escondida. Os dois capangas tinham desaparecido e o próprio Joe parecia um tanto ou quanto contido. Stormgren apercebeu-se de imediato que enfrentava homens de um calibre muito maior. O grupo à sua frente lembrava-lhe uma fotografia que certa vez vira de Lenine e dos seus camaradas nos primeiros dias da Revolução Russa. Reconhecia nestes seis homens a mesma força intelectual, a mesma determinação férrea, a mesma inflexibilidade. Joe e os seus colegas eram inofensivos. Estes é que eram os verdadeiros cérebros da organização.

Com um breve aceno de cabeça, Stormgren dirigiu-se até à única cadeira vazia, tentando transmitir calma. Enquanto se aproximava, o tipo mais largo, sentado no lado oposto da mesa, inclinou-se para a frente e fitou-o com olhos cinzentos e penetrantes. O olhar deixou Stormgren tão pouco à vontade, que acabou por falar primeiro, coisa que não pretendera fazer.

– Suponho que tenham vindo discutir condições. Qual é o valor do meu resgate?

Apercebeu-se que no fundo da sala, alguém estava a tomar nota de todas as suas palavras num caderninho de taquigrafia. Tudo muito profissional.

O líder respondeu-lhe com um sotaque galês cadenciado.

– Podemos pôr as coisas nestes termos, Sr. Secretário-Geral. Só estamos interessados em informações e não em dinheiro.

«Então é isso», pensou Stormgren. «Sou um prisioneiro de guerra e este é o meu interrogatório.»

– O senhor conhece os nossos motivos – prosseguiu o tipo grande, com uma voz levemente musical. – Pode chamar-nos um movimento de resistência, se quiser. Acreditamos que, mais cedo ou mais tarde, a Terra terá que lutar pela sua independência. Mas compreendemos que a luta só poderá acontecer através de meios indiretos, como a sabotagem e a desobediência. Trouxemo-lo até aqui, em parte, para mostrar a Karellen que não estamos a brincar, que estamos bem organizados e sobretudo porque você é o único homem que pode dizer-nos alguma coisa a respeito dos Senhores Supremos. Você é um homem razoável, Sr. Stormgren. Se cooperar connosco, devolvemos-lhe a sua liberdade.

– E exatamente o que é que desejam saber? – perguntou Stormgren, cauteloso.

Aqueles olhos extraordinários pareciam conseguir vasculhar as profundezas da sua mente. Eram diferentes de qualquer outra coisa que Stormgren já tivesse visto. Aquela voz cantada não tardou a responder:

– O senhor sabe quem, ou o que é que os Senhores Supremos realmente são?

Stormgren quase que soltou uma gargalhada.

– Pode acreditar em mim quando lhe digo, estou tão ansioso para descobrir como vocês.

– Então, vai responder às nossas perguntas?

– Não prometo nada. Mas pode ser que sim.

Houve um ténue suspiro de alívio, vindo de Joe, e um ruge-ruge de antecipação atravessou a sala.

– Temos uma ideia geral – prosseguiu o outro – das circunstâncias em que o senhor se reúne com Karellen. Mas gostaríamos que as descrevesse minuciosamente, não deixe de fora nada de importante.

«Parece inofensivo», pensou Stormgren. Já o fizera muitas vezes antes, e pelo menos daria a impressão de que estava a cooperar. Era certo que estava na presença de mentes agudas, talvez descobrissem algo de novo. Não se importaria de lhes dar qualquer tipo de informação que conseguissem extrair dele.… desde que, eles também partilhassem os seus resultados. Não acreditou, nem por um segundo, que isso pudesse prejudicar Karellen.

Stormgren apalpou os bolsos e retirou um lápis e um envelope velho. Ao mesmo tempo que falava, desenhou rapidamente um esboço:

– Já sabem, naturalmente, que é uma pequena máquina voadora, sem nenhum meio visível de propulsão que me vem buscar à terra em intervalos regulares. Essa máquina leva-me diretamente até à nave de Karellen. Entra pelo casco, mas claro que vocês já viram os filmes telescópicos que foram feitos *dessa* operação. A porta torna a abrir-se, se é que lhe podemos chamar porta, e eu entro para uma pequena divisão com uma mesa, uma cadeira e uma divisória. O *layout* é parecido com isto.

Stormgren empurrou o envelope na direção do velho galês, consciente de que aqueles estranhos olhos nunca se viraram para o papel. Ainda estavam fixos no seu rosto e, enquanto o Secretário os observava, algo pareceu mudar nas suas profundezas. A sala tornara-se completamente silenciosa. Atrás dele, Stormgren ouviu Joe inspirar fundo, de repente.

Confuso e sem paciência, Stormgren retribuiu o olhar fixo do outro até que compreendeu. Embaraçado, amachucou o envelope numa bola de papel que prontamente esmagou debaixo do pé.

Finalmente percebia porque é que aqueles olhos cinzentos o afetavam de uma forma tão singular: o homem do outro lado da mesa era cego.

*

Van Ryberg não fizera mais nenhuma tentativa de contacto com Karellen. Muito do trabalho do seu departamento, como o fluxo das informações estatísticas, os resumos da imprensa mundial e coisas desse género, prosseguira de modo automático. Em Paris, os legisladores ainda se debatiam com a proposta da Constituição Mundial, mas, por enquanto, isso não era da sua responsabilidade. Faltava ainda uma quinzena até à data de entrega do projeto final ao Supervisor. Caso o trabalho não estivesse pronto nessa data, sem dúvida Karellen tomaria as medidas que considerasse apropriadas.

Além disso, ainda não haviam notícias nenhumas de Stormgren.

Van Ryberg estava a ditar quando o telefone marcado como «Apenas Emergências» começou a tocar. Agarrou no aparelho e ouviu a mensagem com uma surpresa crescente. Largando o telefone correu até à janela aberta. À distância conseguia ouvir os gritos de pânico que se elevavam nas ruas, enquanto o trânsito parava gradualmente.

Era verdade: a nave de Karellen, o símbolo imutável dos Senhores Supremos, desaparecera do céu. Vasculhou o firmamento até onde a vista alcançava, e não encontrou o menor vestígio. Até que subitamente, pareceu-lhe que a noite caíra. Vinda de Norte, com os contornos do seu ventre tão negros como uma nuvem de trovoada, a enorme nave avançava a baixa altitude sobre as torres de Nova York. Involuntariamente, Van Ryberg afastou-se do avanço daquele monstro. Sempre tivera noção do tamanho gigantesco das naves dos Senhores Supremos... mas uma coisa era vê-las à distância, no espaço, outra bem diferente era assistir a uma delas a avançar sobre a sua cabeça como uma nuvem conduzida pelo demónio.

Na escuridão daquele eclipse parcial, continuou a olhar até que a nave e a sua monstruosa sombra desaparecessem a Sul. Não se ouvia qualquer tipo de som, nem sequer um sussurro no ar e Van Ryberg compreendeu que, a despeito da proximidade aparente, a nave passara pelo menos um quilómetro acima da sua cabeça. Só depois disso é que o edifício estremeceu apenas uma vez, enquanto uma onda de choque o atingia, trazendo consigo o som de vidros que se partiam algures. Era a janela que implodia.

No escritório atrás de si, todos os telefones começaram a tocar, mas Van Ryberg não se mexeu. Permaneceu apoiado na borda da janela, a olhar para Sul, paralisado pela presença de um poder sem limites.

*

Enquanto Stormgren falava, tinha a sensação de que a sua mente estava a trabalhar em dois níveis ao mesmo tempo. Por um lado, tentava desafiar os homens que o capturaram, ainda que, por outro, tivesse a esperança de que pudessem ajudá-lo a desvendar o segredo de Karellen. Era um jogo perigoso, mas, para sua surpresa, estava a gostar.

O galês cego conduzira a maior parte do interrogatório. Era fascinante ver aquela mente ágil tentar uma entrada depois da outra, testando e rejeitando todas as teorias que o próprio Stormgren abandonara há tanto tempo atrás. Até que se atirou para trás com um suspiro.

– Assim não chegamos a lado nenhum – disse ele, resignado. – Queremos mais factos, e isso significa ação, não discussão. – Os olhos cegos pareciam fitar Stormgren, pensativos. Por um instante, tamborilou nervosamente na

mesa: era o primeiro sinal de indecisão que Stormgren notava. Depois, prosseguiu:

– Estou um pouco surpreendido, Sr. Secretário-Geral, que o senhor nunca tenha feito um esforço para saber mais a respeito dos Senhores Supremos.

– O que é que sugere? – perguntou Stormgren friamente, tentando disfarçar o seu interesse. – Já lhe disse que há apenas um modo de sair da divisão onde falo com Karellen, e que ele me leva direto de volta para a Terra.

– Pode ser possível – refletiu o outro – criar instrumentos que nos ajudem a descobrir algo. Não sou cientista, mas podemos investigar o assunto. Se lhe dermos a liberdade, o senhor estaria disposto a ajudar-nos num plano destes?

– De uma vez por todas – disse Stormgren zangado – eu quero deixar a minha posição perfeitamente clara. Karellen está a trabalhar por um mundo unido. Eu não vou fazer nada para ajudar os seus inimigos. Não sei qual é o objetivo final dele, mas acredito que seja bom.

– Que provas concretas temos disso?

– *Tudo* o que ele fez até agora, desde que as naves apareceram no céu. Desafio qualquer um de vocês a citar um só ato que, no final das contas, não tenha sido benéfico.

Stormgren fez uma pausa, deixando que a sua mente passasse em revista os últimos anos. Até que sorriu.

– Se quiser uma só prova do... como direi, carácter essencialmente *benévolo* dos Senhores Supremos, pense na ordem contra a crueldade com animais, que eles deram um mês depois da sua chegada. Se eu tinha qualquer tipo de dúvidas a respeito de Karellen antes disso, essa medida dissipou-as, mesmo que me tenha causado mais problemas do que qualquer outra coisa que ele já fez!

«O que não era de todo um exagero», pensou Stormgren. Todo o incidente fora extraordinário, a primeira revelação de que os Senhores Supremos abominavam a crueldade. Isso e a paixão que nutriam por justiça e ordem pareciam ser as emoções dominantes nas suas vidas, pelo menos até onde se podia julgar pelos seus atos. Karellen mostrara raiva apenas uma vez. Ou, pelo menos, aparentara. «Podem-se matar uns aos outros, se quiserem», dizia a mensagem. «Esse é um assunto entre vocês e as vossas próprias leis. Mas se matarem, exceto para alimentação ou em autodefesa,

os animais com quem compartilham o mundo, terão que me prestar contas a mim.»

Ninguém sabia exatamente qual a abrangência do decreto ou o que é que Karellen faria para impor os seus termos. Mas a humanidade não teve que esperar muito para descobrir.

A praça de touros estava cheia quando os matadores e os seus auxiliares entraram em desfile. Tudo parecia normal: o Sol brilhante ardia, impiedoso, sobre as vestes tradicionais e a multidão saudava os seus favoritos, tal como fizera centenas de vezes antes. No entanto, aqui e ali haviam rostos ansiosos que se voltavam para o céu, para a altiva forma prateada, cinquenta quilómetros acima de Madrid.

Até que os picadores assumiram as suas posições e o touro entrara a bufar pela arena. Os cavalos magros, com os seus focinhos dilatadas de terror, giraram à luz do Sol enquanto os cavaleiros os forçavam em direção ao inimigo. A primeira lança voou como um raio e acertou no alvo. Nesse momento, surgiu um som jamais escutado antes no planeta Terra.

Era o som de dez mil pessoas a gritar com a dor do mesmo ferimento. Dez mil pessoas que, quando recuperaram do choque, estavam completamente ilesas. Acabava assim a tourada. Aliás, acabavam todas as touradas. A notícia espalhou-se depressa. É importante registrar que os aficionados ficaram muito abalados, ao ponto de apenas um em cada dez ter pedido o dinheiro de volta. O *Daily Mirror* de Londres tornara as coisas ainda piores, sugerindo que os espanhóis adotassem o críquete como o seu novo desporto nacional.

– O senhor até pode ter razão – replicou o velho galês. – Quem sabe os motivos dos Senhores Supremos sejam bons... de acordo com os padrões deles, que podem, às vezes, coincidir com os nossos. Só que eles são intrusos. Nós nunca lhes pedimos que viessem até cá e virassem o nosso mundo de pernas para o ar, destruindo ideais, sim, e países, que várias gerações lutaram para proteger.

– Bem sei, eu próprio vim de um pequeno país que teve que lutar pela sua liberdade – respondeu Stormgren. – Mesmo assim, sou a favor de Karellen. Vocês podem incomodá-lo, podem até atrasar a conquista dos seus objetivos, só que, no final, não fará diferença. Tenho a certeza de que vocês são sinceros nas vossas crenças. Consigo entender o vosso medo e a necessidade de preservar as tradições e culturas das pequenas nações, não

querer que elas sejam esmagadas com a chegada de um Estado Mundial. Só que vocês estão errados, não vale a pena continuarmos agarrados ao passado. Mesmo antes dos Senhores Supremos chegarem à Terra, o «Estado Nação» estava moribundo. Eles limitaram-se a apressar o fim. Ninguém vai poder evitar a sua extinção agora... e ninguém devia tentar.

Não houve resposta. O homem do outro lado da mesa não se mexeu nem falou. Ficou sentado, com os lábios entreabertos, os olhos, agora, sem vida, além de sem visão. À sua volta, os outros estavam iguais, imóveis, congelados em posições forçadas e desconfortáveis. Com um grito sufocado de puro terror, Stormgren levantou-se e recuou em direção à porta. Enquanto isso, o silêncio foi subitamente quebrado:

– Um belo discurso, Rikki. Obrigado. Agora, acho que já podemos ir.

Stormgren girou nos calcanhares e olhou para o corredor às escuras. Flutuando à altura dos seus olhos, estava uma pequena esfera uniforme: sem dúvida, a fonte da misteriosa força que os Senhores Supremos tinham colocado em ação. Era difícil ter a certeza, mas Stormgren imaginou ouvir um zumbido fraco, como o de uma colmeia num dia calmo de verão.

– Karellen! Graças a Deus! Mas o que é que aconteceu?

– Não te preocupes, está tudo bem com eles. Podes chamar-lhe paralisia, mas é muito mais subtil do que isso. Eles estão simplesmente a viver mil vezes mais devagar do que o normal. Quando tivermos saído daqui, nunca vão perceber o que é que aconteceu.

– Vai deixá-los aqui até a polícia chegar?

– Não. Tenho um plano muito melhor. Vou deixá-los ir embora.

Stormgren sentiu uma onda de alívio que o surpreendeu. Lançou um olhar de despedida à pequena divisão e aos seus ocupantes congelados. Joe estava assente sobre apenas um pé, olhando de maneira tremendamente idiota para o nada. De repente, Stormgren riu e remexeu nos bolsos.

– Obrigado pela hospitalidade, Joe. Acho que te vou deixar uma lembrança.

Mexeu nos pedacinhos de papel até encontrar os números que desejava. Depois, numa folha mais limpa, escreveu, com cuidado:

BANCO DE MANHATTAN

Pagar a Joe a quantia de cento e trinta e cinco

dólares e cinquenta centavos (US$ 135,50).
R. Stormgren

Enquanto colocava a tira de papel ao lado do polaco, a voz de Karellen perguntou-lhe:

– O que é que *estás* a fazer?

– Nós Stormgrens, pagamos sempre as nossas dívidas. Os outros dois fizeram batota, mas o Joe jogou como deve ser. Pelo menos, nunca o apanhei a roubar.

Enquanto caminhava em direção à porta, sentiu-se alegre e despreocupado, além de quarenta anos mais jovem. A esfera de metal mexeu-se para o lado para o deixar passar. Presumiu que fosse uma espécie de robô, o que explicaria como é que Karellen tinha conseguido alcançá-lo através de sabe-se lá quantas camadas de rocha.

– Segue em frente durante uns cem metros – disse a esfera com a voz de Karellen. – Depois vira à esquerda até eu te dar mais instruções.

Stormgren avançou em passos largos, animado, embora tivesse noção que não havia motivo para pressas. A esfera permanecia suspensa no corredor, supostamente a cobrir a sua retirada.

Um minuto depois, encontrou uma segunda esfera, à sua espera numa bifurcação do corredor.

– Tens mais meio quilómetro pela frente – disse o objeto – Mantém-te à esquerda, até nos encontrarmos de novo.

Encontrou mais seis esferas no seu caminho até chegar a céu aberto. Ao princípio ainda se perguntou se, de alguma forma, o robô conseguia passar-lhe à frente. Depois, concluiu que devia haver uma série de máquinas diferentes, de forma a manter um circuito completo até às profundezas da mina. À entrada, um grupo de guardas formava uma estranha coleção de estátuas, vigiadas por mais uma daquelas ubíquas esferas. No declive da colina, a alguns metros de distância, repousava a pequena máquina voadora na qual Stormgren fizera tantas viagens até Karellen.

O Secretário-Geral ficou ofuscado durante um momento com a luz do Sol. Só depois viu toda aquela maquinaria de mineração destruída que se acumulava à sua volta, imediatamente precedida de uma linha férrea abandonada que descia pela encosta. Vários quilómetros adiante, uma densa

floresta dava a volta à base de uma montanha e à distância, conseguia distinguir os contornos da água de um enorme lago. Concluiu que estava algures na América do Sul, embora não soubesse precisar o que é que lhe dava essa impressão.

Enquanto subia para a pequena máquina voadora, Stormgren teve um último vislumbre da entrada da mina e dos homens congelados à sua volta. Até que quando a porta se fechou nas suas costas, e com um suspiro de alívio, se deixou cair na poltrona familiar.

Aguardou por um instante até ter recuperado o fôlego. E só depois, pronunciou uma sílaba, única e sincera:

– Bem?

– Peço desculpa de não te ter podido resgatar antes. Mas peço-te que compreendas como era de extrema importância que esperasse que todos os líderes estivessem ali reunidos.

– Quer dizer – gaguejou Stormgren – que sabia onde é que eu estava este tempo todo? Se eu achasse...

– Não sejas tão precipitado – respondeu Karellen. – Pelo menos, deixa-me acabar de explicar.

– Muito bem – disse Stormgren, de mau humor. – Estou a ouvir. – Começava a suspeitar de que tudo aquilo não passara de uma complexa armadilha.

– Já há algum tempo que eu tinha um... talvez a melhor palavra seja «marcador» ... em ti – começou Karellen. – Embora os teus ex-amigos estivessem corretos em pensar que eu não conseguiria segui-los debaixo de terra, fui capaz de seguir-te até que te trouxessem para mina. A transferência no túnel foi engenhosa, mas, quando o primeiro carro parou de reagir, denunciou logo o plano e eu tornei a localizar-te. Depois, foi só aguardar. Eu sabia que assim que eles tivessem a certeza de que eu te perdera, os líderes deles viriam até aqui. Assim conseguia apanhá-los a todos.

– Mas acabámos de os deixar escapar em liberdade!

– Até agora – disse Karellen – eu não tinha maneira nenhuma de saber quais, dos dois mil milhões e meio de homens neste planeta, eram os verdadeiros líderes da organização. Agora que já foram identificados, posso seguir os movimentos deles em qualquer lugar da Terra, e com isso, vigiar as suas ações de perto. Se assim o desejar, claro. Isso é muito melhor do que prendê-los. Se fizerem o que quer que seja, denunciarão os seus camaradas.

Por isso agora estão, com efeito, neutralizados. E eles sabem disso. O teu resgate vai-lhes parecer completamente inexplicável, tu desapareceste diante dos olhos deles.

A gargalhada profunda ecoou no diminuto compartimento.

– De certa maneira, não passou tudo de uma comédia, só que com uma finalidade séria. E não estou preocupado apenas com a meia dúzia de homens desta organização. Tenho que pensar no efeito moral sobre os outros grupos existentes.

Stormgren ficou calado por um instante. Não estava inteiramente satisfeito, mas compreendia o ponto de vista de Karellen, e grande parte da sua raiva já se tinha dissipado.

– É uma pena ter que fazer isso nas minhas últimas semanas no cargo – disse, depois de algum tempo – só que, de agora em diante, vou ter um guarda em minha casa. Para a próxima, o Pieter que seja raptado. Por falar nisso, como é que ele se tem portado?

– Observei-o de perto durante a última semana, e evitei ajudá-lo, de propósito. De forma geral, saiu-se muito bem... Mas não é o homem certo para assumir o teu lugar.

– Sorte a dele – disse Stormgren, ainda um tanto ressentido. – E, a propósito, já recebeu alguma resposta dos seus superiores a respeito da reclusão? Agora tenho a certeza absoluta de que esse é o argumento mais forte dos nossos inimigos. Disseram-me isso vezes e vezes sem conta: «Nunca vamos confiar nos Senhores Supremos até os podermos ver».

Karellen suspirou.

– Não. Não recebi nada. Mas sei qual deverá ser a resposta.

Stormgren não insistiu no assunto. Outrora talvez o tivesse feito, mas agora, pela primeira vez, a sombra ténue de um plano começava a formar-se na sua cabeça. As palavras do interrogador repetiam-se na sua memória. Sim, talvez fosse possível desenhar instrumentos...

O que Stormgren se recusara a fazer à força, talvez viesse a tentar de sua livre e espontânea vontade.

4

Uns meros dias antes nunca teria ocorrido a Stormgren, que ele próprio pudesse ter levado a sério a ideia de executar a ação que agora contemplava. Este sequestro ridiculamente melodramático que, em retrospetiva, parecia um programa de televisão de terceira categoria, devia estar bastante ligado a esta sua nova postura. Fora a primeira vez na vida em que Stormgren se vira exposto a algum ato de violência física, por oposição às batalhas verbais das salas de reuniões. O vírus deve-lhe ter entrado no sangue, ou então chegou simplesmente a uma segunda infância, mais rápida do que aquilo que esperava.

Curiosidade pura e simples também era uma forte motivação, tal como era a vingança determinada pelo susto que lhe tinham pregado. Parecia-lhe mais do que óbvio, agora que Karellen o usara como isco, mesmo que tivesse tido as melhores intenções, Stormgren não se sentia inclinado a perdoar o Supervisor imediatamente.

Pierre Duval não se mostrou surpreendido quando Stormgren entrou, sem avisar, no seu gabinete. Eram velhos amigos e não havia nada de incomum numa visita pessoal do Secretário-Geral ao Diretor da Divisão de Ciência. Se Karellen ou um dos seus subordinados decidissem virar os instrumentos de vigilância na sua direção, não estranhariam nada do que se estava a passar.

Durante algum tempo os dois amigos falaram de negócios e trocaram fofocas políticas. Até que, Stormgren, um tanto ou quanto hesitante, tocou no assunto. À medida que o visitante falava, o velho francês encostava-se cada vez mais na cadeira. As suas sobrancelhas iam subindo, milímetro a milímetro, até estarem praticamente enroscadas na madeixa de cabelo que lhe caía sobre a testa. Uma ou duas vezes parecia a ponto de falar, mas acabou sempre por desistir.

Quando Stormgren terminou, o cientista olhou com algum nervosismo, à volta da sala.

– Achas que ele nos está a ouvir? – perguntou.

– Não creio que possa. Ele tem aquilo a que ele chama um marcador em mim, para minha proteção. Mas não funciona debaixo da terra, o que é uma das razões que me trouxeram até esta tua masmorra. Teoricamente, é blindada contra todas as formas de radiação, não é? Karellen não é mágico. Ele sabe onde é que eu estou, mas apenas isso.

– Espero estejas certo. Além disso, não achas que vamos ter problemas quando ele descobrir o que estás a tentar fazer? Porque ele vai descobrir, tu sabes.

– Vou aceitar o risco. Além do mais, nós damo-nos muito bem.

O físico brincou com o lápis e ficou a olhar em direção ao nada durante algum tempo.

– É um problema muito interessante. Gosto – disse, sem afetação. Em seguida, enfiou a mão numa gaveta de onde tirou um enorme bloco de notas, com certeza o maior que Stormgren já vira.

– Certo – disse, escrevinhando furiosamente no que parecia ser uma espécie de taquigrafia particular. – Quero ter a certeza de que tenho todos os factos. Conta-me tudo o que puderes sobre o lugar onde vocês têm as reuniões. Não deixes nenhum detalhe de fora, por mais trivial que te pareça.

– Não há muito para descrever. É de metal, tem cerca de oito metros quadrados e quatro de altura. A lateral da divisória tem cerca de um metro e há uma mesa, imediatamente por baixo. Dá-me cá isso, é mais rápido se eu te fizer um desenho.

Rapidamente, Stormgren fez um esboço do pequeno compartimento que conhecia tão bem e passou o desenho a Duval. Com o gesto, lembrou-se, com um ligeiro tremor, da última vez que fizera algo parecido. Ficou curioso sobre o que teria acontecido ao galês cego e aos seus camaradas. Como será que tinham reagido à sua partida inesperada?

O francês, de testa franzida, estudou o desenho.

– E isto é tudo o que me podes dizer?

– Sim.

Duval bufou, descontente.

– E a iluminação? Ou costumam sentar-se às escuras? E quanto à ventilação, o aquecimento...

Stormgren sorriu com aquela explosão típica.

– O teto é todo luminoso e, pelo que sei, o ar vem por grelha no altifalante. Não sei por onde é que sai. Talvez a corrente se inverta às vezes, mas nunca reparei. Não há sinal de qualquer aquecedor, mas a sala está sempre a uma temperatura normal.

– O que significa, creio, que o vapor de água congelou, mas o o dioxido de carbono não.

Stormgren fez o possível para sorrir daquela velha piada.

– Acho que já disse tudo – concluiu. – Quanto à máquina que me leva até à nave de Karellen, o compartimento em que viajo é tão desinteressante quanto uma cabine de elevador. Se não fosse pela poltrona e pela mesa, podia muito bem ser a mesma coisa.

Houve alguns minutos de silêncio enquanto o físico enfeitava o seu bloco de notas com desenhos microscópicos e meticulosos. Enquanto assistia, Stormgren conjeturava por que é que um homem como Duval, cuja mente era muito mais brilhante do que a dele, nunca deixara uma marca maior no mundo da ciência. Lembrou-se de um comentário, indelicado e que devia estar longe da verdade, de um amigo do Departamento de Estado dos EUA: «Os franceses são os melhores do mundo a ficar em segundo lugar». Duval era o tipo de homem que justificava essa afirmação.

O físico abanou a cabeça para si mesmo, satisfeito, inclinou-se para a frente e apontou o lápis para Stormgren.

– O que é que te faz pensar, Rikki – perguntou – que a divisória de Karellen, como tu lhe chamas, é mesmo o que parece ser?

– Nunca pensei nisso. É igualzinha a qualquer uma. Mas, enfim, o que mais é podia ser?

– Quando dizes que parece um biombo, quer dizer que *parece* um dos *nossos*, não é?

– Claro.

– Isso já me parece suspeito. Aposto que os Senhores Supremos não usam equipamentos tão amadores como uma divisória física. O mais provável é que materializem as imagens diretamente no ar. Mas, enfim, porque é que Karellen se iria dar ao trabalho de usar um sistema de ecrã nessa divisória? A solução mais simples é sempre a melhor. Não te parece muito mais provável que essa tua «divisória» seja, na verdade, *algo tão simples como um espelho de um só lado*?

Stormgren estava tão chateado consigo mesmo que ficou calado durante um momento, reconstruindo o passado. Desde o início, jamais duvidara do que Karellen dizia... No entanto, agora que olhava para trás... o Supervisor alguma vez lhe dissera que usava um sistema de televisão? Era uma simples suposição. Tudo não passara de um truque psicológico, e ele tinha sido completamente enganado. Isto, é claro, supondo que a teoria de Duval estava correta. No entanto, uma vez mais, estava a tirar conclusões precipitadas: ninguém provara nada ainda.

– Se tu tiveres razão – disse ele – tudo o que eu tenho que fazer é partir o vidro...

Duval suspirou fundo.

– Estes leigos sem ciência! Achas que a tela é feita de algum material que tu conseguisses partir sem explosivos? E, mesmo que conseguisses, qual é a probabilidade do Karellen respirar o mesmo ar que nós? Não seria uma maravilha, para vocês dois, se ele de repente vivesse numa atmosfera de cloro?

Stormgren sentiu-se um pouco parvo. Devia ter pensado naquilo.

– Bem, então o que é que *sugeres*? – perguntou, já exasperado.

– Tenho que pensar bem. Em primeiro lugar, temos que descobrir se a minha teoria está correta e, se estiver, descobrir alguma coisa sobre o material que compõe esse ecrã. Vou pôr alguns dos meus técnicos a trabalhar no assunto. A propósito, imagino que tu leves uma pasta quando reúnes com o Supervisor, certo? É esta mesma que tu trouxeste?

– Sim.

– Deve ser suficiente. Não queremos chamar a atenção, trocando-a por outra, ainda mais se Karellen já está habituado a vê-la.

– Então o que é que queres que eu faça? – perguntou Stormgren. – Que leve um aparelho de raio-x escondido?

O físico sorriu ironicamente.

– Não sei ainda, mas vamos pensar em alguma coisa. Daqui a quinze dias digo-te.

Depois soltou uma pequena gargalhada.

– Sabes o que é que isto me faz lembrar?

– Sei – respondeu imediatamente Stormgren. – A época em que tinhas de construir pequenos aparelhos de rádio clandestinos, durante a ocupação alemã.

Duval pareceu desapontado.

– Bem, pelos vistos já puxei esse assunto uma ou duas vezes. Mas é mais do que isso...

– O quê?

– Quando tu fores apanhado, eu não sabia para o que é que querias o aparelho, certo?

– O quê? Depois de todas as descomposturas que me deste sobre a responsabilidade social dos cientistas pelas suas invenções? Sinceramente, Pierre, devias ter vergonha!

*

Foi com um suspiro de alívio que Stormgren largou o espesso dossier, carregado de folhas datilografadas.

– Graças a Deus que *isto* está resolvido, até que enfim! – disse ele. – É estranho pensar que estas centenas de páginas contêm o futuro da humanidade. O Estado Mundial! Nunca pensei que viveria tempo suficiente para vê-lo!

Deixou cair o dossiê dentro da pasta, cuja superfície estava a menos de dez centímetros do retângulo escuro da divisória. De tempos em tempos os seus dedos percorriam os fechos, uma espécie de reação nervosa mais ou menos consciente. Todavia, não tinha qualquer intenção de carregar no botão oculto até que a reunião estivesse terminada. Havia a probabilidade de alguma coisa correr mal. Embora Duval tivesse jurado que Karellen não seria capaz de detetar nada, nunca se podia ter certeza.

– Então, julgo que me disse que tinha novidades para mim – prosseguiu Stormgren, com uma ansiedade mal dissimulada. – É sobre...

– Sim – disse Karellen. – Finalmente recebi uma decisão há algumas horas atrás.

«O que será que ele quereria dizer com aquilo?» perguntou-se Stormgren. Certamente que não teria sido possível ao Supervisor comunicar com o seu planeta distante, através do número desconhecido de anos-luz que os separava. Ou, quem sabe, e esta era a teoria de Van Ryberg, ele tivesse simplesmente consultado um vasto computador, capaz de prever o resultado de qualquer ação política.

– Não creio – prosseguiu Karellen – que a Liga da Liberdade e os seus camaradas fiquem muito satisfeitos, mas já deverá ajudar a reduzir a tensão.

A propósito, não vamos gravar esta parte.

– Tu disseste-me com frequência, Rikki, que não importa o quão diferentes sejamos no aspeto físico, que a raça humana se habituaria a nós. Acho que isso mostra alguma falta de imaginação da tua parte. Ou talvez até fosse verdade no teu caso, mas não te esqueças de que a maior parte do mundo ainda é demasiado inculta por quaisquer padrões razoáveis, além disso, estão cheios de preconceitos e superstições, cuja erradicação poderá demorar décadas.

– Deves concordar que nesta fase nós já percebemos um pouco sobre a psicologia humana. Sabemos, com bastante detalhe, o que aconteceria se nos revelássemos ao mundo no seu estado atual de desenvolvimento. Não posso entrar em detalhes para já, nem mesmo contigo, de modo que vais ter que aceitar a minha análise na base da confiança. No entanto, o que eu posso fazer é uma promessa definitiva, que deverá trazer-te alguma satisfação. *Daqui a cinquenta anos, o equivalente a duas gerações, iremos descer das nossas naves e a humanidade poderá finalmente ver como somos*.

Stormgren permaneceu calado durante algum tempo enquanto absorvia as palavras do Supervisor. Sentiu apenas uma margem da satisfação que a promessa do Karellen lhe teria trazido no passado. De facto, ficou até um pouco confuso com este sucesso parcial e, por um momento, a sua motivação fraquejou. A verdade chegaria com o passar do tempo. O seu plano era desnecessário, quem sabe, até insensato. Se decidisse avançar na mesma, seria apenas pelos motivos egoístas de quem não viverá mais cinquenta anos.

Karellen deve-se ter apercebido da sua indecisão, porque continuou:

– Sinto muito se a nossa decisão te deixa desapontado, mas pelo menos os problemas políticos do futuro próximo não serão da tua responsabilidade. Talvez julgues que os nossos medos sejam infundados, mas acredita quando te digo que temos provas convincentes do perigo de qualquer outro curso.

Stormgren inclinou-se para a frente, respirando fundo.

– Então já foram *vistos* pelo Homem!

– Eu não disse isso – Karellen apressou-se a responder. – O *vosso* planeta não é o único que nós supervisionamos.

Mas Karellen não se livraria de Stormgren tão facilmente.

– Existem muitas lendas que sugerem que a Terra já foi visitada por outras raças no passado.

– Eu sei. Também li o relatório da Divisão de Pesquisas Históricas. Faz com que a Terra pareça o cruzamento do Universo.

– Podem ter havido visitas que vocês desconheçam – disse Stormgren alimentando a sua própria esperança. – Mas, como vocês devem estar a observar-nos há milhares de anos, creio que essa possibilidade seja bastante improvável.

– Julgo que sim – replicou Karellen, no seu tom menos solícito. E, com ele, Stormgren tomou a sua decisão.

– Karellen – disse abruptamente – vou redigir e enviar-lhe uma declaração para aprovação. Mas reservo-me ao direito de continuar a infernizá-lo e, se vir alguma oportunidade, farei os possíveis para descobrir o vosso segredo.

– Estou perfeitamente ciente disso – respondeu-lhe o Supervisor, com uma risadinha bem-humorada.

– E não se importa?

– De modo algum. Embora trace os meus limites no que toca a armas nucleares, gás venenoso ou qualquer outra coisa que possa estragar a nossa amizade.

Stormgren perguntou-se se Karellen já teria conseguido adivinhar alguma coisa. Por trás dos gracejos do Supervisor, Stormgren reconhecera um certo tom de compreensão, e quem sabe... e quem poderia dizer... até talvez uma espécie de incentivo.

– Fico feliz por saber – retorquiu Stormgren, com a voz mais uniforme que conseguiu. Posto isto, levantou-se enquanto fechava a pasta, deslizando o polegar ao longo da ranhura.

– Vou redigir a declaração agora mesmo – repetiu Stormgren – e enviá-la ainda hoje pelo teleimpressor.

Enquanto falava, carregou no botão... e imediatamente constatou que todos os seus medos tinham sido infundados. Os sentidos de Karellen não eram mais sensíveis do que os do Homem. O Supervisor não devia ter detetado nada, já que não houve qualquer mudança na sua voz enquanto se despedia e ditava o código que abria a porta da câmara.

Ainda assim, Stormgren sentiu-se como um ladrão a sair de uma loja sob o olhar do segurança. Soltou um suspiro de alívio quando a porta se fechou

atrás de si.

*

– Eu admito – disse Van Ryberg – que algumas das minhas teorias não correram muito bem. Mas diga-me o que pensa desta.

– Tem mesmo que ser? – suspirou Stormgren.

Pieter pareceu não ter notado.

– Na verdade, a ideia não é minha – disse ele, modesto. – Roubei-a de um conto de Chesterton. E se os Senhores Supremos estiverem a esconder o facto de não terem nada a esconder?

– Isso soa-me um tanto ou quanto complicado – disse Stormgren, revelando algum interesse.

– O que eu quero dizer é isto – prosseguiu Van Ryberg, ansioso. – E se eles, em termos de aspeto físico, forem seres humanos como nós? Concluíram que toleraríamos ser governados por criaturas que imaginamos ser... bem, alienígenas e superinteligentes. Só que, a raça humana sendo como é, simplesmente não aceitaria ordens de criaturas da mesma espécie.

– Bastante criativa, como todas as tuas teorias – disse Stormgren. – Seria bom se as começasses a enumerar para eu as conseguir acompanhar. As objeções a esta... – Nesse momento, porém, Alexander Wainwright foi admitido na sua sala.

Stormgren perguntou-se em que é que ele estaria a pensar. Perguntou-se também, se Wainwright teria estabelecido contacto com os homens que o tinham raptado. Duvidava que assim o fosse, acreditava sinceramente que a postura de Wainwright contra a violência era cem por cento sincera. Os extremistas infiltrados no seu movimento tinham perdido toda a credibilidade e ainda iam demorar muito tempo até que o mundo voltasse a ouvir falar deles.

O líder da Liga da Liberdade ouviu com atenção enquanto a minuta era lida. Stormgren esperava que ele apreciasse o gesto, que tinha sido ideia de Karellen. Ainda faltavam doze horas até que o resto do mundo conhecesse a promessa que era feita aos seus netos.

– Cinquenta anos – disse Wainwright, refletindo. – É muito tempo para esperar.

– Talvez para a humanidade, mas não para Karellen – respondeu o Secretário-Geral.

Só agora é que Stormgren se começava a aperceber da elegância da solução encontrada pelos Senhores Supremos. Dava-lhes a eles o espaço de manobra que acreditavam precisar e ao mesmo tempo minava os alicerces da Liga da Liberdade. O Secretário-Geral não imaginava que a Liga fosse capitular, mas a sua posição ficaria seriamente enfraquecida. Um raciocínio que com certeza, Wainwright também estava a acompanhar.

– Em cinquenta anos – disse Wainwright com amargura – o estrago já estará feito. Os que se poderiam lembrar da nossa independência já estarão mortos. A humanidade ter-se-á esquecido do seu legado.

«Palavras. Palavras vazias», pensou Stormgren. As palavras pelas quais os homens outrora lutaram e morreram, e pelas quais nunca mais morreriam ou lutariam. O mundo ficaria melhor assim.

Enquanto assistia à saída de Wainwright, Stormgren tentava imaginar que tipo de novos problemas a Liga da Liberdade causaria nos próximos anos. «Mas isso,» pensou com alívio, «é problema para o meu sucessor.»

Havia coisas que só o tempo poderia curar. Homens maus poderiam ser destruídos, mas nada podia ser feito a homens bons que estivessem iludidos.

*

– Aqui tens a tua pasta, – disse Duval. – Está como nova.

– Obrigado – respondeu Stormgren, inspecionando-a com atenção. – Agora, quem sabe me possas contar o que foi que aconteceu e quais são os nossos próximos passos.

O físico parecia estar mais interessado nos seus próprios pensamentos.

– O que não consigo entender – disse ele – é a facilidade com que escapámos. Se eu fosse Kar...

– Só que não és. Vai direito ao assunto, homem. O que é que conseguimos descobrir?

– Ai de mim, essas raças nórdicas tensas e ansiosas! – suspirou Duval. – O que fizemos foi construir uma espécie de aparelho de radar de baixa potência. Além de ondas de rádio de altíssima frequência, usámos um infravermelho distante... na realidade, usámos todo o tipo de ondas que criatura nenhuma conseguisse ver, por mais estranhos que fossem os seus olhos.

– Como é que podes ter a certeza disso? – perguntou Stormgren, não conseguindo deixar de se interessar pelo problema técnico.

– Bem... não pudemos ter a certeza absoluta – admitiu Duval, relutante. – Mas Karellen vê-te a ti em condições normais de iluminação, não é? Então, os olhos dele devem ser mais ou menos parecidos com os nossos ao nível do alcance espectral. Seja como for, funcionou. Provámos que há uma divisão grande por trás da tua divisória. A divisória tem cerca de três centímetros de espessura, e o espaço atrás tem pelo menos dez metros de largura. Não conseguimos detetar qualquer tipo de eco vindo da parede oposta, mas nem estava muito à espera disso. Usámos uma potência baixa, que foi o máximo a que me atrevi. No entanto, captámos *isto*.

Por cima da mesa, empurrou uma folha de papel fotográfico, na qual havia uma única linha ondulante. A meio dessa linha havia um ligeiro pico, como o registo de um terremoto miniatura.

– Vês este pico?

– Sim. O que é?

– Apenas Karellen.

– Meu Deus! Tens a certeza?

– Tenho um bom palpite pelo menos. Ele está sentado, ou de pé, ou seja lá o que for que eles façam, a cerca de dois metros do lado oposto da divisória. Se a resolução fosse um bocadinho melhor poderíamos até calcular o seu tamanho.

Os sentimentos de Stormgren dividiram-se ao contemplar a curva quase invisível naquele traço. Até então, nunca tinha existido provas concretas de que Karellen sequer tivesse um corpo material. O indício ainda era indireto, mas tinha que o aceitar sem discussões.

– A outra coisa que tivemos que fazer – disse Duval – foi calcular a propagação da luz naquele ecrã. Acho que conseguimos uma ideia razoável. Mas não importa. Mesmo que erremos por uma margem de dez. Isto é, como tu sabes não existe um verdadeiro espelho de um lado só. Trata-se apenas de uma questão de posicionamento das luzes. O Karellen fica sentado numa sala às escuras, tu estás no lado iluminado. É só isso. – Duval riu-se, divertido. – Bem, nós vamos mudar isso!

Com a atitude de um ilusionista que fazia aparecer uma ninhada inteira de coelhos brancos, estendeu o braço dentro da sua escrivaninha e retirou uma enorme lanterna. A extremidade abria-se num bocal largo, de forma a que o aparelho lembrava o aspeto geral de um bacamarte.

Duval sorriu.

– Não é tão perigoso como parece. Tudo o que tens que fazer é encostar o bocal contra o ecrã e carregar no botão. Vai emitir um feixe intenso com a duração aproximada de dez segundos. Durante esse tempo vais poder girá-lo pela sala e ver o que é que lá está. A luz toda vai atravessar o ecrã e iluminar muito bem o teu amigo.

– Isto não vai magoar o Karellen?

– Não, se tu apontares para baixo e depois fores subindo devagar. Haverá tempo suficiente para que os olhos dele se adaptem. Presumo que tenha reflexos como os nossos, nós também não queremos que ele fique cego.

Stormgren olhou para a arma, indeciso, e sentiu o seu peso na sua mão. Nas últimas semanas, a sua consciência perseguira-o. Karellen sempre o tratara com uma afeição inegável, apesar da sua ocasional franqueza devastadora. Mas agora que o seu tempo juntos se aproximava do fim, Stormgren não queria fazer nada que pudesse estragar a relação deles. O Supervisor fora devidamente avisado e Stormgren estava convencido de que, se a escolha fosse dele, Karellen já se teria revelado há muito tempo. Só que agora a decisão ia ser tomada por Stormgren: quando a última reunião chegasse ao fim, ia poder olhar de frente para a cara de Karellen.

Isto é, se Karellen tivesse cara, claro.

*

O nervosismo que Stormgren sentira no início, já há tempos que tinha passado. Praticamente só Karellen é que falava, utilizando frases longas e intricadas, um recurso estilístico que ele parecia gostar de usar. Há algum tempo atrás, Stormgren tinha considerado que esse era um dos talentos mais inesperados de Karellen, impressionante e maravilhoso. Mas agora já não lhe parecia assim tão esplêndido, sabia que, como ocorria com a maior parte das capacidades do Supervisor, tratava-se apenas de pura capacidade intelectual. Não era nenhum poder extraordinário.

Karellen tinha tempo de sobra para a composição literária quando desacelerava os seus pensamentos até à velocidade do discurso humano.

– Não há necessidade que tu ou o teu sucessor se preocupar muito com a Liga da Liberdade, mesmo quando ela recuperar do seu atual estado letárgico. Eles estiveram muito quietos o mês passado e, embora acredite que vão voltar a estar ativos, não serão uma ameaça durante alguns anos. De facto, uma vez que é sempre valioso saber o que é que os seus

opositores andam a fazer, a Liga é uma instituição muito útil. Se algum dia passarem por dificuldades financeiras, posso até pensar em subsidiá-la.

Stormgren às vezes tinha dificuldade em perceber quando é que Karellen estava a brincar. Assim sendo, manteve o rosto impassível e continuou a ouvir.

– Muito em breve a Liga perderá outro dos seus grandes argumentos. Tenho assistido a algumas críticas, todas um bocadinho infantis, sobre a posição especial que tu tens ocupado nos últimos anos. Considerei-a efetivamente muito valiosa durante o período inicial da minha administração, mas agora que o mundo está a seguir o curso que planeei, julgo que poderá deixar de existir. No futuro, todas as minhas interações com a Terra serão indiretas. A posição de Secretário-Geral poderá voltar a ser algo que nos lembre a sua forma original. Durante os próximos cinquenta anos haverão várias crises, mas serão apenas passageiras. Os contornos do futuro estão claros o suficiente, e um dia todas estas dificuldades serão esquecidas... mesmo para uma raça com uma memória tão prolongada como a tua.

As últimas palavras foram proferidas com uma ênfase tão especial que Stormgren congelou de imediato na poltrona. Tinha a certeza que Karellen nunca cometia lapsos involuntários de linguagem: todas as suas indiscrições eram calculadas e proferidas com a precisão de várias casas decimais. No entanto, não houve tempo para perguntas, que certamente também não seriam respondidas. Mantendo o seu ritmo constante o Supervisor já tinha mudado mais uma vez de assunto.

– Tu sempre me perguntaste sobre os nossos planos a longo prazo – prosseguiu ele. – O estabelecimento de um Estado Mundial é, naturalmente, apenas o primeiro passo. Tu viverás para ver a sua conclusão. Mas a mudança, quando vier, será tão impercetível que poucos se darão conta. Depois disso, haverá um período de consolidação lenta, enquanto a vossa raça se prepara para nós. E só depois é que chegará o dia que vos prometemos. Tenho pena que tu já não vás estar presente.

Os olhos de Stormgren estavam abertos, mas o seu olhar fixava-se bem para lá daquela barreira escura. Olhava para o futuro, imaginando o dia que nunca veria, quando as grandes naves dos Senhores Supremos por fim descessem à Terra e finalmente se abrissem a um mundo que as aguardava.

– Nesse dia – continuou Karellen – a raça humana experimentará o que pode ser descrito apenas como uma descontinuidade psicológica. Mas sem qualquer tipo de dano permanente. Os homens dessa época serão mais estáveis do que seus avós. Teremos sido uma parte constante das suas vidas e, quando nos conhecerem, não vamos parecer tão... estranhos quanto pareceríamos a vocês.

Stormgren nunca vira Karellen num estado de espírito tão contemplativo, mas isso não o surpreendeu. Acreditava que nunca tivera contacto com mais do que uma ou duas facetas da personalidade do Supervisor. O verdadeiro Karellen era desconhecido, talvez fosse até incompreensível para um ser humano. E, mais uma vez, Stormgren teve a sensação de que os verdadeiros interesses do Supervisor estavam noutro lugar, de que ele governava a Terra com uma mera fração do seu intelecto. Com a mesma facilidade com que um mestre de xadrez tridimensional jogaria uma partida de damas.

– E depois? – perguntou Stormgren, em voz baixa.

– *Só então* é que poderemos começar nosso verdadeiro trabalho.

– Já me perguntei tantas vezes o que é que isso poderia ser. Por ordem neste nosso mundo e civilizar a raça humana é apenas um meio... vocês também devem ter um fim. Será que algum dia seremos capazes de percorrer o espaço e ver o vosso universo... Quem sabe, talvez até ajudar-vos no vosso trabalho?

– Pode-se dizer que sim – disse Karellen, e agora sua voz continha uma dose clara de tristeza, ainda que inexplicável, o que deixou Stormgren estranhamente preocupado.

– Mas, e se apesar de tudo, a vossa experiência com o Homem falhar? Nós temos noção que isso pode acontecer, pelos nossos contatos com raças humanas mais primitivas. Imagino que vocês também já tenham tido os vossos fracassos?

– Sim – disse Karellen, numa voz tão baixa que Stormgren mal conseguiu ouvir. – Tivemos os nossos fracassos.

– E o que fazem, nesses casos?

– Aguardamos... e tentamos de novo.

Seguiu-se um silêncio que durou talvez uns cinco segundos. Quando Karellen voltou a falar, as suas palavras foram tão inesperadas que, durante um momento, Stormgren não reagiu.

– Adeus, Rikki!

Karellen tinha-o enganado. Talvez já fosse tarde demais. Mas a paralisia de Stormgren durou apenas um segundo. Até que, com um único movimento rápido e bem ensaiado, sacou a arma de luz e pressionou-a contra o vidro.

*

Os pinheiros chegavam quase até à margem do lago, deixando ao longo da sua fronteira apenas uma estreita faixa de relva com alguns metros de largura. Sempre que o fim de tarde se mostrava quente o suficiente, Stormgren, apesar dos seus noventa anos, passeava ao longo da faixa que levava até ao pontão. Assistia à luz do Sol a morrer sobre as águas e voltava para casa, antes que o vento gélido da noite chegasse da floresta. O simples ritual dava-lhe muita satisfação, e pretendia segui-lo enquanto tivesse forças para isso.

A uma distância considerável, por cima do lago, alguma coisa se aproximava vinda do oeste. Voava rápido e baixo. Eram raras as aeronaves nesta região, exceto pelos grandes aviões de carreira transpolares. Mesmo esses deviam passar bem mais acima, a todas as horas do dia e da noite. Contudo, nunca havia nenhum sinal da sua presença, salvo por um ocasional rasto de vapor lá no alto, destacado contra o azul da estratosfera. O aparelho que agora se aproximava era um helicóptero pequeno, e avançava com óbvia determinação. Stormgren olhou ao seu redor, para a praia. Não havia por onde escapar, pelo que desistiu e se sentou no banco de madeira que estava na entrada do pontão.

O repórter foi tão atencioso que surpreendeu Stormgren. Quase se tinha esquecido de que não era apenas um velho estadista, fora do seu próprio país, era uma figura quase mítica.

– Sr. Stormgren, – começou o intruso – peço desculpa por o incomodar, mas gostaria de saber se o senhor tem algum comentário sobre uma coisa que acabámos de ouvir a respeito dos Senhores Supremos.

Stormgren franziu ligeiramente a testa. Depois de todos esses anos, ainda compartilhava o desgosto de Karellen por aquela expressão, «Senhores Supremos».

– Não acredito – disse ele – que possa acrescentar grande coisa ao que já foi escrito.

O repórter observava-o com uma curiosidade profunda.

– Achei que poderia. Acabámos de ouvir uma história bizarra. Parece que, há quase trinta anos, um dos técnicos da Divisão de Ciências preparou um aparelho fora do comum para si. Gostaríamos de saber se poderia falar connosco a esse respeito.

Por um momento, Stormgren ficou em silêncio, a sua mente voltou ao passado. Não o surpreendia que o segredo tivesse saído cá para fora. Aliás, era surpreendente que tivesse aguentado tanto tempo.

Decidiu levantar-se e começou a fazer o caminho de volta pelo pontão, com o repórter seguindo-o alguns passos atrás.

– Isso – respondeu – tem uma pontada de verdade. Na minha última visita à nave de Karellen, levei comigo um aparelho, na esperança de conseguir ver o Supervisor. Foi uma decisão um bocado parva da minha parte, mas... bem, eu só tinha sessenta anos na altura.

Com uma risada para si mesmo, prosseguiu:

– Não é lá grande história para o trazer de propósito até aqui. Sabe, o meu plano não funcionou.

– O senhor não viu nada?

– Não, absolutamente nada. É uma pena, mas parece que vocês vão ter que esperar. Enfim, já só faltam vinte anos!

Só vinte anos. Sim, Karellen tinha razão. Nessa altura já o mundo estaria preparado, preparado como não estivera quando Stormgren mentira ao Duval, há trinta anos atrás.

Karellen confiara nele e Stormgren não traíra a sua confiança. Tinha a certeza de que o Supervisor soubera do seu plano desde o início, e previra cada segundo daquele momento final.

Porque outro motivo é que a enorme cadeira já estaria vazia quando o círculo de luz a iluminara? Imediatamente ele tinha começado a rodar o feixe de luz, temendo que fosse tarde demais. A porta de metal com o dobro da altura de um homem fechava-se rápido, foi aí que ele reparou... fechava-se rápido, mas não rápido o suficiente.

Sim, Karellen confiara nele, não quis que passasse o longo crepúsculo da sua vida perseguido por um mistério que jamais conseguiria desvendar. Karellen não se atrevera a desafiar os poderes desconhecidos dos seus superiores (seriam *todos* da mesma raça?), mas fizera os possíveis. Se houve desobediência, nunca o conseguiriam provar. Stormgren sabia que tinha sido uma definitiva demonstração da amizade que Karellen nutria por

ele. Embora pudesse ser a mesma amizade que um homem nutria por um cão dedicado e inteligente, não era por isso menos sincera. A Stormgren, a vida trouxera-lhe poucas satisfações maiores do que aquela.

«*Tivemos os nossos fracassos*.»

Sim, Karellen, era verdade. Mas terás sido *tu* quem falhou, antes da alvorada da história humana? Deve ter sido um grande fracasso, pensou Stormgren, quando os seus ecos se propagaram pelas eras, para assombrar a infância de cada uma das raças da humanidade. Mesmo passados cinquenta anos, será que conseguirás subjugar o poder de todos os mitos e lendas do mundo?

No entanto, Stormgren sabia que não haveria um segundo fracasso. Quando as duas raças se voltassem a encontrar, os Senhores Supremos teriam conquistado a confiança e a amizade da espécie humana. Nem mesmo o choque desse encontro poderia estragar esse trabalho. Seguiriam juntos para o futuro, e a tragédia desconhecida que em tempos cobrira de sombras o passado, ficaria perdida para sempre nos corredores obscuros dos tempos pré-históricos.

E Stormgren esperava que, quando Karellen estivesse livre para voltar a caminhar sobre a Terra, fosse um dia àquelas florestas boreais, e se detivesse, por um momento, junto à sepultura do primeiro homem que fora seu amigo.

II

ERA DOURADA

5

«É hoje!», sussurravam os rádios numa centena de línguas diferentes. «É hoje!», diziam as manchetes de mil jornais. «É hoje!», pensavam os operadores de câmaras, enquanto conferiam e reconferiam os aparelhos reunidos à volta do amplo espaço vazio onde a nave de Karellen iria aterrar.

Agora existia apenas aquela única nave, a que pairava sobre Nova York. Efetivamente, como o mundo acabara de descobrir, as naves que estavam por cima das outras cidades nunca tinham existido. No dia anterior, a grande frota dos Senhores Supremos tinha-se dissolvido no nada, desvanecera-se como o orvalho com a luz da manhã.

As naves de abastecimento, que iam e vinham do espaço sideral, essas eram bem reais. No entanto, as nuvens prateadas que durante toda uma vida pairaram sobre quase todas as capitais da Terra, essas eram meras ilusões. Como é que o tinham conseguido fazer, ninguém sabia, mas acreditava-se que cada uma dessas naves não passara de uma representação da própria nave de Karellen. Ainda assim, o truque fora bem mais elaborado do que um simples jogo de luzes. Os radares também tinham sido enganados, e ainda havia gente viva que jurava a pés juntos que tinha ouvido um guincho vindo do ar quando a esquadra atravessou pela primeira vez os céus da Terra.

Mas nada disso interessava: tudo o que importava era que Karellen não se sentia na necessidade de continuar essa exibição de força. Tinha deitado fora as suas armas psicológicas.

«A nave está em movimento!», veio a notícia, enviada de imediato para todos os cantos do planeta. «Segue em direção a oeste!»

A menos de mil quilómetros por hora, descendo lentamente daquelas alturas vazias na estratosfera, a nave dirigia-se para aquela enorme planície e para o seu segundo encontro com a história. Depois parou obediente, em frente das câmaras e dos milhares de espectadores que a aguardavam

aglomerados. Pouquíssimos conseguiam ver tão bem o que se passava como os milhões que estavam fixados nos seus aparelhos de televisão.

O chão devia ter-se aberto e tremido por baixo daquele peso espantoso, mas a nave continuava sob o controle de quaisquer que fossem as forças que a conduziam entre as estrelas. Com a suavidade de um floco de neve, beijou finalmente a terra.

A parede curva, vinte metros acima do solo, parecia ondular e tremer com a luz. Onde antes havia uma superfície lisa e reluzente, surgiu subitamente uma enorme abertura. Nada era visível lá dentro, nem mesmo para os olhos invasivos das câmaras. A nave estava tão escura e sombria quanto a entrada de uma caverna.

Uma rampa larga e brilhante saiu pelo orifício e ganhou velocidade, determinada, em direção ao chão. Parecia uma folha sólida de metal, com corrimões ao longo das laterais. Não tinha degraus. Era tão inclinada e lisa como um escorrega infantil e, como a maioria das pessoas estaria a pensar, igualmente impossível de subir ou descer de qualquer maneira convencional.

O mundo estava atento ao portal negro, dentro do qual ainda nada se movia. Então a inesquecível voz de Karellen, mesmo que poucas vezes escutada, desceu com suavidade de alguma fonte oculta. Dificilmente a sua mensagem poderia ter sido mais inesperada:

– Há algumas crianças ao pé da rampa. Gostaria que duas delas subissem e se encontrassem comigo.

Seguiu-se um momento de silêncio. Até que um rapaz e uma rapariga saíram da multidão e caminharam, sem vergonha nenhuma, em direção à rampa e à história. Seguiram-se outras, mas pararam assim que ouviram o riso matreiro de Karellen vindo do interior da nave.

– Duas são suficientes.

Ansiosas pela aventura, as crianças, que não deveriam ter mais do que seis anos, saltaram para o escorrega de metal. E então deu-se o primeiro milagre.

Acenando esfuziantes para a multidão lá em baixo (e para os pais aflitos que, tarde demais, deviam estar a pensar na lenda do flautista de Hamelin), as crianças começaram a subir a rampa inclinada com grande velocidade. Só que as suas pernas não se mexiam. Além disso, também ficou claro que os seus corpos estavam posicionados em ângulos retos em relação àquela

rampa incomum, como se esta tivesse uma gravidade própria, uma força capaz de ignorar a atração da Terra. As crianças estavam visivelmente divertidas com aquela experiência inédita e, imaginando o que é que as puxava para cima, desapareceram dentro da nave.

Um silêncio ensurdecedor cobriu o planeta durante vinte segundos, embora, mais tarde, ninguém pudesse acreditar que o tempo tivesse sido tão curto. Até que a escuridão que cobria aquela enorme abertura pareceu mexer-se para a frente e Karellen saiu em direção ao sol. O miúdo vinha sentado em seu braço esquerdo, a rapariga, no direito. Vinham os dois demasiado entretidos a brincar com as asas de Karellen para repararem na multidão que assistia.

O facto de apenas algumas pessoas terem desmaiado foi um verdadeiro tributo à psicologia dos Senhores Supremos e aos seus longos anos de cuidadosa preparação. No entanto, por todo o mundo, deve ter sido ainda menor o número de pessoas que não sentiu, durante um segundo tenebroso, uma pontada de um terror ancestral a roçar as suas mentes, até que a razão o banisse para sempre.

Não havia como enganar. Asas de couro, um par de pequenos chifres, a cauda pontiaguda... estava lá tudo. A mais terrível de todas as lendas tornara-se real, vinda do passado desconhecido. No entanto, agora, ali estava ela. A sorrir, em toda a sua majestade de ébano, com a luz do Sol cintilando sobre o enorme corpo e uma criança humana sentada, sem medo, em cada braço.

6

Cinquenta anos é tempo mais do que suficiente para mudar um mundo e a sua população ao ponto de quase não serem reconhecíveis. Tudo o que é preciso é uma boa base de engenharia social, uma visão clara do objetivo desejado... e poder.

Todas essas coisas os Senhores Supremos já possuíam. Embora o seu objetivo fosse secreto, o conhecimento dos Senhores Supremos era evidente... assim como o seu poder.

Esse poder assumia várias formas diferentes, poucas das quais eram percecionadas pelos povos cujos destinos os Senhores Supremos agora governavam. O poder sacramentado pelas suas gigantes naves tinha sido claro o suficiente para que todos o vissem. Por trás daquela exibição de força adormecida, porém, estavam outras armas, muito mais subtis.

– Todos os problemas políticos – dissera Karellen certa vez a Stormgren – podem ser resolvidos pela correta aplicação de poder.

– Parece um comentário bastante cínico – respondera-lhe Stormgren, em tom de dúvida. – Soa demasiado a «Quem pode, manda». No nosso próprio passado, o uso de poder fracassou tremendamente para resolver o que quer que fosse.

– A palavra-chave é a *correta*. Só que vocês nunca tiveram poder de verdade, ou o conhecimento necessário para o aplicar. Como em todos os problemas, existem abordagens eficientes e ineficientes. Imagina, por exemplo, que uma das vossas nações, liderada por algum governante fanático, se tentava revoltar contra mim. A resposta mais ineficiente a uma ameaça dessas seriam os biliões de cavalos de energia sob forma de bombas atómicas. Se eu usasse bombas suficientes, a solução seria completa e definitiva. Mas também seria, conforme observei, ineficiente, mesmo que não tivesse nenhum outro defeito.

– E a solução eficiente?

– Uma que exigisse a mesma quantidade de energia do que um pequeno transmissor de rádio... e capacidades operacionais semelhantes. O que conta é a *aplicação* do poder e não a sua quantidade. Quanto tempo é que achas que a carreira do Hitler como ditador da Alemanha teria durado, se, onde quer que ele fosse, tivesse sempre uma vozinha a falar baixinho aos ouvidos dele? Ou se uma nota musical constante, alta o suficiente para abafar todos os outros sons e impedi-lo de dormir, ocupasse o cérebro dele dia e noite? Como vês, não é nada de brutal. Mas ainda assim, em última análise, tão irresistível como uma bomba nuclear.

– Percebo – disse Stormgren. – E ele não se podia esconder?

– Em nenhum lugar onde não chegassem os meus... eh... dispositivos, se eu realmente quisesse. E é por isso que nunca terei de usar métodos verdadeiramente drásticos para manter a minha posição.

Por tudo isso, as naves nunca tinham passado mais do que símbolos. E agora o mundo já sabia que todas elas, exceto uma, não passavam de fantasmas. Ainda assim, a sua mera presença, tinha mudado a história do planeta Terra. Mas estando a sua tarefa concluída, o seu feito ficaria na história, para ecoar ao longo dos séculos.

Os cálculos de Karellen foram precisos. O choque e a repugnância passaram depressa, embora houvessem muitos que se orgulhassem de ser livres de superstições, e que mesmo assim, ainda não conseguiam encarar um dos Senhores Supremos. Havia algo de estranho nisso, alguma coisa que ia para lá de toda a razão ou lógica. Na Idade Média, as pessoas acreditavam e temiam o diabo. Só que estávamos no século XXI: seria possível que, no fim das contas, existisse qualquer coisa do género de uma memória racial?

É claro que era universalmente assumido que os Senhores Supremos, ou seres da mesma espécie, já tinham entrado num conflito violento com os homens no passado. O encontro deveria ter acontecido nalgum passado remoto, uma vez que não deixara vestígios na história escrita. Isso representava mais um enigma, um que Karellen não ajudaria a resolver.

Embora os Senhores Supremos já se tivessem revelado ao homem, raramente saíam da sua única nave remanescente. Talvez sentissem alguma espécie de desconforto físico na Terra. O seu tamanho e a existência de asas, indicavam que vinham de um mundo onde a gravidade seria muito inferior. Nunca eram vistos sem um cinturão repleto de mecanismos

complexos que, a maioria acreditava, controlava o seu peso e permitia a comunicação uns com os outros. A luz direta era-lhes dolorosa, e nunca permaneciam ao sol mais do que alguns segundos. Quando tinham de sair ao ar livre durante algum tempo, usavam óculos escuros, o que lhes dava uma aparência um bocado incongruente. E embora parecessem capazes de respirar o ar terrestre, às vezes carregavam pequenos cilindros de gás, com os quais se revigoravam de tempos em tempos.

Quem sabe estes constrangimentos puramente físicos fossem responsáveis pelo seu distanciamento. Apenas uma pequena fração da raça humana já vira de facto um Senhor Supremo em carne e osso, e ninguém fazia ideia de quantos é que estavam a bordo da nave de Karellen. Nunca foram vistos mais do que cinco juntos ao mesmo tempo, mas podiam haver centenas, até milhares deles naquela nave enorme.

O aparecimento dos Senhores Supremos parecia ter criado mais problemas do que aqueles que resolvera. A sua origem ainda era desconhecida, tal como a sua biologia, que permanecia uma fonte inesgotável de especulações. Eles iam divulgando informações sobre muitos assuntos diferentes, mas com alguns tópicos, o seu comportamento só podia ser descrito apenas como reservado. De forma geral isso não irritava mais ninguém a não ser os cientistas. O homem comum, embora pudesse preferir não se cruzar com os Senhores Supremos, agradecia-lhes por tudo aquilo que eles já tinham feito pelo mundo.

A julgar pelos padrões das eras passadas, vivam numa verdadeira Utopia. A ignorância, a doença, a pobreza e o medo tinham praticamente deixado de existir. A memória da guerra desvanecia-se no passado, como um pesadelo que se dissolve com a alvorada. Em breve, estaria completamente de fora da experiência de qualquer pessoa viva.

Com a energia da humanidade dirigida para fins construtivos, a face do mundo tinha sido completamente redesenhada. Era, quase literalmente, um novo mundo. As cidades que em tempos eram «boas o suficiente» para as gerações anteriores, tinham sido reconstruídas... ou abandonadas e transformadas em peças de museu, nos casos em que deixaram de servir qualquer propósito útil. Aliás, a maioria das cidades já tinha sido abandonada dessa forma. Todos os modelos de indústria e comércio tinham mudado completamente. A produção tornara-se, em grande medida, automática: as fábricas-robô despejavam bens de consumo em fluxos

incessantes, de tal forma que todas as necessidades básicas da vida eram, para todos os efeitos, gratuitas. Os homens trabalhavam simplesmente a pensar nos artigos de luxo que desejavam. Ou, simplesmente, não trabalhavam.

Era um Mundo Unificado. Os antigos nomes dos velhos países ainda eram usados, mas não passavam de divisões postais convenientes. Não havia ninguém na Terra que não soubesse falar inglês, que não soubesse ler, que não tivesse acesso a um aparelho de televisão, que não pudesse visitar o outro lado do planeta em vinte e quatro horas.

O crime desaparecera praticamente. Tornara-se tão desnecessário como impossível. Quando não falta nada a ninguém, não há motivo para roubar. Além disso, todos os potenciais criminosos sabiam que não havia como escapar à vigilância dos Senhores Supremos. Nos primeiros tempos do seu governo, eles tinham trabalhado de maneira tão eficaz em prol da lei e da ordem, que a lição nunca mais fora esquecida.

Os crimes passionais, embora não estivessem realmente extintos, eram quase desconhecidos. Agora que tantos dos seus problemas psicológicos tinham sido removidos, a humanidade era muito mais sensata e menos irracional. O que, em eras passadas teria sido apelidado como depravação, agora não passava de excentricidade... ou, no pior caso, má educação.

Uma das mudanças mais notáveis fora uma desaceleração do ritmo louco que caracterizara tão completamente o século XX. A vida era mais calma do que fora durante várias gerações. Por conseguinte, para alguns poucos, tinha menos sabor. Mas, para a maioria, era mais tranquila. O homem ocidental reaprendera algo que o resto do mundo nunca esquecera: não há nada de pecaminoso no lazer, desde que não degenere em mera indolência.

Quaisquer que fossem os problemas que o futuro pudesse trazer, o tempo ainda não custava a passar para a humanidade. A educação era agora muito mais profunda e prolongada. Poucas pessoas saíam da faculdade antes dos vinte. E esse era apenas o primeiro passo. Era normal que voltassem aos vinte e cinco para pelo menos mais três anos, depois terem viajado, alargado horizontes e aberto as suas mentes. E mesmo depois disso, de tempos em tempos durante o resto da vida, era provável que fizessem cursos de atualização sobre as matérias que mais lhes interessassem.

Essa extensão da aprendizagem humana para além do início da maturidade física causara diversas mudanças sociais. Algumas já eram

necessárias há várias gerações, mas as épocas anteriores tinham-se recusado a encarar o desafio... ou fingido que ele não existia. Em particular, o modelo de *moralidade* sexual, se é que podemos dizer que existe um só modelo, foi alterado de maneira radical. Praticamente despedaçado por duas invenções, ironicamente, ambas de origem cem por cento humana e que em nada se deveram aos Senhores Supremos.

A primeira foi um contracetivo oral totalmente seguro. A segunda, um método, igualmente infalível, de identificação do pai de qualquer criança, tão preciso quanto as impressões digitais e com base numa análise muito detalhada do sangue. O efeito dessas duas invenções na sociedade humana só pode ser descrito como devastador, varrendo completamente os últimos vestígios da aberração puritana.

Outra grande mudança foi a mobilidade da nova sociedade. Graças ao aperfeiçoamento do transporte aéreo, toda a gente tinha facilidade para ir a qualquer lugar quando bem desejasse. Havia mais espaço nos céus do que jamais houvera nas estradas e o século XXI repetira, em maior escala, a grande conquista americana de pôr uma nação sobre rodas. Dera asas ao mundo.

Mesmo que não fosse literalmente. O veículo voador, ou carro aéreo particular comum, não tinha qualquer espécie de asas, nem nenhuma superfície de controlo visível. Até as desajeitadas pás giratórias dos velhos helicópteros tinham sido banidas. Apesar disso, o homem não descobrira a anti-gravidade: apenas os Senhores Supremos dominavam esse segredo dos segredos. Os carros aéreos eram movidos por forças que os irmãos Wright teriam compreendido. A reação a jato, usada tanto diretamente como na forma mais subtil de controlo das camadas-limite, impelia os veículos para a frente e mantinha-os no ar. Como mais nenhuma lei ou decreto dos Senhores Supremos poderia ter feito, os pequenos e omnipresentes carros aéreos destruiram de vez últimas barreiras entre as diferentes tribos da humanidade.

Também se passavam coisas mais profundas. Esta era uma época totalmente secular. De todas as fés e crenças religiosas que tinham existido antes da chegada dos Senhores Supremos, só sobrevivera uma forma de budismo purificado, talvez a mais austera de todas elas. Os credos baseados em milagres e revelações tinham-se desmoronado por completo. A elevação do padrão educacional da humanidade já começara a dissolver essas crenças

há muito tempo, mas os Senhores Supremos demoraram a tirar partido dessa situação. Embora as pessoas pedissem a Karellen repetidas vezes para manifestar o seu ponto de vista religioso, ele limitava-se a responder que as crenças de uma pessoa eram uma questão privada, desde que não interferissem na liberdade dos outros.

No entanto, talvez as velhas fés tivessem perdurado ainda durante algumas gerações, se não fosse pela curiosidade humana. Sabia-se que os Senhores Supremos tinham acesso ao passado, e mais do que uma vez os historiadores tinham recorrido a Karellen para que resolvesse certas controvérsias imemoriais. Pode ser que ele se tenha fartado dessas perguntas, mas o mais provável é que soubesse muito bem qual seria o resultado da sua generosidade...

O instrumento que Karellen cedera, um empréstimo permanente à Fundação de História Mundial, não era nada mais do que uma televisão dotada de um complexo conjunto de comandos para a determinação de coordenadas no tempo e no espaço. Devia era estar ligada a alguma outra máquina com uma forma muito mais complexa, e que operava com base em princípios que ninguém conseguia imaginar, algures a bordo da nave deles. Mas naquele ecrã só era preciso ajustar os comandos para que se abrisse uma janela para o passado. Quase toda a história humana dos últimos cinco mil anos tornava-se assim acessível num instante. Épocas anteriores a isso a máquina já não conseguia aceder, e em todas as eras havia desconcertantes períodos em branco. Estes tanto podiam ter causas naturais ou podiam ser fruto de uma censura deliberada dos Senhores Supremos.

Embora sempre tivesse sido óbvio, para qualquer mente racional, que *todas* as escrituras religiosas do mundo não poderiam ser verdade, o choque foi, mesmo assim, profundo. Aqui estava uma revelação que ninguém podia duvidar ou negar: aqui, vistas através da misteriosa magia da ciência dos Senhores Supremos, estavam as verdadeiras origens de todas as grandes fés do mundo. A maior parte delas era nobre e inspiradora. Mas isso não bastava. Em apenas alguns dias, todos os numerosos messias da humanidade tinham perdido o seu caráter divino sob a luz incisiva e impassível da verdade. As religiões que tinham sustentado milhões de pessoas durante dois mil anos desapareciam como o orvalho da manhã. Todo o bem e todo o mal que tinham causado foram subitamente varridos para o passado, onde não voltaria a influenciar as mentes dos homens.

A humanidade perdera os seus deuses ancestrais: já tinha idade suficiente para não precisar de arranjar outros.

Embora poucas pessoas se dessem conta, a queda das religiões tinha sido acompanhada por um declínio da ciência. Havia técnicos mais que suficiente, mas poucos trabalhavam na extensão das fronteiras do conhecimento humano. A curiosidade persistia, e havia tempo para perder com ela, mas o ânimo pelas pesquisas científicas fundamentais desaparecera. Parecia inútil passar uma vida inteira a pesquisar por segredos que os Senhores Supremos já tinham desvendado séculos antes.

Esse declínio tinha sido, em parte, disfarçado por um imenso florescimento das ciências descritivas, tais como a zoologia, a botânica e a astronomia observacional. Nunca houvera tantos cientistas amadores a compilar factos simplesmente por interesse pessoal. O que havia eram menos teóricos que os correlacionassem.

O fim das lutas e dos conflitos de todos os tipos resultara também, na quase extinção da arte criativa. Havia milhares de artistas, amadores e profissionais, mas na última geração não tinha aparecido nenhuma obra realmente nova que se destacasse. Fosse ela na literatura, música, pintura ou escultura. O mundo ainda vivia das glórias de um passado que não voltaria.

Ninguém parecia muito preocupado com isso, com a exceção de alguns filósofos. A raça humana estava demasiado focada em saborear a sua recém-descoberta liberdade, para conseguir ver para lá dos prazeres do presente. A Utopia, por fim, tinha chegado. A atração do novo não tinha sido, ainda, assaltada pelo inimigo supremo de todas as Utopias: o tédio.

Quem sabe, talvez os Senhores Supremos tivessem uma resposta também para isso. Já que tinham soluções para todos os outros problemas. Ninguém sabia. Como tampouco se soubera, desde que os Senhores Supremos tinham chegado à Terra, qual era o seu objetivo final. A humanidade passara a confiar neles e a aceitar, sem perguntas, o altruísmo sobre-humano que mantivera Karellen e os seus companheiros afastados das suas casas durante tanto tempo.

Isto se, de facto, fosse altruísmo. A verdade é que ainda havia alguns que se perguntavam se as políticas dos Senhores Supremos continuariam a coincidir para sempre, com o verdadeiro bem-estar da humanidade.

7

Os convites enviados por Rupert Boyce para a sua festa percorreram uma quilometragem impressionante. Para mencionar apenas a primeira dúzia de convidados: havia os Foster, de Adelaide; os Shoenberger, do Haiti; os Farran, de Stalingrado; os Moravia, de Cincinnati; os Ivanko, de Paris; e os Sullivan, mais ou menos na vizinhança da Ilha de Páscoa, a uns quatro quilómetros, no meio do Oceano Pacífico. Foi uma consagração para Rupert o facto de que, embora tivesse convidado apenas trinta pessoas, mais de quarenta comparecessem... mais ou menos a proporção que ele esperava. Apenas os Krause o deixaram na mão, e isto porque se esqueceram da Linha Internacional de Data e chegaram com vinte e quatro horas de atraso.

Por volta do meio-dia, uma imponente coleção de carros voadores acumulara-se no estacionamento. Os que chegavam depois tinham de andar uma boa distância depois de encontrarem um bom local de aterragem. Pelo menos parecia uma boa distância, sob o céu claro e com o mercúrio a marcar os quarenta e três graus centígrados. Os veículos ali reunidos iam desde os Flitterbugs individuais até aos Cadillacs de tamanho familiar, que mais pareciam palácios aéreos do que máquinas voadoras práticas. Nesta época, porém, não se podia deduzir nada a respeito do status social dos convidados observando os seus meios de transporte.

– Mas que tão casa *feia* – disse Jean Morrel, enquanto seu Meteor descia, em espiral. – Parece uma caixa que foi pisada por cima.

George Greggson, que tinha uma aversão antiquada pelas aterragens automáticas, reajustou as definições da taxa de descida antes de responder.

– Não é muito justo criticar a casa deste ponto de vista – respondeu, com sensatez. – Vista do chão pode ser bem diferente. Ah, meu Deus!

– O que foi?

– Os Foster estão cá. Aquele esquema de cores reconhece-se em qualquer lado.

– Bem, não precisas de falar com eles, se não quiseres. É uma das vantagens das festas do Rupert: podes sempre esconder-te no meio da multidão.

George escolheu um sítio de aterragem e dirigiu-se resolutamente até lá. Planaram até descer cuidadosamente entre outro Meteor e alguma coisa que nenhum dos dois foi capaz de identificar. «Parece muito rápido,» pensou Jean «e muito desconfortável. Deve ser de um dos amigos técnicos do Rupert,» concluiu ela. «Provavelmente construído pelo próprio.» Ela tinha uma ideia de que havia uma lei contra esse tipo de coisas.

Assim que saíram do carro, o calor atingiu-os como uma chama de um maçarico. Parecia que lhes sugava a humidade do corpo, e George ficou a ponto de achar que sentia a pele a rachar. É claro que isso era em parte culpa deles. Tinham saído do Alasca há três horas atrás, e deviam ter-se lembrado de ajustar a temperatura da cabine de acordo.

– Que raio de lugar para se viver! – comentou Jean, ofegante. – Pensei que este clima fosse controlado.

– E é mesmo – respondeu George. – Antigamente, isto era tudo deserto. Olha agora. Anda. Lá dentro vai estar fresquinho!

A voz de Rupert, um pouco amplificada, trovejou, com bom humor, nos seus ouvidos. O anfitrião estava parado ao lado do carro com um copo em cada mão, olhando-os de cima para baixo, com uma expressão maliciosa. Olhava-os dessa maneira pela simples razão de que tinha quase quatro metros de altura. Além disso, era semitransparente. Era possível ver através do seu corpo sem muita dificuldade.

– Mas que bela maneira de receber os teus convidados! – protestou George. Tentou pegar nas bebidas, que pareciam estar ao seu alcance. Mas a sua mão, é claro, atravessou-as. – Espero que tenhas algo mais substancial para nós quando chegarmos aí!

– Não se preocupem! – riu Rupert. – É só fazer o pedido agora, que estará pronto quando chegarem.

– Duas cervejas grandes, geladas com ar líquido – respondeu prontamente George. – Vá, estamos quase aí.

Rupert concordou, colocou um dos copos numa mesa invisível, ajustou uns botões igualmente invisíveis e, de repente, desapareceu da sua frente.

– Bem! – disse Jean. – É a primeira vez que vejo uma dessas engenhocas em ação. Como é que será que o Rupert arranjou uma? Pensei que só os

Senhores Supremos é que as tinham.

– Já alguma vez viste o Rupert a *não* conseguir o que quer? – replicou George.

– É o brinquedo perfeito para ele. Pode ficar confortavelmente sentado no seu escritório enquanto dá uma voltinha a metade de África. Sem calor, nem insetos, nem cansaço, e sempre com o frigorífico ao seu lado. Imagino o que é que o Stanley e o Livingstone teriam pensado disto.

O Sol impediu que continuassem a conversa até chegarem à casa. À medida que se aproximavam da porta da frente (que não era muito fácil de distinguir da restante parede de vidro), ela abriu-se de modo automático, com um toque de trombetas. Jean imaginou, corretamente, que antes do fim da festa já estaria enjoada até a medula de tanto ouvir trombetas.

A actual Sra. Boyce recebeu-os num hall de entrada deliciosamente fresco. Ela que era, em bom rigor, a principal razão para a presença de tantos convidados. Talvez metade deles tivesse vindo na mesma só para ver a casa nova de Rupert. Mas os indecisos tinham concluído que valia a pena a visita só por causa dos relatos a respeito da nova esposa de Rupert.

Havia apenas um adjetivo que a descrevia com justiça: desconcertante. Mesmo num mundo onde a beleza era quase lugar-comum, qualquer homem virava a cabeça quando ela entrava numa sala. Teria, supôs George, um quarto de sangue negro. As suas feições eram praticamente helénicas, e o cabelo comprido e lustroso. Apenas a textura rica e morena de sua pele, que só podia ser descrita pela tão abusada palavra «chocolate», revelava a sua ascendência mestiça.

– Vocês são a Jean e o George, certo? – perguntou ela, estendendo-lhes a sua mão. – É um prazer conhecer-vos. O Rupert está a fazer alguma coisa complicada com as bebidas. Venham, vou apresentar-vos aos outros convidados.

Tinha uma agradável voz de contralto, que fazia arrepios ao longo das costas de George, como se alguém estivesse a tocar flauta com a sua espinha. Ele olhou aflito para Jean, que se esforçava para exibir um sorriso um tanto ou quanto artificial, e, enfim, recuperou a voz.

– É... é um grande prazer conhecê-la – disse ele, com uma voz que lhe falhava. – Estávamos ansiosos por esta festa.

– O Rupert dá *sempre* festas maravilhosas – interveio Jean. Pela maneira com que destacou o «sempre», dava para perceber logo no que é que estava

a pensar. «De todas as vezes que ele se casa». George corou ligeiramente e atirou um olhar de repreensão a Jean, mas não havia sinal de que a anfitriã se tivesse apercebido da farpa. Na verdade, ela foi a simpatia em pessoa, enquanto os conduzia até à sala principal, já meio cheia com um grupo bem representativo dos vários amigos de Rupert. O próprio Rupert estava sentado numa consola de qualquer coisa que lhes parecia ser uma unidade de controlo de um engenheiro de televisão. George presumiu que fosse o aparelho que projetara aquela imagem que os recebera. Ele parecia estar ocupado a mostrar o aparelho aos convivas enquanto surpreendia mais duas visitas que acabavam de chegar ao estacionamento. Apesar da sua tarefa fez uma pausa longa o suficiente para cumprimentar Jean e George e pedir desculpas por ter entregado as bebidas deles a outra pessoa.

– Mas há muitas mais ali ao fundo – disse ele, apontando vagamente para trás com uma mão, enquanto ajustava os comandos com a outra. – Sintam-se como se estivessem em vossa casa. Vocês já conhecem a maior parte das pessoas. A Maia apresenta-vos aos outros. Fico muito contente que tenham vindo.

– E nós ficamos muito contentes com o convite – respondeu Jean, sem muita convicção. George já partira rumo ao bar e ela abriu caminho atrás dele, trocando cumprimentos com algum conhecido uma ou outra vez. Cerca de três quartos dos presentes eram completos estranhos, o que representava o estado normal das coisas numa das festas do Rupert.

– Vamos explorar – disse ela a George, depois de terem bebido alguma coisa e acenado a todos os conhecidos. – Quero dar uma olhadela pela casa.

George seguiu-a, atirando um olhar mal dissimulado por cima dos ombros na direção de Maia Boyce. Trazia na sua cara uma expressão distante que Jean não gostava nada. Era tão aborrecido que os homens fossem, fundamentalmente, polígamos. Por outro lado, se não fossem... Bom, no fim das contas, quem sabe talvez seja melhor assim.

George voltou rapidamente ao normal enquanto bisbilhotavam as maravilhas da nova residência de Rupert. A casa parecia demasiado grande só para duas pessoas, mas isso era bom, considerando as sobrecargas frequentes de gente que teria de acomodar. Haviam dois andares, o superior muito maior, de maneira que se projetava sobre o piso térreo criando sombra à sua volta. O grau de mecanização era considerável, e a cozinha era uma boa aproximação da cabine de um grande avião de passageiros.

– Pobre Ruby! – disse Jean. – Ela teria adorado esta casa.

– Pelo que ouvi dizer – respondeu George, que não simpatizava muito com a última Sra. Boyce – ela está bem feliz com o seu novo namorado australiano.

Isso era tão bem-sabido que seria difícil para Jean discordar, de modo que mudou de assunto:

– Ela é muito bonita, não é?

George estava alerta o suficiente para evitar a armadilha.

– Ah, acho que sim – respondeu ele, indiferente. – Isto é, para quem gosta de morenas, claro.

– E tu não gostas, suponho – disse Jean, amável.

– Não sejas ciumenta, querida – riu George, acariciando o seu cabelo platinado. – Vamos dar uma olhadela pela biblioteca. Em que andar é que achas que *fica*?

– Tem que ser aqui em cima. Não há mais espaço lá em baixo. Além disso, combina com o projeto geral: todos os espaços de convívio, alimentação e sono ficam no rés-do-chão. Este é o departamento de jogos e diversões... embora eu ainda ache uma loucura ter uma piscina aqui em cima.

– Deve haver alguma razão lógica para isso – disse George, experimentando abrir uma porta. – O Rupert deve ter falado com gente que percebe do assunto quando construiu esta casa. Tenho a certeza de que não ia conseguir fazer uma casa destas sozinho.

– Deves ter razão. Se ele conseguisse, a casa teria quartos sem portas, e escadas que subiam para lugar nenhum. Aliás, eu acho que tinha medo de entrar numa casa que o Rupert tivesse projetado sozinho.

– Ora aqui estamos – disse George, com o orgulho de um navegador que avistava terra. – A fabulosa Coleção Boyce no seu novo lar. Pergunto-me é quantos destes livros é que o Rupert já terá mesmo lido!

A biblioteca estendia-se por toda a largura da casa, mas estava praticamente dividida em meia dúzia de pequenos compartimentos pelas enormes estantes que a cortavam. Se a memória de George não lhe falhava, estavam ali cerca de quinze mil volumes: quase tudo o que era importante e que já fora publicado nos nebulosos campos da magia, da pesquisa psíquica, da adivinhação, da telepatia e de toda a vasta gama de fenómenos elusivos amontoados na categoria da parafísica. Era um *hobby* bastante excêntrico

para alguém cultivar nesta idade da razão. Presumia-se que fosse apenas uma modalidade particular do escapismo de Rupert.

George sentiu o cheiro no momento em que entrou na divisão. Era fraco, mas penetrante. Mais intrigante do que desagradável. Jean também reparou: a sua testa estava franzida num claro esforço de identificação. Ácido acético, pensou George, talvez fosse a coisa mais próxima. No entanto, havia mais qualquer coisa...

A biblioteca terminava num pequeno espaço aberto, grande o suficiente para uma mesa, duas cadeiras e alguns almofadões. Em teoria, era o lugar onde Rupert se dedicava à leitura. Mas já lá estava alguém, a ler sob uma luz estranhamente fraca.

Jean conteve um grito e agarrou a mão de George. A reação dela foi, de certa forma, desculpável. Uma coisa era ver uma imagem na televisão, e outra, bem diferente, deparar-se com a realidade. George, que quase nunca se surpreendia com nada, manteve a postura e mostrou-se à altura das circunstâncias.

– Espero que não o tenhamos perturbado senhor – disse educadamente. – Não fazíamos ideia que estava aqui alguém. O Rupert não avisou...

O Senhor Supremo baixou o livro, inspecionou-os com os olhos e recomeçou a leitura. Nada havia de rude naquela reação, vinda como era de uma criatura capaz de ler, falar e, ao que parece, fazer várias outras coisas ao mesmo tempo. Apesar disso, para meros espectadores humanos, a cena era perturbadoramente esquizofrénica.

– O meu nome é Rashaverak – informou o Senhor Supremo, de forma afável. – Peço desculpa por não estar a ser muito sociável, mas é muito difícil escapar da biblioteca de Rupert.

Jean conseguiu reprimir um risinho nervoso. Este companheiro de festa inesperado estava, reparou ela, a ler à velocidade de uma página a cada dois segundos. Não duvidava de que estivesse a assimilar cada palavra, e talvez até fosse capaz de ler um livro com cada olho. «E provavelmente,» pensou ela para si mesma, «até poderia aprender braile, e usar os dedos ao mesmo tempo...» A imagem mental resultante era cómica demais para ser confortável, de modo que tratou de a suprimir, entrando na conversa. Afinal de contas, não era todos os dias que surgia a oportunidade de falar com um dos senhores da Terra.

Depois de feitas as apresentações, George deixou que Jean falasse à vontade, na esperança de que ela não dissesse nada de indelicado. Tal como Jean, ele também nunca tinha visto um dos Senhores Supremos em carne e osso. Embora interagisse socialmente com autoridades do governo, cientistas e outras pessoas que trabalhavam diretamente com eles, George nunca ouvira falar de um Senhor Supremo numa festa particular corriqueira. A conclusão seria simplesmente que esta festa não era tão corriqueira como parecia. E o facto de Rupert ter na sua posse um dos equipamentos dos Senhores Supremos também dava a entender isso mesmo. George começou a perguntar-se, com letras maiúsculas, «exatamente, o que raio é que se passa aqui?» Teria que conseguir separar o Rupert de maneira a perguntar-lhe mais sobre o assunto, isto é, quando tivesse oportunidade de o arrastar para um canto.

Como as cadeiras eram pequenas demais para ele, Rashaverak estava sentado no chão. Parecia bem confortável com a sua decisão, já que ignorara as almofadas apenas a um metro de distância. Como resultado, a sua cabeça estava a uns meros dois metros do chão, e George tinha uma oportunidade única de estudar a biologia extraterrestre. Infelizmente, como sabia pouco sobre biologia terrestre, não foi muito longe. Só aquele odor ácido, peculiar e de modo algum desagradável, é que era novo para ele. Tentou imaginar como seria o cheiro dos humanos para os Senhores Supremos, esperava que fosse bom.

Rashaverak não tinha nada realmente de antropomórfico. George conseguia entender como, vistos de longe por selvagens ignorantes e apavorados, os Senhores Supremos podiam ter sido confundidos com homens alados, e assim podiam ter dado origem ao retrato convencional do Diabo. Mas assim tão próximo, parte dessa ilusão desaparecia. Os pequenos chifres («qual é que seria exatamente a função deles?» perguntou-se George) estavam fiéis à descrição, mas o corpo não era nem de um homem, nem de nenhum animal que a Terra já tivesse conhecido. Produtos de uma árvore evolucionária totalmente alienígena, os Senhores Supremos não eram nem mamíferos, nem insetos, nem répteis. Tampouco se tinha a certeza de que fossem vertebrados: a sua carapaça externa e rígida podia muito bem ser a sua única estrutura de suporte.

As asas de Rashaverak estavam dobradas, de modo que George não conseguia vê-las com clareza. A cauda, por outro lado, semelhante a um

pedaço de mangueira encouraçada, estava caprichosamente enroscada sob ele. A famosa ponta não parecia tanto uma ponta de flecha, mas sim um grande losango achatado. Ao que parece e a maioria das pessoas agora concordava com essa teoria, o seu propósito era proporcionar estabilidade no voo, tal como as penas da cauda de um pássaro. A partir de meia dúzia de factos e de suposições como estas, os cientistas concluíram que os Senhores Supremos vinham de um mundo de baixa gravidade e atmosfera muito densa.

A voz de Rupert de repente gritou, vinda de um alto-falante oculto:

– Jean! George! Onde diabos é que vocês estão escondidos? Venham mas é cá para baixo e participem na festa! As pessoas já estão a começar a comentar.

– Quem sabe, talvez seja melhor eu ir também – disse Rashaverak, recolocando o livro na prateleira. Fez isso com bastante facilidade, sem sair do chão, e George percebeu, pela primeira vez, que ele tinha dois polegares opostos, com cinco dedos entre eles. «Eu detestaria ter que fazer contas» George pensou, «num sistema de base catorze.»

Ver Rashaverak levantar-se era uma coisa impressionante, e quando o Senhor Supremo se curvou para evitar o teto, tornou-se óbvio que mesmo que estivessem ansiosos para se integrar com os humanos, haveriam muitos obstáculos práticos a ultrapassar.

Vários novos grupos de convidados tinham chegado na última meia hora, resultando agora numa sala bem cheia. A chegada de Rashaverak só piorou as coisas, todos aqueles que estavam nas salas adjacentes correram para o ver. Rupert, é claro, estava satisfeitíssimo com a comoção. Por outro lado, Jean e George sentiram-se muito menos gratificados, uma vez que ninguém reparava neles. De facto, poucas pessoas conseguiam vê-los posicionados como estavam atrás do Senhor Supremo.

– Rashy anda cá conhecer as pessoas – gritou Rupert. – Senta-te no divã. Assim não me arranhas o teto todo.

Rashaverak, com a cauda pousada por cima do ombro, atravessou a sala como um limpa-neves a abrir caminho numa tempestade. Quando se sentou ao lado de Rupert, toda a sala pareceu voltar a crescer, o que motivou um suspiro de alívio da parte de George.

– Senti-me claustrofóbico quando ele estava de pé. Nem consigo imaginar como é que o Rupert chegou até ele... parece que vamos ter uma festa

animada!

– Nem dá para acreditar! Já viste a forma como o Rupert o trata? Ainda por cima em público! Só que ele não parece estar muito importado. Isso é tudo muito estranho – comentou Jean.

– Aposto que ele se *importou*. O problema do Rupert é que gosta de se exibir; e não tem tato nenhum. O que me lembra... Algumas das perguntas que tu lhe fizeste!

– Quais?

– Bem... «Há quanto tempo é que o senhor está por aqui?» «Como é a sua relação com o Supervisor Karellen?» «Gosta de estar cá na Terra?» Francamente, querida! *Não* se fala com os Senhores Supremos dessa maneira!

– Não vejo por que não. Já estava na altura de alguém falar.

Antes que a discussão se tornasse feia, foram abordados pelos Schoenberger dando origem a uma fissão: mulheres para um lado, para discutir tudo o que sabiam sobre a Sra. Boyce; os homens foram para o outro e fizeram exatamente a mesma coisa, embora de um ponto de vista diferente. Benny Schoenberger, que era um dos amigos mais antigos de George, estava bem informado sobre o assunto.

– Por amor de Deus, não contes a ninguém – disse ele. – A Ruth não sabe nada disto, mas fui *eu* que a apresentei ao Rupert.

– Acho – comentou George, com inveja – que ela é boa demais para o Rupert. Não acho que vá durar sinceramente. Ela vai-se fartar dele. – Essa ideia pareceu alegrá-lo bastante.

– Nem penses nisso! Além de ser uma brasa, ela é uma pessoa maravilhosa. Já estava na hora de alguém tomar conta do Rupert, e ela é a miúda certa para isso.

Rupert e Maia, agora sentados ao lado de Rashaverak, recebiam os convidados com grande pompa. As festas de Rupert raramente tinham um foco, já que consistiam, quase sempre, em meia dúzia de grupos independentes, concentrados nos seus próprios assuntos. Desta vez, porém, toda a gente estava polarizada para um centro de atração.

George estava com pena de Maia. Este devia ter sido o dia dela, mas Rashaverak eclipsara-a completamente.

– Ouve – disse George, beliscando uma sanduíche. – Como diabos é que o Rupert se fez amigo de um Senhor Supremo? Nunca ouvi falar de nada

assim... Só que ele age como se fosse tudo normal. Nem sequer referiu o assunto quando nos convidou.

Benny riu-se, divertido.

– É só mais uma das surpresinhas dele. Acho melhor perguntares ao Rupert. Mas, afinal de contas, não é a primeira vez que isso acontece. Karellen já foi a festas na Casa Branca e no Palácio de Buckingham, e...

– Bolas, mas *isto* é diferente! O Rupert é um cidadão comum.

– E quem sabe, se calhar o Rashaverak é um Senhor Supremo de nível inferior. Mas é melhor perguntares-lhes a eles.

– Vou fazer isso – disse George – assim que apanhar o Rupert sozinho.

– Então vais ter que esperar um bom bocado.

Benny tinha razão, mas, como a festa estava a aquecer, era fácil ter paciência. A ligeira paralisia que o aparecimento de Rashaverak lançara sobre a multidão já tinha desaparecido. Havia ainda um pequeno grupo em torno do Senhor Supremo, mas, no resto da sala já se verificava a fragmentação do costume. Todos se comportavam de maneira bastante natural. Sullivan, por exemplo, descrevia a sua última pesquisa submarina a um público interessado.

– Ainda não temos certeza – dizia ele – sobre o tamanho exato a que podem chegar. Há lá um desfiladeiro, não muito longe da nossa base, onde mora um gigante de verdade. Eu vi-o de relance uma vez, e diria que os tentáculos abertos cobrem quase trinta metros. Vou atrás dele para a semana que vem. Alguém quer um bicho de estimação bem original?

Uma das mulheres soltou um gritinho de horror.

– Argh! Fico arrepiada só de pensar nisso! O senhor deve ser muito corajoso.

Sullivan pareceu bastante surpreso:

– Nunca pensei nisso. É claro que tomo todas as precauções necessárias, mas nunca corri perigo de verdade. As lulas sabem que não me podem comer e, desde que eu não me aproxime demasiado, elas nem prestam atenção. A maior parte das criaturas marinhas não incomoda as pessoas, a não ser quem se mete com elas.

– Mas, com certeza – alguém perguntou – mais cedo ou mais tarde, vais acabar por encontrar alguma que te acha apetitoso?

– Ah – replicou Sullivan, alegre – isso acontece de vez em quando. Mas eu tento não magoar os bichinhos. Ao final do dia o que eu quero é fazer

amigos. Por isso em caso de perigo limito-me a colocar os jatos na potência máxima e, quase sempre, a costa fica livre em um ou dois minutos. Se estiver ocupado demais para parar e brincar, posso dar-lhes um choque de duzentos volts. Isso resolve tudo e nunca mais me chateiam.

Não havia dúvida de que se conhecia gente interessante nas festas de Rupert, pensou George, enquanto seguia para o próximo grupo.

O gosto literário de Rupert podia ser especializado, mas as suas amizades eram bem variadas. Sem se dar ao trabalho de virar a cabeça, George conseguia ver um famoso produtor de cinema, um poeta menor, um matemático, dois atores, um engenheiro atómico, um guarda-florestal, o editor de um semanário, um estatístico do Banco Mundial, um violinista virtuoso, um professor de arqueologia e um astrofísico. Não havia nenhum outro representante da sua própria profissão, designer de estúdios de televisão; o que era bom, ele não queria ter que pensar em trabalho. Amava a sua profissão e, de facto, nesta era, pela primeira vez na história humana, ninguém trabalhava em algo de que não gostasse. No entanto, George ficava satisfeito em poder trancar as portas do escritório mentalmente ao final do dia.

Conseguiu, por fim, encurralar Rupert na cozinha, enquanto ele fazia experiências com bebidas. Parecia uma pena trazê-lo de volta à Terra quando tinha uma expressão tão distante nos olhos, mas George sabia ser implacável quando era preciso.

– Ouve lá, Rupert – começou sentando-se na mesa mais próxima – acho que nos deves a todos uma explicação.

– Ah – disse Rupert, pensativo, passando a língua pelos lábios. – Tem só um pouquinho de gin a mais, acho eu.

– Não desvies o assunto e não finjas que não estás sóbrio, porque eu sei muito bem que estás. De onde é que veio este teu amigo Supremo, e o que é que ele está a fazer aqui?

– Não te contei? – disse Rupert. – Pensei que tinha explicado a todos. Tu não devias estar por lá... Ah, claro, estavam-se a esconder na biblioteca. – E riu-se de uma maneira que George achou ofensiva. – Foi a biblioteca, sabes? Foi isso que trouxe o Rashy até aqui.

– Que coisa espantosa!

– Porquê?

George ficou em silêncio durante um tempo, percebendo que a situação requeria tato. Rupert tinha muito orgulho na sua coleção singular.

– Eh... bem, quando pensas em tudo o que os Senhores Supremos sabem sobre ciência, é difícil imaginar que se interessem por fenómenos psíquicos e absurdos desse tipo.

– Absurdos ou não – respondeu Rupert – eles estão interessados na psicologia humana, e eu tenho livros que lhes podem ensinar muita coisa sobre o assunto. Pouco antes de me mudar para cá, um dos Senhor Subssupremos, ou um Subssenhor Supremo Assistente, entrou em contato comigo e perguntou se eu lhes podia emprestar uns cinquenta dos meus volumes mais raros. Parece que um dos curadores da Biblioteca do Museu Britânico lhe deu o meu nome. É claro que já sabes o que é que eu respondi.

– Não posso nem imaginar.

– Bem, respondi, de forma bastante educada, que tinha levado vinte anos a construir esta biblioteca. Que eles eram muito bem-vindos quando quisessem vir examinar os livros, *mas* que de maneira alguma aceito tirá-los daqui. Até que o Rashy apareceu por cá e tem sorvido uns vinte volumes por dia. Adoraria saber a opinião dele sobre o que tem lido.

George pensou no assunto, mas encolheu os ombros, com clara aversão.

– Sinceramente – disse ele – a minha opinião a respeito dos Senhores Supremos caiu. Achei que tivessem coisas melhores para fazer.

– Tu és um materialista incurável, não és? Acho que a Jean não concordaria nem um bocadinho. Só que, mesmo do teu ponto de vista tão cheio de pragmatismo, a coisa ainda faz sentido. É claro que tu irias estudar as superstições de qualquer raça primitiva com que estivesses a contactar!

– Pois é, isso acho que sim – disse George, não muito convencido. O tampo da mesa era duro a ponto de incomodar, de modo que se levantou. Rupert já estava satisfeito com a mistura das bebidas e dirigiu-se de volta aos seus convidados. Já se podiam ouvir vozes queixosas, exigindo sua presença.

– Ei! – protestou George. – Antes que te vás embora, mais uma pergunta: como é que conseguiste arranjar aquela engenhoca de televisão bidirecional com que nos tentaste assustar?

– Foi apenas uma pequena negociação. Expliquei-lhes como é que algo assim poderia ser útil para um trabalho como o meu, e o Rashy levou a sugestão às autoridades competentes.

– Desculpa a minha ignorância, mas qual é o teu novo trabalho mesmo? Suponho, é claro, que tenha a ver com animais.

– Isso mesmo. Sou um veterinário-supervisor. Os meus pacientes cobrem uns dez mil quilómetros quadrados de selva. E já que eles nem sempre me vêm procurar, eu é que preciso ir atrás deles.

– Isso é que é um trabalho a tempo inteiro.

– Ah, é claro que não seria prático preocupar-me com a raia miúda. Só com os leões, elefantes, rinocerontes e assim por diante. Todas as manhãs ajusto os comandos para uma altura de cem metros, sento-me à frente do ecrã e saio em patrulha pelo meu território. Quando encontro alguém com problemas, entro no carro voador e espero que a minha cara de médico funcione. Às vezes, é um bocado complicado. Os leões e assim é fácil... mas tentar espetar um dardo anestésico num rinoceronte no ar, dá um trabalho dos diabos.

– *Rupert*! – gritou alguém na sala contígua.

– Olha só o que fizeste! Até me esqueci dos convidados. Ali, pega naquela bandeja. São os vermutes. Não quero misturar com estes.

Foi pouco antes do pôr do Sol que George descobriu o caminho para o telhado. Por uma série de excelentes razões, tinha uma ligeira dor de cabeça e queria fugir do barulho e da confusão lá em baixo. Jean, que dançava muito melhor do que ele, ainda parecia estar a divertir-se e consequentemente recusava-se a ir embora. Isso aborreceu George, que começava-se a sentir alcoolicamente amoroso, pelo que decidiu amuar em silêncio sob as estrelas.

Para chegar ao telhado tinha que usar uma escada rolante até ao primeiro andar e depois ainda subia uma escada em espiral que girava à volta da entrada do ar-condicionado. Isto levava-o através de um alçapão, para aquela ampla laje que criava a sombra. O carro voador de Rupert estava estacionado numa das pontas. A área central era um jardim, onde as plantas já começavam a crescer de maneira selvagem, e o resto não passava de uma plataforma de observação com algumas espreguiçadeiras. George deixou-se cair numa delas e avaliou os arredores com um olhar imperial. Sentia-se exatamente como o soberano de tudo o que estava à sua volta.

Era, para dizer o mínimo, uma senhora vista. A casa de Rupert fora construída na borda de uma grande depressão, que descia em direção a Este até se juntar aos pantanais e lagos a cinco quilómetros de distância. Para

Oeste, a terra era plana e a selva chegava quase à porta dos fundos de Rupert. Depois da selva, porém, a uma distância que devia ser de pelo menos cinquenta quilómetros, estendia-se uma serra, as montanhas como uma grande muralha, até desaparecer de vista, a Norte e a Sul.

Os picos estavam raiados de neve e as nuvens mais acima transformavam-se em fogo à medida que o Sol descia, nos últimos minutos da sua viagem diária. Contemplando aqueles baluartes remotos, George ficou tão impressionado ao ponto de se sentir subitamente sóbrio.

As estrelas que saltaram à vista com uma pressa indecente no momento em que o Sol se pôs, eram completamente estranhas para George. Procurou pelo Cruzeiro do Sul, mas sem sucesso. Embora soubesse muito pouco de astronomia e soubesse reconhecer apenas algumas constelações, a ausência das familiares amigas era perturbadora. Tal como também eram os ruídos que vinham da selva, tão próximos a ponto de incomodar. «Chega deste ar fresco», pensou George. «Vou voltar para a festa antes que um morcego-vampiro ou outra coisa pouco agradável me venha investigar.»

Mal começara a caminhar de volta quando outro convidado emergiu do alçapão. Agora estava tão escuro que George não conseguia ver quem era, de modo que gritou:

– Olá. Também está farto da festa?

O seu companheiro invisível riu.

– O Rupert está a começar a mostrar os filmes dele. Já os vi todos antes.

– Aceita um cigarro? – perguntou George.

– Obrigado.

À luz da chama do isqueiro (George, que adorava essas antiguidades), conseguiu agora reconhecer o seu colega de festa, um jovem negro muito atraente, cujo nome lhe fora dito, mas que George esquecera no mesmo minuto. Como de resto fizera com o de vinte outros completos estranhos que estavam lá em baixo. No entanto, parecia haver algo de familiar nele e, de súbito, George adivinhou o que era:

– Creio que não fomos realmente apresentados, mas você não é o novo cunhado do Rupert?

– Isso mesmo. Jan Rodricks. Toda a gente me diz que a Maia e eu somos muito parecidos.

George ficou em dúvida se devia dar-lhe os parabéns ou os pêsames pelo parente recém-adquirido. Resolveu deixar o pobre coitado descobrir

sozinho. Afinal, mesmo que improvável, era possível que Rupert desta vez sossegasse.

– George Greggson. É a primeira vez que vem a uma das famosas festas do Rupert?

– É. Fico mesmo a conhecer um monte de gente nova assim.

– E aparentemente não apenas humanos – acrescentou George. – Foi a primeira vez que tive algum contato social com um Senhor Supremo.

O outro hesitou por um momento antes de responder, e George queria saber em que ponto sensível é que teria tocado. A resposta, porém, não lhe revelou nada.

– Também nunca tinha visto um. Exceto na televisão, claro.

Aí a conversa definhou, e, após um momento, George percebeu que Jan queria ficar sozinho. De qualquer forma estava a ficar frio, pelo que se despediu e voltou para a festa.

A selva agora estava tranquila. Enquanto Jan se encostava à parede curva da entrada de ar, o único som que se podia ouvir era o suave murmúrio da casa enquanto respirava através dos seus pulmões mecânicos. Sentia-se extremamente só, que era tal e qual como desejava estar. Mas também se sentia extremamente frustrado. E isso era algo que não desejava de maneira nenhuma.

8

Nenhuma Utopia jamais poderá trazer total satisfação a toda a gente durante o tempo todo. À medida que as condições materiais melhoram, os homens aumentam as suas expectativas. Tornam-se descontentes com os poderes e posses que, antes, pareciam estar para lá dos seus sonhos mais distantes. E, mesmo quando o mundo exterior lhes tiver concedido tudo o que é possível, ainda permanecem as inquirições da mente e os anseios do coração.

Jan Rodricks, embora raramente apreciasse a sua sorte, teria ficado ainda mais descontente numa era anterior. Um século antes a sua cor teria sido uma tremenda desvantagem, talvez até impossível de suportar. Hoje, não significava rigorosamente nada. A forçosa reação que dera aos negros do início do século XXI uma ligeira sensação de superioridade, já desaparecera. A útil palavra «preto» não era um tabu na sociedade civilizada, mas sim usada sem constrangimento por todos. Não continha mais teor emocional do que outros rótulos como republicano ou metodista, conservador ou liberal.

O pai de Jan fora um escocês encantador, embora um tanto displicente, que obtivera uma fama considerável como mágico profissional. A sua morte prematura, aos quarenta e cinco anos, fora agravada pelo consumo excessivo do produto mais famoso de seu país. E embora Jan nunca tivesse visto o pai bêbado, não tinha a certeza se algum dia o tinha visto sóbrio.

A Sra. Rodricks, ainda bem viva, ensinava teoria avançada das probabilidades na Universidade de Edimburgo. Era típico da extrema mobilidade do século XXI que a Sra. Rodricks, de pele negra escura, tivesse nascido na Escócia, enquanto o seu marido, expatriado e loiro, tivesse passado quase toda a vida no Haiti. Maia e Jan nunca tiveram uma casa fixa, mas viveram saltitando entre as famílias dos pais como duas pequenas penas. Fora uma educação divertida, mas não ajudara a corrigir a instabilidade que ambos herdaram do pai.

Aos vinte e sete anos, Jan ainda tinha vários anos de vida universitária pela frente até que precisasse de pensar numa carreira a sério. Fizera a licenciatura sem dificuldade nenhuma, seguindo um currículo que pareceria muito estranho um século antes. As suas áreas de foco tinham sido a matemática e a física, mas estudara, como matérias auxiliares, filosofia e apreciação musical. Mesmo para os altos padrões da época, ele era um pianista amador de primeira linha. Em três anos, faria o doutoramento em física aplicada à engenharia, com astronomia como segundo diploma. Isso exigiria uma boa dose de trabalho duro, mas Jan até gostava. Estudava no que talvez fosse a instituição de ensino superior mais bem situada do mundo: a Universidade da Cidade do Cabo, aninhada aos pés da *Table Mountain*.

Não tinha preocupações materiais, mas mesmo assim estava insatisfeito e não via nenhuma saída para a sua condição. Para piorar as coisas, a própria felicidade de Maia, embora Jan não se ressentisse dela de maneira alguma, tinha salientado a principal causa dos seus próprios problemas.

Jan ainda sofria da ilusão romântica, causa de tanto sofrimento e de tanta poesia, de que todas as pessoas têm apenas um verdadeiro amor na sua vida. Já numa idade atipicamente tardia, apaixonara-se pela primeira vez por uma mulher mais conhecida pela beleza do que pela lealdade. Rosita Tisen gostava de dizer, e até era verdade, que tinha o sangue dos imperadores manchus a correr-lhe pelas veias. Tal como os seus antepassados, Rosita ainda tinha muitos súbditos, incluindo a maior parte da Faculdade de Ciências do Cabo. Jan fora aprisionado pela sua delicada beleza floral, e o namoro avançara bastante causando um final ainda mais amargo. Jan não conseguia perceber o que é que tinha corrido mal...

É claro que ele ultrapassara a situação. Outros homens sobreviviam a catástrofes parecidas sem danos irreparáveis, até chegavam à fase em que conseguiam dizer: «Tenho a certeza de que nunca conseguiria sentir alguma *coisa* a sério por uma mulher daquelas!» Este desapego, porém, ainda se encontrava num futuro distante, e, naquele momento, Jan estava infeliz com a sua vida.

O seu outro grande motivo de descontentamento era ainda menos fácil de remediar, pois tratava-se do impacto dos Senhores Supremos sobre as suas próprias ambições. Jan era um romântico não apenas no coração, mas também na mente. Como tantos outros jovens, desde que a conquista do ar

fora assegurada, deixara que os seus sonhos e que a sua imaginação passeassem pelos mares inexplorados do espaço.

Um século antes, o Homem pusera um pé na escada que poderia levá-los às estrelas. E, nesse exato momento (seria uma coincidência?), a porta para os planetas fechara-se na sua cara. Os Senhores Supremos tinham imposto poucas proibições absolutas a qualquer forma da atividade humana (as guerras sendo, talvez, a grande exceção), mas a pesquisa espacial tinha praticamente cessado. O desafio apresentado pela ciência dos Senhores Supremos era grande demais. Pelo menos naquele momento, a humanidade perdera o ânimo e dedicara-se a outras áreas. Não fazia sentido desenhar foguetes quando os Senhores Supremos tinham meios de propulsão infinitamente superiores, baseados em princípios dos quais nunca nos davam pistas nenhumas.

Algumas centenas de homens tinham visitado a Lua, com o objetivo de estabelecer um observatório lunar. Tinham viajado como passageiros numa pequena nave, emprestada pelos Senhores Supremos... e impelida por foguetes. Era óbvio que pouco se poderia aprender através do estudo daquele veículo primitivo, mesmo que os seus proprietários o entregassem, sem restrições, aos curiosos cientistas terrestres.

O ser humano ainda era, por conseguinte, um prisioneiro no seu próprio planeta. Era um planeta muito mais agradável, mas muito menor do que fora um século antes. Quando os Senhores Supremos aboliram a guerra, a fome e as doenças, aboliram também a aventura.

A Lua, em ascensão, começava a pintar o céu oriental com um ténue brilho leitoso. Lá em cima, Jan sabia, ficava a base principal dos Senhores Supremos, dentro dos contrafortes de Platão. Embora as naves de abastecimento provavelmente estivessem a ir e vir há mais de setenta anos, fora apenas na época de Jan que qualquer secretismo fora abandonado e elas realizavam as suas descolagens claramente à vista da Terra. No telescópio de duzentas polegadas, as sombras das grandes naves podiam ser vistas com nitidez quando o Sol da manhã, ou do fim da tarde, as projetava por quilómetros sobre as planícies lunares. Como tudo o que os Senhores Supremos faziam era de enorme interesse para a humanidade, as suas idas e vindas eram acompanhadas com atenção. Começava a surgir um padrão para o seu comportamento (embora não se soubessem ainda as suas razões). Uma daquelas grandes sombras desaparecera há algumas horas. Isso

significava, Jan sabia, que em algum sítio perto da Lua uma nave dos Senhores Supremos repousava no espaço, levando a cabo qualquer que fosse a rotina necessária antes de começar a viagem para a sua origem distante e desconhecida.

Jan nunca conseguira ver uma dessas naves que regressava a lançar-se em direção às estrelas. Se as condições estivessem boas, a cena seria visível para metade do mundo, mas Jan nunca tivera sorte. Nunca se sabia exatamente quando seria o momento da partida; e os Senhores Supremos também não o anunciavam. Decidiu esperar mais dez minutos e só depois regressar à festa.

O que era aquilo? Apenas um meteoro deslizando através de Eridanus. Jan relaxou, descobriu que o cigarro tinha acabado e acendeu outro. Já ia a meio quando, a meio milhão de quilómetros, o impulso estelar foi acionado. Acima do centro da lua que se espalhava, uma minúscula centelha começou a subir em direção ao zénite. Ao princípio, o seu movimento era tão lento que mal se percebia, mas ganhava velocidade a cada segundo que passava. À medida que subia, aumentava o brilho, até que, de repente, desapareceu. Um minuto depois, reapareceu, ganhando velocidade e brilho. Avivando-se e extinguindo-se com um ritmo peculiar, subia cada vez mais rápido no céu, traçando uma linha de luz flutuante entre as estrelas. Mesmo que Jan não soubesse a que distância estava aquele objeto, a impressão de velocidade era arrebatadora. Quando se tinha conhecimento de que a nave que partia estava algures acima da Lua, a mente ficava pasmada perante a velocidade e energia envolvidas.

Jan tinha consciência de que o que estava a ver era um subproduto insignificante dessas energias. A nave em si estava invisível, já muito à frente da luz ascendente. Da mesma forma que um jato em voo a grande altitude deixa um rasto de vapor para trás, a nave dos Senhores Supremos que agora partia, deixava a sua própria esteira peculiar. A teoria geralmente aceite (e parecia haver pouca dúvida sobre a sua veracidade) era de que a imensa aceleração do impulso estelar provocava uma distorção local do espaço. O que Jan estava a ver, não era nada mais do que a luz das estrelas distantes, reunindo e concentrando o seu olhar nos pontos em que as condições fossem favoráveis ao longo do rasto. Era uma prova clara da relatividade: a curvatura da luz na presença de um gigantesco campo gravitacional.

E agora, aquela ponta de uma vasta lente, tão fina como um bico de um lápis, parecia estar a mexer-se mais devagar. Mas isso era apenas uma questão de perspetiva. Na realidade, a nave ainda ganhava velocidade: o seu caminho parecia-lhe era mais comprimindo à medida que ela se arremessava rumo às estrelas. Jan sabia que muitos telescópios a estariam a acompanhar. Eram os cientistas da Terra a tentar descobrir os segredos do seu impulso. Dezenas de artigos já tinham sido publicados sobre o assunto. Certamente que os Senhores Supremos os teriam lido com o maior interesse.

A luz fantasma começava agora a desvanecer-se. Apenas se via um risco que definhava, apontando para o centro da constelação de Carina, tal como Jan sabia que ia fazer. O planeta dos Senhores Supremos deveria ficar algures por ali, mas poderia orbitar qualquer uma entre milhares de estrelas naquele setor do espaço. Os seres humanos não tinham sequer como saber a que distância ficava do Sistema Solar.

Tudo terminara. Embora a nave mal tivesse começado sua viagem, não sobrava mais nada que os olhos humanos conseguissem ver. Na mente de Jan, porém, a memória da esteira luminosa ainda estava acesa, um farol que nunca enfraqueceria enquanto ele tivesse ambições e desejos.

A festa tinha acabado. Quase todos os convidados voltavam aos céus e partiam agora para os seus respetivos quatro cantos do globo. Havia, porém, algumas exceções.

Uma era Norman Dodsworth, o poeta, que se embriagara de maneira violenta, mas que fora sensato o suficiente para perder a consciência antes que alguma medida violenta se tornasse necessária. Alguém o depositara, não com muita delicadeza, no meio da relva, onde se esperava que uma hiena lhe proporcionasse um despertar animado. Por conseguinte, para todos os fins práticos, podia ser considerado ausente.

Outros dos convidados restantes eram George e Jean. O que não tinha sido decisão do George, de maneira nenhuma. Ele queria ir para casa. Desaprovava daquela amizade entre Rupert e Jean, mas não pelos motivos do costume. George orgulhava-se de ser uma pessoa prática e equilibrada, e considerava o interesse que unia Jean e Rupert como não apenas infantil, nesta era da ciência, mas também doentio. Parecia-lhe incrível que alguém ainda desse crédito à paranormalidade, e encontrar Rashaverak na festa abalara a sua fé nos Senhores Supremos.

Tornava-se agora óbvio que Rupert tinha uma surpresa planeada, provavelmente com a conivência de Jean. George resignou-se, pessimista, a qualquer que fosse a parvoíce que estava para vir.

– Experimentei todo o tipo de coisas antes de me decidir por *isto* – disse Rupert, orgulhoso. – O grande problema é reduzir a fricção, de modo a conseguir uma liberdade completa de movimentos. O esquema do copo na mesa encerada que se usava antigamente não é mau, só que há séculos que não muda e eu tinha a certeza de que a ciência moderna conseguia fazer melhor. E aqui está o resultado. Tragam as cadeiras. Tem a certeza mesmo que não quer experimentar, Rashy?

O Senhor Supremo pareceu hesitar por uma fração de segundo, mas logo sacudiu a cabeça. «Teriam aprendido esse gesto na Terra?», perguntou-se George.

– Não, obrigado – respondeu ele. – Prefiro observar. Fica para a próxima, quem sabe.

– Muito bem, vai ter bastante tempo para mudar de ideias.

«Ai, vai?», pensou George, olhando pessimista para o relógio.

O Rupert reunira os amigos restantes à volta de uma mesa, pequena mas pesada, e com uma forma perfeitamente circular. Tinha um tampo de plástico, que ele levantou de modo a revelar um mar cintilante de rolamentos esféricos, apinhados em cima uns dos outros. A borda ligeiramente erguida da mesa impedia que escapassem, e George não conseguia sequer imaginar a sua finalidade. As centenas de pontos de luz refletidas nestas esferas formavam um padrão fascinante e hipnótico; George sentiu que estava até a ficar um pouco tonto. Enquanto traziam as cadeiras, Rupert apalpou por baixo da mesa e tirou de lá um disco com dez centímetros de diâmetro e que colocou sobre a superfície das esferas.

– Aqui está! – disse ele. – Coloquem os dedos em cima disto. Vão ver que ele vai andar para lá e para cá, sem resistência nenhuma.

George observou o dispositivo com uma profunda desconfiança. Notou que as letras do alfabeto estavam dispostas a intervalos regulares, embora desordenadamente, ao redor da circunferência da mesa. Além disso, havia os números de um a nove, espalhados ao acaso entre as letras, e duas placas com as palavras «sim» e «não». As placas estavam em lados opostos da mesa.

– Para mim, isto parece-me tudo um monte de parvoíces místicas – resmungou. – Fico espantado como é que alguém ainda leva isto a sério, hoje em dia.

Depois deste leve protesto sentiu-se um bocadinho melhor. Tinha sido dirigido tanto a Jean como a Rupert. Ele não alegava ter mais do que um interesse científico neutro nesses fenómenos. Tinha a mente aberta, mas não era crédulo. Jean, por outro lado... bem, às vezes George preocupava-se um bocado. Ela parecia acreditar genuinamente que havia algo de real nessas coisas da telepatia e da segunda visão.

Só depois de ter feito o seu comentário é que George realizou que também estava a implicar uma crítica a Rashaverak. Nervoso, deu uma olhadela à sua volta, mas o Senhor Supremo não demonstrava qualquer tipo de reação. O que, é claro, não provava nada.

Já todos tinham assumido as suas posições. No sentido dos ponteiros do relógio, à volta da mesa estavam Rupert, Maia, Jan, Jean, George e Benny Schoenberger. Já Ruth Schoenberger ficara sentada fora do círculo, com um caderno. Ao que parecia ela tinha algum tipo de objeção em tomar parte neste tipo de procedimentos, o que levou Benny a mandar algumas indiretas sobre gente que ainda levava o Talmude a sério. No entanto, ela parecia perfeitamente à vontade para assumir o papel de secretária.

– Agora, ouçam – começou Rupert. – Para os céticos como o George, vamos deixar claro: quer haja ou não algo de sobrenatural, *isto funciona*. Pessoalmente, acho que há uma explicação cem por cento mecânica. Quando colocamos as mãos em cima do disco, mesmo que tentemos evitar influenciar os movimentos, o nosso subconsciente começa a brincar connosco. Analisei várias destas sessões e nunca consegui respostas que alguém do grupo não soubesse ou não fosse capaz de adivinhar, embora às vezes não tivesse consciência desse facto. No entanto, gostaria de levar a cabo uma experiência nestas... circunstâncias peculiares.

A «circunstância peculiar» observava-os em silêncio, embora, sem dúvida, não com indiferença. George perguntava-se exatamente o que é que Rashaverak achava de toda esta palhaçada. Seriam as suas intenções as mesmas que as de um antropólogo, que assistia a algum ritual religioso primitivo? A situação, como um todo, era extremamente insólita, e George nunca se sentira tão idiota em toda a sua vida.

Se os outros se sentiam da mesma forma, escondiam bem as suas emoções. Apenas Jean parecia vermelha e agitada, embora isso pudesse perfeitamente ser por causa da bebida.

– Todos prontos? – perguntou Rupert. – Muito bem. – Fez uma pausa para causar impacto e, em seguida, dirigindo-se a ninguém em especial, perguntou em voz alta: – Está alguém aí?

George conseguia sentir o disco por baixo dos seus dedos a tremer ligeiramente. Não era de espantar, considerando a pressão exercida sobre ele pelas seis pessoas no círculo. Deslizou um pouco, desenhando um oito, e, de seguida, voltou a parar no centro.

– Está alguém aí? – repetiu Rupert. E num tom de voz mais coloquial, acrescentou: – É normal que demore uns dez ou quinze minutos até começar. Mas, às vezes...

– Shiu! – fez Jean.

O disco estava-se a mexer. Começou por oscilar num grande arco entre as placas rotuladas «sim» e «não». Com alguma dificuldade, George conteve o riso. «O que é que tudo aquilo provaria», indagou-se, «caso a resposta fosse "não"?» Lembrou-se da velha piada: «Não está aqui ninguém senhor, só nós as galinhas...»

Todavia, a resposta foi «sim». O disco voltou rapidamente para o centro da mesa. Mas de certa forma parecia vivo, como se aguardasse a próxima pergunta. A contragosto, George começou a ficar impressionado.

– Quem é que aí está? – perguntou Rupert.

Já não havia qualquer hesitação enquanto as letras eram soletradas. O disco disparava sobre a mesa como um objeto senciente, movendo-se tão rápido que George, às vezes, tinha dificuldade em manter os dedos em contato. Podia jurar que não estava a contribuir para o movimento. Olhando de relance à volta da mesa, não conseguiu ver nada de suspeito na cara dos seus amigos. Pareciam tão concentrados, e tão curiosos, como ele.

– SOUTODOS – soletrou o disco, e voltou ao seu ponto de equilíbrio.

– «Sou todos» – repetiu Rupert. – É uma resposta típica. Evasiva, mas estimulante. Deve querer dizer que não há nada aqui, exceto as nossas mentes combinadas. – Fez uma pausa momentânea, deixando claro que estava a tentar decidir qual seria a sua próxima pergunta. Depois acrescentou, dirigindo-se mais uma vez ao ar:

– Tem uma mensagem para alguém aqui?

– NÃO – respondeu o disco, de imediato. Rupert olhou à volta da mesa.

– A bola está do nosso lado. Às vezes, ele dá informações sem ninguém as pedir, mas desta vez vamos ter que fazer perguntas precisas. Alguém quer começar?

– Vai chover amanhã? – perguntou George, por brincadeira. De imediato, o disco começou a oscilar de lá para cá sobre a linha do sim-não.

– Foi uma pergunta parva – repreendeu Rupert. – É claro que vai chover em *alguns sítios*, mas noutros não. Não façam perguntas com respostas ambíguas.

George sentiu-se devidamente repreendido. Decidiu deixar que outra pessoa fizesse a próxima pergunta.

– Qual é a minha cor preferida? – perguntou Maia.

– AZUL – foi a resposta imediata.

– Corretíssimo.

– Só que isso não prova nada. Pelo menos três pessoas aqui sabem isso – observou George.

– Qual a cor favorita da Ruth? – perguntou Benny.

– VERMELHO.

– Está certo, Ruth?

A secretária levantou os olhos do caderno.

– Sim, é isso. Só que o Benny também sabe isso e ele está no círculo.

– Eu não sabia – respondeu Benny.

– Pois, mas devias. Eu já te disse montes de vezes.

– Memória subconsciente – murmurou Rupert. – Isso acontece sempre. Mas será que alguém pode fazer alguma pergunta mais inteligente? Agora que começámos tão bem, não quero perder o embalo.

Curiosamente, a própria trivialidade do fenómeno estava a começar a impressionar o George. Tinha certeza de que não havia nenhuma explicação sobrenatural: como Rupert dissera, o disco limitava-se a reagir aos movimentos musculares inconscientes deles. Mas esse facto em si já era surpreendente e impressionante por si só. Ele nunca teria acreditado que se pudessem obter respostas tão rápidas e precisas. Uma vez tentou ver se conseguia influenciar a mesa, fazendo-a soletrar o seu próprio nome. Conseguiu um «G», mas só isso. O resto chegou tudo trocado. Era praticamente impossível, concluiu, que uma só pessoa assumisse o controlo sem que o restante círculo soubesse.

Depois de meia hora, Ruth anotara mais de uma dúzia de mensagens, algumas delas bem longas. Apareciam alguns erros de ortografia e bizarrias gramaticais, mas eram raros. Qualquer que fosse a explicação, George já se convencera de que não contribuíra de maneira consciente para os resultados. Diversas vezes, quando uma palavra estava a ser soletrada, ele antecipara a próxima letra e, em consequência, o significado da mensagem. Em cada uma dessas ocasiões, o disco adotara uma direção completamente inesperada e soletrara algo completamente diferente. E visto que não havia pausa para indicar o final de uma palavra e o início da seguinte, algumas vezes, de facto, a mensagem parecia não fazer sentido até ser concluída e a Ruth a ler em voz alta.

A experiência como um todo deu a George uma perturbadora sensação de estar em contato com alguma mente autónoma e determinada. Mas mesmo assim, não havia nenhuma prova conclusiva num sentido ou no outro. As respostas eram demasiado triviais e ambíguas. O que é que, por exemplo, se podia tirar de:

ACREDITEMNOHOMEMANATUREZAESTACOMVOCES

Mesmo assim, às vezes havia indicações de verdades profundas. Até perturbadoras:

LEMBREMSEOHOMEMNAOESTASOZINHO
PERTODOHOMEMESTAANAÇAODEOUTROS

Mas é claro que todos sabiam disso. Mas poderiam ter a certeza de que a mensagem se referia apenas aos Senhores Supremos? George estava a ficar com sono. «Está mais do que na hora», pensou, «de irmos para casa.» Tudo isto era muito intrigante, mas não levava a lado nenhum e já se estava a tornar repetitivo. Olhou à volta da mesa. Benny parecia estar a sentir-se da mesma forma, Maia e Rupert tinham os olhos ligeiramente vidrados, e Jean... bem, ela tinha levado a coisa demasiado a sério o tempo todo. A expressão dela preocupava-o; era quase como se estivesse com medo de parar... e, ao mesmo tempo, com medo de continuar.

Sobrava apenas Jan. George perguntava-se o que é que ele acharia das excentricidades do cunhado. O jovem engenheiro não fizera nenhuma pergunta, nem demonstrara nenhuma surpresa perante qualquer uma das respostas. Parecia estar a estudar o movimento do disco, como se fosse apenas mais um fenómeno científico.

Subitamente Rupert pareceu acordar da letargia em que tinha caído.

– Vamos fazer só mais uma pergunta e, depois, encerramos o dia. Perguntas tu, Jan? Ainda não perguntaste nada.

Para surpresa de George, Jan não hesitou. Era como se tivesse decidido há muito tempo atrás e estivesse à espera desta oportunidade. Olhou, de relance, para o vulto impassível de Rashaverak e perguntou numa voz clara e firme:

– Qual das estrelas é o sol dos Senhores Supremos?

Rupert conteve um assobio de surpresa. Maia e Benny não mostraram reação absolutamente nenhuma. Jean fechara os olhos e parecia adormecida. Rashaverak inclinara-se para a frente, de modo a poder olhar para dentro do círculo, por cima do ombro de Rupert.

O disco começou-se a mover.

Quando voltou à posição de repouso, houve uma breve pausa, até que Ruth perguntou com uma voz intrigada:

– O que é que significa NGS 549672?

Mas ela não obteve nenhuma resposta. Nesse preciso instante, George gritou aflito:

– Ajudem-me com a Jean. Acho que desmaiou.

9

– Este homem, Rupert Boyce – disse Karellen. – Conta-me tudo sobre ele.

É claro que o Supervisor não usou realmente essas palavras, e os pensamentos que expressou foram muito mais subtis. Um ouvinte humano teria ouvido apenas uma curta rajada de sons modulados em alta velocidade, semelhante a um transmissor morse a uma velocidade demasiado rápida. Embora tivessem sido gravadas diversas amostras da língua dos Senhores Supremos, todas elas desafiavam qualquer tipo de análise, devido à sua extrema complexidade. Como se não bastasse, a velocidade de transmissão garantia que nenhum intérprete, mesmo que dominasse todos os elementos da língua, jamais poderia acompanhar um dos Senhores Supremos nas suas conversas normais.

O Supervisor da Terra estava de costas para Rashaverak, fitando o outro lado do abismo multicolorido do Grand Canyon. A dez quilómetros dali, ainda ocultadas pela distância, as paredes em terraço captavam o Sol em toda a sua plenitude. Descendo centenas de metros pela encosta sombreada em cuja borda Karellen estava, um grupo de mulas serpenteava devagar no seu caminho até às profundezas do vale. Era estranho, pensou Karellen, que tantos seres humanos ainda aproveitassem a mais pequena oportunidade que tivessem para adotar um comportamento primitivo. Se quisessem, podiam chegar ao fundo do *canyon* numa fração do tempo e com muito mais conforto. No entanto, preferiam ser achocalhados ao longo de trilhos que deviam ser tão inseguros como pareciam.

Karellen fez um gesto impercetível com a mão. O grandioso panorama desapareceu de vista, deixando apenas a claridade vaga de uma profundeza indefinida. As realidades do cargo e da sua posição voltavam a pressionar o Supervisor.

– Rupert Boyce é uma figura um tanto ou quanto bizarra – respondeu Rashaverak. – Profissionalmente, encarrega-se do bem-estar animal numa

secção importante da principal reserva africana. É bastante eficiente e importa-se genuinamente com o seu trabalho. Como precisa de manter uma vigilância constante sobre milhares de quilómetros quadrados, ele tem um dos quinze visores panorâmicos que emprestámos aos humanos, com as salvaguardas normais, claro. Aliás, ele tem o único com capacidade plena de projeção. Deu-nos um bom motivo para isso, de modo que nós permitimos.

– Qual foi a alegação dele?

– Queria aparecer aos diversos animais selvagens, de modo a que se habituassem a vê-lo e não o atacassem quando fisicamente estivesse presente. A teoria tem funcionado muito bem com animais que se guiam pela visão e não pelo olfato... embora eu acredite que ele vai acabar morto, mais cedo ou mais tarde. E, é claro, há outro motivo pelo qual o deixámos ficar com o aparelho.

– Torná-lo mais cooperativo?

– Exato. Entrei em contacto com ele, no início, porque possui uma das melhores bibliotecas do mundo de parapsicologia e assuntos afins. De modo educado, mas firme, recusou-se a emprestar qualquer um deles. Assim sendo não tive outra opção que não fosse visitá-lo. Já li cerca de metade dos livros da biblioteca. Tem sido uma grande provação.

– Pois isso consigo facilmente acreditar – disse Karellen, secamente. – E descobriste alguma coisa no meio dessas parvoíces todas?

– Sim. Onze casos claros de evolução parcial, e vinte e sete outros prováveis. Mas o material é tão seletivo que não é possível usá-lo para fins de amostragem. E os indícios estão muito confundidos com misticismo, talvez a principal aberração da mente humana.

– E qual é a postura do Boyce para com tudo isto?

– Tenta passar a imagem de ter a mente aberta e ser cético, mas está claro que nunca teria gastado tanto tempo e esforço neste campo se não tivesse alguma fé subconsciente. Eu perguntei-lhe diretamente sobre isso e ele admitiu que eu devia estar certo. Ele gostava de conseguir encontrar alguma prova convincente. É por isso que está sempre a fazer estas experiências, mesmo que finja que são apenas jogos.

– Tens a certeza de que ele não suspeita que o teu interesse é mais do que académico?

– Absoluta. Sob muitos aspetos, Rupert Boyce é tremendamente obtuso e simplório. O que torna as suas tentativas de pesquisar este campo bastante patéticas. Não há necessidade de qualquer medida especial no que lhe diz respeito.

– Entendo. E sobre a rapariga que desmaiou?

– Esse é o aspeto mais interessante de todo este caso. Jean Morrel foi quase de certeza o canal de onde vieram as informações. Mas ela já tem vinte e seis anos: velha demais para ser um contacto primário, a julgar por toda a nossa experiência prévia. Por isso deve ter sido alguém muito ligado a ela. A conclusão é óbvia. Não vamos ter muitos mais anos de espera. Precisamos de a transferir para a Categoria Púrpura: é possível que ela seja o ser humano vivo mais importante.

– Vou fazer isso mesmo. E sobre o rapaz que fez a pergunta? Foi uma curiosidade ao acaso, ou existe algum outro motivo?

– Ele apareceu por acaso, a irmã acabou de se casar com Rupert Boyce. Não conhecia nenhum dos outros convidados. Estou certo de que a pergunta não foi premeditada, sendo inspirada pelas circunstâncias incomuns... e, pelos vistos, pela minha presença. Dados esses fatores, não é de surpreender que tenha agido dessa maneira. O grande interesse dele é a astronáutica: é secretário do grupo de viagens espaciais da Universidade da Cidade do Cabo e, obviamente, pretende fazer desse campo a área de estudos da sua vida.

– Deve ter uma carreira interessante. Entretanto, que atitude é que achas que ele vai tomar, e o que é que devemos fazer a esse respeito?

– Com certeza vai fazer algumas verificações, assim que puder. Mas não há como provar a veracidade da informação. E, por causa da sua origem peculiar, é muito improvável que as publique. Mesmo que o faça, será que isso afeta as coisas de alguma forma?

– Vou mandar avaliar ambas as situações – respondeu Karellen.

– Embora seja parte da nossa diretiva não revelar a nossa base, não vejo como é que a informação possa ser usada contra nós.

– Concordo. Jan Rodricks tem apenas um dado de veracidade duvidosa e sem valor prático.

– Assim parece – disse Karellen. – Mas não quero que fiquemos tão seguros. Os seres humanos são notavelmente engenhosos e muito persistentes. Nunca é seguro subestimá-los. Será muito interessante

acompanhar a carreira do Sr. Rodricks. Mas preciso de pensar mais sobre este assunto.

*

Rupert Boyce nunca chegou realmente ao fundo da questão. Quando os seus convidados partiram, com muito menos tumulto do que era costume, ele, zeloso, empurrara a mesa de volta para o seu canto. A leve neblina mental provocada pelo álcool impediu qualquer análise profunda do que ocorrera. Os próprios factos reais estavam já um tanto ou quanto borrados. Tinha uma ideia não muito nítida de que alguma coisa de grande, mas elusiva importância acontecera. Estava em dúvida se deveria discutir isso com Rashaverak. Mas pensando melhor, concluiu que poderia ser indelicado. Afinal de contas fora o seu cunhado que causara o problema e Rupert até estava um pouco chateado com o jovem Jan. Mas será que fora culpa do Jan? Fora culpa de alguém? Sentindo-se em falta, Rupert lembrou-se de que tinha sido a sua experiência. Por isso decidiu, com razoável convicção, esquecer a situação toda.

Quem sabe talvez até pudesse ter feito alguma coisa se a última página do caderno de Ruth tivesse sido encontrada, mas com a confusão a folha desaparecera. Jan sempre alegara inocência... e, bem, ninguém se arriscaria a acusar Rashaverak. Nenhum deles se conseguia lembrar exatamente o que é que fora soletrado, apenas que parecia não fazer sentido nenhum...

*

A pessoa mais afetada fora George Greggson. Não conseguia esquecer a sensação de terror que sentiu quando a Jean lhe caiu nos braços. O súbito desamparo da sua companheira tranformara-a, num instante, de uma companhia animada num objeto de ternura e afeto. Desde tempos imemoriais que as mulheres desmaiavam (nem sempre sem planeamento prévio), e os homens reagiam sempre da mesma maneira. O colapso de Jean fora totalmente espontâneo, mas não podia ter sido melhor calculado. Naquele segundo, como George se apercebeu mais tarde, ele chegara a uma das mais importantes decisões da sua vida. Sem dúvida que Jean era a pessoa que mais importava, a despeito das suas ideias esquisitas ou dos seus amigos mais estranhos ainda. Não tinha qualquer intenção de abandonar totalmente a Naomi, ou a Joy, a Elsa ou... como é que ela se *chamava*?...

Denise. Mas estava na hora de algo mais estável. Não tinha dúvidas de que Jean concordaria com ele. Os sentimentos dela eram bastante óbvios desde o início.

Por trás da sua decisão, havia ainda outro fator que ele nem desconfiava. A experiência daquela noite enfraquecera o seu desprezo e ceticismo pelos interesses peculiares de Jean. Embora nunca o fosse reconhecer abertamente, não deixava de ser verdade. E fora isso que removera a última barreira entre os dois.

Olhou para Jean enquanto ela repousava, pálida, mas serena, no banco reclinável do carro aéreo. Lá em baixo, havia a escuridão; acima, as estrelas. George não sabia, com mais precisão do que mil quilómetros, onde é que poderiam estar. Nem se importava. Isso era trabalho do robô que os levava para casa e os aterraria, conforme anunciava o painel de controlo, daqui a cinquenta e sete minutos.

Jean sorriu para George e, suavemente, desalojou a sua mão da dele.

– Deixa a circulação voltar, pelo menos – pediu ela, esfregando os dedos. – Gostava que acreditasses em mim quando digo que estou perfeitamente bem agora.

– Então, mas o que é que achas que aconteceu? Deves-te lembrar de *alguma coisa*.

– Não... é simplesmente um vazio total. Ouvi Jan a fazer a pergunta dele… e depois vocês todos estavam a fazer uma tempestade num copo de água à minha volta. Tenho a certeza que foi alguma espécie de transe. Afinal...

Fez uma pausa, mas decidiu não contar a George que este tipo de coisas já lhe acontecera antes. Sabia qual era a opinião dele sobre estas questões e não queria deixá-lo mais preocupado do que ele já estava... e, quem sabe, afastá-lo de vez.

– Afinal... o quê? – perguntou George.

– Ah, nada. Imagino o que é que aquele Senhor Supremo terá pensado daquilo tudo. Acho que lhe demos mais material do que ele esperava.

Jean sentiu um leve arrepio e seus olhos ficaram nublados.

– Tenho medo dos Senhores Supremos, George. Ah, não quero dizer que eles sejam maus, ou nada que se pareça. Tenho a certeza que eles têm boas intenções e que estão a fazer o que acham melhor para toda a gente. Só me pergunto, quais é que serão os planos deles de verdade?

George remexeu-se, desconfortável e disse:

– As pessoas têm-se perguntado *isso* desde o dia em que eles chegaram à Terra. Mas também já sabemos que não nos vão contar nada até estarem prontos. Honestamente, eu não estou curioso. Além disso, tenho coisas mais importantes com que me preocupar. – Voltou-se para Jean e agarrou nas mãos dela.

– E se fossemos até ao cartório amanhã e assinássemos um compromisso de casamento por... digamos... cinco anos?

Jean olhou intensamente para ele e decidiu que, no geral, gostava do que via.

– É melhor serem dez – respondeu ela.

*

Jan deu tempo ao tempo. Não havia pressa e ele queria pensar. Era quase como se estivesse com medo de fazer qualquer verificação, receando que a esperança fantástica que lhe viera à mente fosse destruída pela rapidez. Enquanto ainda vivesse na incerteza, podia pelo menos sonhar.

Além disso, para tomar qualquer medida nesse sentido, teria de falar com a bibliotecária do Observatório. Ela conhecia-o e aos seus interesses demasiado bem, e como tal, ficaria intrigada com o seu pedido. Não deveria fazer nenhuma diferença, mas Jan estava decidido a não deixar nada ao acaso. Haveria uma oportunidade melhor na próxima semana. Sabia que estava a ser supercauteloso, mas isso acrescentava um entusiasmo juvenil aquela aventura. Além disso, Jan temia o ridículo tanto quanto qualquer outra coisa que os Senhores Supremos pudessem fazer para o impedir. Se de facto estivesse à caça de ilusões, ninguém mais precisava de saber.

Tinha uma razão perfeitamente aceitável para ir a Londres; os preparativos tinham sido feitos há semanas. Embora fosse jovem demais e pouco qualificado para ser um representante, era um dos três estudantes que tinha conseguido entrar na delegação oficial que iria à assembleia da União Astronómica Internacional. As reservas estavam feitas, e seria uma pena desperdiçar a oportunidade. Afinal, já não visitava Londres desde a sua infância. Sabia que entre as dezenas de artigos que iam ser apresentados à UAI, pouquíssimos teriam um interesse objetivo para ele, mesmo que fosse capaz de entendê-los. Como qualquer delegado num congresso científico, assistiria às conferências que lhe pareciam mais promissoras e passaria o

resto do tempo à conversa com outros entusiastas ou, simplesmente, a fazer turismo.

Londres sofrera uma enorme transformação nos últimos cinquenta anos. Hoje em dia, mal continha dois milhões de pessoas, mas cem vezes mais máquinas. Não era um grande porto. Como cada país produzia quase tudo o que precisava, todos os padrões de comércio internacional foram alterados. Ainda havia produtos que certos países faziam melhor, mas eram transportados diretamente pelo ar até aos seus destinatários. As rotas comerciais que outrora convergiam para os grandes portos e, mais tarde, para os grandes aeroportos, tinham-se dispersado numa intricada teia que cobria o mundo inteiro. Já não existiam pontos de convergência mais importantes.

Todavia, algumas coisas não tinham mudado. A cidade ainda era um centro administrativo, artístico e educativo. Nessas áreas, nenhuma das capitais da Europa podia competir com Londres. Nem mesmo Paris, a despeito das muitas afirmações em contrário. Até um londrino que vivesse há um século atrás se saberia orientar na cidade sem dificuldades, pelo menos no centro. Havia pontes novas sobre o Tamisa, mas nos mesmos sítios. As estações ferroviárias enormes e sujas tinham desaparecido, banidas para os subúrbios. Já as Casas do Parlamento, continuavam inalteradas. O olho solitário de Nelson continuava a fitar Whitehall. E embora houvessem edifícios mais altos para desafiar sua preeminência, a cúpula de São Paulo ainda se erguia sobre Ludgate Hill.

A guarda continuava a marchar em frente ao Palácio de Buckingham.

Todas estas coisas, pensou Jan, podiam esperar. Estavam na altura das férias, e ele estava alojado, com os seus dois colegas, num dos albergues da Universidade. Bloomsbury também não mudara as suas características no último século: ainda era uma ilha de hotéis e pensões, embora já não se acotovelassem com tanta intensidade, nem formassem fileiras tão idênticas e intermináveis de tijolos revestidos de fuligem.

Só no segundo dia do Congresso é que Jan conseguiu uma oportunidade. Os principais artigos estavam a ser discutidos na sala de reuniões grande do Centro de Ciências, não longe do Concert Hall que tanto contribuíra para fazer de Londres a metrópole musical do mundo. Jan queria ouvir a primeira conferência do dia, que, segundo os boatos, derrubaria completamente a teoria atual sobre a formação dos planetas.

Talvez derrubasse, mas Jan percebera muito pouco até ao momento em que saiu, depois do intervalo. Desceu apressadamente até ao diretório do edifício e procurou as divisões que desejava.

Algum funcionário público com sentido de humor colocara a Real Sociedade de Astronomia no último andar do edifício principal, um gesto que os membros do Conselho apreciaram com gratidão, uma vez que lhes dava uma vista magnífica para a outra margem do Tamisa e de toda a parte norte da cidade. Não havia ninguém à volta, mas Jan, agarrando ao seu cartão de sócio como se fosse um passaporte, só para o caso de ser questionado, não teve dificuldade em encontrar a biblioteca.

Demorou quase uma hora até aprender a manipular os grandes catálogos estelares e encontrar o que procurava, entre aquelas milhões de entradas. Tremia um bocado quando se aproximou do fim da sua busca, mas estava feliz que não estivesse lá mais ninguém para se aperceber do seu nervosismo.

Colocou o catálogo de volta na prateleira e ficou sentado, quieto, durante bastante tempo. Contemplava cegamente a parede de livros à sua frente. Em seguida, dirigiu-se sem pressa para os corredores silenciosos, passou pelo escritório do funcionário (já lá estava alguém agora, ocupado a abrir caixas de livros) e desceu a escada. Evitou o elevador, queria sentir-se livre e desimpedido. Havia outra conferência que gostaria de ter assistido, mas agora já não importava.

Os seus pensamentos ainda estavam num turbilhão quando passou para o passeio à beira-rio. Deixou que os seus olhos acompanhassem o Tamisa na sua marcha lenta até ao mar. Era difícil para uma pessoa com a sua formação em ciência ortodoxa aceitar o indício que tinha agora em mãos. Nunca teria a certeza da sua veracidade, mas a probabilidade era esmagadora. Passeando lentamente ao lado do muro ribeirinho, reviu os factos, um por um.

Facto um: ninguém na festa de Rupert poderia ter imaginado que ele iria fazer aquela pergunta. Ele próprio não sabia. Fora uma reação espontânea às circunstâncias. Por conseguinte, ninguém podia ter preparado uma resposta, ou já tê-la adormecida na sua mente.

Facto dois: «NGS 549672» não queria dizer nada a ninguém, exceto a um astrónomo. Embora o grande Levantamento Geográfico Nacional tivesse sido concluído meio século antes, a sua existência era conhecida apenas por

alguns milhares de especialistas. E, pegando num número qualquer à sorte, ninguém poderia ter dito em que região do céu ficava aquela estrela específica.

No entanto – e este era o facto número três, o tal que só agora é que ele descobrira – a pequena e insignificante estrela conhecida como NGS 549672 estava precisamente no lugar certo. Ficava no coração da constelação de Carina, no fim da esteira brilhante que o próprio Jan vira tão recentemente, indicando um caminho para lá do Sistema Solar e através das profundezas do espaço.

Era uma coincidência impossível. A NGS 549672 tinha que ser o sistema natal dos Senhores Supremos. Só que aceitar esse facto violava todas as ideias sobre o método científico em que Jan acreditava. «Muito bem, que sejam violadas.» Teria que aceitar o facto de que, de alguma forma, a fantástica experiência de Rupert tinha acedido uma fonte de conhecimento até agora ignorada.

Rashaverak? Essa parecia ser a explicação mais provável. O Senhor Supremo não estivera no círculo, mas isso era um pormenor de menor importância. Jan não estava preocupado com o mecanismo da parafísica, apenas com a aplicação dos seus resultados.

Muito pouco se sabia sobre a NGS 549672. Nunca houvera nada que a distinguisse de um milhão de outras estrelas. No entanto, o catálogo fornecia a sua magnitude, as suas coordenadas e tipo espectral. Jan teria que pesquisar um bocado mais e fazer alguns cálculos simples. Mas com isso saberia, pelo menos aproximadamente, a que distância é que o mundo dos Senhores Supremos estava da Terra.

Devagarinho, enquanto se afastava do Tamisa de volta para a fachada branquíssima do Centro de Ciências, deixou que um sorriso se espalhasse pelo seu rosto. Conhecimento era poder... e Jan era o único homem na Terra que sabia a origem dos Senhores Supremos. Como usaria esse conhecimento, ainda não fazia ideia. Ficaria armazenado em segurança dentro da sua cabeça. Dormente, à espera do momento certo.

10

A raça humana continuou a deleitar-se na longa e ensolarada tarde de verão de toda aquela paz e prosperidade. Voltaria a haver um inverno? Era impensável. A Idade da Razão, prematuramente acolhida pelos líderes da Revolução Francesa dois séculos e meio antes, agora chegara efetivamente. Desta vez não havia enganos.

É claro que houve algumas desvantagens, embora fossem aceites de boa vontade. Era preciso ser muito velho, de facto, para que alguém se apercebesse que os jornais e as notícias televisivas em cada residência, eram a definição do tédio. Longe estava a época das crises que outrora geravam manchetes garrafais. Não havia assassinatos misteriosos para deixar a polícia perplexa e despertar num milhão de corações a indignação moral que muitas vezes não passava de inveja reprimida. Os poucos assassinatos que aconteciam nunca eram misteriosos: bastava apenas rodar um botão... e o crime era reconstituído. A existência de instrumentos capazes dessas façanhas causara, a princípio, um pânico considerável entre as pessoas. Até para aquelas que se consideravam cumpridoras da lei. Isso era algo que não fora antecipado pelos Senhores Supremos, apesar de terem dominado quase, mas não todos, os aspetos da psicologia humana. Foi preciso deixar perfeitamente claro que nenhum bisbilhoteiro seria capaz de espiar os seus pares, e que os pouquíssimos instrumentos em mãos humanas ficariam sob estrito controlo. O projetor de Rupert Boyce, por exemplo, não podia funcionar para lá dos limites da Reserva, de modo que apenas ele e a Maia eram as únicas pessoas dentro do seu alcance.

Mesmo os poucos crimes sérios que ocorriam não ganhavam atenção especial da imprensa. Afinal de contas, pessoas bem-educadas não se interessavam em ler sobre as *gafes* dos outros.

A semana de trabalho média tinha agora cerca de vinte horas... mas essas vinte horas não eram fáceis. Restava pouco trabalho de caráter rotineiro, mecânico. A mente dos homens era valiosa demais para ser desperdiçada

em tarefas que podiam ser feitas por alguns milhares de transístores, algumas células fotoelétricas e um metro cúbico de circuitos impressos. Havia fábricas que funcionavam durante semanas sem a visita de um único ser humano. Os homens eram necessários para resolver problemas, para tomar decisões, para planear novos empreendimentos. Os robôs podiam fazer o resto.

A existência de tanto lazer teria criado enormes problemas um século antes. Contudo, o ensino superara a maior parte deles. Uma mente bem formada está a salvo do tédio. O padrão geral de cultura chegara a um nível que outrora teria parecido fantástico. Não havia indícios de que a inteligência da raça humana tivesse aumentado, mas pela primeira vez, todos recebiam as mais completas oportunidades para usar o cérebro que tinham.

A maioria das pessoas mantinha duas residências, em partes amplamente dispares do mundo. Agora que as regiões polares se tornaram acessíveis, uma fração considerável da raça humana oscilava entre o Ártico e a Antártida em intervalos semestrais, numa busca constante pelo longo verão polar desprovido de noites. Outros humanos tinham ido para os desertos, subido montanhas ou, até, entrado no mar. Não havia lugar nenhum no planeta onde a ciência e a tecnologia não pudessem fornecer um lar confortável, caso a pessoa realmente quisesse.

Alguns dos domicílios mais excêntricos proporcionavam as poucas notícias empolgantes. Até na sociedade mais bem organizada existem acidentes. Quem sabe, talvez até fosse um bom sinal. Isto é, que as pessoas achassem que valia a pena arriscar o pescoço e, às vezes, parti-lo, para ter uma aconchegante casa de campo por baixo do cume do Everest, ou para poder olhar pela janela através do borrifar constante das cataratas Vitória. Como resultado, estava sempre alguém a ser resgatado de algum sítio. Tornara-se uma espécie de jogo, quase um desporto planetário.

As pessoas podiam dar-se a estes caprichos, tinham tanto tempo como dinheiro para isso. A abolição das forças armadas tinha, de um momento para o outro, quase que redobrado a riqueza efetiva do mundo. O aumento da produção fizera o resto. Como resultado, era difícil comparar o padrão de vida do homem do século XXI com o de qualquer um dos seus antepassados. Era tudo tão barato que as necessidades básicas da vida eram gratuitas, oferecidas como serviço público pela comunidade tal como as

estradas, a água, a iluminação pública e os esgotos eram fornecidos antigamente. Uma pessoa podia viajar até onde quisesse e comer o que lhe apetecesse... sem nunca tirar dinheiro do bolso. Ganhara esse direito por ser um membro produtivo da comunidade.

Havia, claro, alguns preguiçosos, mas o número de pessoas com a força de vontade necessária para se abandonar a uma vida de completa de inatividade era muito menor do que em geral se suporia. Sustentar esses parasitas era um fardo consideravelmente menor do que manter os exércitos de picas, vendedores de lojas, caixas de bancos, corretores e assim por diante, cuja principal função, quando se olhava para a questão do ponto de vista global, era transferir itens de uma coluna para outra.

Alguém estimara que quase um quarto da atividade total dos seres humanos, era agora dedicada a desportos de vários tipos. Abrangendo desde ocupações tão sedentárias como o xadrez, até às práticas letais, como planar de skis em vales montanhosos. Um resultado inesperado disso foi a extinção dos atletas profissionais. Havia um excesso de amadores extremamente dotados e as condições económicas alteradas tornaram o velho sistema obsoleto.

Depois do desporto, o entretenimento, em todas as suas variedades, era o maior setor da economia. Durante mais do que um século, muita gente acreditou que Hollywood era o centro do mundo. E a verdade é que agora podiam defender essa tese melhor do que nunca. Ainda assim, era possível dizer com relativa certeza, que a maior parte das produções da década de 2050 teriam parecido incompreensivelmente cerebrais na década de 1950. Tinha havido algum progresso: a bilheteira já não era soberana sobre tudo o que se via.

Contudo, no meio de todas estas distrações de um planeta que parecia estar a caminho de se transformar num gigantesco parque de diversões, havia os que ainda tinham tempo para repetir uma velha pergunta que nunca fora respondida:

«*E a partir daqui, para onde é que vamos?*»

11

Jan apoiou-se no elefante e pousou as suas mãos sobre aquela pele áspera como uma casca de árvore. Olhou para aquelas enormes presas e para a tromba curva, apreendida pela habilidade do taxidermista num momento de desafio ou saudação. «Que criaturas ainda mais estranhas» pensou, «vindas de que mundos ainda desconhecidos, é que um dia olhariam para este exilado da Terra?»

– Quantos animais é que já mandaste para os Senhores Supremos? – perguntou a Rupert.

– Mais de cinquenta, embora, é claro, este seja o maior. É magnífico, não é? A maioria dos outros eram pequenos: borboletas, cobras, macacos e assim por diante. Mas consegui um hipopótamo no ano passado.

Jan deu um sorrisinho irónico.

– É uma ideia mórbida, mas imagino que a esta altura, eles também já lá tenham um belo grupo empalhado de *Homo Sapiens* na coleção. Pergunto-me, quem é que terá tido essa honra?

– És capaz de ter razão – respondeu Rupert, um tanto indiferente. – Seria fácil de arranjar nos hospitais.

– O que aconteceria – prosseguiu Jan, pensativo – se alguém se oferecesse para ir como um espécime *vivo*? Supondo que houvesse garantia de retorno, claro.

Rupert riu-se, embora com simpatia.

– Estás-te a oferecer? Queres que ligue ao Rashaverak?

Jan pensou sobre a ideia com algo próximo da seriedade durante uns instantes. Mas abanou a cabeça.

– Hmm... não. Estava só a pensar em voz alta. Tenho certeza que não me iam querer. A propósito, tens visto o Rashaverak ultimamente?

– Ele ligou-me há umas seis semanas atrás. Tinha acabado de encontrar um livro que eu estava à procura. Foi muito simpático da parte dele.

Jan contornou lentamente o monstro empalhado, admirando a perícia que o congelara para sempre neste instante de maior vigor.

– Chegaste a descobrir o que é que ele estava à procura? Quero dizer, parece-me tão difícil conciliar a ciência dos Senhores Supremos com um interesse no oculto.

Rupert olhou para Jan com uma certa suspeita, imaginando se o cunhado estaria a fazer pouco do de seu passatempo.

– A explicação dele pareceu-me boa. Como antropólogo, estava interessado em todos os aspetos da nossa cultura. Lembra-te que eles têm tempo de sobra. Podem aprofundar-se mais do que qualquer investigador humano. Ler a minha biblioteca toda não deve ter exigido mais do que um pequeno esforço para o Rashy.

Talvez essa fosse a resposta, mas Jan não estava convencido.

Já pensara algumas vezes em confiar o seu segredo o Rupert, mas a sua precaução natural deteve-o. Quando se voltasse a encontrar com o seu amigo Rashaverak, Rupert ia acabar por deixar escapar alguma coisa. A tentação seria grande demais.

– Aliás – disse Rupert, mudando radicalmente de assunto – se tu achas que *este* é um trabalho grande, devias ver a encomenda que o Sullivan recebeu. Acho que se comprometeu a entregar as duas maiores criaturas de todas: um cachalote e uma lula-gigante. Vão ser exibidas abraçadas, num combate mortal. Um autêntico quadro vivo que *vão* formar!

Durante uns momentos, Jan ficou em silêncio. A ideia que explodira na sua cabeça era chocante demais, fantástica demais para ser levada a sério. No entanto, devido à sua própria ousadia, até poderia ter sucesso.

– O que se passa? – perguntou Rupert, preocupado. – O calor está-te a afetar?

Jan sacudiu a cabeça, forçando-se a voltar à realidade do presente e respondeu:

– Estou bem. Estava só a imaginar como é que os Senhores Supremos vão fazer para transportar uma encomenda destas.

– Ah – respondeu Rupert – vão mandar uma dessas naves de carga que eles têm até cá abaixo. Depois abrem uma escotilha e içam tudo lá para dentro.

– Foi exatamente o que pensei – disse Jan.

*

Poderia ser a cabine de uma nave espacial, mas não era. As paredes estavam cobertas de medidores e instrumentos. Não haviam janelas, apenas um ecrã gigante à frente do piloto. A embarcação transportava até seis passageiros. Porém, naquele momento, Jan era o único.

Observava atentamente o monitor, absorvendo cada vislumbre daquela região estranha e desconhecida enquanto ela lhe passava diante dos seus olhos. Desconhecida, sim. Tão desconhecida quanto qualquer coisa que poderia encontrar além das estrelas, caso o seu plano louco viesse a ter algum êxito. Estava a entrar num reino de criaturas saídas de um pesadelo, que se caçavam umas às outras no meio de uma escuridão que não era perturbada desde a origem do mundo. Era um reino acima do qual os homens navegavam há milhares de anos, mas que ficava a menos de um quilómetro abaixo das quilhas dos seus navios. No entanto, até aos últimos cem anos, sabia-se menos sobre esse mundo do que sobre a face visível da Lua.

O piloto descia das alturas do oceano em direção à vastidão ainda inexplorada da Bacia do Pacífico Sul. Jan sabia que ele seguia uma grade invisível de ondas sonoras criada por sinalizadores instalados no fundo do oceano. Ainda navegavam tão acima desse fundo quanto as nuvens ficavam acima da superfície da Terra...

Havia muito pouco para se ver; os sensores do submarino vasculhavam as águas em vão. A perturbação causada pelos jatos devia ter assustado os peixes menores. Se alguma criatura viesse investigar, seria tão grande a ponto de nem sequer saber o que era o medo.

A minúscula cabine vibrava com a energia. Uma energia capaz de manter afastado o imenso peso das águas sobre as suas cabeças e de criar esta bolha de luz e ar dentro da qual os homens podiam viver. Se essa energia falhasse, pensou Jan, tornar-se-iam prisioneiros neste túmulo de metal, enterrados profundamente nos sedimentos do leito oceânico.

– Está na hora de verificar a nossa posição – disse o piloto.

Acionou um conjunto de interruptores e o submarino foi parando com um suave surto de desaceleração, à medida que os jatos interrompiam o impulso. A embarcação estava imóvel, flutuava em equilíbrio, como um balão flutua na atmosfera.

Demorou apenas um minuto a verificar a posição na grelha do sonar. Depois de terminar a sua leitura dos instrumentos, o piloto observou:

– Antes de ligar novamente os motores, vamos lá ver se conseguimos ouvir alguma coisa.

O altifalante inundou o compartimento pequeno e silencioso com um murmúrio baixo e contínuo. Não se destacava qualquer tipo de som que Jan conseguisse distinguir do restante. Simplesmente um ruído de fundo uniforme, no qual todos os sons individuais estavam misturados. Jan sabia que estava a ouvir a conversa de incontáveis criaturas marinhas a falar ao mesmo tempo. Era como se estivesse no meio de uma floresta fervilhante de vida. Exceto que nesse caso provavelmente teria reconhecido algumas das vozes individuais. Aqui, nem um fio da tapeçaria de sons podia ser desembaraçado e identificado. Era tão estranho, tão distante de qualquer coisa que ele já conhecera. Era o suficiente para o deixar de cabelos em pé. E ainda assim, era uma parte integrante do seu próprio mundo...

O grito que se ouviu a seguir cortou completamente aquele ruído de fundo vibrante como o clarão de um raio em frente a uma nuvem escura de tempestade. Rapidamente perdeu força até se parecer com o gemido de uma alma-penada, uma ondulação que foi minguando e morrendo, para se repetir, segundos depois, oriunda de uma fonte mais distante. Subitamente um coro de gritos irrompeu num pandemónio que fez com que o piloto estendesse rapidamente a mão para o botão do volume.

– Mas que raio era *isto*? – soltou Jan.

– É esquisito, não é? É um grupo de baleias, a uns dez quilómetros daqui. Eu sabia que elas andavam aqui na vizinhança e achei que ias gostar de ouvir.

Jan estremeceu.

– E eu que sempre pensei que o mar fosse silencioso! Porque raio é que elas fazem uma barulheira destas?

– Devem estar a falar umas com as outras, acho eu. O Sullivan pode-te explicar melhor. Dizem que ele até consegue identificar algumas das baleias individualmente, embora me pareça difícil de acreditar. Ei, temos companhia!

Um peixe de mandíbulas mais que exageradas apareceu no ecrã de visualização. Parecia ser bem grande, mas, como Jan não sabia qual era a escala da imagem, tornava-se difícil de avaliar. Pendurado por baixo das

guelras, tinha um longo tentáculo que terminava num órgão inidentificável com o formato de um sino.

– Estamos a ver esta imagem através do infravermelho – explicou o piloto. – Vamos lá dar uma olhadela na imagem normal.

O peixe desapareceu por completo. Apenas o sino permaneceu, brilhando com a sua própria fluorescência vívida. Até que, apenas durante um segundo, à medida que uma linha de luzes piscava ao longo do seu corpo, o contorno da criatura tremeluziu e tornou-se visível.

– É um peixe-diabo. Aquilo é o isco que ele usa para atrair outros peixes. Fantástico, não é? O que não entendo é... Como é que o isco não atrai peixes grandes o suficiente para o comer a ele? Mas não podemos esperar aqui o dia todo. Olha como é que ele foge assim que eu ligo os jatos.

A cabine voltou a vibrar à medida que a embarcação se movia em frente. O enorme peixe luminoso piscou subitamente todas as suas luzes, num frenético sinal de alarme, e partiu como um meteoro para a escuridão do abismo.

Só depois de mais vinte minutos de uma lenta descida é que os feixes invisíveis do sonar apanharam o primeiro vislumbre do leito oceânico. Muito lá em baixo passava uma cadeia de colinas, os seus contornos curiosamente suaves e arredondados. Quaisquer irregularidades que um dia tivessem possuído há muito tinham sido eliminadas pela chuva incessante que caía das alturas aquáticas. Mesmo aqui, no meio do Pacífico, longe dos grandes estuários que varriam lentamente os continentes para o mar, essa chuva nunca cessava. Vinha dos flancos dos Andes, rasgados pelas tempestades, vinha dos corpos de biliões de criaturas vivas, da poeira dos meteoros que atravessaram o espaço durante eras e que, finalmente, descansavam. Aqui, na noite eterna, estavam assentes os alicerces das terras futuras.

Os montes ficaram para trás. Tal como Jan podia verificar nos mapas, eram os postos fronteiriços de uma vasta planície que jazia a uma profundidade grande demais para ser alcançada pelo sonar.

O submarino prosseguiu no seu suave voo de descida. Até que outra imagem se começou a formar no ecrã. Por causa do seu ângulo de visão, demorou algum tempo até que Jan conseguisse interpretar o que estava a ver. Percebeu então que se estavam a aproximar de uma montanha submersa que se erguia acima da planície ainda invisível.

A imagem tornava-se subitamente mais clara. A esta curta distância, a definição dos sonares melhorava e a vista era quase tão nítida como seria uma imagem formada por ondas de luz. Jan conseguia distinguir os pequenos detalhes, ver a estranheza dos peixes que se perseguiam uns aos outros por entre as rochas. A certa altura, uma criatura de aspeto maligno e mandíbulas escancaradas percorreu sem pressa uma fenda semioculta. Fê-lo a uma velocidade tão grande que Jan não conseguiu acompanhar o movimento, Até que um longo tentáculo surgiu do nada e arrastou o peixe, que se debatia, para a sua morte.

– Quase lá – disse o piloto. – Mais um minuto e vais conseguir ver o laboratório.

Estavam a passar devagar por cima de um espigão rochoso que se destacava da base da montanha. A planície mais abaixo já se tornava visível. Jan calculou que já não estavam a mais do que algumas centenas de metros por cima do leito marinho. Foi aí que viu, a mais ou menos um quilómetro à sua frente, um aglomerado de esferas apoiadas em tripés e unidas entre si por tubos de conexão. Faziam lembrar os tanques de alguma fábrica de produtos químicos, e, de facto, tinham sido projetadas seguindo os mesmos princípios básicos. A única diferença era que aqui as pressões sofridas vinham de *fora* e não de dentro.

– O que é aquilo? – perguntou Jan, de repente.

Apontou um dedo vacilante para a esfera mais próxima. O curioso padrão de linhas na sua superfície tinha-se dissolvido numa rede de tentáculos gigantes. À medida que o submarino se aproximava, conseguiu discernir que terminavam numa enorme bolsa flácida, da qual emergia um par de olhos gigantes.

– Aquilo – disse o piloto, indiferente – deve ser Lúcifer. Alguém lhe deve estar a dar comida outra vez. – Acionou um interruptor e inclinou-se sobre a mesa de controlo.

– S.2 chama Laboratório. Vou conectar. Podem espantar o vosso bichinho de estimação se faz favor?

A resposta veio logo em seguida:

– Laboratório para S.2. Tudo bem. Pode avançar e estabelecer contacto. O Luci vai sair-vos da frente.

As paredes curvas de metal começaram a preencher o ecrã. Jan teve um último vislumbre de um braço gigante, salpicado de ventosas, a afastar-se

com a aproximação deles. Logo a seguir, sentiu um clangor surdo seguido de uma série de ruídos de metal arranhado. Eram os acopladores que procuravam os pontos de contacto no casco liso e oval do submarino. Em poucos minutos, a embarcação estava firmemente comprimida contra a parede da base, as duas portinholas de entrada estavam encaixadas e eles avançavam pelo casco do submarino como se fosse a ponta de um parafuso gigante e oco. Quando se ouviu o sinal de «pressão equalizada», as escotilhas abriram-se e o caminho para o Laboratório Mar Profundo Um estava aberto.

Jan foi dar com o professor Sullivan num pequeno compartimento desarrumado, que parecia combinar os atributos de um escritório, misturado com uma oficina e um laboratório. Estava entretido a espreitar por um microscópio, para o que parecia ser uma pequena bomba. Supostamente, era uma cápsula de pressão contendo algum espécime de vida do fundo do mar, que nadava feliz como se estivesse no seu habitat normal de algumas toneladas por centímetro quadrado.

– Olá – disse Sullivan, afastando-se lentamente do aparelho. – Como está o Rupert? O que posso fazer por si?

– O Rupert está bem – respondeu Jan. – Manda-lhe um abraço e disse que adoraria fazer uma visita, se não sofresse de claustrofobia.

– Realmente aqui em baixo ele ficaria um bocadinho aflito, só temos cinco quilómetros de água por cima da cabeça. Aliás, isso não o assusta a si?

Jan encolheu os ombros.

– Não me chateia mais do que viajar de estratojato. Em qualquer um dos casos, se alguma coisa correr mal, o resultado é o mesmo.

– Essa é a atitude inteligente, mas é surpreendente como pouca gente vê as coisas assim.

Sullivan brincou com os comandos do microscópio e, em seguida, disparou um olhar inquisidor a Jan dizendo:

– Fico muito feliz por lhe mostrar tudo o que aqui se faz, mas confesso que fiquei um bocado surpreendido quando o Rupert me passou o seu pedido. Não consegui perceber por que é que um de vocês, maníacos espaciais, se interessaria pelo nosso trabalho. Não está a ir no sentido contrário? – E com uma gargalhada divertida continuou. – Pessoalmente, nunca entendi por que é que vocês têm tanta pressa em sair do planeta.

Faltam-nos séculos até termos os oceanos todos mapeados e classificados como deve ser.

Jan respirou fundo. Estava satisfeito que tivesse sido Sullivan a puxar o assunto, o que tornaria a sua tarefa muito mais fácil. Apesar da provocação do ictiologista, eles até tinham muito em comum. Não deveria ser muito difícil construir uma ponte e angariar a simpatia ou a ajuda de Sullivan. Era um homem de imaginação, ou nunca teria explorado este mundo submarino. Jan, porém, teria de ser cauteloso. O pedido que ia fazer era, para dizer o mínimo, fora do normal.

Havia um fator que lhe dava confiança. Mesmo que Sullivan se recusasse a colaborar, certamente que guardaria o segredo de Jan. E aqui, neste pequeno escritório silencioso no fundo do Oceano Pacífico, não parecia existir o perigo de que os Senhores Supremos (quaisquer que fossem os seus estranhos poderes) fossem capazes de ouvir a conversa.

– Professor Sullivan, se estivesse interessado no oceano, mas os Senhores Supremos se recusassem a deixá-lo chegar perto dele, como é que isso o faria sentir?

– Muitíssimo aborrecido, sem dúvida.

– Tenho a certeza disso. Agora imagine que, um dia, tinha uma oportunidade de alcançar a sua meta sem que eles soubessem. O que é que fazia? Aproveitava a oportunidade?

Sullivan não hesitou, nem por um segundo:

– Claro que sim. E discutiria depois.

«Em cheio nas minhas mãos!», pensou Jan. «Não podes recuar agora... a menos que tenhas medo dos Senhores Supremos. E duvido que Sullivan tenha medo do que quer que seja.» Inclinou-se sobre a mesa atravancada e preparou-se para apresentar o seu caso.

O professor Sullivan, porém, não era parvo. E antes que Jan pudesse falar, os seus lábios torceram-se num sorriso sarcástico.

– Então é *esse* o seu jogo? – disse ele devagar. – Muito, muito interessante! Agora, quero que seja direto e me diga porque é que acha que eu o devo ajudar.

12

Uma época anterior teria olhado para um professor Sullivan como um luxo dispendioso. As suas operações custavam mais ou menos o mesmo do que uma pequena guerra. De facto, era fácil compará-lo a um general à frente de uma campanha perpétua contra um inimigo que nunca descansava. O inimigo do professor Sullivan era o mar. Um inimigo que o combatia com as armas do frio, da escuridão e acima de tudo, da pressão. Por sua vez, o professor contrapunha o adversário com a inteligência e a perícia da engenharia. Conquistara muitas vitórias, mas o mar era paciente, podia esperar. Um dia, Sullivan sabia, cometeria um erro. Pelo menos, tinha o consolo de saber que nunca se afogaria. Seria tudo rápido demais.

Quando Jan lhe fizera o seu pedido, recusara-se a tomar uma posição, fosse ela positiva ou negativa. No fundo já sabia qual seria a sua resposta. Tinha em mãos uma oportunidade única para uma experiência muito interessante. Só tinha pena que nunca fosse conseguir saber qual o seu resultado. Não obstante, isso acontecia muitas vezes na pesquisa científica, ele próprio já iniciara outros projetos que levariam décadas até serem concluídos.

O professor Sullivan era um homem corajoso e inteligente, mas olhando para a sua carreira em retrospetiva, tinha perfeita noção de que esta não lhe trouxera o tipo de fama que transporta o nome de um cientista através dos séculos. Aqui estava a sua oportunidade, totalmente inesperada, e por isso mesmo ainda mais atraente, de gravar para sempre o seu nome nos livros de História. Não era uma ambição que admitisse a qualquer um. Aliás, até teria ajudado Jan mesmo que sua participação nesta conspiração ficasse secreta para sempre.

Quanto a Jan, começava agora a ter as suas dúvidas. O ímpeto da sua descoberta original levara-o até este ponto quase sem esforço nenhum. Fizera as suas investigações, mas não tomara medidas efetivas para transformar esse sonho numa realidade. Só que dentro de alguns dias teria

que se decidir. Caso o professor Sullivan concordasse em colaborar, não haveria como recuar. Precisava de encarar o futuro que escolhera, com todas as suas consequências.

O que finalmente o levou a tomar a sua decisão foi a ideia de que, se deixasse passar esta incrível oportunidade, nunca se perdoaria. Para o resto da sua vida ia sentir remorsos tão fortes que se tornaria inútil... e nada do que conseguisse imaginar podia ser pior do que isso.

A resposta de Sullivan chegou algumas horas mais tarde, e Jan percebeu que os dados já estavam lançados. Devagar, ainda tinha muito tempo, começou a colocar os seus assuntos em ordem.

*

«*Querida Maia,*

Isto será, para dizer o mínimo, uma grande surpresa para ti. Quando receberes esta carta, eu já não estarei na Terra. Com isso, não quero dizer que terei ido para a Lua, como muitos outros têm feito. Não; estarei a caminho do planeta-mãe dos Senhores Supremos. Serei o primeiro homem na história a deixar o Sistema Solar.

Vou entregar esta carta a um amigo que me tem ajudado. Ele vai guardá-la até saber se meu plano teve êxito (pelo menos a primeira fase) e que é tarde demais para os Senhores Supremos interferirem. Estarei tão longe, e a viajar a uma velocidade tão grande, que duvido que qualquer que seja a mensagem com ordens de regresso nos consiga sequer alcançar. E mesmo que possa, custa-me a crer que a nave seja capaz de voltar à Terra. E, de qualquer forma, duvido muito que eu seja assim tão importante.

Em primeiro lugar, deixa-me explicar-te o que me trouxe até aqui. Como sabes, sempre me interessei pela exploração espacial. Sempre me senti frustrado por nunca nos terem permitido visitar outros planetas, ou saber o que quer que seja sobre a civilização dos Senhores Supremos. Se eles nunca tivessem interferido, a esta altura quem sabe, talvez já tivéssemos chegado a Marte ou a Vénus. Admito que é igualmente provável que já nos tivéssemos destruído com todas aquelas bombas atómicas e outras armas de destruição maciça que eles desenvolviam no século XX. *No entanto, às vezes tenho esse enorme desejo, de que tivéssemos tido a oportunidade de andar pelas nossas próprias pernas.*

Os Senhores Supremos devem ter as suas razões para nos manter no infantário, e com certeza que devem ser razões muito boas. Mas, mesmo que eu soubesse quais são, duvido que afetassem muito os meus sentimentos... ou as minhas ações.

Tudo começou naquela festa do Rupert. (A propósito, ele não sabe nada sobre isto, embora tenha sido ele que me colocou no caminho certo.) Lembras-te daquela sessão tonta que ele preparou, e de como terminou quando aquela miúda (esqueci-me do nome dela) desmaiou? Eu perguntei de que estrela é que os Senhores Supremos tinham vindo, e a resposta foi "NGS 549672". Eu não esperava resposta nenhuma e, até aquele momento, tinha encarado tudo aquilo como uma piada. Mas, quando percebi que aquele código era um número de um catálogo estelar, resolvi examinar o assunto. Descobri que esta estrela fica na constelação de Carina... um dos poucos factos que sabemos com certeza a respeito dos Senhores Supremos é que eles vêm dessa direção.

Agora, não tenho a pretensão de compreender como é que esta informação chegou até nós, ou qual a sua origem. Será que alguém leu a mente do Rashaverak? Mesmo que tivesse, seria muito difícil que ele conhecesse o número de referência do seu sol num dos nossos catálogos humanos. É um mistério total, e vou deixá-lo para que pessoas como o Rupert o resolvam... se conseguirem! Contento-me em receber a informação e em usá-la.

Já sabemos bastante agora, pelas observações das suas idas e vindas, sobre a velocidade das naves dos Senhores Supremos. Elas saem do Sistema Solar com uma aceleração tão grande que se aproximam da velocidade da luz em menos de uma hora. Isso significa que os Senhores Supremos devem ter algum tipo de sistema de propulsão que atua por igual em cada um dos átomos das suas naves. Desta forma garantem que nada do que está a bordo é instantaneamente esmagado. Por que é que será que eles usam essas acelerações colossais, quando têm o espaço todo para brincar? Podiam esperar para ganhar velocidade? A minha teoria é que eles conseguem, de alguma maneira, aproveitar os campos energéticos que existem à volta das estrelas, e por isso têm que acelerar e desacelerar enquanto estão mais ou menos próximos de um sol. Mas tudo isso são digressões...

O facto mais importante que consegui aferir foi a distância que eles têm que percorrer e, dessa forma, quanto tempo demora a viagem. A estrela NGS 549672 fica a quarenta anos-luz da Terra. As naves dos Senhores Supremos alcançam mais de noventa e nove por cento da velocidade da luz, de modo que a viagem deve demorar quarenta anos do nosso tempo. Do nosso tempo: essa é que é a verdadeira questão.

Ora bem, como tu já deves ter ouvido dizer, quando uma pessoa se aproxima da velocidade da luz, começam a acontecer coisas estranhas. O próprio tempo flui de maneira diferente, passa mais devagar. O efeito é de tal forma que aquilo que seriam meses na Terra, não passariam mais do que uns dias a bordo das naves dos Senhores Supremos. O efeito é relativamente básico: foi descoberto pelo grande Einstein há mais de cem anos atrás.

Fiz alguns cálculos, com base naquilo que sabemos sobre o impulso estelar e nos resultados, bem estabelecidos, da teoria da relatividade. Do ponto de vista dos passageiros a bordo de uma das naves dos Senhores Supremos, a viagem até à NGS 549672 não vai demorar mais do que dois meses, embora, pelas contas da Terra, passarão cerca de quarenta anos. Sei que isto parece um paradoxo, se servir de consolo, isto tem intrigado os melhores cérebros do mundo desde que foi anunciado por Einstein.

Quem sabe, talvez este exemplo te mostre o tipo de coisas que pode acontecer, e te traga um retrato mais claro da situação. Caso os Senhores Supremos me mandem diretamente de volta para casa, deverei chegar apenas quatro meses mais velho. Só que na Terra já terão passado mais oitenta anos. Por tudo isto, Maia, aconteça o que acontecer, isto é um adeus.

Eu tenho poucos laços que me prendam aqui, como bem sabes. De forma que posso partir com a consciência tranquila. Ainda não contei nada à mãe. Ela vai ficar histérica e não consigo enfrentar isso. É melhor assim. Embora eu tenha tentado fazer compromissos, desde que o pai morreu... Ah, não vale a pena voltar a falar em tudo isso agora!

Eu já acabei os meus estudos e informei as autoridades que, por razões familiares, me vou mudar para a Europa. Ficou tudo resolvido e não deve haver nada com que te precises de preocupar.

Por esta altura, já deves estar a achar que eu estou maluco, sei que parece impossível para qualquer um entrar numa das naves dos Senhores

Supremos. Só que eu descobri uma maneira. Não acontece com frequência, e depois disto, pode nunca mais voltar a acontecer. Tenho a certeza de que o Karellen não comete o mesmo erro duas vezes. Conheces a lenda do cavalo de madeira que os soldados gregos usaram para entrar em Troia? Também há uma história do Velho Testamento que é um paralelo ainda mais próximo...»

*

– Com certeza que vais estar muito mais confortável do que o Jonas – disse Sullivan. – Não existe qualquer registo de que ele tenha desfrutado de luz elétrica ou instalações sanitárias. Mas tu vais precisar de uma boa dose de mantimentos. E vejo que também vais levar oxigénio. Consegues levar o suficiente para uma viagem de dois meses? Num espaço tão pequeno como este?

Bateu com a ponta do dedo nos esboços cuidadosos que Jan colocara em cima da mesa. O microscópio servia como um pesa-papéis segurando numa das pontas, o crânio de algum peixe fantástico segurava a outra.

– Espero que não precise mesmo do oxigénio – disse Jan. – Nós sabemos que eles conseguem respirar na nossa atmosfera, mas não parecem gostar muito. Pode ser que eu não consiga respirar na deles. Quanto ao problema dos mantimentos, a narcosamina resolve. É perfeitamente segura. Quando estiver a caminho, vou dar uma injeção que me vai deixar vegetativo durante seis semanas. Quando acordar já vou estar quase lá. Em boa verdade, não é tanto a comida e o oxigénio que me preocupam, é mais o tédio.

O professor Sullivan acenou na positiva, pensativo.

– Sim, a narcosamina é segura o suficiente, e pode ser doseada com precisão. Mas lembra-te que vais precisar de ter bastante comida à mão: vai estar a morrer de fome quando acordares, além de fraco. Como um gatinho. Imagina que morres por não ter força para usar um abre-latas!

– Já pensei nisso – disse Jan, um pouco ofendido. – Vou ter que recuperar aos poucos, com açúcar e chocolate, como se costuma fazer.

– Ótimo. Fico contente de saber que pensaste bem nos problemas, em vez de tratares o assunto como uma espécie de aventura da qual podes desistir se não estiveres a gostar. É a tua vida que está em jogo, mas eu também não gostaria de sentir que só te estou a ajudar a cometer suicídio.

Distraído, agarrou no crânio e ergueu-o nas suas mãos. Jan agarrou o esboço, para impedir que ele se enrolasse.

– Felizmente – continuou o professor Sullivan – os equipamentos que precisas são todos mais ou menos padrão. Aqui na nossa oficina podemos montar-te tudo em algumas semanas. E, se resolveres mudar de ideias...

– Não vou – disse Jan.

* * *

«*Já considerei todos os riscos que estou a assumir, o plano parece não ter falha nenhuma. Depois de seis semanas apareço, como qualquer clandestino, e entrego-me. Nessa altura, para a minha linha temporal claro, a viagem vai estar quase a acabar. Vamos estar muito perto de aterrar no planeta dos Senhores Supremos.*

É claro que o que acontece daí em diante só depende deles. Imagino que me mandem para casa na nave seguinte... mas, pelo menos, tenho a esperança de ver alguma coisa. Vou levar uma câmara de quatro milímetros e milhares de metros de filme. No que depender de mim, vou usá-la. Mesmo na pior das hipóteses, terei provado que o homem não pode ser mantido em quarentena para sempre. Terei criado um precedente que vai forçar Karellen a tomar alguma medida.

Isto, minha querida Maia, é tudo o que tenho a dizer. Sei que não vais sentir muita falta de mim. Vamos ser sinceros e admitir que nunca tivemos laços muito fortes. Ainda mais agora, desde que casaste com o Rupert, sei que vão ser muito felizes no vosso universo privado. Pelo menos, assim o espero.

Adeus, então, e boa sorte. Mal posso esperar para conhecer os teus netos... Só te peço que garantas que eles saibam quem eu sou, está bem?

Do teu irmão que te adora,
Jan.»

13

Quando Jan a viu pela primeira vez, não quis acreditar que não estivesse a assistir à montagem de um pequeno avião de passageiros. O esqueleto metálico tinha vinte metros de comprimento, era perfeitamente aerodinâmico e estava rodeado de andaimes leves, por onde os operários subiam com as suas ferramentas elétricas.

– Sim – disse Sullivan, respondendo à pergunta de Jan. – Usámos as técnicas-padrão da aeronáutica e a maior parte destes homens vem dessa indústria. É difícil acreditar que uma coisa deste tamanho pudesse estar viva, não é? Ou que se conseguisse atirar com o corpo todo para fora da água, como já as vi fazerem.

Tudo aquilo era mais do que fascinante, mas Jan tinha outras coisas em mente. O seu olhar percorria o enorme esqueleto, para ver se encontrava um bom esconderijo para a sua pequena câmara: o «caixão com ar-condicionado», como Sullivan a batizara. Pelo menos num dos aspetos ficou logo tranquilo. No que dizia respeito a espaço, haveria capacidade para uma dúzia de clandestinos.

– A armação parece estar quase completa – disse Jan. – Quando é que vão colocar a pele? Suponho que já tenham apanhado a baleia, ou não iam saber de que tamanho fazer o esqueleto.

Sullivan pareceu achar muita graça a este comentário.

– Não temos a menor intenção de apanhar uma baleia. De qualquer das maneiras, elas não têm pele, no sentido literal da palavra. Seria praticamente impossível cobrir a armação com uma manta de gordura grossa de vinte centímetros. Não, vamos ter que imitar tudo isso com plástico e, depois, pintá-la de modo a parecer verdadeira. Quando tivermos terminado, ninguém vai ser capaz de notar a diferença.

Nesse caso, pensou Jan, faria mais sentido se os Senhores Supremos tivessem tirado fotografias e construíssem eles próprios um modelo à escala, diretamente no planeta deles. No entanto, quem sabe, talvez as naves

de abastecimento voltassem vazias, e uma coisinha tão pequenina como um cachalote de vinte metros, mal se fizesse notar. Quando alguém tinha tanto poder e tantos recursos, não se podia deixar incomodar com economias sem importância.

*

O professor Sullivan estava ao lado de uma daquelas grandes estátuas que tanto desafiavam a arqueologia desde que a Ilha de Páscoa fora descoberta. Rei, deus ou o que quer que fosse, o seu olhar cego parecia acompanhar o dele enquanto apreciava o seu trabalho. Tinha orgulho no que fizera: parecia-lhe uma pena que, em breve, todo este trabalho fosse banido para sempre da vista humana.

Todo aquele cenário poderia ter sido a obra de algum artista louco num delírio psicadélico. No entanto, era uma cópia meticulosa da vida: aqui o artista fora a própria natureza. Estavam perante uma cena que, até ao aperfeiçoamento da televisão submarina, poucos homens tinham sequer vislumbrado. E mesmo assim, apenas durante alguns segundos, nas raras ocasiões em que os gigantescos antagonistas se atiravam contra a superfície. Essas batalhas eram travadas na noite eterna das profundezas oceânicas, onde os cachalotes caçam a sua comida. Refeições que resistem com veemência em ser devoradas vivas...

Marcas lívidas das ventosas, com vinte ou mais centímetros de diâmetro, deixaram sarapintada a pele da baleia nos pontos em que os tentáculos tinham estado presos. Um deles não passava já de um coto incompleto. Não restavam dúvidas quanto ao resultado final desta batalha. Quando os dois maiores animais da Terra se defrontavam, a baleia saía sempre vencedora. Mesmo com a enorme força daquela floresta de tentáculos, a única esperança da lula consistia em fugir, antes que aquela mandíbula, que triturava sem tréguas, acabasse de serrá-la em pedaços. Os seus enormes e inexpressivos olhos de meio metro de diâmetro, fitavam o seu inimigo... embora, muito provavelmente, nenhuma das criaturas conseguisse ver a outra na escuridão abissal.

A peça toda tinha mais de trinta metros de comprimento, para já estava envolvida por uma gaiola de vigas de alumínio, às quais o equipamento de elevação fora conectado. Estava tudo pronto, aguardando apenas a vontade

dos Senhores Supremos. Sullivan queria que fossem rápidos: o suspense estava a começar a incomodá-lo.

Alguém saíra do escritório em direção aquela luz intensa, claramente à sua procura. Sullivan reconheceu o seu chefe de gabinete e caminhou na sua direção.

– Olá Bill. O que é que se passa?

O outro segurava um papel com uma mensagem e parecia bem satisfeito.

– Boas notícias, professor! Uma honra para nós! O Supervisor em pessoa quer vir dar uma vista de olhos à nossa peça, antes que seja embarcada. Imagina a publicidade que vamos ganhar? Vai ajudar bastante, isto é, quando tivermos que pedir novas bolsas. Estava mesmo a rezar por uma coisa dessas.

O professor Sullivan engoliu em seco. Nunca tivera nada contra publicidade, mas desta vez estava com medo de ter mais do que desejara.

*

Karellen parou junto à cabeça da baleia e ergueu os olhos para o grande focinho arredondado e para a mandíbula cravejada de marfim. Sullivan, disfarçando a sua apreensão, tentava adivinhar o que é que o Supervisor estaria a pensar. O seu comportamento não indicava suspeita nenhuma. A visita podia facilmente ser explicada como uma coisa normal. Sullivan, porém, só descansaria quando ela terminasse.

– Nós não temos criaturas assim tão grandes no nosso planeta – disse Karellen. – O que foi uma das razões porque pedimos que vocês nos construíssem este conjunto. Os meus... err... compatriotas... vão achá-lo fascinante.

– Com a vossa baixa gravidade – respondeu Sullivan – eu imaginaria que até tivessem alguns animais bem grandes. Afinal de contas, vocês são muito maiores do que nós!

– Sim... mas não temos oceanos. E quando se trata de tamanho, a terra nunca pode competir com o mar.

Isso era uma verdade incontestável, pensou Sullivan. E pelo que sabia, este era um facto nunca antes revelado sobre o mundo dos Senhores Supremos. Jan, maldito seja, ficaria muito interessado.

Naquele momento, o rapaz estaria sentado numa cabana, a um quilómetro dali, observando ansiosamente a inspeção, através de um par de binóculos.

Repetia para si mesmo, como um mantra, que não tinha nada a temer.

Nenhuma inspeção da baleia, por muito atenta que fosse, poderia revelar o seu segredo. No entanto, havia sempre a hipótese de que Karellen suspeitasse de alguma coisa... e que estivesse simplesmente a brincar com eles.

Era essa a suspeita que crescia na mente de Sullivan, enquanto o Supervisor espreitava para dentro daquela garganta cavernosa.

– Na vossa Bíblia – disse Karellen – há uma história notável de um profeta hebreu, um tal de Jonas, que foi engolido por uma baleia e transportado, são e salvo até terra, depois de ter sido atirado de um navio. Achas que uma lenda dessas poderia ter base em factos?

– Creio – respondeu Sullivan, cauteloso – que existe um caso razoavelmente bem comprovado de um baleeiro que foi engolido e depois regurgitado sem efeitos desfavoráveis. É claro que, se tivesse ficado dentro da baleia por mais de alguns segundos, teria asfixiado. E deve ter tido muita sorte para conseguir escapar aos dentes. É uma história quase inacreditável, mas não *totalmente* impossível.

– Muito interessante – disse Karellen. O Supervisor ficou mais algum tempo a contemplar a enorme mandíbula e, em seguida, avançou para examinar a lula. Sullivan rezou para que ele não tivesse ouvido o seu suspiro de alívio.

*

– Se eu soubesse pelo que é que ia ter que passar – disse o professor Sullivan – tinha-te atirado para fora do meu escritório assim que tu me tentaste contaminar com esta tua loucura.

– Desculpa – respondeu Jan. – Mas escapámos desta.

– Espero que sim. De qualquer forma, boa sorte. Se quiseres mudar de ideias, ainda tens pelo menos seis horas.

– Não vou precisar delas. Só o Karellen é que me pode impedir agora. Obrigado por tudo o que tens feito. Se algum dia voltar e escrever um livro a respeito dos Senhores Supremos, vou dedicá-lo a ti.

– Vai me servir de muito! – exclamou Sullivan, brusco. – Vou estar morto há anos.

Para sua surpresa e ligeira consternação, pois não era um homem sentimental, Sullivan descobriu que a despedida estava a começar a afetá-

lo. Tinha-se afeiçoado a Jan durante as semanas em que conspiraram juntos. Além disso, começara a temer que pudesse ser cúmplice de um complexo suicídio.

Segurou no escadote enquanto Jan subia pela enorme mandíbula, evitando, com cuidado, as fileiras de dentes. À luz da lanterna elétrica, viu Jan a voltar-se e a acenar; depois, desapareceu, algures dentro daquele buraco cavernoso. Sullivan conseguiu ouvir ainda o som da escotilha da comporta a ser aberta e fechada. Mas depois disso, restava apenas o silêncio.

Foi ao luar, o mesmo que transformara a batalha congelada numa cena de pesadelo, que o professor Sullivan retornou lentamente ao escritório. Pensava no que tinha feito, e em qual seria o resultado. Só que isso, é claro, nunca saberia. Jan poderia voltar a caminhar neste mesmo lugar, sem ter perdido mais que alguns meses da sua vida com esta viagem de ida-e-volta ao planeta dos Senhores Supremos. E, no entanto, se o fizesse, estaria do outro lado da barreira intransponível do tempo. Estaria oitenta anos no futuro.

*

As luzes acenderam-se no minúsculo cilindro de metal assim que Jan fechou o trinco interno da comporta. Não se permitiu nenhum tempo livre, antes que mudasse de ideias. Por isso começou logo as verificações de rotina que já praticara tantas vezes. Todos os mantimentos e provisões tinham sido carregados alguns dias antes, mas uma verificação final colocá-lo-ia no estado de espírito certo, garantindo-lhe que nada ficara por fazer.

Uma hora depois, estava satisfeito. Encostou-se no assento de borracha esponjosa e recapitulou os seus planos. O único som que se ouvia era o leve sussurro do relógio-calendário elétrico, que o avisaria quando a viagem estivesse próxima do fim.

Sabia que não iria sentir nada aqui dentro da sua câmara. Quaisquer que fossem as enormes forças que impeliam as naves dos Senhores Supremos, deveriam ser perfeitamente compensadas. Sullivan garantira-lhe tudo isso, relembrando-o que o seu quadro vivo se desmoronaria caso fosse sujeito a mais do que algumas gravidades de pressão. Os seus... clientes... tinham-lhe assegurado que não haveria perigo nesse sentido.

Haveria, porém, uma alteração significativa na pressão atmosférica. O que não tinha importância, visto que os modelos ocos podiam «respirar» através de vários orifícios. Antes de sair da câmara, Jan teria de equalizar a pressão. Mas também presumira que a atmosfera dentro da nave dos Senhores Supremos fosse irrespirável. Nada que um simples conjunto de máscara e oxigénio não resolvesse; não havia necessidade de nada muito complexo. Se pudesse respirar sem auxílio mecânico, melhor ainda.

Não havia razão para esperar mais tempo; isso só iria sobrecarregar os seus nervos. Agarrou numa pequena seringa, já carregada com a solução cuidadosamente preparada. A narcosamina fora descoberta durante as pesquisas à hibernação animal. Não era verdade, como se acreditava popularmente, que gerasse animação suspensa. Tudo o que provocava era uma grande desaceleração dos processos vitais, embora o metabolismo prosseguisse, mas a um nível reduzido. Era como se alguém tivesse abafado o fogo da vida, de modo que ele continuasse a arder sem chamas, sem ser visto. No entanto, quando passadas algumas semanas ou meses, o efeito da droga se desvanecesse, esse fogo voltaria à plena energia e o adormecido despertaria para a vida. A narcosamina era perfeitamente segura. A natureza usava-a há um milhão de anos para proteger muitos dos seus filhos durante os invernos sem alimento.

Foi assim que Jan adormeceu. Não sentiu o puxão dos cabos a içar a enorme estrutura de metal para dentro do compartimento da nave cargueira dos Senhores Supremos. Não ouviu as escotilhas quando se fecharam, e que se abririam apenas daí a trezentos biliões de quilómetros. Não ouviu, ainda que distante e atenuado pelas paredes robustas, o grito de protesto da atmosfera da Terra à medida que a nave se elevava rapidamente de volta ao seu elemento natural.

E não sentiu quando o impulso estelar foi acionado.

14

A sala de conferências ficava sempre cheia durante estas reuniões semanais, mas hoje estava tão apinhada que os repórteres tinham dificuldade em escrever. Queixavam-se uns com os outros, pela centésima vez, do conservadorismo e da falta de consideração de Karellen. Em qualquer outra parte do mundo, poderiam ter levado câmaras de televisão, gravadores e todas as demais ferramentas do seu ofício altamente mecanizado. Aqui, porém, tinham de contar com dispositivos arcaicos como lápis e papel, e até mesmo, por incrível que pareça, com a *taquigrafia*.

Houvera, é claro, várias tentativas de contrabandear gravadores para dentro da sala. Também tinham conseguido removê-los clandestinamente, mas um simples olhar para o interior fumegante dos aparelhos mostrara a futilidade da tentativa. Nesse momento, todos compreenderam porque é que eram constantemente advertidos de que, para seu próprio bem, seria melhor deixar relógios e restantes objetos metálicos do lado de fora da sala.

Para tornar as coisas ainda mais injustas, o próprio Karellen gravava tudo. Repórteres culpados de negligência, ou da distorção evidente dos factos (embora esta última fosse muito rara), tinham sido convocados para curtas e desagradáveis reuniões com os subordinados de Karellen e obrigados a ouvir com atenção às gravações do que o Supervisor tinha *realmente* dito. Era uma lição que nunca precisava de ser repetida.

Era estranho como a notícia se espalhava. Não existia nenhum anúncio de antemão, mas a sala ficava sempre cheia quando Karellen tinha uma declaração importante para fazer. O que acontecia, em média, duas ou três vezes ao ano.

O silêncio desceu sobre o burburinho da multidão quando a porta se abriu e Karellen se dirigiu até ao palanque. Aqui a luz era fraca, certamente parecida com o sol tão longínquo dos Senhores Supremos, de maneira que o Supervisor da Terra dispensara os óculos escuros que normalmente usava ao ar livre.

Respondeu ao coro dissonante de cumprimentos com um formal:

– Bom dia a todos.

Depois, virou-se para uma figura alta e distinta mesmo na frente do grupo. O Sr. Golde, decano do Clube de Imprensa, podia ter sido a figura inspiradora da frase do mordomo: «Três repórteres, meu senhor, e um cavalheiro do *Times*». Vestia-se e comportava-se como um diplomata da velha guarda. Ninguém hesitaria em confiar nele, e ninguém jamais se arrependeu de o fazer.

– Temos muita gente hoje, Sr. Golde. Acho que devem estar com escassez de notícias.

O cavalheiro do *Times* sorriu e limpou a garganta.

– Espero que nos consiga corrigir isso, senhor Supervisor.

Golde observou com atenção enquanto Karellen pensava na resposta. Parecia tão injusto que os rostos dos Senhores Supremos, rígidos como máscaras, não deixassem escapar nenhum sinal de emoção. Os grandes olhos bem abertos, as pupilas extremamente contraídas, mesmo com esta luz medíocre, fitavam insondáveis os olhos francamente curiosos do humano. Os orifícios respiratórios gémeos em cada bochecha, se é que aquelas curvas estriadas de basalto se podiam chamar bochechas, emitiam um levíssimo zumbido enquanto os hipotéticos pulmões de Karellen lutavam com o ar rarefeito da Terra. Golde conseguia ver a cortina de minúsculos pelos brancos que se agitavam para a frente e para trás, mantendo-se precisamente fora de fase, enquanto reagiam ao ciclo respiratório rápido de Karellen. Acreditava-se que eram filtros contra o pó, e já haviam complexas teorias sobre a atmosfera do planeta natal dos Senhores Supremos baseadas neste pequeno detalhe da sua anatomia.

– Sim, tenho algumas notícias. Como devem saber, uma das minhas naves de abastecimento deixou recentemente a Terra para voltar à sua base. Acabámos de descobrir que havia um clandestino a bordo.

Uma centena de lápis pararam subitamente. Uma centena de pares de olhos fixaram-se em Karellen.

– O Sr. Supervisor disse, um *clandestino*? – perguntou Golde. – Podemos saber quem foi... e como conseguiu embarcar?

– O nome dele é Jan Rodricks. Um estudante de engenharia na Universidade da Cidade do Cabo. Os restantes detalhes certamente que os

senhores poderão descobrir sozinhos, através dos vossos tão eficientes canais.

Karellen sorriu. O sorriso do Supervisor era uma coisa curiosa. A maior parte do efeito repousava nos olhos. A boca, inflexível e desprovida de lábios, quase não se mexia. Seria este, perguntou-se Golde, outro dos muitos costumes humanos que Karellen copiara com tanta habilidade? O efeito como um todo era, sem dúvida, o de um sorriso, e a mente aceitava-o logo como tal.

– Relativamente a *como* é que ele o fez – continuou o Supervisor – isso é secundário. Posso-vos garantir, ou a qualquer outro potencial astronauta, que não há possibilidade de se repetir a façanha.

– O que é que vai acontecer a este jovem? – insistiu Golde. – Será enviado de volta para a Terra?

– Isso está fora da minha jurisdição, mas espero que volte na próxima nave. Estou certo que acharia as condições demasiado... alienígenas para ficar onde está de maneira confortável. O que me leva ao principal motivo deste nosso encontro.

Karellen fez uma pausa e o silêncio tornou-se ainda mais profundo.

– Têm havido críticas de alguns dos humanos mais jovens e mais românticos da Terra, sobre a razão pela qual o espaço sideral lhes foi interditado... acreditem que nós tivemos um bom motivo para o fazer. Não impomos proibições por prazer. Já pararam para pensar, se me perdoam uma analogia um pouco rude, o que é que um homem da idade da pedra sentiria se de repente entrasse numa cidade moderna?

– Certamente – protestou o repórter do *Herald Tribune* – que há uma diferença fundamental. Nós estamos habituados à ciência. No vosso mundo, há, sem dúvida, muitas coisas que podemos não entender, mas que não nos pareceriam sobrenaturais.

– Tem mesmo a certeza disso? – perguntou Karellen, num tom de voz tão baixo que era difícil ouvir as palavras. – Apenas uma centena de anos separa a era da eletricidade da era do vapor, mas o que é que pensaria um engenheiro da época vitoriana ao olhar para uma televisão, ou para um computador? E durante quanto tempo é que ele viveria se começasse a investigar o seu funcionamento? O abismo entre as duas tecnologias pode facilmente tornar-se tão grande a ponto de ser... fatal.

(– Ei! – murmurou o repórter da Reuters para o da BBC. – Estamos com sorte. Ele vai fazer uma declaração política importante. Conheço os sintomas.)

– Mas existem outras razões pelas quais restringimos a raça humana à Terra. Observem.

As luzes foram diminuindo até desaparecerem completamente. À medida que desvaneciam, uma opalescência leitosa formava-se no centro da sala, coagulando-se num remoinho de estrelas: uma galáxia espiral, vista de um ponto muito afastado do seu sol mais externo.

– Nunca antes olhos humanos presenciaram esta cena – disse a voz de Karellen, vinda da escuridão. – Estão a ver o vosso próprio Universo, a galáxia insular da qual o vosso Sol faz parte, a uma distância de meio milhão de anos-luz.

Fez-se um longo silêncio. Depois, Karellen continuou, mas agora a sua voz continha algo que não era nem inteiramente pena, nem exatamente desprezo.

– A vossa raça mostrou uma notável incapacidade para lidar com os problemas do seu próprio e pequeno planeta. Quando chegámos, estavam prestes a destruírem-se uns aos outros com os poderes que a ciência vos tinha, inadvertidamente, oferecido. Sem a nossa intervenção, a Terra hoje seria um deserto radioativo. Agora, vocês têm um mundo em paz e uma raça unida. Em breve, serão civilizados o suficiente para gerirem o vosso planeta sem a nossa ajuda. Quem sabe talvez até possam um dia lidar com os problemas de todo o sistema solar... digamos, de cinquenta luas e planetas. Mas acham mesmo que alguma vez conseguiriam lidar com *isto*?

A nebulosa expandiu-se. Agora, as estrelas individuais passavam a correr, aparecendo e desaparecendo tão rápido como centelhas numa forja. Cada uma daquelas breves centelhas era um sol, com sabe-se lá quantos mundos à sua volta...

– Só nesta nossa galáxia – murmurou Karellen – há oitenta e sete mil milhões de sóis. Mesmo este número só vos dá uma ligeira impressão da imensidão do espaço. Ao desafiá-lo, vocês seriam como formigas a tentar rotular e classificar todos os grãos de areia em todos os desertos do mundo. A vossa raça, no seu atual estágio de evolução, não pode enfrentar um desafio tão grande. Um dos meus deveres tem sido proteger-vos dos

poderes e das forças que existem entre as estrelas. Forças que vão para lá de qualquer coisa que vocês possam vir a imaginar.

A imagem do turbilhão de névoas incandescentes da galáxia desvaneceu-se. A luz voltou ao súbito silêncio da sala de conferências.

Karellen virou-se para sair. A audiência terminara. Quando chegou à porta, fez uma pausa e voltou a olhar para a multidão silenciosa.

– É uma ideia terrível, mas vão ter de a encarar. Os planetas, talvez um dia vocês os conquistem. Mas as estrelas não são para o Homem.

*

«As estrelas não são para o Homem.» Sim, eles não gostariam nada de levar com os portais celestes fechados na cara. Contudo, ainda precisam de aprender a enfrentar a verdade... Ou tanta verdade quanto, piedosamente, lhes pode ser dada.

Das solitárias alturas da estratosfera, Karellen contemplou o mundo e as pessoas que relutantemente tinham sido entregues à sua guarda. Pensou em tudo o que estava por vir, e naquilo que este mundo seria em apenas uma década.

Nunca saberiam como tinham tido sorte. Num período igual à duração de uma vida, o Homem alcançara tanta felicidade como qualquer raça poderia vir a conhecer. Fora uma Era Dourada. Mas o ouro era também a cor do pôr do Sol e do outono. E só os ouvidos de Karellen conseguiam captar os primeiros lamentos das tempestades de inverno.

Só Karellen sabia com que inexorável rapidez a Era Dourada se aproximava do fim.

III

A ÚLTIMA GERAÇÃO

15

– Olha para isto! – explodiu George Greggson, atirando com o jornal na direção de Jean. Apesar dos esforços dela para o intercetar, o jornal foi cair, desconjuntado e espalhado, sobre a mesinha de café. Com enorme paciência, Jean raspou a geleia das páginas e leu o trecho que indignara George, fazendo o melhor que podia para mostrar desaprovação. Não tinha muito jeito, a verdade é que volta e meia concordava com os críticos. Guardava quase sempre para si essas opiniões heréticas; e não apenas em nome da paz e da tranquilidade. George estava perfeitamente pronto a aceitar elogios dela (ou de qualquer outra pessoa), mas, se ela arriscasse alguma crítica ao seu trabalho, receberia uma aula massacrante sobre a sua ignorância artística.

Leu a crítica duas vezes e desistiu. Parecia-lhe bastante favorável, e foi o que lhe disse.

– Parece que gostaram da apresentação. Porque é que estás chateado?

– Por causa disto – disse George entre dentes, batendo com o dedo no meio da coluna. – Lê outra vez.

– «Foram especialmente agradáveis para os olhos os delicados tons de verde no cenário do número de ballet.» E?

– E *não havia* verde em lado nenhum! Perdi um tempão a encontrar aquela tonalidade exata de azul! E para quê? Ou algum daqueles malditos engenheiros da sala de controlo estragou o balanço das cores, ou este idiota deste crítico tem uma televisão defeituosa. De que cor é que aparecia na *nossa* televisão?

– Ah... não lembro – confessou Jean. – A Jennifer Anne começou a chorar ao mesmo tempo e tive que ir ver o que é que estava a acontecer.

– Oh! – disse George, atirando-se para um silêncio de fervura lenta. Jean sabia que podia esperar uma nova erupção a qualquer momento. No entanto, quando veio, até foi suave.

– Inventei uma nova definição para a televisão – resmungou ele, sorumbático. – Cheguei à conclusão de que é um aparelho para *atrapalhar* a comunicação entre o artista e o público.

– E o que é que pretendes fazer a esse respeito? – respondeu Jean. – Voltar ao teatro ao vivo?

– E porque não? – perguntou George. – É exatamente nisso que *estava* a pensar. Sabes aquela carta do pessoal de Nova Atenas? Escreveram-me outra vez. Acho que lhes vou responder.

– A sério? – perguntou Jean, um pouco alarmada. – Achava que eram um bando de malucos.

– Bem, só há uma maneira de descobrir. Vou lá fazer uma visita na próxima quinzena. Até acho que o material de divulgação deles parece perfeitamente sensato. E conseguiram gente muito boa.

– Se tu achas que vou começar a cozinhar num fogão a lenha, ou me vou vestir com peles, estás muito...

– Ah, não sejas parva! Essas histórias são só parvoíces. A colónia tem tudo o que é preciso para uma vida civilizada. Eles só não acreditam é em luxos supérfluos. De qualquer maneira, há uns dois anos que não vou ao Pacífico. Seria uma boa viagem para fazermos os dois.

– Aí concordo contigo – disse Jean. – Mas não pretendo deixar os miúdos virarem dois selvagens polinésios.

– Não vão – disse George. – Dou-te a minha palavra.

Ele tinha razão, embora não da maneira que pensava.

*

– Como devem ter notado quando aterraram – disse o homenzinho, do outro lado da varanda – a colónia é formada por duas ilhas, unidas por uma ponte. Esta é Atenas. A outra é Esparta. É uma ilha bastante rústica e rochosa e é um ótimo lugar para fazer desporto ou exercício. – O seu olhar vacilou por um momento sobre a cintura do visitante, e George mexeu-se na cadeira de palhinha, embaraçado. – Aliás, Esparta é um vulcão extinto. Ou, pelo menos, é isso que os geólogos *dizem*. Ha-ha.

– Mas, de volta a Atenas. A ideia da colónia, como deve ter percebido, é formar um grupo cultural independente e estável, com as suas próprias tradições artísticas. Devo destacar que fizemos muita pesquisa antes de começarmos este empreendimento. É, na verdade, um trabalho de

engenharia social aplicada, com base numa matemática tão complexa que nem imagino vir a perceber. Tudo o que sei é que os sociólogos matemáticos calcularam o tamanho que a colónia devia ter, o tipo de pessoas ela devia conter e, acima de tudo, o tipo de constituição para ser estável a longo prazo.

– O nosso governo é um conselho de oito diretores que representam a produção, energia, engenharia social, arte, economia, ciência, desporto e filosofia. Não temos um presidente fixo do conselho. O cargo é ocupado a cada ano por um dos diretores, que se vão revezando.

– A nossa população atual é de pouco mais de cinquenta mil, o que está ligeiramente abaixo do ideal desejado. É por isso que ficamos de olhos abertos para novos recrutas. E, é claro, existe uma certa perda. Ainda não somos totalmente autossuficientes em alguns dos talentos mais especializados.

– Aqui nesta ilha, estamos a tentar preservar alguma coisa da independência da humanidade, das suas tradições artísticas. Não somos contra os Senhores Supremos. Só queremos a liberdade para seguir o nosso próprio caminho. Quando eles destruíram as velhas nações e o estilo de vida que o Homem conhecera desde o princípio da história, descartaram também muitas das coisas boas em conjunto com as más. O mundo agora está calmo, aborrecido e morto do ponto de vista cultural: não foi criado nada de realmente novo desde que os Senhores Supremos chegaram. E a razão é óbvia. Não sobrou nada porque tivéssemos que lutar. Temos distrações e entretenimentos demais. Já repararam que *cada dia* que passa, algo como quinhentas horas de rádio e televisão são atirados para o ar pelos vários canais? Mesmo que uma pessoa não dormisse e não fizesse mais nada, só ia conseguir acompanhar um vigésimo do entretenimento disponível com o rodar de um botão! Não é de admirar que as pessoas se estejam a transformar em esponjas passivas: absorvem, mas nunca criam. Sabiam que o tempo médio que uma pessoa passa a ver televisão, hoje em dia, é de três horas por dia? Daqui a pouco as pessoas não vão viver as suas próprias vidas. Vai ser um trabalho a tempo inteiro. Tudo para nos mantermos a par das diversas séries na televisão!

– Aqui, em Atenas, o entretenimento fica no seu devido lugar. Além disso, é ao vivo, não enlatado. Numa comunidade deste tamanho, conseguimos ter uma participação quase completa do público, com tudo o que isso implica

para os realizadores e artistas. Aliás, formámos uma orquestra sinfónica muito boa. Talvez esteja entre as seis melhores do mundo.

– Mas não quero que aceite a minha palavra sobre tudo isto. O que costuma acontecer é que os candidatos a cidadãos ficam aqui alguns dias, para perceber como as coisas funcionam. No caso de decidirem que gostariam de se juntar a nós, deixamos que façam uma bateria de testes psicológicos, que são, na verdade, a nossa principal linha de defesa. Cerca de um terço dos candidatos é rejeitado, na sua maioria por razões que não são culpa deles e que tampouco faria diferença lá fora. Os que passam vão para casa durante tempo suficiente para resolverem todos os seus assuntos pendentes e deixarem as suas vidas em ordem. E depois de tudo isto, voltam para cá. Às vezes, mudam de ideia nesse estágio, mas isso já é mais raro. Quando acontece é quase sempre, por razões pessoais fora do controlo deles. Os nossos testes agora são quase cem por cento eficazes: as pessoas que passam são as que querem mesmo vir para cá.

– E se alguém mudar de ideia depois? – perguntou Jean, preocupada.

– Pode ir embora. Não há nenhum impedimento. Já aconteceu, uma ou duas vezes.

Fez-se um longo silêncio. Jean olhou para George, que passava os dedos, pensativo, pelas suíças, super na moda nos círculos artísticos. Desde que não queimassem as pontes por trás deles, não se preocuparia à toa. A colónia parecia um lugar interessante, e não era tão excêntrico como ela temera. As crianças iam adorar. E isso, no final de contas, era tudo o que importava.

*

Mudaram-se para lá seis semanas depois. A casa era pequena, apenas um andar, mas bastante adequada para uma família que não pretendia ultrapassar os quatro elementos. Todos os aparelhos básicos destinados a poupar trabalho estavam à vista. Pelo menos, Jean reconheceu, não havia o perigo de voltar à idade das trevas da labuta doméstica. Ainda assim, descobrir que havia uma cozinha, foi um tanto ou quanto perturbador. Numa comunidade deste tamanho, seria normal ligar para a central de alimentos, esperar cinco minutos e receber a refeição escolhida. Individualismo era uma coisa ótima, mas cozinhar, suspeitava Jean, podia ser levar as coisas longe *demais*. Ficou a pensar, preocupada, se também

teria de produzir as roupas da família, além de preparar as refeições. Contudo parecia não existir uma máquina de costura entre o lava-loiças e o forno, de modo que não devia ser assim tão mau...

É claro que o resto da casa ainda parecia muito nua e crua. Eram os seus primeiros ocupantes e ainda demorariam algum tempo até conseguirem transformar todo este aspeto asséptico de material novo, num lar com calor humano. As crianças, sem dúvida, seriam eficazes catalisadores desse processo. Já havia (embora Jean ainda não soubesse) uma desafortunada vítima de Jeffrey a sucumbir na banheira, resultado da ignorância do rapaz sobre a diferença básica entre água doce e salgada.

Jean aproximou-se da janela, ainda sem cortinas, e percorreu a colónia com os olhos. Era um lugar bonito, disso não havia dúvida. A casa ficava na encosta oeste da colina que dominava, graças à falta absoluta de concorrentes, a ilha de Atenas. Dois quilómetros para norte, conseguia ver a ponte que fazia a ligação a Esparta, fina como o fio de uma faca que dividia as águas. A ilha rochosa, com o seu sorumbático cone vulcânico, contrastava de tal maneira com este lugar pacífico que às vezes a assustava. Gostaria de saber como é que os cientistas podiam ter tanta certeza de que o vulcão não voltaria a acordar, acabando com todo mundo.

O seu olhar foi atraído para uma silhueta oscilante que subia a encosta, mantendo-se estritamente à sombra das palmeiras a despeito da linha da estrada. George voltava da sua primeira palestra. Estava na hora de parar de sonhar acordada e de se dedicar às coisas da casa.

Um estrondo metálico anunciou a chegada da bicicleta de George. Jean perguntou-se quanto tempo demoraria até os dois aprenderem a andar de bicicleta. Este era mais um dos aspetos inesperados da vida na ilha. Os carros particulares não eram permitidos. Efetivamente também não eram necessários, visto que a maior distância que se podia percorrer em linha reta era inferior a quinze quilómetros. Havia diversos veículos ao serviço da comunidade: camiões, ambulâncias e carros de bombeiros, todos limitados a cinquenta quilómetros por hora, exceto nos casos de verdadeiras emergências. Como resultado, os habitantes de Atenas conseguiam fazer bastante exercício, as ruas eram descongestionadas... e não havia acidentes de trânsito. George deu um beijo mecânico à sua mulher e desabou, com um suspiro de alívio, na poltrona mais próxima.

– Bolas! – disse, enxugando a testa. – Fiquei para trás dos outros todos a subir a colina, portanto, deve ser questão de hábito. Acho que já perdi dez quilos.

– Como foi teu dia? – perguntou Jean, dedicada. Tinha esperanças de que George não estivesse exausto demais para a ajudar a desempacotar as coisas.

– Muito estimulante. É claro que não lembro de metade das pessoas que me apresentaram, mas pareceram todas muito simpáticas. E o teatro é tão bom como eu esperava. Para a semana que vem, vamos começar a trabalhar em *Volta a Matusalém*, de Shaw. Vou ter controlo absoluto sobre os cenários e o projeto do palco. Vai ser uma novidade não ter uma dúzia de pessoas a dizerem-me o que é que não posso fazer. Sim, acho que vamos gostar de estar aqui.

– Mesmo com as bicicletas?

George reuniu energia suficiente para sorrir com ironia.

– Sim – disse ele. – Daqui a duas semanas já nem vou dar por esta nossa pequena colina.

No fundo não acreditava mesmo nisso, mas era a mais pura das verdades. No entanto, mais um mês se passou até que a Jean deixasse de ansiar pelo carro e descobrisse todas as coisas que se podiam fazer quando se tinha uma cozinha própria.

*

Nova Atenas não era um afloramento natural e espontâneo, como a cidade cujo nome ostentava. Tudo na colónia fora muito bem planeado, resultado de muitos anos de estudos, por um grupo de homens mais do que notáveis. Começara como uma conspiração aberta contra os Senhores Supremos, um desafio implícito às suas políticas, se não mesmo ao seu poder. Inicialmente, os patrocinadores da colónia tinham alimentado uma boa certeza de que Karellen encontraria uma forma eficaz de frustrar os seus planos, mas o Supervisor não fizera nada. Absolutamente nada. E isso não os tranquilizara tanto como seria de esperar. Karellen tinha tempo de sobra: podia estar a preparar um contra-ataque de efeito retardado. Ou podia estar tão certo do fracasso do projeto que nem sequer sentia necessidade de tomar medidas contra ele.

A maioria das pessoas previra que a colónia fosse um fracasso. Apesar disso, mesmo no passado, antes até de existir qualquer tipo de conhecimento sobre as dinâmicas sociais, tinham existido muitas comunidades dedicadas a fins religiosos ou filosóficos. De facto, a taxa de mortalidade dessas comunidades era alta, mas algumas tinham sobrevivido. E os alicerces de Nova Atenas eram os mais seguros que a ciência moderna podia oferecer.

Houve muitas razões para a escolha de uma ilha. Acima de tudo, as psicológicas. Numa era de transporte aéreo universal, o oceano não representava uma grande barreira física, mas ainda transmitia uma certa sensação de isolamento. Além disso, uma área terrestre limitada tornava impossível que gente a mais vivesse na colónia. A população máxima fora fixada em cem mil. Mais do que isso, as vantagens inerentes de uma comunidade pequena e compacta seriam perdidas. Um dos objetivos dos fundadores era que todos os membros de Nova Atenas conhecessem todos os restantes cidadãos que compartilhassem dos seus interesses, além de mais um ou dois por cento dos restantes.

O homem que fora a locomotiva por trás de Nova Atenas era um judeu. E, como Moisés, não vivera tempo suficiente para ver a sua terra prometida. A colónia só fora fundada três anos após a sua morte.

Nascera em Israel, a última nação independente a surgir e, por conseguinte, a que tivera a vida mais curta. O fim da soberania nacional fora intensamente sentido por lá, talvez, com mais amargura do que em qualquer outro lugar do mundo. É difícil abrir mão de um sonho que só fora alcançado há tão pouco tempo, depois de séculos de luta.

Ben Salomon não era nenhum fanático, mas as memórias da sua infância devem ter influenciado, e não pouco, a filosofia que colocaria em prática na colónia. Lembrava-se muito bem do que tinha sido o mundo antes do advento dos Senhores Supremos, e não queria voltar atrás. Como muitos outros homens inteligentes e bem-intencionados, era capaz de apreciar tudo o que Karellen fizera pela raça humana, ao mesmo tempo que sentia uma enorme angústia relativamente aos planos finais do Supervisor. Seria possível, questionava-se ele às vezes, que a despeito de toda a sua colossal inteligência, os Senhores Supremos não compreendessem de facto a humanidade? Que estivessem a cometer um erro terrível, mesmo que pelas melhores razões? E se, com a sua paixão altruísta por justiça e ordem,

estivessem determinados a reformar o mundo, mas não se tivessem dado conta de que estavam a destruir a alma do homem?

O declínio mal tinha começado, mas os primeiros sintomas de decadência não eram difíceis de perceber. Salomon não era artista, mas tinha uma perceção aguda da arte e sabia que a sua época não estava à altura, em nenhum campo individual, das realizações dos séculos anteriores. Talvez as coisas entrassem nos eixos com o seu devido tempo, quando o choque do encontro com a civilização dos Senhores Supremos já tivesse enfraquecido. Contudo, podia ser que não, e um homem prudente estudaria a hipótese de fazer uma apólice de seguro.

Nova Atenas era essa apólice. A sua fundação consumira vinte anos e alguns biliões de libras. Ou seja, um montante relativamente trivial da riqueza total do mundo. Nada acontecera nos primeiros quinze anos. Tudo acontecera nos últimos cinco.

A tarefa de Salomon teria sido impossível se não tivesse sido capaz de convencer um punhado dos artistas mais famosos do mundo de que seu plano tinha uma base sólida. Eles simpatizaram com o plano porque agradava aos seus egos e não porque fosse importante para a raça humana. Uma vez convencidos, porém, o mundo ouvira-os e dera-lhes o seu apoio, tanto moral como material. Por trás daquela fachada espetacular de artistas temperamentais, os verdadeiros arquitetos da colónia tinham traçado os seus planos.

Uma sociedade consiste de seres humanos cujo comportamento, como indivíduos, é imprevisível. No entanto, se tomarmos um número suficiente de unidades básicas, certas leis começam a aparecer, conforme fora descoberto há muito tempo atrás pelas empresas de seguros de vida. Ninguém nos sabe dizer que pessoas é que vão morrer em determinado período, mas o número total de mortes pode ser previsto com uma precisão considerável.

Existem outras leis mais subtis, descobertas no início do século XX por matemáticos como Weiner e Rashavesky. Dizem-nos que eventos como as depressões económicas, os resultados de corridas ao armamento, a estabilidade de grupos sociais, as eleições políticas e assim por diante, podem ser analisadas por técnicas matemáticas específicas. O grande problema era o imenso número de variáveis, muitas das quais difíceis de definir em termos numéricos. Assim sendo, não era possível traçar um

conjunto de curvas e dizer com certeza: «Quando esta linha for alcançada, significará guerra». E nunca se podia levar totalmente em conta eventos tão imprevisíveis como o assassinato de uma figura-chave, ou os efeitos de alguma nova descoberta científica. Pior ainda eram as catástrofes naturais, como os terramotos ou as cheias, que podiam ter um efeito profundamente devastador para um grande número de pessoas e para os grupos sociais nos quais viviam.

Mesmo assim, graças aos conhecimentos pacientemente acumulados durante os últimos cem anos, podia-se conseguir muita coisa. A tarefa teria sido impossível sem o auxílio dos gigantescos computadores, capazes de realizar o trabalho de mil matemáticos humanos numa questão de segundos. Esses auxílios tinham sido utilizados ao máximo quando a colónia fora planeada.

Mesmo assim, os fundadores de Nova Atenas podiam apenas fornecer o solo e o clima nos quais a planta poderia, ou não, vir a crescer. Como o próprio Salomon comentara: «Podemos ter a certeza do talento, mas só podemos rezar por um génio.» Contudo, era razoável esperar que numa sociedade tão concentrada, ocorressem algumas reações interessantes. Poucos artistas prosperam na solidão, e nada é mais estimulante do que o conflito de mentes com interesses similares.

Até ao momento, este choque gerara bons resultados na escultura, na música, na crítica literária e no cinema. Ainda era cedo demais para ver se o grupo que trabalhava em pesquisa histórica corresponderia às esperanças dos seus fomentadores, cujo objetivo a longo prazo era restaurar o orgulho da humanidade nas suas próprias realizações. A pintura ainda definhava, o que reforçava o ponto de vista dos que consideravam que as formas de arte estáticas e bidimensionais não tinham mais possibilidades a explorar.

Embora ainda não houvesse nenhuma explicação satisfatória para tal, era percetível que o tempo desempenhava um papel essencial nas mais bem-sucedidas realizações artísticas da colónia. Mesmo as esculturas quase nunca eram estáticas. Os intrigantes volumes e curvas de Andrew Carson mudavam lentamente enquanto eram observados, de acordo com padrões complexos que a mente podia apreciar, mesmo que não fosse capaz de os compreender na totalidade. De facto, Carson afirmava, com uma certa razão, ter levado os *móbiles* do século anterior à sua conclusão definitiva, e dessa forma ter fundido a escultura com o ballet.

Muitas das experiências musicais da colónia dedicavam-se, e não por coincidência, ao que só se poderia chamar de «duração do tempo». Qual era a nota mais breve que a mente podia captar, ou a mais longa que seria tolerável sem tédio? O resultado ia variando de acordo com o condicionamento, ou pelo uso de uma orquestração apropriada? Problemas como estes eram discutidos vezes sem fim e as discussões não eram apenas académicas: tinham resultados concretos em composições de enorme interesse.

Contudo, fora na arte do cinema de animação, com todas as suas possibilidades ilimitadas, que Nova Atenas realizara as suas experiências mais bem-sucedidas. Os cem anos decorridos desde a época de Walt Disney tinham deixado muito por fazer neste media tão flexível. Do lado puramente realista, conseguiam-se gerar resultados indistinguíveis de fotografias (para grande desprezo dos que desenvolviam animações seguindo linhas abstratas).

O grupo de artistas e cientistas que até agora menos criara era o que atraía o maior interesse... e mais alarme. Era a equipa que trabalhava com a «identificação total». A história do cinema dá-nos uma pista para as suas ações: primeiro, o som, depois a cor, depois a estereoscopia, depois o Cinerama. Juntos tinham tornado as antigas «imagens em movimento» cada vez mais parecidas com a própria realidade. Como terminaria a história? Sem dúvida, o estágio final seria atingido quando o público se esquecesse de que era um público e se tornasse parte da ação. Conseguir isto envolveria a estimulação de todos os sentidos e, quem sabe, também a hipnose. Eram muitos os que acreditavam que era possível. Quando essa meta fosse alcançada, a experiência humana seria imensamente enriquecida. Um homem poderia transformar-se, durante um tempo limitado, noutra pessoa. Poderia tomar parte em qualquer tipo de aventura concebível, real ou imaginária. Poderia até ser uma planta ou um animal, caso a captura e o registo das impressões sensoriais de outras criaturas vivas se tornasse possíveis. E, quando o «programa» terminasse, teria adquirido uma recordação tão vívida quanto qualquer experiência da sua vida real. De facto, indistinguível da sua própria realidade.

As perspetivas eram fascinantes. Embora houvesse quem as achasse horripilantes e esperasse que o empreendimento fosse um fracasso. Embora

no fundo soubessem que quando a ciência declarava uma coisa possível, não havia como evitar a sua realização, mais tarde ou mais cedo...

Assim era Nova Atenas e alguns dos seus sonhos. Esperava tornar-se o que a antiga Atenas poderia ter sido, caso tivesse máquinas em vez de escravos, ciência em vez de superstição. Contudo, ainda era muito cedo para saber se a experiência teria sucesso.

16

Jeffrey Greggson era um colono que, até agora, não se interessara por estética ou ciência, as duas grandes preocupações dos mais velhos. Mesmo assim, aprovava com todo o seu coração esta colónia, embora o fizesse por razões estritamente pessoais. O mar, nunca a mais de alguns quilómetros em qualquer direção, fascinava o rapaz. A maior parte de sua curta existência fora vivida bem longe do mar e ainda não se tinha habituado a esta novidade, estar completamente rodeado de água. Era um bom nadador e, muitas vezes, saía de bicicleta com os amigos, levava as suas barbatanas e a sua máscara e explorava as águas menos profundas da lagoa. No início, Jean não ficara muito satisfeita com isso, mas depois de ela própria ter dado alguns mergulhos, perdera o medo ao mar e às suas estranhas criaturas. Desde então que deixava Jeffrey divertir-se à vontade, com a única condição de jamais ir nadar sozinho.

O outro membro da família Greggson que também aprovara a mudança era *Fey*, a linda *golden retriever* que oficialmente pertencia a George, mas que poucas vezes se afastava do Jeffrey. Os dois eram inseparáveis, tanto de dia como, se Jean não tivesse batido o pé, de noite. Só quando Jeffrey saía de bicicleta é que *Fey* permanecia em casa, deitada, sem fazer nada, parada em frente à porta a olhar para a estrada com olhos húmidos e pesarosos, o focinho pousado entre as patas. Isto era um bocado humilhante para George, que pagara um preço exorbitante por *Fey* e pelo seu *pedigree*. Mas parecia que ia ter que esperar pela próxima ninhada, prevista para daí a três meses, antes que pudesse ter um cão seu. Jean tinha outra opinião sobre o assunto. Gostava de *Fey*, mas achava que um cão por domicílio era mais do que o suficiente.

Só a Jennifer Anne é que ainda não se decidira se gostava ou não da colónia. O que não era de espantar, até agora não vira nada do mundo para lá dos painéis plásticos do seu berço e não tinha, até à data, qualquer suspeita de que tal lugar existisse.

*

George Greggson não pensava muito no passado. Estava demasiado ocupado a fazer planos para o futuro, absorvido pelo trabalho e pelos filhos. Eram raras as ocasiões em que a sua mente voltava através dos anos para aquela noite em África, nem nunca tinha tocado nesse assunto com Jean. Por concordância mútua evitavam-no e desde esse dia, apesar dos convites repetitivos, nunca mais visitaram os Boyce. Respondiam ao Rupert com as mais variadas desculpas e ultimamente, ele parara de os incomodar. Para surpresa de todos, o seu casamento com a Maia parecia funcionar.

Um resultado daquela noite fora que Jean perdera toda a vontade de se envolver em mistérios nas fronteiras da ciência. Desaparecera completamente aquela admiração ingénua e indiscriminada que a atraíra a Rupert e às suas experiências. Quem sabe talvez se tivesse convencido e não quisesse mais provas. George preferia não perguntar. Também era possível que tivessem sido as preocupações da maternidade a expulsar esses interesses da sua cabeça.

George sabia que não valia a pena continuar preocupado com um mistério que jamais poderia ser resolvido. No entanto, às vezes, no silêncio da noite, acordava e ficava a pensar. Lembrava-se do seu encontro com Jan Rodricks, no terraço de casa do Rupert, e das poucas palavras que trocara com o único ser humano que tivera algum sucesso ao desafiar a interdição dos Senhores Supremos. «Nada no reino do sobrenatural», pensou George, «era mais assustador do que o facto puramente científico de que, embora já tivessem passado quase dez anos desde que falara com Jan, para esse viajante, agora tão afastado, só tinham passado alguns dias.»

O Universo era vasto, mas isso incomodava-o menos do que o seu mistério. George não era uma pessoa que pensasse a fundo sobre estes assuntos, mas às vezes parecia-lhe que os homens eram como as crianças, divertiam-se num parque fechado, protegidos das terríveis realidades do mundo exterior. Jan Rodricks ressentira-se dessa proteção e escapara... para onde? Isso é que já ninguém sabia. Neste assunto George punha-se do lado dos Senhores Supremos. Não queria enfrentar o que quer que fosse que estivesse à espreita nas trevas desconhecidas, para lá do pequeno feixe de luz projetado pela lâmpada da ciência.

*

– Porque será – queixou-se George – que o Jeff nunca está em casa quando eu cá estou? Mas para onde é que ele foi hoje?

Jean levantou os olhos do tricot, uma ocupação arcaica recentemente ressuscitada com grande sucesso. Estas modas iam e vinham na ilha com uma certa rapidez. O principal resultado desta mania específica era que toda a gente já tinha recebido de presente camisolas coloridas, demasiado quentes para usar durante o dia, mas muito úteis depois do pôr do Sol.

– Foi a Esparta com uns amigos – respondeu Jean. – Disse que voltava para o jantar.

– Vim para casa para trabalhar um bocadinho – disse George, pensativo. – Só que está um dia tão bom, que também me apetece ir dar um mergulho. Queres que traga algum tipo de peixe?

George nunca pescara nada e os peixes da lagoa eram espertos demais para serem apanhados. Jean estava prestes a dizer-lhe isso, quando o silêncio da tarde foi quebrado por um som que ainda tinha algum poder, mesmo nesta era pacífica, de enregelar o sangue e levantar o couro cabeludo de apreensão.

Era o uivo de uma sirene, que subia e descia, espalhando a sua mensagem de perigo em círculos concêntricos, na direção do mar.

* * *

Durante quase cem anos, as pressões aumentaram lentamente naquela escuridão ardente muito abaixo do leito oceânico. Embora o desfiladeiro submarino se tivesse formado há muitas eras geológicas atrás, as rochas torturadas nunca se reconciliaram com as suas novas posições. Vezes e vezes sem conta, os estratos rangiam e deslocavam-se, à medida que o peso inimaginável da água perturbava o seu precário equilíbrio. Agora, mais uma vez, estavam prontos para se mexerem.

Jeff estava a explorar as piscinas rochosas ao longo da praia estreita de Esparta, uma ocupação que ele achava de interesse extremo. Nunca se podia saber que criaturas exóticas iriam ser encontradas, abrigadas das ondas que avançavam umas atrás das outras pelo Pacífico para se esgotarem finalmente contra os recifes. Era um reino de fadas para qualquer criança e, naquele momento, Jeff era o seu único proprietário. Os seus amigos, cansados, já tinham subido para as colinas.

O dia estava calmo e pacífico. Não soprava vento nenhum, e mesmo o eterno murmúrio que chegava para lá dos recifes, se tinha reduzido a um barulho de fundo abafado. O sol escaldante pendia do céu, já a meio da sua descida, mas o corpo castanho-mogno de Jeff agora era praticamente imune aos seus ataques.

A praia, aqui, era um cinturão estreito de areia, com uma forte inclinação próxima da lagoa. Olhando para dentro da água cristalina, Jeff conseguia ver as rochas submersas que lhe eram tão familiares como as formações em terra. Cerca de dez metros mais abaixo, as vigas cobertas de algas de uma antiga embarcação curvavam-se para cima, em direção a um mundo que abandonara há quase dois séculos atrás. Jeff e os seus amigos tinham explorado o naufrágio muitas vezes, mas as esperanças de um tesouro escondido saíram sempre frustradas. Tudo o que tinham conseguido recuperar fora uma bússola incrustada de cracas.

Com uma firmeza súbita, alguma coisa se apossou da praia e deu-lhe um puxão repentino. O tremor passou tão depressa que Jeff ficou em dúvida se o teria imaginado. Talvez tivesse sido uma tontura passageira, tudo à sua volta permanecia completamente inalterado. As águas da lagoa estavam calmas, o céu, vazio de nuvens ou ameaças. Até que algo muito estranho começou a acontecer.

Mais rápido do que qualquer maré vazante, a água recuava da costa. Jeff observou, profundamente intrigado, mas nada assustado, enquanto as areias molhadas eram expostas, cintilando ao Sol. Acompanhou o oceano na sua retirada, determinado a aproveitar ao máximo aquele milagre que abrira o mundo submarino à sua inspeção. O nível da água baixara tanto que o mastro partido do velho naufrágio se erguia no ar, com as algas pendentes, flácidas, à medida que perdiam seu apoio líquido. Jeff avançou com pressa, ansioso por ver que maravilhas seriam reveladas de seguida.

Foi então que reparou no barulho dos recifes. Nunca ouvira nada parecido antes, e parou para pensar no assunto. Os seus pés descalços afundaram devagar na areia húmida. Um peixe grande debatia-se, em agonia, a poucos metros de distância, mas Jeff mal reparou nele. Ficou parado, alerta e à escuta enquanto o barulho do recife aumentava cada vez mais à sua volta.

Era um som de sucção, gorgolejante, como o ruído de um rio a correr por um canal estreito. Era a voz do mar que retirava contra a sua vontade, zangado por perder, mesmo que por um segundo, as terras que eram suas

por direito. Através das graciosas ramificações do coral, através de cavernas submarinas ocultas, milhões de toneladas de água estavam a ser drenadas da lagoa para a vastidão do Pacífico.

Brevemente, e a grande velocidade, elas retornariam.

*

Horas mais tarde, um dos grupos de resgate encontrou Jeff sobre um grande bloco de coral que fora arremessado vinte metros acima do nível normal da água. Não parecia particularmente assustado, embora estivesse preocupado com a perda da sua bicicleta. Também estava com fome, já que ficara longe de casa por causa da destruição parcial da ponte. Quando foi resgatado, estava a ponderar nadar de volta até Atenas e, a menos que as correntes tivessem mudado drasticamente, era certo que teria feito a travessia sem grandes problemas.

Jean e George testemunharam toda a sequência de eventos quando o *tsunami* atingiu a ilha. Embora os danos tivessem sido graves nas áreas mais baixas de Atenas, não houve nenhuma vida perdida. Os sismógrafos tinham sido capazes de lhes dar quinze minutos de advertência, mas isso fora o suficiente para que todos viessem para cima da linha de perigo. A colónia agora ia recuperar e reunir uma quantidade de histórias que se tornariam cada vez mais assustadoras durante os anos seguintes.

Jean irrompeu em lágrimas quando lhe devolveram o filho. Estava completamente convencida de que ele tinha sido levado pelo mar. Assistira, com os olhos cheios de horror, ao paredão de águas negra encabeçado por espuma que se movera do horizonte, rugindo, para cobrir a base de Esparta com espuma e borrifos. Parecia incrível que Jeff pudesse ter chegado a algum lugar seguro em tempo útil.

Não era de espantar que ele não fosse capaz de fazer uma descrição racional do que acontecera. Depois de comer e na segurança da sua cama, Jean e George sentaram-se ao seu lado.

– Agora dorme, querido, e esquece tudo o que aconteceu – disse Jean. – Está tudo bem agora.

– Mas foi fixe, mãe – protestou Jeff. – Não tive medo, a sério.

– Ótimo – disse George. – Tu és um miúdo corajoso e ainda bem que tiveste juízo e correste com tempo. Já ouvi falar destes maremotos. Há

muita gente que se afoga quando vai para a praia descoberta para perceber o que é que aconteceu.

– Mas foi isso que eu fiz – confessou Jeff. – Quem é que será que me ajudou?

– O que é que queres dizer com isso? Não estava mais ninguém contigo. Os outros rapazes já estavam no cimo da colina.

Jeff parecia intrigado.

– Mas alguém me disse para eu correr.

Jean e George entreolharam-se, ligeiramente alarmados.

– Queres dizer... se calhar imaginaste ter ouvido alguma coisa?

– Ah, não o chateies agora – disse Jean, ansiosa e um bocado à pressa demais. George, porém, era teimoso.

– Quero chegar ao fundo disto. Conta-me exatamente o que é que aconteceu, Jeff.

– Bem, eu estava lá em baixo na praia, ao pé daquele navio velho afundado, quando ouvi uma voz a falar.

– E o que é que ela disse?

– Não me lembro bem, mas foi alguma coisa tipo: «Jeffrey, sobe a colina o mais rápido que puderes. Se ficares aqui, vais morrer afogado». Tenho certeza de que a voz me chamou de Jeffrey, e não Jeff. Por isso não pode ter sido ninguém que eu conheço.

– Era a voz de um homem? E de onde é que vinha?

– Parecia muito perto, ao meu lado. E parecia uma voz de homem...

Jeff hesitou por um momento e George instigou-o:

– Vá, continua... imagina que estás outra vez nessa praia e diz-me exatamente o que é que aconteceu.

– Bem, não parecia ninguém que eu já tivesse ouvido falar antes. Mas acho que era alguém *grande*.

– Foi só isso que a voz disse?

– Foi... e depois eu comecei a subir a colina. E aí aconteceu mais outra coisa engraçada. Sabes aquele caminho que sobe pela rocha?

– Sei.

– Eu estava a correr, a subir por esse caminho, porque era o caminho mais rápido. Já sabia o que é que estava a acontecer porque tinha visto a *ondona* a vir. Também fazia um barulho um bocado assustador. E depois percebi

que tinha uma pedra gigante no meio do caminho. Mas que não estava lá antes e eu não tinha maneira de passar.

– Deve ter caído com o terremoto – disse George.

– Shiu! Continua, Jeff.

– Não sabia bem o que é que eu havia de fazer, e eu conseguia ouvir a onda a chegar. Até que ouvi a voz a dizer: «Fecha os olhos Jeffrey e tapa a cara com as mãos». Parecia uma coisa parva para se fazer, mas eu tentei. Houve um clarão enorme, conseguia-se sentir no corpo todo. E, quando abri os olhos, a pedra tinha desaparecido.

– Desparecido?

– Isso mesmo, já não estava lá. Por isso comecei a correr outra vez e foi aí que quase queimei os pés, porque o caminho estava a ferver. A água assobiou quando passou nesse sítio, mas não me conseguiu apanhar, eu já estava bem mais acima nas rochas. E foi só isso. Depois desci outra vez quando já não haviam mais ondas. Foi aí que percebi que a minha bicicleta tinha desaparecido e que a estrada para casa tinha caído.

– Não te preocupes com a bicicleta, querido – disse Jean, apertando o filho, grata. – Depois arranjamos-te outra. A única coisa que importa é que tu estejas bem. Não nos vamos preocupar com como é que isso aconteceu.

É claro que isso não era verdade. A discussão começou assim que saíram do quarto das crianças. Não chegaram a conclusão nenhuma, mas a conversa teve duas consequências. No dia seguinte, sem dizer nada a George, Jean levou o filho ao psicólogo infantil da colónia, que o ouviu com atenção enquanto Jeff repetia a sua história, sem se sentir minimamente intimidado pelo novo ambiente. Em seguida, enquanto o miúdo, que nem desconfiava que ali estava como paciente, rejeitava uma série de brinquedos na sala do lado, o médico tranquilizou Jean:

– Não há nada no histórico dele que sugira alguma anomalia mental. Temos que ter em conta que ele passou por uma experiência aterradora. E a verdade é que se orientou melhor do que era de esperar. É uma criança cheia de imaginação, e não duvido que ele acredite na sua própria história. Sugiro que a aceitem e não se preocupem, a não ser que existam outros sintomas. Mas nesse caso, avisem-me imediatamente.

À noite, Jean transmitiu o veredicto ao marido. George não pareceu tão aliviado como ela esperava, e Jean atribuiu isso à preocupação com os estragos sofridos pelo seu querido teatro. Ele limitou-se a grunhir «Tudo

bem», e atirou-se ao último número da *Palcos e Ateliers*. Parecia que tinha perdido todo o interesse naquele assunto e Jean ficou vagamente chateada.

Três semanas depois, porém, no dia em que a ponte foi reaberta, George e sua bicicleta partiram em ritmo ligeiro para Esparta.

A praia ainda estava coberta de coral despedaçado e o próprio recife parecia ter sido destruído num determinado ponto. George pensou na quantidade de tempo que aquelas miríades de pólipos pacientes demorariam a reparar os estragos.

Havia apenas um caminho a subir pela encosta e assim que recuperou o fôlego, George começou a escalar. Alguns fragmentos secos de alga, aprisionados entre as rochas, marcavam o limite alcançado pelas águas em ascensão.

Durante algum tempo, George Greggson ficou ali, parado naquele trilho solitário, a contemplar a mancha de rocha fundida por baixo dos seus pés. Tentou explicar a si próprio que aquilo era alguma bizarria do vulcão há muito extinto, mas rapidamente abandonou essa tentativa de autoilusão. A sua mente voltou àquela noite, anos atrás, quando ele e Jean tinham participado naquela experiência parva do Rupert Boyce. Ninguém nunca percebera realmente o que é que tinha acontecido naquela noite, e George sabia que de alguma maneira insondável, os dois estranhos eventos estavam relacionados. Primeiro fora Jean, agora o filho dela. Não sabia se devia ficar feliz ou com medo e, do fundo do coração, proferiu uma oração silenciosa:

– Obrigado, Karellen, pelo o que quer que seja que a tua gente tenha feito pelo Jeff. Mas eu gostaria de saber *porque* é que o fizeram.

Desceu lentamente até à praia, olhando para as grandes gaivotas brancas que voavam em círculos à sua volta, aborrecidas com ele por não lhes ter trazido comida.

17

O pedido de Karellen, embora fosse expectável a qualquer momento desde a fundação da colónia, caiu como uma bomba. Como todos sabiam muito bem, representava uma crise para Atenas. Ninguém conseguia determinar se resultaria em algo bom ou mau.

Até agora, a colónia funcionara sempre sem qualquer interferência da parte dos Senhores Supremos. Tinham deixado a ilha completamente à vontade, da mesma forma que ignoravam a maior parte das restantes atividades humanas que não fossem subversivas, nem ofendessem os seus códigos de conduta. Se os objetivos da colónia podiam ou não ser considerados subversivos, era matéria de discussão. Eram apolíticos, mas representavam uma procura pela independência intelectual e artística. E a partir daí, quem sabe o que poderia acontecer? Os Senhores Supremos podiam muito bem ser capazes de prever o futuro de Atenas mais claramente do que os seus fundadores... e poderiam não gostar dele.

É claro que se Karellen quisesse enviar um observador, inspetor ou qualquer outro nome que lhe quisesse chamar, não havia muito que pudesse ser feito. Vinte anos antes, os Senhores Supremos anunciaram que tinham suspendido a utilização dos seus aparelhos de vigilância, de maneira que a humanidade não precisava de se considerar espiada. No entanto, o facto destes aparelhos ainda existirem significava que nada poderia ficar verdadeiramente escondido dos Senhores Supremos, se eles realmente quisessem ver.

Algumas pessoas da ilha recebiam com alegria esta visita, era uma oportunidade de responder a uma das principais questões sobre a psicologia dos Senhores Supremos: qual era a sua postura em relação às artes? Será que as consideravam uma aberração infantil da raça humana? Será que eles próprios têm alguma forma de arte? E nesse caso, a finalidade desta visita seria puramente estética, ou poderiam os motivos de Karellen ser menos inocentes?

Todas estas questões foram debatidas incessantemente, enquanto os preparativos estavam em andamento. Nada se sabia a respeito do Senhor Supremo visitante, mas presumia-se que pudesse absorver cultura em quantidades ilimitadas. A experiência seria pelo menos tentada e as reações da vítima, observadas com interesse por uma junta de mentes das mais aguçadas.

O atual presidente do conselho era o filósofo Charles Yan Sen, um homem irónico, mas no fundo bem-humorado, que ainda não chegara aos sessenta e estava, portanto, no auge da vida. Platão tê-lo-ia aprovado como um exemplo do filósofo-estadista, embora Sen não aprovasse a cem por cento de Platão. Considerava que este tinha deturpado grosseiramente as ideias de Sócrates. Sen era um dos colonos decididos a aproveitar ao máximo esta visita, nem que fosse apenas para mostrar aos Senhores Supremos que os homens ainda tinham bastante iniciativa e ainda não estavam, como ele dizia, «completamente domesticados».

Em Atenas nada se fazia sem um comité, essa marca registada definitiva do método democrático. De facto, alguém definira a colónia uma vez, como um sistema de comités interligados. No entanto, o sistema funcionava graças aos pacientes estudos dos psicólogos sociais que tinham sido os verdadeiros fundadores de Atenas. Visto que a comunidade não era grande demais, todos tinham a oportunidade de participar um pouco na sua administração. Era a cidadania, no sentido mais verdadeiro da palavra.

Era quase inevitável que George, como um dos líderes da hierarquia artística, fizesse parte do comité de receção. Mas para ter mesmo a certeza, mexeu uns cordelinhos para garantir que assim o era. Se os Senhores Supremos queriam estudar a colónia, George também os queria estudar a eles. Só Jean é que não ficou muito satisfeita com isso.

Desde a noite na casa dos Boyce que sentia uma vaga hostilidade para com os Senhores Supremos, embora não tivesse nenhuma razão objetiva para isso. Simplesmente desejava ter que lidar com eles o mínimo possível. Para ela, uma das principais atrações da ilha fora a esperança de independência. Agora, temia que essa independência pudesse estar ameaçada.

O Senhor Supremo chegou sem qualquer cerimónia, vinha num carro aéreo de fabrico humano, para frustração dos que esperavam algo mais espetacular. Até podia ser o próprio Karellen, ninguém alguma vez fora

capaz de distinguir entre os Senhores Supremos com qualquer grau de certeza. Pareciam todos cópias uns dos outros, saídos de um único molde-mestre. E quem sabe, graças a algum processo biológico desconhecido, talvez fossem mesmo.

Depois do primeiro dia, os colonos deixaram de prestar muita atenção quando o carro oficial passava num dos seus roteiros turísticos. O nome correto do visitante era Thanthalteresco, o que rapidamente se mostrou inconveniente para uso diário, pelo que foi prontamente apelidado de «Inspetor». Era um nome preciso, pelo menos a julgar pela sua curiosidade e apetite por estatísticas, que parecia ser insaciável.

Charles Yan Sen estava exausto quando, já bem depois da meia-noite, acompanhou o Inspetor de volta ao carro aéreo que lhe servia de base. Sem dúvida que ele continuaria a trabalhar ali durante toda a noite, enquanto os seus anfitriões humanos se rendiam à fraqueza do sono.

A Sra. Sen recebeu de volta o seu marido com apreensão. Formavam um casal apaixonado, apesar do hábito brincalhão dele de a tratar por Xantipa sempre que recebiam convidados. Ela há muito que o ameaçava de lhe servir um chá envenenado mas, felizmente, essa era uma prática menos comum em Nova Atenas do que fora na antiga.

– Correu tudo bem? – perguntou ela, enquanto o marido se encostava para uma refeição tardia.

– Acho que sim... só que uma pessoa nunca consegue ter certeza do que se passa naquelas cabeças incríveis. Ele ficou mesmo interessado, até foi um elogio. A propósito, pedi desculpas por não o convidar para vir cá. Ele disse que percebia e não tinha a menor vontade de bater com a cabeça no nosso teto.

– O que é que lhe mostraste hoje?

– O ganha-pão desta colónia, que ele não pareceu achar tão chato como eu. Fez todo tipo de perguntas que consigas imaginar sobre a produção, como é que equilibramos o nosso orçamento, os recursos minerais, a taxa de natalidade, como é que conseguimos comida e daí por diante. Ainda bem que eu estava com o secretário Harrison, ele é que veio preparado com todos os relatórios anuais desde o início da colónia. Devias ter visto os dois a trocarem estatísticas... O Inspetor pediu os relatórios emprestados e aposto que quando nos virmos amanhã, vai ser capaz de citar qualquer número de cabeça. Acho esse tipo de exibição mental tão deprimente!

Bocejou e começou a repescar a comida, sem muito entusiasmo.

– Acho que amanhã vai ser mais interessante. Vamos visitar as escolas e a Universidade. É aí que vou fazer *eu* algumas perguntas, para variar. Quero saber como é que os Senhores Supremos criam os seus filhos... supondo, claro, que tenham filhos.

Mas essa seria uma pergunta que Charles Sen jamais veria respondida. Todavia, noutros pontos, o Inspetor fora até bastante aberto. Esquivava-se de perguntas constrangedoras de tal maneira que dava gosto de ver, mas depois, sem ninguém estar à espera, abria-se completamente. O primeiro momento de verdadeira intimidade aconteceu quando estavam a sair da escola, um dos grandes orgulhos da colónia.

– É uma grande responsabilidade – comentou o Dr. Sen – treinar estas mentes jovens para o futuro. Ainda bem que os seres humanos são resistentes. É preciso uma educação muito má para causar danos permanentes. Mesmo que os nossos objetivos estejam errados, as nossas pequenas vítimas deverão conseguir superar tudo isso. E, como viu, parecem todas felizes.

Depois de um breve silêncio, Sen levantou um olhar matreiro para o vulto imponente ao seu lado. O Inspetor estava completamente coberto com uma espécie de tecido prateado refletor, de modo que nem um centímetro do seu corpo estivesse exposto à luz ardente do sol. O Dr. Sen estava ciente dos enormes olhos por trás dos óculos escuros, observando-o sem emoção... ou com emoções que ele jamais poderia compreender.

– Imagino que as nossas dificuldades na educação destas crianças sejam muito semelhantes às que vocês encontram na relação com a raça humana. Não concorda?

– Sob certos aspetos – admitiu, gravemente, o Senhor Supremo. – Mas sob outros talvez uma melhor analogia possa ser encontrada na história das vossas potências coloniais. É por esse motivo que os Impérios Romano e Britânico sempre foram de muito interesse para nós. O caso da Índia em especial é muito instrutivo. A principal diferença entre nós e os ingleses na Índia é que eles não tinham motivos concretos para ir até lá. Isto é, não tinham objetivos conscientes, exceto razões triviais e temporárias, como o comércio e a hostilidade para com as restantes potências europeias. Viram-se donos de um império antes de saberem o que fazer com ele, e nunca ficaram verdadeiramente satisfeitos até se terem livrado dele.

– E os Senhores Supremos – perguntou o Dr. Sen, incapaz de resistir à ocasião – vão se livrar do vosso império quando chegar a hora?

– Sem a menor hesitação – respondeu o Inspetor.

Sen não insistiu no assunto. A franqueza da resposta não era especialmente elogiosa. Além disso, estavam a chegar à Universidade, onde os pedagogos reunidos, aguardavam para afiar as suas mentes através do contacto com um Senhor Supremo, real e ao vivo.

*

– Como o nosso distinto colega deve ter mencionado – disse o professor Chance, reitor da Universidade de Nova Atenas – o nosso principal objetivo é manter as mentes do nosso povo *alertas*, e permitir que desenvolvam todas as suas potencialidades. Fora desta ilha – e o seu gesto indicava, e rejeitava, o resto do globo – receio que a raça humana tenha perdido a *iniciativa*. Tem paz, tem abundância... mas não tem *horizontes*.

– Enquanto que aqui, é claro...? – interrompeu o Senhor Supremo, afável.

O professor Chance que não tinha sentido de humor e estava vagamente ciente desse facto, olhou desconfiado para o visitante, e prosseguiu:

– Aqui não padecemos da antiquada obsessão de que o lazer é um pecado. Mas também não achamos que a receção passiva de entretenimento seja tudo. Todas as pessoas nesta ilha têm uma ambição, que pode ser resumida de maneira muito simples: fazer *alguma coisa*, por menor que seja, melhor do que qualquer outra pessoa. É claro que se trata de um ideal que nem todos atingimos. Mas, neste mundo moderno, *ter* um ideal já é uma grande coisa. Alcançá-lo é muito menos importante.

O Inspetor não pareceu inclinado a fazer comentários. Tinha descartado a roupa protetora, mas ainda usava os óculos escuros, mesmo na luz branda do Salão de Conferências. O reitor duvidava se seriam necessários por motivos fisiológicos, ou se eram mera camuflagem. O certo era que tornavam praticamente impossível a já difícil tarefa de ler os pensamentos dos Senhores Supremos. Não pareceu, contudo, opor-se às afirmações, um tanto duras, que lhe haviam sido lançadas. Nem tampouco às críticas implícitas sobre a política da sua raça nas relações com a Terra.

O reitor estava a ponto de insistir no ataque quando o professor Sperling, diretor do Departamento de Ciências, resolveu transformá-lo num combate de três frentes.

– Como o senhor certamente saberá, um dos grandes problemas da nossa cultura tem sido a dicotomia entre arte e a ciência. Gostaria muito de conhecer a sua opinião sobre o assunto. Concorda com a visão de que todos os artistas são anormais? Que o trabalho deles, ou, pelo menos o impulso por trás desse trabalho, é resultado de algum descontentamento psicológico profundo?

O professor Chance limpou a garganta, deliberadamente, mas o Inspetor antecipou-se a ele:

– Disseram-me que todos os homens são artistas até certo ponto, de modo que todos são capazes de criar algo, mesmo que a um nível rudimentar. Por exemplo, ontem, numa das vossas escolas, observei o ênfase dado à autoexpressão no desenho, na pintura e na escultura. O impulso parece ser bastante universal, mesmo entre os que claramente estão destinados a ser especialistas nas ciências. Por isso, se todos os artistas são anormais, e todos os homens são artistas, temos aí um interessante silogismo...

Ficaram todos à espera que ele o concluísse. Contudo, quando isso servia as suas finalidades, os Senhores Supremos sabiam ser impecavelmente diplomáticos.

*

O Inspetor passou pelo concerto sinfónico com brio, o que era bem mais do que poderia ser dito dos muitos membros humanos na plateia. A única concessão ao gosto popular fora a *Sinfonia dos Salmos* de Stravinsky; o resto do programa mantivera-se ferranhamente modernista. Quaisquer que fossem os pontos de vista de cada um sobre os seus méritos, a apresentação fora soberba. A alegação da colónia quanto a ter alguns dos melhores músicos do planeta não era falsa. Houve muita disputa entre os diversos compositores rivais pela honra de serem incluídos no programa, mesmo que alguns dos cínicos questionassem se isso seria mesmo uma honra. Embora tudo o que se sabia indicasse o contrário, os Senhores Supremos podiam perfeitamente ser incapazes de distinguir notas musicais.

No entanto, foi observado que depois do concerto, Thanthalteresco procurou os três compositores que estavam presentes e os cumprimentou-os pessoalmente por aquilo que apelidou de «grande engenhosidade». Isso fez com que se retirassem com expressões satisfeitas, mas vagamente perplexas.

Foi apenas ao terceiro dia que George Greggson teve a oportunidade de se encontrar com o Inspetor. O teatro providenciara uma espécie de *buffet* em vez de um prato único: duas peças de um ato, um quadro cómico de um imitador de fama mundial e uma sequência de ballet. Mais uma vez, foi tudo esplendidamente executado e a previsão de um dos críticos («Agora, pelo menos, é que vamos descobrir se os Senhores Supremos são capazes de bocejar.») foi refutada. De facto, o Inspetor riu-se várias vezes e sempre nas alturas certas.

Mas mesmo assim... ninguém conseguia ter certeza. Ele podia estar também a representar, acompanhando a apresentação apenas pela lógica, com as suas estranhas emoções completamente insensíveis. Como um antropólogo que tomasse parte num estranho ritual primitivo. O facto de emitir os sons apropriados e de reagir como esperado, no fundo não provava coisa nenhuma.

Embora George tivesse a firme intenção de conversar com o Inspetor, fracassou completamente. Depois do espetáculo, trocaram umas breves palavras de apresentação e, em seguida, o visitante foi conduzido para longe. Seria impossível isolá-lo da sua comitiva, e George foi para casa num estado de extrema frustração. Não tinha a certeza do que é que lhe pretendia dizer, mesmo que tivesse tido a oportunidade. De alguma maneira, porém, tinha a certeza de que teria conseguido conduzir a conversa até ao Jeff. E, agora, perdera a oportunidade.

O seu mau humor durou dois dias. O carro aéreo do Inspetor partira, no meio de várias declarações de respeito mútuo, antes que a sequela surgisse. Nunca ninguém pensara em perguntar a Jeff. O rapaz deve ter pensado muito sobre o assunto, mas só passado um bom bocado é que decidiu abordar George.

– Pai – disse ele, pouco antes de ir para cama. – Sabes o Senhor Supremo que veio cá visitar-nos?

– Sei – respondeu George, sem demonstrar emoção.

– Ele foi lá à nossa escola e eu ouvi-o a falar com uns professores. Não consegui perceber o que é que ele dizia... mas acho que já ouvi a voz dele. Foi ele quem disse para eu correr, quando veio aquela ondona.

– Tens a certeza?

Jeff hesitou por um momento.

– Não *muita*... Mas, se não foi ele, foi outro Senhor Supremo. Não sabia se eu lhe devia ir agradecer. Mas ele já foi se foi embora, não foi?

– Já – respondeu George. – Infelizmente, já. Mesmo assim, quem sabe, talvez um dia possamos ter outra oportunidade? Agora, vai para cama como um menino bem-comportado e não te preocupes mais com isso.

Quando teve a certeza de que Jeff estava longe e Jenny estava pronta para dormir, Jean voltou e sentou-se no tapete, ao lado da poltrona de George, inclinando-se contra as suas pernas. Era um hábito que ele achava irritantemente sentimental, mas pelo qual não valia a pena arranjar discussão. Só lhe enrijecia os joelhos, até ficarem bem desconfortáveis.

– O que é que achas agora? – perguntou Jean, com uma voz cansada e monótona. – Acreditas mesmo que aconteceu?

– Aconteceu – respondeu George – mas talvez seja parvoíce estarmos preocupados. Afinal de contas, a maioria dos pais ficaria agradecido... E, é claro que eu também *estou*. A explicação pode ser muito simples. Toda a gente sabe que os Senhores Supremos estão interessados na colónia, de modo que, com certeza, andavam a observar a ilha com os seus instrumentos... apesar de terem feito aquela promessa. Imagina que um deles estava só a patrulhar por aí com aquele aparelho de visualização e viu a onda a caminho. Seria muito natural avisar qualquer um que estivesse em perigo.

– Mas ele sabia o nome do Jeff, não te esqueças disso. Não, eles estão a observar-nos. Passa-se alguma coisa estranha connosco, alguma coisa que atraiu a atenção deles. Sinto isso desde a festa do Rupert. É engraçado como aquilo mudou a nossa vida.

George baixou os olhos para ela com pena, mas só isso. Era estranho o quanto uma pessoa podia mudar em tão pouco tempo. Sentia um imenso carinho por ela; ela dera à luz os seus filhos e era parte da sua vida. Contudo, o que é que restava do amor que uma pessoa do passado distante, chamada George Greggson, certa vez sentira por um sonho passageiro chamado Jean Morrel? O seu amor agora estava dividido entre Jeff e Jennifer de um lado... e Carolle do outro. Não acreditava que Jean soubesse alguma coisa da Carolle, e pretendia contar-lhe antes que outra pessoa o fizesse. Mas por algum motivo, nunca conseguia fazê-lo.

– Muito bem... Jeff está a ser vigiado... ou melhor, protegido. Não achas que devíamos ficar orgulhosos? Talvez os Senhores Supremos tenham

planeado um grande futuro para ele. Nem imagino o que possa ser.

Sabia que só estava a dizer aquilo para tranquilizar Jean. Ele próprio não se sentia muito preocupado, só intrigado, sem saber o que pensar. E, de repente, ocorreu-lhe outro pensamento, algo em que devia ter pensado antes. Os seus olhos viraram-se automaticamente para o quarto do bebé.

– Será que eles só andam atrás do Jeff? – perguntou.

*

No devido tempo o Inspetor apresentou o seu relatório. Os colonos teriam dado tudo para o ler. Todas as estatísticas e registos foram guardados nas memórias insaciáveis dos gigantes computadores, que eram apenas alguns dos poderes invisíveis por trás de Karellen. Contudo, antes mesmo que estas mentes elétricas e impessoais tivessem chegado às suas conclusões, o Inspetor já fizera as suas próprias recomendações. Expressas por meio dos pensamentos e da língua da raça humana, seriam qualquer coisa do género:

«Não precisamos de tomar quaisquer medidas relativamente à colónia. Trata-se de uma experiência interessante, mas que não pode, de maneira alguma, afetar o futuro. As suas realizações artísticas não nos dizem respeito e não há indícios de que alguma das pesquisas científicas estejam a enveredar por caminhos perigosos.

Como planeado, consegui ver os registos escolares do Indivíduo Zero, sem despertar curiosidade. As estatísticas pertinentes estão anexas. Conforme se pode observar, ainda não há sinais de qualquer desenvolvimento incomum. Contudo, como sabemos, um salto evolucionário raramente oferece avisos prévios.

Conheci também o pai do Indivíduo e tive a impressão de que ele desejava falar comigo. Felizmente, fui capaz de o evitar. Não existem dúvidas de que suspeita de alguma coisa, embora, é claro, não tenha como deduzir a verdade, ou como afetar de maneira alguma o resultado final.

Fico cada vez com mais pena desta gente.»

*

George Greggson teria concordado com o veredicto do Inspetor, de que não havia nada de incomum sobre Jeff. Apenas aquele incidente confuso, tão alarmante como um trovão isolado num dia calmo e de céu claro. E depois disso... nada.

Jeff tinha toda a energia e curiosidade de qualquer outro miúdo de sete anos. Era inteligente (quando se esforçava), mas não corria perigo de se tornar um génio. «Às vezes,» pensava Jean, um pouco cansada, «ele correspondia perfeitamente à definição clássica de uma criança pequena: "um barulho todo sujo"». Não que fosse muito fácil descobrir a sujidade, que precisava de se acumular durante muito tempo antes de ficar visível sobre o bronzeado habitual de Jeff.

Ele alternava entre o afetuoso e o rabugento, o reservado e o efervescente. Não demonstrava preferência por um dos pais em relação ao outro e a chegada da irmãzinha não gerara nele nenhum sinal de ciúmes. O seu histórico médico era imaculado: nunca, na sua vida, ficara doente. Nesta época e neste clima, porém, isso não era nada incomum.

Ao contrário dos outros miúdos, Jeff não se fartava depressa da companhia do pai nem o trocava, sempre que possível, por amigos da sua própria idade. Era evidente que compartilhava dos talentos artísticos de George e quase desde que começara a andar se tornara um visitante habitual dos bastidores do teatro da colónia. De facto, o teatro já o adotara como mascote não oficial, e ele já tinha muita prática em oferecer flores aos artistas famosos que visitavam o palco.

Sim, Jeff era um rapaz perfeitamente normal. E isso tranquilizava George quando saíam para passeios a pé ou de bicicleta pelo terreno um tanto limitado da ilha. Conversavam tal como outros pais e filhos já faziam desde o início dos tempos. Exceto que, nesta época, havia muito mais sobre o que falar. Embora Jeff nunca saísse da ilha, podia ver tudo o que desejasse do mundo que o rodeava através do olho ubíquo dos ecrãs da televisão. Como todos os outros colonos, sentia um certo desdém pelo resto da humanidade. Eles eram a elite, a vanguarda do progresso. Levariam a humanidade às alturas que os Senhores Supremos já tinham atingido... e, quem sabe, mais além. Não ia ser amanhã, claro, mas um dia.

Nunca imaginaram era que esse dia chegaria cedo demais.

18

Os sonhos começaram seis semanas depois.

Na escuridão da noite subtropical, George Greggson nadou lentamente para cima, rumo à consciência. Não sabia o que é que o acordara e durante um instante, deixou-se ficar numa espécie de letargia confusa. Depois percebeu que estava sozinho. Jean levantara-se e fora, em silêncio, para o quarto das crianças. Falava com o Jeff em voz baixa, baixo demais para que ele conseguisse ouvir o que dizia.

George levantou-se da cama e juntou-se a ela. Jean tornara estas excursões noturnas bastante comuns, mas aquela hora não ia conseguir continuar a dormir. Só que desta vez passava-se algo diferente e ele queria saber o que perturbara Jean desta maneira.

A única luz no quarto das crianças vinha dos desenhos com fluorescentes nas paredes. À luz desse brilho ténue, George conseguia ver Jean sentada ao lado da cama de Jeff. Quando ele entrou, ela virou-se, e sussurrou:

– Não acordes a miúda.

– O que é que se passa?

– Sabia que o Jeff precisava de mim, e isso acordou-me.

A própria sinceridade trivial da afirmação fez com que George tivesse uma sensação desagradável de apreensão. «*Sabia que o Jeff precisava de mim*.» Sabia como? Mas o que conseguiu perguntar foi:

– Ele tem tido pesadelos?

– Não tenho a certeza – respondeu Jean. – Parece estar bem, agora. Mas estava assustado quando eu cheguei.

– Não *estava* assustado, mãe – surgiu uma vozinha indignada. – Mas era um sítio tão estranho!

– Que sítio? – perguntou George. – Conta-me tudo.

– Tinha montanhas – disse Jeff, sonhador. – Eram tão altas, e não tinham neve em cima, como nas montanhas que eu já vi. Algumas estavam cheias de fogo.

– Queres dizer, vulcões?

– Na verdade, não. Estavam a arder inteiras, com um fogo azul engraçado. E enquanto eu olhava, o Sol apareceu.

– Continua... Porque é que paraste?

Jeff voltou os olhos intrigados para o pai.

– Essa é a outra coisa que eu não percebo, pai. O Sol nasceu tão rápido, e era grande demais. E... a cor estava errada. Era um azul tão bonito.

Fez-se um longo silêncio, de gelar o coração. Por fim, George perguntou baixinho:

– Isso foi tudo?

– Foi. Comecei-me a sentir um bocado sozinho, e foi aí que a mãe veio e me acordou.

George despenteou o cabelo desleixado do filho com uma mão, enquanto apertava o roupão contra o corpo com a outra. Sentiu-se, de repente, pequeníssimo e com muito frio. Apesar de tudo, não mostrou nenhum sinal disso na sua voz quando falou com Jeff.

– Foi só um sonho. Se calhar comeste demais ao jantar. Esquece isso tudo e tenta dormir. Isso mesmo, lindo menino.

– Vou dormir, pai – respondeu Jeff. Ficou em silêncio durante um bocadinho e acrescentou, pensativo: – Acho que vou tentar voltar lá.

– Um sol azul? – perguntou Karellen, não muitas horas depois. – Isso tornou a sua identificação mais fácil não?

– Sim – respondeu Rashaverak. – É, sem dúvida, Alphanidon 2. As Montanhas de Enxofre confirmam-no. E é interessante observar a distorção da escala temporal. O planeta tem uma rotação razoavelmente lenta, de modo que ele deve ter observado muitas horas em alguns minutos.

– Foi só isso que conseguiste descobrir?

– Sim, sem interrogar diretamente a criança.

– Não nos atrevemos a fazer isso. Os eventos têm de seguir o seu curso natural, sem a nossa interferência. Quando os pais dele nos abordarem... então, talvez, possamos interrogá-lo.

– Pode ser que eles nunca nos procurem. E, quando o fizerem, pode ser tarde demais.

– Isso, infelizmente, não pode ser evitado. Não devemos nunca esquecer este facto: nestes assuntos, a nossa curiosidade não tem qualquer importância. É menos importante, ainda, do que a felicidade dos Homens.

Estendeu a mão para interromper a conexão.

– Prossigam com a vigilância, claro, e comuniquem-me todos os resultados. Mas não interfiram de maneira nenhuma.

*

Apesar de tudo, enquanto estava acordado, Jeff ainda parecia o mesmo de sempre. «Ao menos isso» pensou George, «é algo pelo qual podemos estar agradecidos». O medo, porém, crescia no seu coração.

Para Jeff, era só uma brincadeira. Ainda não o assustava. Um sonho não passava de um sonho, por mais estranho que fosse. Não se sentia mais solitário nos mundos que o sono lhe abria. Só na primeira noite é que a sua mente chamara por Jean, atravessando quaisquer que fossem os abismos desconhecidos que os cercavam. Agora já entrava sozinho e destemido no universo que se abria diante dele.

Durante as manhãs os pais interrogavam-no e ele contava-lhes tudo aquilo que se conseguia lembrar. Às vezes, as suas palavras tropeçavam e falhavam, ao tentar descrever cenas que não só estavam para lá de toda a sua experiência, mas também da imaginação humana. Eles estimulavam-no com palavras novas, mostravam-lhe imagens e cores para refrescar a sua memória, e depois formavam o padrão que conseguissem a partir das respostas. Muitas vezes não conseguiam chegar a nenhum resultado, embora tudo indicasse que, na própria mente de Jeff, aqueles seus mundos fossem perfeitamente simples e nítidos. Simplesmente era incapaz de os comunicar aos seus pais como deve ser. Apesar disso, alguns eram bastante claros...

*

Espaço... nenhum planeta, nenhuma paisagem à sua volta, nenhum mundo sob os seus pés. Apenas as estrelas na noite aveludada, e pendendo contra elas, um grande sol vermelho que batia como um coração. Enorme e ténue num segundo, encolhia-se lentamente, ao mesmo tempo que ficava mais brilhante, como se um novo combustível estivesse a alimentar as suas chamas internas. Subia ao longo do espectro e parava à beira do amarelo. Depois, o ciclo invertia-se, a estrela expandia-se e arrefecia, tornando-se outra vez mais como uma nuvem de bordas difusas, vermelha como o fogo.

(– Típica variável pulsante – disse Rashaverak, ansioso. – Vista, além do mais, sob uma tremenda aceleração temporal. Não consigo identificá-la com precisão, mas a estrela mais próxima que encaixa nesta descrição é Rhamsandron 9. Ou pode ser Pharanidon 12.

– Qualquer que seja – replicou Karellen – ele está a afastar-se cada vez mais.

– Muito mais! – concordou Rashaverak.)

Podia muito bem ser a Terra. Um sol branco pairava num céu azul, sarapintado de nuvens que fugiam à frente de uma tempestade. Uma colina descia suavemente até a um oceano que se abria em borrifos, sob a força de um vento avassalador. Mesmo assim, nada se movia: a cena estava congelada, como se fosse vista de relance à luz do clarão de um relâmpago. E longe, muito longe no horizonte, havia alguma coisa que não pertencia à Terra: uma fileira de colunas enevoadas, afunilando-se levemente à medida que se elevavam do mar e se perdiam entre as nuvens. Estavam espaçadas, com perfeita precisão, ao longo das extremidades do planeta. Grandes demais para serem artificiais, mas regulares demais para serem naturais.

(– Sideneus 4 e os Pilares do Alvorecer – disse Rashaverak, com assombro na voz. – Ele chegou ao centro do Universo.

– E mal começou ainda a viagem! – respondeu Karellen.)

O planeta era perfeitamente plano. A gigantesca gravidade há muito que reduzira as montanhas da sua ardente juventude a um nível uniforme... montanhas cujos picos mais altos jamais tinham ultrapassado alguns metros de altura. Contudo, aqui havia vida. A superfície estava coberta por uma miríade de padrões geométricos que se arrastavam, que se moviam e mudavam de cor. Era um mundo de duas dimensões, habitado por seres que não teriam mais que uma fração de centímetro de espessura.

No céu havia um sol bizarro, nenhum consumidor de ópio jamais o poderia ter imaginado, nem nos seus sonhos mais desvairados. Quente demais para ser branco, era como um fantasma cauterizante nas fronteiras do ultravioleta. Queimava os seus planetas com radiações que seriam imediatamente fatais a todas as formas de vida terrestres. Por milhões e milhões de quilómetros à sua volta, estendiam-se grandes véus de gás e poeira, florescendo em inúmeras cores, à medida que as rajadas de ultravioleta abriam caminho. Era uma estrela contra a qual o pálido Sol da Terra teria parecido tão débil como um pirilampo ao meio-dia.

(– Hexanerax 2, não pode ser nenhuma outra coisa no Universo conhecido – disse Rashaverak. – Só um punhado das nossas naves já lá chegou... e nunca se arriscaram a aterrar. Afinal, ninguém imaginaria vida nestes planetas!

– Parece – respondeu Karellen – que vocês, cientistas, não foram tão meticulosos como achavam. Se esses... *padrões* são inteligentes, a comunicação deverá ser fascinante. Será que eles têm alguma ideia da terceira dimensão?)

Era um mundo que nunca poderia ter conhecido o significado do dia e da noite, dos anos ou das estações. Seis sóis coloridos dividiam o céu, de modo que só havia mudanças de luz, nunca escuridão.

Através dos choques e da atração dos campos gravitacionais em conflito, o planeta viajava ao longo das voltas e das curvas de uma órbita incrivelmente complexa, nunca percorrendo exatamente o mesmo caminho. Cada momento era único: a configuração que os seis sóis agora detinham nos céus não se repetiria deste lado da eternidade.

E mesmo aqui existia vida. Embora o planeta pudesse ser erradicado pelas chamas centrais numa era, ou congelado pelas órbitas exteriores de uma outra, mesmo assim era casa para uma forma de inteligência. Os grandes cristais multifacetados agrupavam-se em intricados padrões geométricos, imóveis nas eras de frio e crescendo sem pressa ao longo dos veios de minério quando o mundo tornava a aquecer. Pouco importava que para completar um pensamento o processo demorasse mil anos. O Universo ainda era jovem e o tempo estendia-se adiante sem fim...

(– Procurei em todos os nossos registos – disse Rashaverak. – Não temos conhecimento de um mundo destes, ou de uma combinação de sóis assim. Se ele existisse dentro do nosso Universo, os astrónomos já o teriam detetado, mesmo que ficasse fora do alcance das nossas naves.

– Então, ele saiu da Galáxia.

– Exato. Com certeza não faltará muito já.

– Quem sabe? Ele só está a sonhar. Quando acorda, continua igual a si mesmo. Isto é só a primeira fase. Vamos saber em breve, quando a mudança começar.)

*

– Nós já nos conhecemos, Sr. Greggson – disse o Senhor Supremo, solene. – O meu nome é Rashaverak. Certamente que se recorda.

– Claro – respondeu George. – Naquela festa do Rupert Boyce. Acho que nunca vou esquecer. Calculei que nos tornássemos a ver.

– Diga-me... porque pediu esta entrevista?

– Acho que já sabe.

– Talvez. Mas será mais fácil para os dois se me disser com as suas próprias palavras. Pode ser uma grande surpresa para si, mas há certos aspetos que eu também estou a tentar compreender, nesses pontos a minha ignorância é tão grande como a sua.

George, perplexo, encarou o Senhor Supremo. Essa era uma ideia que nunca lhe ocorrera. De modo subconsciente, partira do princípio de que os Senhores Supremos possuíam conhecimento e poder absolutos, que entendiam, e, provavelmente, eram os responsáveis pelas coisas que estavam a acontecer ao Jeff.

– Suponho – prosseguiu George – que tenha visto os relatórios que entreguei ao psicólogo da ilha, de modo que já deve saber dos sonhos.

– Sim, temos conhecimento.

– Nunca acreditei que fossem apenas a imaginação de uma criança. Eram tão incríveis que... sei que parece ridículo, mas... *tinham* que ser baseados em alguma realidade.

Olhou ansioso para Rashaverak, não sabendo se devia desejar uma resposta positiva ou negativa. O Senhor Supremo ficou em silêncio, limitando-se a observá-lo com os seus grandes olhos serenos. Estavam sentados praticamente cara a cara, já que a sala, obviamente planeada para estas entrevistas, tinha dois níveis, e a enorme poltrona do Senhor Supremo ficava mais de um metro abaixo do nível em que George se sentava. Era um gesto amigável, para tranquilizar os homens que solicitavam uma audiência e que raramente se encontrariam num estado de espírito tranquilo.

– A princípio, ficámos preocupados, mas não assustados de verdade. Jeff parecia perfeitamente normal quando acordava e não parecia perturbado pelos sonhos. Até que, uma noite... – hesitou e olhou, defensivo, para o Senhor Supremo. – Nunca acreditei no sobrenatural. Não sou cientista, mas acho que existe uma explicação racional para tudo.

– E existe – disse Rashaverak. – Eu sei o que é que viu. Também estava a assistir.

– Sempre suspeitei disso. Mas Karellen tinha prometido que vocês iam parar de usar os vossos instrumentos para espiar a humanidade. Porque é que quebraram essa promessa?

– Não quebrei. O Supervisor disse que a raça humana não seria submetida a nenhuma forma de vigilância. Essa é uma promessa que foi mantida. Eu estava a vigiar os seus filhos, não vocês.

Passaram-se vários segundos antes que George entendesse a implicação nas palavras de Rashaverak. Em seguida, a cor abandonou-lhe lentamente o rosto.

– Quer dizer?… – disse ele ofegante. A sua voz desapareceu e teve de começar de novo. – Então, meu Deus, o que *são* os meus filhos?

– Isso – respondeu Rashaverak, solene – é o que estamos a tentar descobrir.

*

Jennifer Anne Greggson, estava deitada de costas e com os olhos bem fechados. Já não os abria há muito tempo; aliás, nunca mais os abriria, para ela a visão era, agora, tão supérflua como para as criaturas das profundezas do oceano que viviam sem luz. Estava ciente do mundo que a rodeava. De facto, estava ciente de muito mais do que isso.

Restava-lhe um reflexo da sua breve infância, por algum erro inexplicável de desenvolvimento. A roca que antes a encantara, soava agora sem parar, marcando no seu berço um ritmo complexo e sempre diferente. Era uma síncope estranha, que despertara Jean e a fizera correr até ao quarto das crianças. Contudo, não fora apenas o som que a fizera gritar por George. Fora a visão daquela roca comum, de cores vivas, a bater constantemente no ar, a meio metro de qualquer tipo de suporte, enquanto Jennifer Anne com os seus dedos rechonchudos entrelaçados, permanecia deitada com um sorriso calmo no rosto.

Ela começara mais tarde, mas estava a progredir depressa. Rapidamente ultrapassaria o irmão, tinha muito menos para desaprender.

*

– Foi prudente da vossa parte – disse Rashaverak – não tocarem no brinquedo. Não acredito que o tivessem conseguido mover. Mas se tivessem sucesso, ela podia ter ficado chateada. E aí não sei o que aconteceria.

– Quer dizer – perguntou George, entorpecido – que não pode fazer nada?

– Não vou enganá-lo. Podemos estudar e observar, como já estamos a fazer. Mas não podemos interferir. O que quer que seja que se esteja a passar, não o conseguimos entender.

– Então, o que é que vamos fazer? E por que isto está a acontecer connosco?

– Tinha que acontecer a alguém. Não há nada de excecional em vocês, tal como não há nada de mais com o primeiro neutrão que inicia a reação em cadeia de uma bomba atómica. Simplesmente acontece que é o primeiro. Qualquer outro neutrão teria servido. Exatamente como Jeffrey poderia ter sido qualquer outra pessoa no mundo. Nós chamamos a isto a Evolução Total. Já não há razões para continuar a guardar segredo, o que me deixa muito feliz. Estivemos à espera que isto acontecesse desde que chegámos à Terra. Não tínhamos maneira de saber quando e onde é que começaria... até que, por puro acaso, vos encontrámos na festa do Rupert Boyce. Aí eu tive quase a certeza de que os filhos da sua mulher seriam os primeiros.

– Mas... nós na altura nem éramos casados. Nem sequer tínhamos...

– Sim, eu sei. Mas a mente da Sra. Morrel foi o canal que, embora apenas por um instante, deixou passar conhecimentos que nenhuma pessoa viva naquela altura poderia ter. Esses conhecimentos só podiam ter vindo de outra mente, intimamente ligada à dela. O facto de ser uma mente ainda não nascida não tem importância nenhuma. O tempo é muito mais estranho do que vocês imaginam.

– Estou a começar a perceber. O Jeff sabe essas coisas... consegue ver outros mundos e dizer de onde é que vocês são. E de alguma forma, Jean captou os pensamentos dele, mesmo antes de ele ter nascido.

– Há muito mais por trás disso... mas não creio que algum dia consiga chegar muito mais perto da verdade. Durante toda a história existiram pessoas com poderes inexplicáveis, gente que parecia transcender o espaço e o tempo. Nunca foram compreendidas. Quase sem exceção, as tentativas de explicação sempre foram absurdas. Bem sei... li o suficiente sobre elas! Mas há uma analogia que é... sugestiva e útil. Aparece com frequência na vossa literatura. Imagine que a mente de cada homem é uma ilha, rodeada pelo oceano. Cada uma delas parece estar isolada, mas na realidade estão todas ligadas pelo fundo rochoso de onde saíram. Se os oceanos desaparecessem, seria o fim das ilhas. Seriam todas parte de um continente,

mas a sua individualidade desaparecia. A telepatia, como vocês chamam, funciona um bocadinho assim. Em circunstâncias propícias, as mentes fundem-se, podem partilhar os conteúdos umas das outras e trazer consigo memórias dessa experiência quando se voltarem a isolar. Na sua forma mais elevada, esse poder não fica sujeito às limitações normais do tempo e do espaço. Foi por isso que Jean pôde explorar o conhecimento do seu filho ainda por nascer.

Seguiu-se um longo silêncio, enquanto George lutava com estas ideias assombrosas. O padrão estava a começar a ganhar forma. Era um padrão incrível, mas que tinha a sua própria lógica. Explicava, se é que essa palavra podia ser usada para algo tão incompreensível, tudo o que acontecera desde aquela noite em casa de Rupert Boyce. Também explicava a própria curiosidade de Jean pelo sobrenatural.

– O que é que começou tudo isto? – perguntou George. – E para onde é que isso nos vai levar?

– Para isso não tenho respostas. Mas há muitas raças no Universo e algumas delas descobriram estes poderes muito antes da sua espécie, ou da minha, entrar em cena. Raças que têm estado à espera de que vocês se juntem a elas, e agora o momento chegou.

– Então, onde é que *vocês* entram na história?

– É provável que tal como a maior parte dos humanos, nos tenha sempre considerado como os vossos mestres. Isso não é verdade. Nunca fomos mais do que guardiões, cumprindo um dever que nos foi imposto... de cima. Esse dever é difícil de definir. Talvez a melhor maneira de pensar em nós é como parteiras, alguém que vos ajuda num parto difícil. Estamos a ajudar a trazer algo novo e magnífico ao mundo.

Rashaverak hesitou. Durante um segundo parecia quase que tinha ficado sem palavras.

– Sim, somos as parteiras. Mas nós próprios somos estéreis.

Nesse instante, George percebeu que estava na presença de uma tragédia que transcendia a sua própria. Era incrível... e mesmo assim, de certa forma, justo. Apesar de todos os seus poderes e inteligência, os Senhores Supremos estavam presos num evolutivo beco sem saída. Eram uma raça nobre e admirável, superior à humanidade em quase todos os aspetos. Só que não tinham futuro e sabiam disso. Perante esse cenário os problemas de George pareceram, de um segundo para o outro, triviais.

– Agora já percebo porque é que vocês têm observado o Jeffrey. Ele era a cobaia desta experiência.

– Exatamente... embora a experiência estivesse para lá do nosso controlo. Não fomos nós que a começámos... estávamos apenas a observar. Não interferimos, exceto quando necessário.

Sim, pensou George... o *tsunami*. Seria inaceitável deixar que um espécime valioso fosse destruído. Depois sentiu vergonha de si próprio; aquela amargura era pouco digna.

– Só tenho mais uma pergunta. O que é que devemos fazer com os nossos filhos?

– Aproveitem a companhia deles enquanto puderem – respondeu Rashaverak com brandura. – Já não serão vossos durante muito tempo.

Era um conselho que poderia ter sido dado a qualquer pai, em qualquer época. Só que, agora, continha uma ameaça e um terror que nunca existira antes.

19

Chegou uma altura em que o mundo dos sonhos de Jeffrey já não se separava com clareza da sua existência quotidiana. Já não ia à escola e para Jean e George qualquer rotina de vida também tinha sido completamente destruída. Da mesma forma que, muito brevemente, se destruiria para toda a gente.

Evitavam estar com os amigos, como se já soubessem que em breve ninguém teria compaixão para eles. Às vezes, na quietude da noite, quando havia poucas pessoas por perto, saíam para longas caminhadas juntos. Estavam agora mais próximos um do outro do que tinham estado desde os primeiros dias do seu casamento. Unidos perante a tragédia ainda desconhecida que os devastaria.

No começo, deixar as crianças a dormir sozinhas em casa trouxera-lhes um enorme sentimento de culpa, mas agora percebiam que Jeff e Jenny podiam tomar conta de si mesmos de maneiras que iam para lá do conhecimento dos seus pais. E, é claro, os Senhores Supremos também os vigiavam. Era uma ideia tranquilizadora: sentiam que não lidavam sozinhos com este problema, tinham olhos sábios e solidários com quem partilhar a sua vigília.

Jennifer dormia. Não havia outra palavra para descrever o seu estado. Em todos os aspetos visíveis, ainda era um bebé. Todavia, à sua volta, havia uma sensação de poder tão assustadora que Jean não conseguia sequer entrar no quarto das crianças.

O que também já não era necessário. A entidade que fora Jennifer Anne Greggson ainda não estava plenamente desenvolvida, mas mesmo naquele estado de crisálida adormecida já possuía controlo suficiente sobre o ambiente para tomar conta de todas as suas necessidades. Jean só a tentara alimentar uma vez, sem sucesso. Ela preferia nutrir-se ao seu próprio ritmo, e à sua própria maneira.

Só sabiam que ela se alimentava porque a comida desaparecia do frigorifico a um ritmo lento, mas contínuo, mesmo que Jennifer Anne nunca saísse do berço.

O barulho da roca já terminara, o brinquedo descartado aguardava no chão do quarto, onde ninguém se atrevia a mexer, com receio de que Jennifer Anne voltasse a precisar dele. Às vezes, ela fazia com que a mobília se mexesse, formava padrões peculiares, e George tinha a impressão de que as imagens fluorescentes na parede estavam mais brilhantes do que alguma vez foram.

Ela não dava trabalho; estava para lá da assistência dos pais, para lá do seu amor. Tudo aquilo já não podia demorar muito mais e, no tempo que lhes restava, os pais desesperados apegavam-se a Jeff.

Ele também estava a mudar, mas ainda os reconhecia. O miúdo cujo crescimento acompanharam desde as névoas disformes da primeira infância, perdia a sua personalidade, que se dissolvia perante os olhos dos pais a cada hora que passava. Contudo, às vezes ainda falava com eles como sempre fizera. Falava dos seus brinquedos e amigos, como se não soubesse o que estava para vir. Na maior parte do tempo, porém, não os via, nem sequer se mostrava consciente da sua presença. Já não dormia, como os pais eram forçados a fazer, apesar da necessidade desesperante que sentiam em não perder o mínimo possível daquelas horas derradeiras.

Ao contrário de Jenny, ele não parecia ter poderes «sobrenaturais» sobre objetos físicos. Talvez porque, sendo já mais crescido, esses poderes fossem menos necessários. A sua estranheza residia apenas na sua vida mental, da qual os sonhos eram, agora, só uma pequena parte. Ficava completamente parado durante horas a fio, os olhos bem fechados, como se estivesse a ouvir sons que mais ninguém conseguisse captar. A sua mente estava inundada de conhecimentos, vindos de algum lugar ou de alguma época. Conhecimentos que brevemente esmagariam e destruiriam a criatura semiformada que fora Jeffrey Angus Greggson.

E Fey ficava sentada, vigilante, erguendo um olhar trágico e intrigado, sem perceber para onde fora o seu dono, ou quando voltaria até ela.

*

Jeff e Jenny tinham sido os primeiros em todo o planeta, mas já não estavam sozinhos. Como uma epidemia que se espalhava a um ritmo

acelerado de uma região para outra, a metamorfose infetou toda a raça humana. Não afetava praticamente ninguém acima dos dez anos, mas quase nenhum indivídúo abaixo dessa idade escapava. Era o fim da civilização, o fim de tudo pelo que os homens lutavam desde o início dos tempos. No prazo de alguns dias, a humanidade perdera o seu futuro. O coração de qualquer raça é destruído e o seu desejo de sobreviver é subjugado, quando lhe retiram as crianças.

Não houve pânico, como teria havido um século antes. O mundo estava entorpecido, as grandes cidades paradas e silenciosas. Apenas as atividades essenciais continuavam a funcionar. Era como se o planeta estivesse enlutado, chorando por tudo aquilo que agora nunca viria a ser.

E então, como fizera outrora numa época já esquecida, Karellen falou pela última vez à humanidade.

20

– O meu objetivo na Terra já está quase cumprido – disse a voz de Karellen, através de um milhão de rádios. – Passados cem anos, posso finalmente dizer-vos o que era.

– Houve muita coisa que vos tivemos de esconder, da mesma forma que nos ocultámos durante metade de nossa permanência na Terra. Sei que alguns de vocês consideraram essa reclusão desnecessária. Mas vocês já estão habituados à nossa presença, já não são capazes de imaginar como é que os vossos antepassados teriam reagido. Mas conseguem, pelo menos, perceber qual foi a finalidade dessa nossa reclusão. Compreendem que tínhamos uma razão para o que fizemos.

– O segredo supremo que guardámos foi o nosso verdadeiro propósito para vir à Terra... o propósito sobre o qual vocês têm especulado continuamente desde que chegámos. Não o podíamos revelar até agora, o segredo não era nosso para ser revelado.

– Há um século atrás, viemos ao vosso mundo e salvámo-los da autodestruição. Não creio que ninguém vá negar esse fato... mas que forma tomaria essa autodestruição, isso vocês nunca suspeitaram.

– Como banimos as armas nucleares e todos os outros «brinquedos» mortíferos que vocês acumulavam nos vossos arsenais, o perigo da aniquilação física foi removido. A humanidade assumiu que esse era o único perigo. E nós encorajamos a ideia, mas essa nunca foi a verdade. O maior perigo que vos ameaçava era de uma índole inteiramente diferente... e não dizia respeito apenas à vossa raça.

– Muitos planetas chegaram à encruzilhada do poder nuclear, evitaram a catástrofe, prosseguiram na construção de civilizações pacíficas e felizes... apenas para serem completamente destruídos por forças sobre as quais nada sabiam. No século XX, vocês começaram a trabalhar com essas forças. Foi por isso que se tornou necessária uma ação da nossa parte.

– Durante todo esse século, a raça humana aproximou-se lentamente do abismo... sem sequer suspeitar da sua existência. Sobre o abismo, há apenas uma ponte. Poucas foram as raças que a conseguiram encontrar sem ajuda. Algumas recuaram enquanto ainda havia tempo, evitando tanto o perigo como o prémio. Os seus mundos tornaram-se ilhas paradisíacas de contentamento sem esforço, deixando de desempenhar um papel na história do Universo. Esse nunca seria o vosso destino... ou a vossa sorte. A raça humana tem demasiado vigor para isso. Teria mergulhado na ruína e levado as outras consigo, sem nunca conseguirem encontrar a ponte.

– É uma pena, mas quase tudo o que tenho a dizer-vos agora terá que ser feito por meio de analogias. Vocês não têm palavras, nem conceitos, para muitas das coisas que preciso de partilhar... o nosso próprio conhecimento sobre estes assuntos também está longe da perfeição.

– Para compreenderem, precisamos de voltar ao passado e de recuperar muita coisa que os vossos antepassados teriam achado familiar, mas que estão hoje esquecidas... Coisas que nós, aliás, deliberadamente vos ajudámos a esquecer. Toda a nossa curta passagem pela Terra foi um enorme embuste, um encobrir de verdades que vocês não estavam preparados para encarar.

– Nos séculos anteriores à nossa chegada, os vossos cientistas descobriram os segredos do mundo físico, da energia a vapor até à energia atómica. Deixaram a superstição de lado; a ciência transformou-se na única religião para a humanidade. Era a dádiva da minoria ocidental ao resto da humanidade, e destruía todas as outras fés pelo seu caminho. As que ainda existiam, quando chegámos, já estavam moribundas. Acreditava-se que a ciência podia explicar tudo. Não haviam forças que escapassem ao seu pelouro, nem acontecimentos que ela não conseguisse explicar, em última análise. A origem do Universo poderia ficar para sempre desconhecida, mas tudo o que acontecera depois, obedecia às leis da física.

– Não obstante, os vossos místicos, embora perdidos nas suas próprias ilusões, vislumbraram parte da verdade. Existem poderes na mente e poderes para lá da mente, que a vossa ciência nunca conseguiria encaixar na sua estrutura sem que se despedaçasse por completo. Ao longo das eras, existiram inúmeros relatos de fenómenos estranhos: *poltergeists*, telepatia, premonição... fenómenos que vocês nomearam, mas nunca explicaram. Ao princípio a ciência ignorou-os, chegou a negar a sua existência, apesar de

todos os testemunhos de cinco mil anos. Mas eles existem, e nenhuma teoria do Universo pode estar completa sem os explicar.

– Durante a primeira metade do século XX, alguns dos vossos cientistas começaram a investigar estes assuntos. Não sabiam, mas estavam a brincar com a fechadura da caixa de Pandora. As forças que podiam ter libertado transcendiam qualquer perigo que o átomo pudesse representar. Os físicos conseguiriam, no máximo, arrasar a Terra. Mas os parafísicos, podiam levar à devastação das estrelas.

– Isso não podia ser permitido. Não posso explicar a natureza plena da ameaça que vocês representavam. Não teria sido uma ameaça para nós e, por isso, não a compreendemos. Os humanos ter-se-iam tornado numa espécie de cancro telepático, uma mentalidade maligna que, na sua inevitável dissolução, teria envenenado outras mentes maiores.

– Foi por isso que viemos... ou fomos *enviados*... para a Terra. Interrompemos o vosso desenvolvimento a todos os níveis culturais, mas bloqueámos especialmente todo e qualquer trabalho sério sobre os fenómenos paranormais. Estou bem ciente de que também inibimos, pelo contraste entre as nossas civilizações, todas as outras formas de realização criativa. Mas isso foi um efeito secundário e não tem importância.

– Agora, tenho de vos contar outra coisa que podem achar surpreendente, quem sabe talvez incrível. Todas essas potencialidades, todos esses poderes latentes... nós não os possuímos, nem tampouco os compreendemos. Os nossos intelectos são muito superiores aos vossos, mas existe alguma coisa nas vossas mentes que sempre nos iludiu. Temo-vos estudado desde que chegámos à Terra. Aprendemos muito e vamos aprender ainda mais, mas duvido que descubramos toda a verdade.

– As nossas raças têm muito em comum... foi por isso fomos escolhidos para esta tarefa. Mas em alguns outros aspetos, representamos os pontos finais de duas evoluções diferentes. As mentes da nossa raça chegaram ao fim do seu desenvolvimento. O mesmo se passa com a vossa, na sua forma atual. No entanto, vocês podem dar o salto para o próximo estágio e é nisso que reside a grande diferença entre nós. As nossas potencialidades estão esgotadas, mas as vossas ainda não foram exploradas. Estão interligadas de maneiras que nós não compreendemos aos poderes que mencionei... os poderes que agora acordam no vosso mundo.

– Nós parámos os ponteiros do relógio, fizemos com que estagnassem enquanto esses poderes se desenvolviam, até que pudessem fluir livremente pelos canais que estavam a ser preparados para eles. O que fizemos para melhorar o vosso planeta, para elevar o vosso padrão de vida, para trazer justiça e paz à Terra... teríamos feito em quaisquer circunstâncias, uma vez que fomos forçados a intervir nos vossos assuntos. Mas toda essa vasta transformação desviou-vos a atenção da verdade, e por conseguinte, contribuiu para que atingíssemos o nosso objetivo.

– Já não somos os vossos guardiões. Certamente que vocês se perguntaram qual seria a posição da minha raça na hierarquia do Universo. Da mesma forma que nós estamos acima de vocês, também existe algo acima de nós, usando-nos para os seus próprios fins. Nunca descobrimos o que é, embora sejamos o seu instrumento há várias eras. Nunca ousamos desobedecer. Vezes sem conta recebemos as nossas ordens, viajámos até a algum mundo para assistir ao desabrochar das suas civilizações, conduzindo-as ao longo dessa estrada que nunca poderemos seguir... a estrada que vocês percorrem agora.

– Vezes sem conta, estudámos o processo que fomos enviados para promover, na esperança vã de poder aprender a escapar das nossas próprias limitações. Mas conseguimos vislumbrar apenas os vagos contornos da verdade. Vocês chamaram-nos Senhores Supremos, sem imaginar a ironia desse título. Acima de nós está a *Mente Suprema*, que nos usa assim como um artesão usa as suas ferramentas. E a vossa raça é a pedra que está a ser esculpida por essas ferramentas.

– Acreditamos, apenas como uma teoria, que a Mente Suprema esteja a tentar crescer. A estender os seus poderes e o seu conhecimento do Universo. Por esta altura já deve ser a soma de muitas raças. Há muito tempo que deixou para trás a tirania da matéria. Tem consciência da inteligência, em toda parte. Quando soube que vocês estavam quase prontos, enviou-nos para cumprir as suas ordens, a fim de vos preparar para a transformação que agora se aproxima.

– Todas as mudanças anteriores que a vossa raça conheceu demoraram eras sem fim. Mas esta é uma transformação da mente, não do corpo. Pelos padrões da evolução, será cataclísmica, instantânea. E já começou. Resta-vos encarar este facto: a vossa é a última geração do *Homo Sapiens*.

– Quanto à natureza da mudança, há pouca coisa que possamos dizer. Não sabemos como é que ela é gerada, que gatilho é que a Mente Suprema dispara quando decide que o momento chegou. Tudo o que descobrimos foi que começa com uma única pessoa, uma criança, e que depois se espalha de maneira explosiva, como a formação de cristais em torno do primeiro núcleo numa solução saturada. Os adultos não serão afetados, as suas mentes já estão solidificadas numa matriz inalterável.

– Dentro de alguns anos, tudo estará terminado. A raça humana ter-se-á dividido em duas. Não há como voltar atrás. Não existe futuro para o mundo que vocês conhecem. Todas as esperanças e sonhos da vossa raça terminam aqui. Vocês deram à luz os vossos descendentes, mas a vossa tragédia é que nunca os compreenderão, nunca conseguirão sequer comunicar com as suas mentes. Eles não terão mentes, não no sentido que vocês as compreendem. Serão uma só entidade, assim como um indivíduo é a soma das suas incontáveis células. Vocês não pensarão neles como seres humanos, e estarão certos.

– Contei-vos tudo isto para que saibam o que vos espera. Dentro de algumas horas a crise cairá sobre nós. A minha tarefa e o meu dever, está em proteger aqueles a quem fui enviado para guardar. Apesar do despertar dos seus poderes, eles poderiam ser destruídos pelas multidões à sua volta. Sim, até mesmo pelos pais, quando se dessem conta da verdade. Preciso de os levar comigo, de os isolar, para proteção deles e para a vossa. Amanhã as minhas naves iniciarão o processo de remoção. Não vos culparei se tentarem interferir, mas aviso que será inútil. Poderes maiores do que os meus estão agora a despertar; eu sou apenas um dos seus instrumentos.

– E, depois... o que é que vou fazer com vocês, os sobreviventes, quando a vossa finalidade tiver sido atingida? Talvez o mais simples e misericordioso fosse matar-vos... tal como vocês mesmos matariam um animal de estimação amado que estivesse mortalmente ferido. Mas isso, não consigo fazer. O vosso futuro a vocês próprios vos pertence. Deixarei que decidam o que fazer com os anos que vos restam. A minha esperança é que a humanidade siga para o seu descanso em paz, sabendo que não viveu em vão. Aquilo que vocês trouxeram ao mundo pode vos ser completamente estranho, pode não compartilhar nenhum dos vossos desejos ou esperanças, pode encarar as vossas maiores conquistas como brinquedos de criança... mesmo assim, será algo maravilhoso. É uma criação vossa.

– Quando a nossa raça tiver sido esquecida, uma parte da vossa ainda existirá. Por isso, não nos condenem pelo que fomos obrigados a fazer. E lembrem-se disto: nós sempre vos invejaremos.

21

Jean tinha chorado, mas agora já tinha parado. A ilha jazia dourada sob o intransigente e insensível Sol, quando a nave apareceu, devagar, sobre os picos gémeos de Esparta. Há pouco tempo, naquela ilha rochosa, o seu filho escapara à morte por milagre. Um milagre que ela agora compreendia demasiado bem. Às vezes, pensava se não teria sido melhor se os Senhores Supremos se tivessem abstido de intervir, deixando-o entregue ao destino. A morte era algo que ela conseguia encarar, como já encarara antes. Era a ordem natural das coisas. Isto, porém, era mais estranho do que a morte... e mais definitivo. Até este dia, os homens morriam, mas a raça continuava.

As crianças não faziam barulho, nem tampouco se mexiam. Estavam em grupos dispersos ao longo da areia, não mostravam mais interesse umas nas outras do que nos lares que deixavam para sempre. Muitas carregavam bebés pequenos demais para andarem sozinhos... ou que por alguma razão não desejavam usar os seus poderes. «Porque,» pensou George, «se eram capazes de mover matéria inanimada, com certeza também conseguiriam mexer os seus próprios corpos. De facto, para que é que as naves dos Senhores Supremos as recolhiam?»

Não importava. Estavam de saída e esta era a forma que escolheram para ir. Foi então que George percebeu o que é que lhe andava a espicaçar a memória. Algures, já há muito tempo, vira num cinejornal passado um século antes, um êxodo idêntico a este. Devia ter sido no começo da Primeira Guerra Mundial... ou da Segunda. Viam-se longas filas de comboios a abarrotar de crianças. Saíam com lentidão das cidades ameaçadas, deixavam para trás os seus pais que muitos deles jamais voltariam a ver. Poucas choravam: algumas estavam confusas, agarrando com aflição os seus pequenos pertences, mas a maioria parecia ansiosa, ávida por alguma grande aventura.

E, no entanto... a analogia era falsa. A história nunca se repetia. Os que agora partiam não eram crianças, o que quer que fossem na realidade. E,

desta vez, não haveria reencontro.

A nave aterrara à beira-mar, afundando bastante na areia macia. Em perfeita sincronia, uma linha de grandes painéis curvos subiu e as pranchas de embarque estenderam-se em direção à praia, como se fossem línguas de metal. Os vultos dispersos e solitários começaram a convergir, concentraram-se numa multidão que se movia tal e qual como uma multidão humana faria.

Solitários? George não sabia porque é que tinha pensado assim. *Isso* era justamente o que elas nunca seriam. Só as pessoas é que se podem sentir solitárias... só os seres humanos. Quando as barreiras tivessem, finalmente caído, a solidão desapareceria ao mesmo tempo que a personalidade se apagava. As inúmeras gotas de chuva misturar-se-iam com o oceano.

Sentiu a mão de Jean a aumentar a pressão sobre a sua num espasmo repentino de emoção.

– Olha ali – murmurou ela. – Estou a ver o Jeff. Perto daquela segunda porta.

A distância era grande, o que tornava difícil dizer o que é que viam ao certo. Havia uma névoa diante dos olhos de George, dificultando-lhe a visão. Mas era Jeff, tinha certeza. George conseguia reconhecer o filho agora, parado e já com um pé na prancha metálica.

Jeff virou-se e olhou para trás. O seu rosto era apenas uma mancha branca. A esta distância, não conseguiriam perceber se continha algum sinal de reconhecimento, alguma memória de tudo o que deixava para trás. George também nunca saberia se Jeff se virara para eles por coincidência... ou se soube, nos últimos momentos em que ainda era o filho deles, que os seus pais estavam a assistir enquanto ele ingressava num mundo onde jamais poderiam entrar.

As grandes portas começaram-se a fechar. E nesse preciso momento, Fey ergueu o focinho e soltou um uivo baixo e desolado. Levantou os seus belos e tristes olhos para George, comunicando-lhe que perdera o dono. Ele já não tinha rival no seu afeto.

*

Para os que tinham ficado, havia muitos caminhos, mas apenas um destino. Alguns diziam: «O mundo ainda é belo. Um dia vamos ter que o deixar, mas para quê apressar a partida?»

Outros, porém, que davam mais valor ao futuro do que ao passado, tinham perdido tudo o que dava valor à vida e não queriam ficar. Despediram-se sozinhos, ou com amigos, de acordo com a sua índole.

Foi assim com Atenas. A ilha nascera das chamas e nas chamas escolheu morrer. Os que desejaram partir, partiram, mas a maior parte ficou, para encontrar o fim entre os fragmentos dos seus sonhos despedaçados.

*

Ninguém devia saber quando seria o momento. Apesar disso, Jean acordou na quietude da noite e ficou deitada por um momento, olhando para a luz espectral do teto. Em seguida, estendeu o braço e agarrou na mão de George. Ele tinha um sono profundo, mas, desta vez, acordou de imediato. Não disseram nada um ao outro, as palavras que desejavam dizer não existiam.

Jean já não estava assustada, nem sequer triste. Conseguira chegar às águas calmas e agora estava para lá do alcance das emoções. Contudo, ainda havia algo que tinha de ser feito, e ela sabia que mal tinham tempo para isso.

Ainda sem trocarem uma palavra, George seguiu-a pela casa silenciosa. Atravessaram a mancha de luar que entrava pelo teto do atelier, movendo-se tão silenciosamente como as sombras que projetavam, até chegarem ao quarto abandonado das crianças.

Nada mudara. Os desenhos fluorescentes que George pintara com tanto esmero ainda brilhavam nas paredes. A roca que uma vez pertencera a Jennifer Anne ainda estava onde ela a deixara cair, quando sua mente se voltara para a distância inconcebível que agora habitava. «Ela deixou os brinquedos para trás,» pensou George, «mas os nossos vão connosco». Lembrou-se dos filhos imperiais dos faraós, cujas bonecas e bolinhas tinham sido enterradas com eles, cinco mil anos antes. Mais uma vez, seria assim. «Nunca mais ninguém,» disse a si mesmo, «amará estes nossos tesouros; vamos levá-los connosco, não nos vamos desfazer deles.»

Jean voltou-se lentamente para ele e pousou a cabeça no seu ombro. George apertou os braços à volta da sua cintura e o amor que uma vez sentira voltou, fraco, mas nítido, como um eco de uma montanha distante. Agora era tarde demais para dizer tudo o que devia. Os remorsos que sentia eram menos pelas suas infidelidades do que pela indiferença do passado.

Nesse momento, Jean disse-lhe baixinho:

– Adeus, meu amor – e apertou os braços à volta dele.

Não houve tempo para George responder. Mas no último segundo sentiu um breve assombro. Como é que ela sabia que o momento chegara?

Nas profundezas rochosas, os segmentos de urânio começaram a aproximar-se em busca da união que nunca alcançariam.

E a ilha ergueu-se ao encontro da alvorada.

22

A nave dos Senhores Supremos deslizava no seu caminho meteórico pelo coração de Carina. Iniciara a sua louca desaceleração no meio dos planetas exteriores, mas mesmo ao passar por Marte navegava a uma fração considerável da velocidade da luz. Aos poucos, os imensos campos à volta do Sol absorviam a energia cinética, enquanto as energias extraviadas do impulso estelar pintavam os céus com fogo ao longo de um milhão de quilómetros por trás da nave.

Jan Rodricks voltava a casa, apenas seis meses mais velho, para um mundo que deixara há oitenta anos.

Desta vez já não era um clandestino, escondido em alguma câmara secreta. Vinha confortavelmente atrás dos três pilotos («Porque é que,» perguntava-se, «precisam de tantos?») observando os padrões a surgirem e desaparecerem no grande ecrã que dominava a sala de controlo. As cores e formas que exibia nada significavam para Jan. Presumia que apresentassem informações que, uma nave projetada para humanos, teriam sido exibidas em conjuntos de medidores. Às vezes, porém, a imagem espelhava os campos de estrelas circundantes e, esperava Jan, brevemente mostraria a Terra.

Estava contente por voltar a casa, apesar do esforço que dedicara em escapar de lá. Nesses poucos meses, amadurecera. Vira tanto e viajara tão longe que agora só desejava o seu próprio e familiar mundo. Compreendia finalmente porque é que os Senhores Supremos tinham isolado a Terra das estrelas. A humanidade ainda tinha um longo caminho a percorrer até ser capaz de desempenhar um papel na civilização que ele vislumbrara.

Podia ser – embora Jan se recusasse a aceitar isso – que a humanidade nunca conseguisse ser mais do que uma espécie inferior, conservada num jardim zoológico distante, com os Senhores Supremos como tratadores. Quem sabe, talvez fosse isso que o Vindarten lhe quisera dizer com aquele aviso ambíguo pouco antes de sua partida: «Muita coisa pode ter acontecido

no tempo que decorreu no teu planeta. Pode ser que não reconheças o teu mundo quando o tornares a ver.»

Talvez não, pensou Jan. Oitenta anos era muito tempo, e embora ele fosse jovem e adaptável, poderia achar difícil compreender todas as mudanças que haviam ocorrido. De uma coisa, porém, estava certo: os homens iriam querer ouvir a sua história e saber tudo o que ele vira da civilização dos Senhores Supremos.

Tinha sido bem tratado, tal como imaginara. Da viagem de ida, nada soubera. Quando a injeção parou de fazer efeito e Jan acordou, a nave já estava a entrar no sistema dos Senhores Supremos. Saíra do seu fantástico esconderijo e descobrira, para seu alívio, que o equipamento de oxigénio não era necessário. O ar era espesso e pesado, mas conseguia respirar sem dificuldade. Dera por si no gigantesco compartimento de carga da nave, iluminado a vermelho, entre inúmeros outros caixotes e demais bagagens que seriam espectáveis numa nave espacial ou num navio de carga. Demorara quase uma hora até encontrar o caminho para a sala de controlo e se poder apresentar à tripulação.

A falta de surpresa dos Senhores Supremos deixara-o intrigado. Sabia que eles demonstravam poucas emoções, mas estava à esperara de *alguma* reação. Em vez disso, tinham simplesmente continuado com o seu trabalho, atentos ao grande ecrã e a manusear os inúmeros botões dos painéis de controlo. Foi então que Jan soube que estavam a aterrar. De vez em quando reaparecia a imagem de um enorme planeta, cada vez maior.

Apesar disso, nunca houve a menor sensação de movimento ou aceleração, apenas uma gravidade perfeitamente constante, que ele avaliava como sendo mais ou menos um quinto da terrestre. As forças imensas que impeliam a nave deviam estar a ser compensadas com uma precisão admirável.

E então, em sintonia, os três Senhores Supremos levantaram-se das suas cadeiras, e Jan percebeu que a viagem terminara. Não falaram com o passageiro ou tampouco uns com os outros. Quando um deles fez sinal para que o seguisse, Jan deu-se conta de algo em que já devia ter pensado antes. Nesta extremidade da incrivelmente longa linha de abastecimentos de Karellen, podia muito bem não haver ninguém que percebesse uma palavra de inglês.

Eles observaram-no, sérios, enquanto as grandes portas se abriam diante dos seus olhos ansiosos. Este era o momento supremo da sua vida: seria o primeiro ser humano a olhar para um mundo iluminado por outro sol. A luz vermelho-viva da estrela NGS 549672 inundou a nave e, diante dele, estava o planeta dos Senhores Supremos.

Do que é que estava à esperara? Não tinha bem a certeza. Vastos edifícios, cidades cujas torres se perdiam entre as nuvens, máquinas para lá da imaginação... nada disso o teria surpreendido.

No entanto, o que viu foi uma planície uniforme, estendendo-se para um horizonte estranhamente próximo e interrompido apenas por mais três naves dos Senhores Supremos, a alguns quilómetros de distância.

Por um segundo, Jan sentiu uma onda de frustração. Depois, encolheu os ombros, apercebendo-se que, afinal de contas, era espectável que um porto espacial estivesse numa região tão remota e desabitada como esta.

Estava frio, mas não ao ponto de causar desconforto. A luz do grande sol vermelho, que já ia baixa no horizonte, era mais do que suficiente para olhos humanos, mas Jan preocupava-se com o tempo que demoraria até que estivesse ansioso pelos verdes e azuis. Depois reparou num enorme e delgado crescente, erguendo-se no céu como um grande arco pousado ao lado do sol. Não tirou daí os olhos durante muito tempo, até se dar conta de que a sua viagem não chegara realmente ao fim. Aquele é que era o mundo dos Senhores Supremos. Este devia ser apenas um satélite, uma simples base lunar a partir da qual as naves operavam.

Levaram-no para o planeta numa nave não maior do que um avião de passageiros terrestre. Sentindo-se um pigmeu, subira para um dos enormes assentos vazios, numa tentativa de espreitar pelas janelas de observação. Queria conseguir ver alguma coisa do planeta que se aproximava.

O transbordo foi tão rápido que Jan não teve tempo de observar mais do que alguns detalhes do globo que se expandia lá em baixo. Ao que parecia, mesmo tão próximos de casa, os Senhores Supremos usavam um tipo de impulso estelar. Foi apenas uma questão de minutos até atravessarem uma atmosfera profunda e pintada de nuvens. Quando as portas se abriram, desembarcaram numa espécie de hangar gigante, com um teto que se deve ter fechado rapidamente por trás deles, uma vez que não havia sinal de qualquer entrada acima.

Passaram dois dias até que Jan conseguisse sair desse edifício. Ele era uma remessa inesperada, e não tinham onde colocá-lo. Para piorar as coisas, como suspeitara, nenhum dos Senhores Supremos sabia falar inglês. A comunicação entre eles era praticamente impossível, e Jan descobriu, da pior forma possível, que entrar em contato com uma raça alienígena não era tão fácil quanto a ficção costumava indicar. A linguagem de sinais mostrou-se especialmente inútil. Era demasiado dependente de um conjunto de gestos, expressões e posturas que os Senhores Supremos e a humanidade não tinham em comum.

Seria mais do que frustrante, pensou Jan, se os únicos Senhores Supremos que falavam a sua língua estivessem todos na Terra. Só lhe restava aguardar e esperar pelo melhor. Sem dúvida algum cientista, algum especialista em raças alienígenas, apareceria para tomar conta dele! Ou seria Jan tão desimportante que ninguém se daria ao trabalho?

Não havia como sair do edifício. As enormes portas à sua frente não tinham qualquer tipo de controlos visíveis. Quando um dos Senhores Supremos se aproximava delas, as portas simplesmente abriam. Jan tentou o mesmo truque, agitou objetos altos no ar para interromper um eventual feixe de luz controlador, tentou tudo o que conseguiu imaginar... e nada de resultados. Percebeu que um homem da Idade da Pedra, perdido numa cidade ou prédio moderno, ficaria desamparado da mesma maneira. Uma vez, tentou sair ao lado de um dos Senhores Supremos, mas fora gentilmente, enxotado de volta. Como estava receoso e não queria irritar os seus anfitriões, não insistiu.

Vindarten chegou antes que Jan começasse a desesperar. O Senhor Supremo falava um inglês muito rudimentar, além de rápido demais. Mas melhorava a uma velocidade incrível. Passados poucos dias já conseguiam conversar, com dificuldades mínimas, sobre qualquer assunto que não exigisse um vocabulário especializado.

Assim que Vindarten chegou para se encarregar dele, Jan não teve mais preocupações. Também não teve a oportunidade de fazer tudo aquilo que desejava, uma vez que quase todo o seu tempo era consumido em reuniões com cientistas dos Senhores Supremos, ansiosos por levar a cabo testes obscuros, com instrumentos complicados. Jan ficava de pé atrás em relação àquelas máquinas. Principalmente depois de uma sessão com uma espécie de aparelho hipnótico, em que tivera uma dor de cabeça que durou várias

horas. Estava totalmente disposto a colaborar, mas não tinha a certeza de que os investigadores se davam conta das suas limitações, tanto mentais como físicas. De facto, demorou algum tempo até que os conseguisse convencer de que precisava dormir em intervalos regulares.

Entre essas sessões de pesquisa, teve rápidos vislumbres da cidade e compreendeu como teria sido difícil (e perigoso) movimentar-se sozinho. Praticamente não havia ruas, e parecia não haver nenhum transporte de superfície. Era o lar de criaturas que podiam voar e que não temiam a gravidade. Era muito comum deparar-se, sem qualquer aviso, com um vertiginoso desnível de várias centenas de metros, ou descobrir que a única entrada para uma sala era uma abertura no alto de uma parede. De uma centena de maneiras diferentes, Jan começou a perceber que a psicologia de uma raça com asas tinha de ser fundamentalmente diferente das criaturas presas ao chão.

Era estranho ver os Senhores Supremos a voar como pássaros gigantes entre as torres da sua cidade, as asas moviam-se e batiam de forma lenta, mas poderosa. Havia ali um problema científico por resolver.

Este era um planeta grande, maior do que a Terra. No entanto, a sua gravidade era baixa e Jan não compreendia como é que podia ter uma atmosfera tão densa. Interrogou Vindarten sobre isso e descobriu, como já estava mais ou menos à esperava, que este não era o planeta original dos Senhores Supremos. Tinham evoluído num mundo bem mais pequeno e só depois conquistado este, alterando não só a sua atmosfera, como também a gravidade.

A arquitetura dos Senhores Supremos era friamente funcional: Jan não viu ornamentos, nada que não tivesse um propósito, embora esse propósito muitas vezes estivesse para lá do seu entendimento. Se um homem da era medieval tivesse tido a oportunidade de ver esta cidade iluminada a vermelho e as criaturas que nela se moviam, com certeza teria julgado estar no Inferno. Mesmo Jan, com toda a sua curiosidade e isenção científica, às vezes dava por si à beira de um terror irracional. A ausência de um único ponto de referência familiar pode ser absolutamente aterradora, até mesmo para a mente mais fria e lúcida.

Havia tanto que ele não compreendia e que Vindarten não podia ou não queria tentar explicar. O que eram as luzes cintilantes e as formas em mutação, as coisas que passavam pelo ar tão depressa que ele nunca

conseguiu ter certeza da sua existência? Podiam ser algo espantoso e impressionante... ou tão espetacular e, ao mesmo tempo, tão trivial quanto os anúncios de néon da Broadway de antigamente.

Jan também ficara com a impressão de que o mundo dos Senhores Supremos estava cheio de sons que ele não conseguia ouvir. Uma ou outra vez, apercebia-se de padrões rítmicos complexos, a subir e a descer no espectro auditivo, apenas para desaparecerem no limite superior ou inferior da audição. Vindarten não parecia entender o que é que Jan queria dizer com música, de modo que nunca foi capaz de esclarecer esse problema de forma satisfatória.

A cidade não era muito grande. Com certeza, mais pequena do que Londres ou Nova York tinham sido no seu auge. De acordo com Vindarten, havia vários milhares dessas cidades espalhadas pelo planeta, cada uma planeada para algum fim específico. Na Terra, o paralelo mais próximo teria sido uma cidade universitária... exceto que, ali, o grau de especialização tinha ido muito mais longe. Esta cidade inteira dedicava-se, como Jan descobriu, ao estudo das culturas alienígenas.

Numa das primeiras excursões para lá da câmara nua em que Jan vivia, Vindarten levara-o ao museu. Descobrir-se em um lugar cujo propósito era capaz de entender plenamente proporcionara a Jan um estímulo psicológico muito necessário. Excetuando a escala a que fora construído, este museu podia perfeitamente estar na Terra. Demoraram muito tempo para lá chegar, descendo sem parar numa grande plataforma que se movia como um pistão num cilindro vertical de comprimento desconhecido. Uma vez mais, não havia controlos ou botões à vista e a sensação de aceleração no início e no fim da descida era bastante notável. Ao que parecia, os Senhores Supremos não esbanjavam os seus aparelhos de campo compensador com uso doméstico. Jan perguntou-se se todo o interior deste mundo estaria crivado de escavações. E por que teriam limitado o tamanho da cidade, estendendo-a para baixo, em vez de para os lados? Esse foi apenas mais um dos enigmas que ele nunca resolveu.

Uma pessoa podia passar toda a sua vida a explorar aquelas câmaras colossais. Aqui estava o produto da pilhagem de planetas e das conquistas de mais civilizações do que aquilo que Jan conseguia imaginar. Mas não havia tempo para ver muito. Vindarten colocou-o, com cuidado, sobre uma faixa do piso que, à primeira vista, parecia um padrão ornamental. Jan,

porém, lembrou-se de que não havia decoração naquele planeta... ao mesmo tempo em que algo invisível o agarrou suavemente e o empurrou para a frente. Estava a passar à frente dos itens em exibição, eram paisagens antigas de mundos inimagináveis, a uma velocidade de vinte ou trinta quilómetros por hora.

Os Senhores Supremos tinham resolvido o problema do cansaço nos museus. Não havia necessidade de andar.

Devem ter percorrido vários quilómetros até que o guia de Jan o agarrou novamente, foi como se um movimento enérgico das suas asas o erguesse para longe da força desconhecida que os impelia. Diante deles estendia-se um enorme salão, meio vazio e iluminado por uma luz familiar que Jan não via desde que saíra da Terra. Era uma luz débil, de modo a não ferir os olhos sensíveis dos Senhores Supremos, mas era, sem sombra de dúvida, a luz do Sol. Jan nunca teria acreditado que algo tão simples ou tão corriqueiro pudesse evocar tantas saudades no seu coração.

Tinha chegado à exposição da Terra. Caminharam alguns metros, passando por uma impressionante maquete de Paris, por tesouros de arte de uma dezena de séculos agrupados de maneira incongruente, por máquinas calculadoras modernas e por machados paleolíticos, por aparelhos de televisão e pela turbina a vapor de Heron de Alexandria. Uma grande porta abriu-se à sua frente, e estavam no escritório do Curador para a Terra.

«Será que ele está a ver um ser humano pela primeira vez?», perguntou-se Jan. «Será que já foi à Terra, ou seria apenas um dos muitos planetas a seu cargo, de cuja localização exata nem tinha muito bem a certeza?» O que é certo é que não falava nem entendia inglês, e Vindarten teve de atuar como intérprete.

Jan passou várias horas ali, a falar para um dispositivo de gravação, enquanto os Senhores Supremos lhe apresentavam diversos objetos terrestres. Muitos deles, descobriu para sua vergonha, ser incapaz de identificar. A ignorância que tinha em relação à sua própria raça e às suas realizações era gigantesca. Ficou a pensar se os Senhores Supremos, apesar de todos os seus extraordinários dotes mentais, seriam mesmo capazes de apreender todo o esquema da cultura humana.

Vindarten levou-o de volta por um caminho diferente. Mais uma vez flutuaram sem esforço por grandes corredores abobadados, mas desta vez moviam-se entre criações da natureza, não da mente consciente. «Sullivan,»

pensou Jan, «ele é que teria dado a vida para aqui estar, para ver as maravilhas que a evolução gerou numa centena de mundos. Mas Sullivan já deve estar morto», lembrou-se.

Até que, sem qualquer pré-aviso, deram por si numa varanda bem alta, acima de uma grande câmara circular, com talvez cem metros de largura. Como de costume, não havia parapeito de proteção. Durante uns segundos, Jan hesitou em aproximar-se da borda. Vindarten, porém, estava de pé na extremidade a olhar calmamente para baixo, de modo que Jan avançou, cauteloso, ao seu encontro.

O chão estava apenas vinte metros abaixo... perto, perto demais. Mais tarde, Jan teve a certeza de que o seu guia não pretendera assustá-lo, e fora tomado de surpresa pela sua reação. Jan deu um berro tremendo e um salto para trás, fugindo do parapeito da varanda, num esforço involuntário para esconder o que estava lá em baixo. Só quando os ecos abafados de seu grito tinham desaparecido da espessa atmosfera é que ele ganhara coragem suficiente para se aproximar de novo.

Aquela coisa estava morta, é claro... e não olhava conscientemente para ele, como pensara naquele primeiro instante de pânico. Ocupava quase todo o enorme espaço circular, e a luz vermelha-viva brilhava e piscava nas suas profundezas de cristal.

Era um único olho gigante.

– Por que é que fizeste esse barulho? – perguntou Vindarten.

– Assustei-me – confessou Jan, embaraçado.

– Mas porquê? Certamente que não imaginaste que haveria algum perigo aqui?

Jan pensou se conseguiria explicar o que era um ato reflexo, mas decidiu não tentar.

– Qualquer coisa que seja completamente inesperada é assustadora. Até que uma situação inédita seja analisada, é mais seguro presumir o pior.

O coração de Jan ainda batia forte quando voltou a olhar para aquele olho monstruoso. É claro que podia ter sido um modelo, extremamente ampliado, como micróbios e insetos nos museus terrestres. No entanto, mesmo enquanto fazia a pergunta, Jan sabia, com uma certeza repugnante, que não era maior do que o original. Vindarten pouco lhe conseguiu explicar; este não era a sua área de estudos, e ele não era particularmente curioso. A partir da descrição do Senhor Supremo, Jan montou uma imagem

de uma fera ciclópica a viver no meio dos escombros dos asteroides de algum sol distante, o seu crescimento jamais inibido pela gravidade e dependendo, para comer e viver, do alcance e do poder de resolução do seu único olho.

Parecia não haver limites para o que a Natureza conseguia fazer quando pressionada, e Jan sentiu um prazer irracional em descobrir algo que os Senhores Supremos não tentariam. Tinham trazido uma baleia em tamanho natural da Terra... mas não ousaram fazer o mesmo com *aquilo*.

*

Também houve a vez em que ele subira, subira sem parar, até que as paredes do elevador se desvanecessem, em opalescência, até uma transparência de cristal. Era como se estivesse de pé, apoiado em nada, entre os mais elevados picos da cidade. Sem nada para o proteger do abismo. Não sentiu, porém, mais vertigens do que se estivesse num avião, pois não havia a sensação de contacto distante com o chão.

Estava acima das nuvens, a compartilhar o céu com alguns pináculos de metal ou pedra. Um mar vermelho-rosado, a camada de nuvens que se deslocava devagar abaixo de Jan. Haviam duas luas pálidas e minúsculas no céu, pouco distantes do Sol mortiço. Próximo do centro do disco vermelho e inchado via-se uma pequena sombra escura, perfeitamente circular. Podia ser uma mancha solar, ou outra lua em trânsito.

Jan, sem pressa, deslocou o olhar ao longo do horizonte. A cobertura de nuvens estendia-se até à beira deste mundo enorme, mas numa direção, a uma distância impossível de se calcular, havia um trecho sarapintado, que podia marcar as torres de outra cidade. Fitou-a durante algum tempo e, em seguida, prosseguiu com sua cuidadosa vistoria.

Quando já havia tinha dado meia-volta, viu a montanha. Não estava no horizonte, mas para lá dele: um único pico, erguendose sobre a borda do mundo, as encostas mais baixas ocultas tal como a parte principal de um iceberg, escondida abaixo da linha da água.

Tentou estimar o seu tamanho e fracassou completamente. Mesmo num mundo com uma gravidade tão baixa como esta, era difícil acreditar que montanhas assim pudessem existir. Jan imaginou os Senhores Supremos a divertirem-se nas suas encostas. A planar como águias em torno desses imensos contrafortes.

Até que aos poucos, a montanha começou a mudar. Quando a viu pela primeira vez, era de um vermelho-fosco, quase sinistro, com algumas marcas ténues mais próximas dos picos, que Jan não conseguia distinguir claramente. Enquanto se tentava focar nessas formas, percebeu que se moviam...

Ao princípio, não queria acreditar nos seus próprios olhos. Até que se obrigou a relembrar que todas as suas ideias preconcebidas eram inúteis neste planeta; não podia permitir que a sua mente rejeitasse qualquer tipo de mensagem que os seus sentidos levassem até à câmara oculta do cérebro. Não devia tentar entender... apenas observar. A compreensão viria mais tarde, ou nunca.

A montanha (continuava a pensar nela como uma montanha, uma vez que não conhecia nenhuma outra palavra que servisse) parecia estar viva. Lembrou-se daquele olho monstruoso na câmara subterrânea... mas, não, isso era inconcebível. Não era vida orgânica aquilo que agora observava. Suspeitava que nem sequer fosse matéria tal como a conhecia.

O vermelho sombrio tornava-se cada vez mais claro, assumia agora um tom mais inflamado. Riscas amarelo-vivo apareceram de repente, de maneira que durante um momento, Jan julgou que estava perante um vulcão que despejava torrentes de lava terra abaixo. Só que essa «lava», como podia ver pelas manchas e pontinhos que apareciam de vez em quando, estavam a *subir* a encosta.

Mais alguma coisa se erguia entre as nuvens vermelho-vivas na base da montanha. Era um enorme anel, perfeitamente horizontal e perfeitamente circular. Tinha a cor de tudo o que Jan deixara tão para trás, os próprios céus da Terra nunca contiveram um azul tão puro. Em nenhum outro lugar do mundo dos Senhores Supremos tinha visto tons daqueles, e a sua garganta apertou-se com as saudades e a solidão que evocavam.

O anel expandia-se à medida que ia subindo. Já estava mais alto do que a montanha, e o seu arco mais próximo lançava-se rapidamente em direção a Jan. «Sem dúvida», pensou ele, «deve ser um vórtice de algum tipo... um anel de fumo já com muitos quilômetros de largura». Todavia, não demostrava ter a rotação que Jan esperava, e não parecia perder densidade à medida que o tamanho aumentava.

A sombra passou a correr muito antes do próprio anel chegar a voar, majestosamente, sobre a sua cabeça. Erguia-se cada vez mais em direção ao

espaço. Jan observou-o até que se reduzisse a um fiozinho azul, difícil de focar no meio de toda a vermelhidão circundante do céu. Quando, por fim, desapareceu, já devia ter muitos milhares de quilómetros de largura. E continuaria a crescer.

Voltou a olhar para a montanha. Agora estava dourada, despida de qualquer marca. Talvez fosse a sua imaginação (já podia acreditar em qualquer coisa a esta altura), mas parecia mais alta e mais estreita. Dava a impressão de estar a girar como o cone de um tornado. Foi só aí, ainda entorpecido e com o raciocínio quase suspenso, que Jan se lembrou da sua câmara. Trouxe-a ao nível dos olhos e apontou-a para aquele enigma impossível a ponto de abalar a mente. Vindarten moveu-se rapidamente para a sua linha de visão. Com uma firmeza implacável, as grandes mãos cobriram a lente e obrigaram-no a baixar a câmara. Jan não tentou resistir. Não que tivesse sido em vão, mas porque sentiu um súbito temor mortal por aquela coisa estranha na extremidade do mundo. Não queria ter mais nada a ver com ela.

Não existiu mais nada, em todas as suas viagens, que eles não o deixassem fotografar. Vindarten nunca lhe ofereceu uma explicação. Pelo contrário, passou muito tempo a interrogar Jan, até aos mais ínfimos detalhes, sobre o fenómeno que testemunhara.

Foi aí que ele se deu conta pela primeira vez de que os olhos de Vindarten tinham visto algo totalmente diferente. Por conseguinte, intuiu que os Senhores Supremos também tinham os seus mestres.

*

Jan estava finalmente a caminho de casa, toda a admiração, o medo e o mistério ficavam para trás. Desconfiava que viajava na mesma nave, embora tivesse a certeza de que não era a mesma tripulação. Por mais longas que fossem as suas vidas, era difícil acreditar que os Senhores Supremos se isolassem das suas casas de bom grado durante décadas seguidas, consumidas em viagens interestelares.

É claro que o efeito da dilatação do tempo da relatividade funcionava em ambos os sentidos. Os Senhores Supremos envelheceriam apenas quatro meses na viagem de ida e volta, mas, quando voltassem, os seus amigos estariam oitenta anos mais velhos.

Caso desejasse, sem dúvida que Jan poderia ter lá ficado o resto da sua vida. Vindarten, porém, avisara-o que não haveria outra nave para a Terra durante muitos anos, e aconselhara-o a aproveitar a oportunidade. Talvez os Senhores Supremos compreendessem que, mesmo neste período relativamente curto, a mente de Jan estava perto de alcançar o seu limite. Ou, quem sabe, talvez se tivesse tornado um estorvo, e os Senhores Supremos não quisessem dedicar-lhe mais tempo.

Para Jan isso não importava, a Terra estava ali mesmo à sua frente. Já a vira assim uma centena de vezes, mas sempre através do olho mecânico e remoto de uma câmara de televisão. Agora, finalmente no espaço, via o último ato do seu sonho a desdobrar-se. A Terra girava lá em baixo, na sua eterna órbita.

A grande meia-lua verde-azulada estava no seu quarto crescente: mais de metade do disco visível ainda se encontrava na escuridão. As nuvens eram poucas, algumas faixas, espalhadas ao longo da linha de ventos alísios. A calota ártica resplandecia intensamente, mas era de longe ofuscada pelo reflexo deslumbrante do Sol no Pacífico Norte.

Era possível imaginar que se tratava de um mundo de água: este hemisfério era quase destituído de terra. O único continente visível era a Austrália, uma neblina mais escura no meio da névoa atmosférica ao longo da orla do planeta.

A nave dirigia-se para o grande cone de sombra da Terra. O crescente brilhante minguou, encolheu-se até formar um arco incandescente de fogo e desapareceu num piscar de olhos. Lá em baixo, a escuridão e a noite. O mundo dormia.

Foi aí que Jan percebeu o que é que estava errado com aquela imagem. Havia terra lá em baixo, mas onde estavam os cintilantes colares de luzes, onde estavam os pontos brilhantes que marcavam as cidades do homem? Em todo o hemisfério sombrio, não havia uma única centelha para afastar a noite. Sem deixar vestígio, os milhões de quilowatts que outrora eram lançados sem o menor cuidado em direção às estrelas tinham desaparecido. Era como se estivesse a olhar para a Terra como ela fora antes da chegada do Homem.

Isto não era o regresso heroico que Jan imaginara. Mas tudo o que podia fazer era assistir, enquanto o medo do desconhecido crescia dentro de si. Acontecera alguma coisa... alguma coisa inimaginável. E, mesmo assim, a

nave descia de forma determinada descrevendo uma longa curva que os levava de volta ao hemisfério iluminado pelo Sol. Não viu nada da aterragem, a imagem da Terra desapareceu de repente e foi substituída por aquele padrão de linhas e luzes sem sentido. Quando os pilotos repuseram a vista, já estavam no chão. A alguma distância podia ver prédios, máquinas que se moviam de um lado para o outro e um grupo de Senhores Supremos que as observava.

Vindo sabe-se lá de onde, chegou-lhe o rugido abafado do ar, enquanto a nave equalizava as pressões. Logo a seguir, o som das enormes portas que se abriam. Jan não esperou; os gigantes silenciosos observaram-no, com tolerância ou indiferença, enquanto ele corria para fora da sala de controlo.

Estava de volta a casa, olhando uma vez mais para a luz cintilante do seu próprio Sol, respirando o ar que primeiro banhara os seus pulmões. A prancha de desembarque já estava em posição, mas teve de esperar um momento até que o clarão de fora o deixasse de cegar.

Karellen estava parado, ligeiramente afastado dos seus colegas, ao lado de um grande veículo de transporte carregado de caixotes. Jan não parou para pensar como reconhecera o Supervisor, nem ficou surpreendido por o ver completamente inalterado. Essa era quase a única coisa que correra como ele tinha planeado.

– Tenho estado à tua espera – disse Karellen.

23

– Nos primeiros dias – disse Karellen – ainda era seguro andar entre eles. Embora não precisassem mais de nós. A nossa missão ficou concluída quando os recolhemos e lhes demos um continente só para eles. Repara.

A parede diante de Jan desapareceu. No seu lugar, a uma altitude de algumas centenas de metros, estava uma região agradavelmente arborizada. A ilusão era tão perfeita que Jan teve de lutar contra uma excitação momentânea.

– Isto foi cinco anos depois, quando a segunda fase começou.

Haviam vultos a mexerem-se lá em baixo, e a câmara arremeteu sobre eles como uma ave de rapina.

– Isto vai-te impressionar – disse Karellen. – Mas lembra-te de que os teus padrões já não se aplicam. Não estás a ver crianças humanas.

Mas essa foi precisamente a impressão que veio à cabeça de Jan. Nenhuma lógica ou raciocínio seria capaz de a desfazer. Podiam ter sido selvagens, envolvidos em algum complicado ritual de dança. Estavam nus e imundos, os cabelos grudados cobriam-lhes os olhos. Pelo que conseguia ver, eram de todas as idades entre os cinco e os quinze anos, mas todos se moviam com a mesma velocidade, precisão e completa indiferença para com os seus arredores.

Foi então que Jan reparou nas caras. Engoliu em seco e forçou-se a não desviar o olhar. Estavam mais vazias do que o rosto de um morto, até um cadáver tem nas suas feições, alguma marca cravada pelo cisel do tempo. Algo que fala quando os próprios lábios estão mudos. Aqui não havia qualquer emoção ou sentimento, nada mais do que se poderia encontrar no rosto de uma cobra ou de um inseto. Os próprios Senhores Supremos eram mais humanos do que isto.

– Estás à procura de algo que já não está lá – disse Karellen. – Lembra-te: eles já não têm mais identidade do que as células que formam o teu corpo. Mas unidos, são algo muito maior do que tu.

– Porque é que eles andam desta maneira?

– Nós chamamos-lhe a Longa Dança – respondeu Karellen. – Eles nunca dormem, sabes? Isto já dura quase há um ano. Trezentos milhões deles, movendo-se num padrão controlado, num continente inteiro. Analisámos esse padrão sem parar, mas não quer dizer nada, talvez porque nós só conseguimos ver a parte física... a pequena porção que está aqui, na Terra. Existe a possibilidade de que aquilo a que nós chamamos a Mente Suprema, ainda os esteja a treinar. Moldando-os numa só unidade antes que possa incorporá-los integralmente no seu ser.

– Mas como é que eles fazem com a comida? E o que é que acontece quando encontram obstáculos, como árvores, penhascos ou água?

– A água não faz diferença; não se podem afogar. Quando encontravam obstáculos, às vezes magoavam-se, mas nem notavam. Quanto à comida... bem, eles tinham toda a caça e a fruta de que precisavam. Mas parece que já deixaram essas necessidades para trás, como tantas outras. Os alimentos são, em grande medida, uma fonte de energia, e eles aprenderam a aceder a outras fontes mais vastas.

A imagem tremeu, como se uma onda de calor passasse sobre ela. Quando voltou a ficar nítida, o movimento lá em baixo terminara.

– Olha outra vez – disse Karellen. – Três anos depois.

Os pequenos vultos, tão desamparados até patéticos para alguém que desconhecesse a verdade, estavam imóveis, espalhados pelas florestas, clareiras e planícies. A câmara saltou, impaciente, de um para o outro. «As caras deles», pensou Jan, «já se estavam a fundir num molde comum». Uma vez vira umas fotografias feitas através da sobreposição de dezenas de imagens diferentes para produzir um rosto «médio». O resultado fora tão vazio e tão sem personalidade como isto.

Pareciam estar simultaneamente ou a dormir ou em êxtase. Tinham os olhos fechados e não demonstravam ter mais noção do que os cercava do que as árvores acima deles. «Que pensamentos», imaginou Jan, «estariam a ecoar através daquela complexa rede da qual as suas mentes não eram mais (ou menos) do que os fios individuais de uma grande tapeçaria?» E uma tapeçaria, apercebia-se Jan finalmente, que cobria muitos mundos e muitas raças... e que continuava a crescer.

Acontecera tudo com uma rapidez que deslumbrava a vista e atordoava o cérebro. Num momento Jan contemplava uma terra bela e fértil, sem nada

de estranho, exceto as inúmeras pequenas estátuas espalhadas sobre todo o seu comprimento e largura. Até que de seguida, num instante, todas as árvores, o mato, todas as criaturas vivas que habitavam aquela terra, cintilaram para fora da existência e desapareceram. Ficaram apenas os lagos parados, os rios serpenteantes, as suaves colinas castanhas, agora despidas do seu tapete verde... e os vultos silenciosos e indiferentes que haviam gerado toda essa destruição.

– Porque é que eles fizeram isto? – perguntou Jan sôfrego.

– Talvez a presença de outras mentes os tenha perturbado... mesmo as mentes rudimentares das plantas e dos animais. Acreditamos que, um dia, também acabarão por considerar todo o mundo material incómodo. Quem sabe o que é que acontecerá nessa situação? Agora compreendes porque é que nos retirámos quando concluímos a nossa missão. Ainda estamos a tentar estudá-los, mas nunca entramos na terra deles, nem sequer enviamos os nossos instrumentos. Só nos atrevemos a observar do espaço.

– Isto já foi há muitos anos – disse Jan. – O que é que aconteceu desde então?

– Muito pouco. Nunca se mexeram durante todo este tempo, nem parecem estar interessados em saber se é de dia ou de noite, verão ou inverno. Ainda estão a testar os seus poderes: alguns rios mudaram de curso e há um que corre montanha acima. Mas não fizeram nada que pareça ter qualquer tipo de finalidade.

– E não vos prestam a mínima atenção?

– Não, embora isso não seja de estranhar. A... entidade da qual fazem parte sabe tudo a nosso respeito. Não parece importar-se muito quando a tentamos estudar. Quando quiser que nós nos vamos embora, ou quando tiver uma nova tarefa para nós, noutro sítio qualquer, haverá de deixar as suas intenções bem claras. Até lá, ficamos por aqui, de maneira a que os nossos cientistas possam acumular o máximo possível de conhecimento.

Então isto – pensou Jan, com uma resignação que ia para lá de toda a tristeza – era o fim da Humanidade. Era um fim que nenhum profeta jamais previra... um fim que repudiava igualmente o otimismo e o pessimismo.

No entanto, era adequado: tinha a inevitabilidade sublime de uma grande obra de arte. Jan vislumbrara o Universo em toda a sua terrível imensidão, e sabia que não era lugar para o homem. Percebia, por fim, como fora vão, em última análise, o sonho que o atraíra para as estrelas. O caminho para os

astros bifurcava-se e nenhuma das duas direções conduzia a um destino que levasse em conta as esperanças ou os medos humanos.

No fim de um dos caminhos estavam os Senhores Supremos. Criaturas que preservaram a sua individualidade, os seus egos independentes. Tinham autoconsciência e o pronome «eu» possuía um significado na sua língua. Tinham emoções, pelo menos algumas das quais compartilhadas pela humanidade. No entanto, Jan entendia agora, estavam encurralados num beco do qual nunca conseguiriam escapar. As suas mentes eram dez, quem sabe cem vezes mais poderosas do que as dos homens. No cômputo geral, isso não fazia diferença. Ficavam igualmente desamparados, igualmente esmagados pela inimaginável complexidade de uma galáxia de cem mil milhões de sóis e de um cosmos de cem mil milhões de galáxias.

E no final do outro caminho? Ali estava a Mente Suprema, o que quer que ela fosse. Estava para o homem assim como este estava para as amebas. Potencialmente infinita, além da mortalidade. Há quanto tempo estaria a absorver raça após raça enquanto se alastrava pelas estrelas? Será que também tem desejos, objetivos dos quais tem uma noção vaga, mas que nunca consegue atingir? Agora, puxara para dentro de si tudo o que a raça humana já conquistara. Não era uma tragédia, mas uma realização. Os milhares de milhões de centelhas transitórias de consciência que tinham formado a humanidade não tornariam a piscar como pirilampos na noite. Todavia, não tinham vivido inteiramente em vão.

Jan sabia que o último ato ainda estava por vir. Podia acontecer amanhã, ou daqui a séculos. Nem os próprios Senhores Supremos sabiam.

Compreendia finalmente o objetivo deles, o que tinham feito com o Homem e porque é que permaneciam na Terra. Sentia uma grande humildade em relação a eles, assim como admiração pela paciência inflexível que os mantivera aqui, aguardando por tanto tempo.

Nunca descobriu toda a história da estranha simbiose entre a Mente Suprema e os seus servos. De acordo com Rashaverak, nunca houve uma época na história da sua raça em que a Mente Suprema não tivesse estado com eles, embora não os usasse até que atingissem uma civilização científica que se pudessem deslocar pelo espaço para cumprir as suas ordens.

– Mas porque é que a Mente Suprema precisa de vocês? – perguntou Jan. – Com todos os enormes poderes que ela tem, com certeza poderia fazer o

que bem entendesse.

– Não – disse Rashaverak. – Ela tem limites. Sabemos que, no passado, tentou atuar de forma direta sobre as mentes de outras raças e influenciar o seu desenvolvimento cultural. Falhou sempre, talvez porque o abismo seja grande demais. Nós somos os intérpretes... os guardiões. Ou, para usar uma das vossas próprias metáforas, cultivamos os campos até que as plantas estejam maduras. Mas é a Mente Suprema quem os colhe... enquanto nós seguimos para outra tarefa. Esta é a quinta raça cuja apoteose testemunhamos. Cada vez que o fazemos, aprendemos um pouco mais.

– E vocês não se importam de serem usados como instrumentos da Mente Suprema?

– Este arranjo tem algumas vantagens. Além disso, nenhuma pessoa inteligente se incomoda com o inevitável.

«Essa máxima», refletiu Jan com ironia, «nunca fora lá muito bem aceite pela humanidade». Havia coisas que iam para lá da lógica, algo que os Senhores Supremos nunca compreenderiam.

– Parece estranho – disse Jan – que a Mente Suprema vos tenha escolhido a vocês para executarem o trabalho dela, se vocês não têm nenhum resquício dos poderes parafísicos latentes na humanidade. Como é que ela comunica convosco e vos informa das suas intenções?

– Essa é uma pergunta que eu não posso responder... e também não posso dizer porque razão estou a ocultar os factos. Um dia, talvez descubras uma parte da verdade.

Jan ficou intrigado por um momento, mas sabia que era inútil seguir esta linha de investigação. Teria de mudar de assunto e esperar conseguir pistas mais tarde.

– Então expliquem-me outra coisa. Quando a vossa raça chegou à Terra pela primeira vez, num passado distante, o que é que correu mal? Porque é que vocês se tornaram num símbolo do medo e do mal para nós?

Rashaverak sorriu. Não fazia isso tão bem como o Karellen, mas era uma boa imitação.

– Nunca ninguém suspeitou, e agora vais entender porque é que nunca vos pudemos contar. Só há um acontecimento que poderia ter causado um impacto desses sobre a humanidade. E esse acontecimento não foi a alvorada da história, mas *o seu fim*.

– O que é que isso quer dizer? – perguntou Jan.

– Quando as nossas naves atravessaram os céus deste planeta, há um século e meio atrás, esse foi o primeiro encontro entre as nossas duas raças, embora, é claro, nós já vos tivéssemos estudado à distância. Mesmo assim, vocês reconheceram-nos e tiveram medo de nós, tal como nós sabíamos que fariam. Não se tratava exatamente de uma recordação. Tu já conseguiste comprovar que o tempo é mais complexo do que a vossa ciência alguma vez imaginou. Essa *memória* não era do passado, mas sim do futuro... dos anos finais, quando a vossa raça soube que tudo estava perdido. Fizemos o que pudemos, mas não foi um final tranquilo. E, por estarmos presentes, fomos identificados com a morte da vossa raça. Sim, mesmo quando ela ainda estava dez mil anos no futuro! Era como se um eco distorcido tivesse reverberado pelo círculo fechado do tempo, do futuro para o passado. Não lhe chamamos uma recordação, mas sim uma premonição.

A ideia era difícil de aceitar e, durante um instante, Jan lutou com ela em silêncio. Todavia, já devia estar preparado: recebera provas suficientes de que a sequência normal de causa e efeito podia ser invertida.

Devia existir qualquer coisa como uma memória racial, uma memória que seria, de alguma forma, independente do tempo. Para ela, o futuro e o passado eram um só. E foi por isso que, há milhares de anos atrás, os homens já tinham vislumbrado uma imagem distorcida dos Senhores Supremos, envoltas numa névoa de medo e terror.

– Agora entendo – disse o último homem.

*

O Último Homem! Para Jan ainda era muito difícil pensar em si mesmo dessa forma. Quando fora ao espaço, aceitara a possibilidade de um exílio eterno da raça humana. Por essa razão, a solidão ainda não recaíra sobre ele. À medida que os anos passassem, o desejo de ver outro ser humano poderia crescer e tomar conta da sua mente, mas, por enquanto, a companhia dos Senhores Supremos evitava a sensação de estar absolutamente só.

Houvera homens na Terra até há dez anos atrás, mas eram sobreviventes degenerados. Jan pouco ou nada perdera por não os ter encontrado. Por razões que os Senhores Supremos não podiam explicar, mas que Jan suspeitava fossem em grande parte psicológicas, não nasceram mais crianças para substituir as que tinham partido. O *Homo Sapiens* estava extinto.

Quem sabe, perdido numa das cidades ainda intactas, estivesse o manuscrito de algum Gibbon moderno, registando os últimos dias da raça humana. Se assim fosse, Jan não tinha certeza de que faria questão de o ler. Rashaverak contara-lhe tudo o que desejava saber.

Aqueles que não se tinham matado procuraram o esquecimento em atividades cada vez mais febris, em desportos violentos e suicidas que muitas vezes não se distinguiam de pequenas guerras. À medida que a população decaía com rapidez, os sobreviventes, envelhecidos, tinham-se agrupado, um exército derrotado que cerrava fileiras na sua última retirada.

O ato final, antes que a cortina descesse para sempre, deve ter sido iluminado por lampejos de heroísmo e sacrifício e obscurecido por crueldade e egoísmo. Quer tenha terminado em desespero ou em resignação, Jan nunca saberia.

Havia muito com o que ocupar a mente. A base dos Senhores Supremos ficava a cerca de um quilómetro de uma casa de campo abandonada, e Jan investira alguns meses a instalar-lhe equipamentos que encontrara na cidade mais próxima, a uns trinta quilómetros de distância. Voara até lá com Rashaverak, cuja amizade, suspeitava ele, não era completamente altruísta. O psicólogo dos Senhores Supremos ainda estudava o último espécime do *Homo Sapiens*.

A cidade devia ter sido evacuada antes do fim, pois as casas e até mesmo os vários edifícios públicos ainda estavam em ordem. «Não seria difícil ligar os geradores, de modo a que as largas ruas voltassem a brilhar com a ilusão da vida». Jan brincou com a ideia, mas abandonou-a como sendo mórbida demais. A coisa que menos desejava era remoer o passado.

Aqui encontrou tudo o que precisava para se manter confortável o resto da vida, mas o que mais queria era um piano eletrónico e alguns arranjos de Bach. Nunca tivera tanto tempo para a música como desejara. Agora ia compensar essa falha. Quando não era ele próprio a tocar, ouvia gravações das grandes sinfonias, ouvia concertos, de modo a que a sua casa nunca ficasse em silêncio. A música tornara-se no seu talismã contra a solidão que, um dia, certamente tomaria conta do seu ser.

Saía muitas vezes em longas caminhadas pelas colinas, pensando em tudo o que acontecera nos poucos meses decorridos desde que vira a Terra pela última vez. Nunca imaginara, ao dizer adeus a Sullivan, há oitenta anos terrestres atrás, que a última geração da humanidade já estava no útero.

Que jovem e ingénuo fora! Não tinha a certeza, porém, de que se arrependera desse ato. Caso tivesse ficado na Terra, teria testemunhado os anos derradeiros, que o tempo agora ocultava. Em vez disso, saltara essa fase diretamente para o futuro, e ficara a conhecer as respostas às perguntas que nenhum outro homem jamais saberia.

A sua curiosidade estava quase satisfeita, mas, às vezes, dava por si a imaginar o que é que os Senhores Supremos estariam à espera. E o que é que aconteceria quando sua paciência fosse, finalmente, recompensada?

Todavia, a maior parte do tempo era passado com a resignação satisfeita, que normalmente chega apenas aqueles que estão no final de uma vida longa e ativa. Sentava-se diante do teclado e enchia o ar com o seu querido Bach. Quem sabe, talvez estivesse apenas a iludir-se, quem sabe talvez fosse apenas um truque misericordioso da mente, mas Jan agora tinha a impressão de que era isto aquilo que sempre desejara fazer. A sua ambição secreta, por fim, ousara manifestar-se à luz plena da consciência.

Jan sempre fora um bom pianista. Agora, era o melhor do mundo.

24

Foi Rashaverak quem lhe trouxe a notícia, mas ele já a antecipara. Durante a madrugada, tinha acordado com um pesadelo e não conseguira voltar a dormir. Não se lembrava do sonho, o que era muito estranho. Achava que qualquer sonho poderia ser relembrado, se a pessoa se esforçasse o suficiente logo depois de acordar. Tudo o que se conseguia lembrar do pesadelo era que voltara a ser uma criança, numa vasta planície vazia onde ouvia uma voz formidável que lhe gritava numa língua estranha.

O sonho perturbara-o. Perguntava-se se este seria o primeiro assalto da solidão sobre a sua mente. Inquieto, saíra da enorme casa em direção à relva negligenciada.

A Lua cheia banhava o cenário com uma luz dourada tão brilhante que era possível ver com perfeição. O cilindro imenso e reluzente da nave de Karellen estava pousado em frente aos prédios da base dos Senhores Supremos, erguendo-se acima deles e reduzindo-os às proporções de alguma coisa feita pelo homem. Jan olhou para a nave, tentando recordar as emoções que esta outrora lhe despertara. Longe ia a época em que a nave fora uma meta inatingível, um símbolo de tudo o que jamais esperara realmente alcançar. Agora, não significava nada.

Tão tranquila e silenciosa que ela estava! Os Senhores Supremos, é claro, estavam tão ativos como sempre, embora nesse preciso momento não se vislumbrassem sinais deles. Jan poderia estar sozinho na Terra. Como, de facto e num sentido muito real, estava. Olhou de relance para a Lua, à procura de uma vista familiar na qual os seus pensamentos pudessem repousar.

Ali estavam os antigos mares, que sabia de cor. Estivera a quarenta anos-luz da Terra, mas nunca caminhara por aquelas planícies poeirentas e silenciosas, a menos de dois segundos-luz de distância. Durante um momento, divertiu-se a tentar localizar a cratera Tycho. Quando a descobriu, ficou intrigado ao ver que a mancha reluzente ficava mais

afastada da linha central do disco do que pensara. E foi então que se deu conta de que a oval escura do Mare Crisium tinha desaparecido completamente.

A face que o satélite da Terra agora apresentava ao planeta não era aquela que contemplara o mundo desde a aurora da vida. A Lua começara a girar sobre o seu próprio eixo.

Aquilo só podia significar uma coisa: do outro lado da Terra, na região que tinham despido de vida tão abruptamente, *eles* estavam a sair do seu longo transe. Da mesma forma que uma criança ao acordar estica os braços para acolher o dia, também eles estavam a fletir os músculos e a brincar com os seus poderes recém-descobertos...

*

– A tua conclusão está correta – disse Rashaverak. – Já não é seguro para nós continuar aqui. Pode ser que eles não nos continuem a prestar atenção, mas não podemos correr esse risco. Vamos partir assim que os nossos equipamentos possam ser embarcados. Ao que tudo indica, dentro de duas ou três horas.

Rashaverak olhou para o céu, como se estivesse com medo que algum novo milagre se desencadeasse. Mas continuava tudo em paz: a Lua pusera-se e sobravam apenas algumas nuvens que passavam altas com o vento oeste.

– Não faz grande diferença que eles mexam na Lua – Rashaverak acrescentou – mas e se começarem a interferir com o Sol? Vamos deixar para trás alguns instrumentos, é claro, de maneira a que consigamos acompanhar os acontecimentos.

– Eu vou ficar – disse Jan de repente. – Já vi o suficiente do Universo. Agora já só tenho curiosidade sobre uma coisa... o destino do meu próprio planeta.

Com muita brandura, o chão tremeu sob os seus pés.

– Já estava à espera disto – prosseguiu Jan. – Se eles alteram a rotação da Lua, o momento angular precisa de ir para algum sítio. A Terra está a andar mais devagar. Não sei o que é que me intriga mais: *como* é que estão a fazer isto, ou *porquê*?

– Ainda estão a brincar – disse Rashaverak. – Qual é a lógica dos atos de uma criança? Sob muitos aspetos, a entidade em que a tua raça se

transformou ainda é uma criança. Ainda não está pronta para se juntar à Mente Suprema. Mas brevemente estará, e aí a Terra será toda tua.

Não complementou a frase, mas Jan concluiu-a por ele:

– ... se, ainda houver uma Terra, claro.

– Vejo que percebes o perigo... e, mesmo assim, preferes ficar?

– Prefiro. Já voltei há cinco... ou seis anos. Aconteça o que acontecer, não vou reclamar.

– Tínhamos a esperança – começou Rashaverak, devagar – de que preferisses ficar. Há algo que podes fazer por nós...

*

O clarão do impulso estelar foi-se extinguindo até morrer algures para lá da órbita de Marte. Por aquela estrada, entre todos os milhares de milhões de seres humanos que viveram e morreram na Terra, apenas ele viajara. Nenhum outro jamais a percorreria novamente.

O mundo era dele. Tudo aquilo que precisasse, todos os bens materiais que alguém jamais pudesse desejar, eram dele. Bastava-lhe pegar neles. Contudo já não estava interessado. Não temia a solidão do planeta abandonado, nem a presença que ainda se encontrava ali naqueles últimos momentos, antes de partir em busca da sua herança desconhecida. No rasto inconcebível dessa partida, Jan não esperava que nem ele, nem os seus problemas sobrevivessem durante muito tempo.

E isso era bom. Fizera tudo o que desejara fazer, prolongar uma vida sem sentido neste mundo vazio, teria sido um anticlímax insuportável. Poderia ter partido com os Senhores Supremos, mas com que objetivo? Sabia, como ninguém jamais soubera, que Karellen fora sincero quando lhes dissera: «As estrelas não são para o Homem».

Voltou as costas à noite e passou pela vasta entrada da base dos Senhores Supremos. O porte dessa arcada não o afetava em nada; a imensidão em si já não tinha nenhum poder sobre a sua mente. As luzes avermelhadas estavam acesas, acionadas por energias que as poderiam alimentar durante vários séculos. De cada lado haviam máquinas cujos segredos ele jamais conheceria, abandonadas pelos Senhores Supremos na sua retirada. Passou por elas e escalou, desajeitadamente, os grandes degraus que levavam à sala de controlo.

O espírito dos Senhores Supremos permanecia por ali: as suas máquinas ainda estavam vivas, a cumprir as ordens dos seus mestres, agora tão distantes. «O que é que eu posso acrescentar», pensou Jan, «às informações que elas já enviam para o espaço?»

Jan subiu para a enorme cadeira e sentou-se da maneira mais cómoda possível. O microfone, já ligado, aguardava por ele. Um aparelho que seria o equivalente a uma câmara de televisão devia estar a observá-lo, mas Jan não foi capaz de o descobrir.

Do outro lado da mesa e dos seus painéis de instrumentos ilegíveis, as amplas janelas contemplavam a noite estrelada, de uma ponta à outra de um vale adormecido sob uma Lua quase cheia, além de uma longínqua cordilheira. Um rio serpenteava entre as montanhas, reluzindo aqui e ali quando o luar batia nalgum trecho de água agitada. Tudo estava pacífico. Antes da origem do Homem, provavelmente seria assim, no início tal e qual como no fim.

Lá fora – a vários milhões de quilómetros no espaço – Karellen estaria à espera. Era estranho pensar que a nave dos Senhores Supremos estava em retirada para longe da Terra quase tão rapidamente como o seu sinal conseguia correr atrás dela. Quase... mas não tão rapidamente. Seria uma perseguição demorada, mas as suas palavras alcançariam o Supervisor e Jan conseguiria finalmente redimir a dívida que contraíra.

«Quanto de tudo isto», pensou Jan, «terá sido planeado por Karellen, e quanto será uma improvisação magistral? Será que o Supervisor, sabendo perfeitamente o que aconteceria, permitiu que eu fugisse para o espaço, há quase um século atrás, de modo a voltar e desempenhar este papel?» Não, isso parecia fantástico demais. Jan, porém, tinha agora a certeza de que Karellen estava envolvido em alguma vasta e intricada conspiração. Mesmo enquanto a servia, continuava a estudar a Mente Suprema com todos os instrumentos ao seu dispor. Jan suspeitava que aquilo que inspirava o Supervisor, não se tratava apenas de curiosidade científica. Quem sabe se os Senhores Supremos não sonhavam um dia fugir daquela servidão peculiar, quando tivessem aprendido o suficiente sobre os poderes que serviam.

Parecia difícil de acreditar que Jan pudesse acrescentar algo a esses conhecimentos com o que estava a fazer agora. «Conta-nos o que estiveres a ver», dissera-lhe Rashaverak. «As imagens que chegarem aos teus olhos

serão duplicadas pelas nossas câmaras. Mas a mensagem que entra no teu cérebro pode ser muito diferente, e poderá dizer-nos muito.»

Bem, faria o melhor que pudesse.

– Ainda não tenho nada a reportar – começou. – Há alguns minutos atrás, vi o rasto da vossa nave a desaparecer no céu. A Lua acabou de entrar na sua fase minguante, e quase a metade do seu lado familiar está agora virado de costas para a Terra... Mas acho que vocês já sabem isso.

Jan fez uma pausa, sentindo-se um tanto ridículo. Havia algo de incongruente, até mesmo um pouco absurdo, naquilo que estava a fazer. Aqui estava o clímax de toda a história. No entanto, ele agia como se fosse um comentarista de rádio num hipódromo ou num ringue de boxe. Encolheu os ombros e pôs a ideia de lado. Em todos os momentos de grandeza, suspeitava Jan, o anticlímax estava sempre por perto... e, com certeza, apenas ele poderia sentir a sua presença aqui.

– Houve três pequenos tremores na última hora – prosseguiu. – O controlo deles sobre a rotação da Terra deve ser incrível, mas não é cem por cento perfeito. Karellen, sabes que vai ser difícil dizer-vos algo que os vossos instrumentos já não vos tenham contado. Teria sido útil se me tivessem dado alguma ideia do que poderá vir a acontecer, ou se me dissessem durante quanto tempo posso ter que esperar. Se não acontecer nada, voltarei a informar-vos dentro de seis horas, conforme combinámos...

– Olá! Eles deviam estar à espera que vocês se fossem embora. Está a começar a acontecer alguma coisa. As estrelas estão a perder o brilho. É como se uma nuvem grande estivesse a subir, muito rápido, cobrindo o céu todo. Só que não é uma nuvem de verdade. Parece ter algum tipo de estrutura... consigo antever uma rede nebulosa de linhas e faixas que vão mudando de posição. É quase como se as estrelas estivessem emaranhadas numa teia de aranha fantasma.

– A rede toda está a começar a brilhar... a pulsar com luz, exatamente como se estivesse viva. E eu acho que está. Ou será que se trata de alguma coisa que vai tão além daquilo que entendemos como vida? Até que ponto é que *aquilo* que está acima do mundo é inorgânico?

– O brilho parece estar a deslocar-se para uma só parte do céu... esperem um minuto enquanto passo para a outra janela.

– Sim... Já devia ter desconfiado. Vejo uma enorme coluna de fogo, como uma árvore de chamas, acima do horizonte, a oeste. Está a uma grande

distância, do outro lado do mundo. Acho que sei de onde é que ela vem: *eles* estão, finalmente, a caminho de se tornarem parte da Mente Suprema. O período de habituação terminou. Estão a deixar os últimos vestígios de matéria para trás.

– À medida que o fogo se espalha na sua subida acima da Terra, consigo ver a rede a tornar-se mais firme e menos nebulosa. Em alguns pontos, parece quase sólida... mesmo que as estrelas ainda brilhem ligeiramente através dela.

– Acabei de perceber! Não é exatamente igual, mas aquela coisa que eu vi a disparar para cima no vosso mundo, Karellen, era muito parecida com isto. Será que era parte da Mente Suprema? Acho que me esconderam a verdade para que não tivesse ideias preconcebidas... para que fosse um observador isento. Gostaria de saber o que é que as vossas câmaras vos estão a mostrar agora, para comparar com aquilo que o meu cérebro imagina que estou a ver!

– É desta forma que ela comunica convosco, Karellen? Com cores e formas assim? Lembram-me os ecrãs de controlo nas vossas naves. Os padrões que passavam e vos transmitiam informação nalgum tipo de linguagem visual que só os vossos olhos conseguem ler.

– Ela agora parece exatamente as cortinas da aurora, dançando e tremeluzindo entre as estrelas. Mas é isso mesmo que ela é na verdade: uma enorme tempestade de aurora. A paisagem inteira está iluminada... está mais claro do que durante o dia... vermelhos, amarelos e verdes correm uns atrás dos outros pelo céu... ah, não tenho palavras, não parece justo que eu seja o único a ver isto... nunca sequer imaginei estas cores.

– A tempestade está a passar, mas a grande rede nebulosa continua lá. Acho que a aurora era só um subproduto das energias que estão a ser utilizadas lá em cima, na fronteira do espaço.

– Só um minuto; acabei de reparar noutra coisa. *O meu peso está a diminuir*. O que é que isso quer dizer? Larguei um lápis no ar.… está a cair devagar. Alguma coisa aconteceu à gravidade, sinto um vento forte a começar, consigo ver as árvores a abanar os galhos lá em baixo no vale.

– Claro... A atmosfera está a escapar. Vejo que os paus e as pedras estão-se a erguer no céu, quase como se a própria Terra estivesse a tentar ir atrás *deles* pelo espaço. Há uma grande nuvem de pó, levantada pela ventania. Está a ficar difícil de ver... Quem sabe, talvez abra daqui a pouco.

– Sim... Assim está melhor. Tudo o que não estava preso foi arrancado... As nuvens de pó desapareceram. Não sei por quanto tempo é que este prédio vai aguentar. E está-se a tornar difícil de respirar... preciso de tentar falar mais devagar.

– Já consigo ver claramente outra vez. A gigantesca coluna de fogo ainda lá está, mas parece estar a contrair-se, está mais estreita... parece o cone de um tornado, prestes a recolher-se nas nuvens. E... Oh, é difícil de descrever, mas acabo de sentir uma grande onda de emoção a tomar conta de mim. Não é alegria, nem tristeza. É uma sensação de satisfação, de conquista. Imaginação? Ou será que veio de fora? Não sei.

– E agora... *Isto* não pode ser só imaginação... O mundo dá a sensação de estar vazio. Completamente vazio. É como se ouvisse um rádio que ficou mudo de repente. E o céu está limpo de novo... A teia nebulosa desapareceu. Para que mundo vai ela agora, Karellen? E vocês, estarão lá para a continuar a servir?

– Estranho: tudo ao meu redor está inalterado. Não sei porquê, mas pensei que...

Jan ficou em silêncio. Durante um instante teve dificuldade em encontrar palavras e, de seguida, fechou os olhos num esforço para recuperar o controlo. Agora não havia espaço para medo ou pânico. Tinha uma missão a cumprir: um dever para com o Homem, e um dever para com Karellen.

Ao princípio devagar, como um homem que acorda de um sonho, começou a falar:

– Os prédios à minha volta, o chão, as montanhas... tudo parece de vidro... *consigo ver através deles*. A Terra está-se a dissolver. O meu peso já quase desapareceu completamente. Vocês tinham razão: eles já pararam de brincar com os seus brinquedos.

– Só faltam alguns segundos para o fim. Lá se vão as montanhas, como se fossem fumo. Adeus, Karellen, Rashaverak... tenho pena por vocês. Apesar de não ser capaz de compreender, vi naquilo em que a minha raça se tornou. Tudo o que já fizemos subiu em direção às estrelas. Quem sabe, talvez fosse isso o que as velhas religiões queriam dizer. Mas numa coisa todas erraram: pensavam que a humanidade era tão importante, mas somos apenas uma raça em... vocês sabem quantas? E, ainda assim, transformámo-nos em algo que vocês nunca poderão ser.

– Lá se vai o rio. Mas o céu continua igualzinho. Quase não consigo respirar. É estranho ainda ver a Lua a brilhar lá em cima. Ainda bem que eles a deixaram, mas agora vai ficar sozinha...

– A luz! Vem *por baixo* de mim, de dentro da Terra, brilhando para cima, através das rochas, do solo, de tudo. Está a ficar cada vez mais brilhante, mais brilhante, ofuscante...

*

Com um choque mudo de luz, o núcleo da Terra libertou as suas energias acumuladas. Por um breve instante, as ondas gravitacionais atravessaram o sistema solar de um lado ao outro e novamente de volta, perturbando ligeiramente a órbita dos planetas. Rapidamente, os filhos remanescentes do Sol voltaram a seguir os seus velhos caminhos, como rolhas flutuantes num lago plácido superaram as minúsculas ondulações provocadas por uma pedra que cai.

Não sobrara nada da Terra. *Eles* tinham sugado os últimos átomos da sua substância. Ela nutrira-os durante as fases mais extremas da sua inconcebível metamorfose, da mesma forma que o alimento armazenado num grão de trigo alimenta a planta na sua ascendência em direção ao Sol.

*

A seis mil milhões de quilómetros para lá da órbita de Plutão, Karellen estava sentado em frente a um ecrã subitamente escuro. O registo estava concluído, a missão, terminada; ele voltava finalmente para o mundo que deixara há tanto tempo. Os séculos pesavam sobre ele, além de uma tristeza que nenhuma lógica poderia alguma vez afastar. Não lamentava pelo Homem: a sua dor era pela sua própria raça, para sempre privada da grandeza por forças que não poderiam vencer.

«Apesar de todas as suas conquistas», pensou Karellen, «apesar do seu domínio do universo físico, o meu povo não é melhor do que uma tribo que tivesse passado toda a existência em alguma planície rasa e poeirenta. Ao longe ficam as montanhas, a morada do poder e da beleza, onde o trovão ruge acima dos glaciares e o ar é limpo e penetrante. Por lá o Sol ainda caminha, transfigurando os picos com a sua glória, enquanto toda a terra mais abaixo se deixa envolver pela escuridão. Nós podemos apenas olhar e

admirar. Jamais poderemos escalar as alturas.» No entanto, Karellen sabia, aguentariam firmes até o fim.

Aguardariam sem desespero o seu destino, qualquer que fosse. Serviriam a Mente Suprema porque não tinham escolha, mas, mesmo ao servi-la, não perderiam as suas almas.

O grande ecrã de controlo cintilou por um momento com uma luz escura, vermelho-viva. Sem fazer um esforço consciente, Karellen leu a mensagem nos padrões em constante mudança. A nave estava a deixar os limites do Sistema Solar. As energias que alimentavam o impulso estelar estavam a declinar a um ritmo acelerado, mas tinham feito o seu trabalho.

Karellen ergueu a mão, e a imagem mudou novamente. Uma única estrela radiante brilhava no centro do ecrã. Ninguém saberia, a esta distância, que o Sol alguma vez possuíra planetas, ou que um deles estava agora perdido. Durante um longo tempo, Karellen manteve os olhos fixos naquele abismo que se alargava a um ritmo acelerado, ao mesmo tempo que muitas memórias corriam pela sua vasta e labiríntica mente. Num adeus silencioso, saudou os homens que conhecera, quer o tivessem atrapalhado ou ajudado a alcançar a sua meta.

Ninguém ousou perturbá-lo ou interromper os seus pensamentos. Até que virou as costas a um Sol que se encolhia.

extras

Capítulo 1
Versão revista pelo autor (1989)

Anjo da Guarda
Conto que deu origem ao Livro

Em 1989, o autor atualizou o primeiro capítulo de O Fim da Infância para refletir a crença comum de que os russos (e não os alemães) seriam os pioneiros no espaço. Após o colapso da União Soviética, decidiu reverter para o texto original. O que segue é a versão revista de 1989.

1

Antes de voar para o local do lançamento, Helena Lyakhov passava sempre pelo mesmo ritual. Ela não era a única cosmonauta a fazê-lo, embora poucos sequer falassem a esse respeito.

Já estava escuro quando ela deixou o Edifício Administrativo e caminhou entre os pinheiros, até chegar à famosa estátua. O céu estava límpido como cristal, e uma Lua cheia brilhante tinha acabado de nascer. Automaticamente, os olhos de Helena concentraram-se no Mare Imbrium, e a sua mente voltou para as semanas de treino na Base Armstrong, agora mais conhecida como Pequena Marte.

– Tu morreste antes de eu nascer, Yuri... Nos tempos da Guerra Fria, enquanto o nosso país ainda vivia na sombra de Stalin. O que será que acharias, se ouvisses todos os sotaques estrangeiros na Cidade das Estrelas de hoje? Acho que ficarias feliz...

– *Sei* que ficarias feliz, se nos pudesses ver agora; já serias um homem velho, mas ainda poderias estar vivo. Que tragédia... o primeiro a entrar no espaço... não ter vivido para ver o homem andar na Lua! Mas imagino que também tenhas sonhado com Marte... E agora estamos quase prontos para lá ir. Vamos abrir a Nova Era com que Konstantin Tsiolkovsky sonhou, há cem anos atrás. Quando nos encontrarmos de novo, terei muito para te contar.

Helena já ia a meio do caminho de volta ao escritório quando um autocarro cheio de turistas atrasados parou de repente. As portas abriram-se, largando uma enchente de passageiros cá para fora, câmaras preparadas. Não havia nada que a vice-comandante da Expedição Marte pudesse fazer além de evocar o seu sorriso público.

Então, antes que uma única foto fosse tirada, todos começaram a gritar e a apontar para a Lua. Helena virou-se a tempo de a ver desaparecer por trás de uma gigantesca sombra que deslizava pelo céu; e pela primeira vez na vida, a cosmonauta temeu a Deus.

*

O comandante da missão, Mohan Kaleer, estava na borda da cratera, olhava por cima do mar de lava congelada para a borda distante da caldeira. Era difícil apreender a escala da cena, ou imaginar as forças que aqui reinavam enquanto as marés de rocha derretida subiam e desciam, criando os paredões e terraços espalhados diante dele. Mesmo assim, tudo o que ele via poderia perder-se no interior do vulcão que ele próprio encararia dentro de menos de um ano. O Kilauea era apenas um modelo em escala do Olympus Mons, e todo o treino poderia ainda deixá-los irremediavelmente despreparados para a realidade.

Ele lembrava-se de como, na cerimónia de posse de 2001, o presidente dos Estados Unidos tinha ecoado a promessa feita quarenta anos antes por Kennedy, «Temos que ir à Lua!», ao proclamar que este seria o «Século do Sistema Solar». Ele tinha previsto com convicção que, antes que 2100 chegasse, os homens teriam visitado todos os restantes corpos que orbitavam o Sol... e estariam a viver, de forma permanente, em pelo menos um deles.

Os raios de Sol que acabara de nascer brilhavam nos fiapos de vapor que emergiam entre as rachas de lava. O Dr. Kaleer lembrou-se das névoas matinais que se acumulavam no Labirinto da Noite. Sim, era fácil imaginar que já estava em Marte, acompanhado por colegas de meia dúzia de países. Desta vez nenhuma nação queria (ou, de facto, podia) ir sozinha.

Ele estava virado para o helicóptero quando algum pressentimento, algum movimento entrevisto pelo canto do olho, o fez parar. Intrigado, lançou um olhar de volta para a cratera; só depois pensou em olhar para o céu.

Então, Mohan Kaleer percebeu, tal como Helena Lyakhov o fez nesse mesmo momento, que a história como os homens a conheceram tinha chegado ao fim. Os monstros reluzentes que navegavam para lá das nuvens, mais quilómetros acima da sua cabeça do que ele se atrevia a adivinhar, faziam o pequeno enxame de naves espaciais lá em cima, em Lagrange, parecerem tão primitivas como canoas de madeira. Por um instante que pareceu durar para sempre, Mohan assistiu, da mesma maneira que todo o planeta o fazia, às grandes naves que desciam na sua avassaladora grandiosidade.

Não lamentou que o trabalho de uma vida estivesse perdido. Batalhara para levar os homens às estrelas e, no seu momento de triunfo, as estrelas, distantes e indiferentes, tinham vindo até eles.

Era neste momento que a história sustinha a respiração, e o presente se destacava do passado da mesma forma que um iceberg se separa das encostas geladas que lhe dão origem para navegar pelo oceano, solitário e orgulhoso. Tudo o que as gerações passadas tinham conquistado era, agora, como nada. Um único pensamento ressoava na mente de Mohan:

«A raça humana não está sozinha».

Publicado pela primeira vez na revista Famous Fantastic Mysteries, em abril de 1950. Reunido na antologia The Sentinel.

Escrito originalmente em 1946, Anjo da guarda *foi recusado por John W. Campbell, editor da* Astounding. *Após várias outras rejeições, o meu agente, Scott Meredith, pediu a James Blish que reescrevesse a história, o que ele fez acrescentando um novo final, depois disso, o conto foi vendido* à Famous Fantastic Mysteries. *Eu achei que o novo final era muito bom, mas não soube dele por muito tempo. Isso foi uma partida de Scott. Mais tarde, em 1952,* Anjo da guarda *foi expandido para se tornar na Parte 1 – A Terra e os Senhores Supremos – de* O Fim da Infância.

Anjo da Guarda

Pieter Van Ryberg tremeu, como sempre tremia quando entrava no escritório de Stormgren. Olhou para o termostato e encolheu os ombros, numa paródia de resignação.

– Sabe, chefe – disse ele – embora eu vá lamentar a sua perda, é bom saber que a taxa de morte por pneumonia cairá em breve.

– E como é que sabes? – Stormgren sorriu. – O próximo Secretário-Geral pode muito bem ser um esquimó. O que as pessoas refilam por causa de alguns graus centígrados!

Van Ryberg sorriu e dirigiu-se até à janela dupla e em curva. Ficou parado e em silêncio por um momento, olhando para a avenida de grandes edifícios brancos, ainda parcialmente incompletos.

– Bem – disse ele, com uma súbita mudança de tom – vai mesmo recebê-los?

– Sim, acho que vou. Geralmente evita problemas a longo prazo.

De repente, Van Ryberg enrijeceu e colou a cara ao vidro.

– Já cá estão! – disse. – Estão a subir pela Avenida Wilson. Não são tantos como eu esperava... diria que cerca de dois mil.

Stormgren colocou-se ao lado do Secretário-assistente. A um quilómetro dali, uma pequena mas determinada multidão carregava cartazes pela avenida acima, em direção ao Edifício do Quartel-General. Agora conseguia ouvir, mesmo com o isolamento acústico, o som funesto das vozes entoando palavras de ordem. Sentiu uma onda de repugnância a percorrer-lhe corpo. Com certeza o mundo já estava farto de hordas em marcha e slogans furiosos!

A multidão estava agora em frente ao prédio: deviam saber que ele estava a olhar, uma vez que aqui e ali se viam punhos cerrados agitando-se no ar. Não o desafiavam, embora o gesto tivesse a intenção de ser visto por ele. Como pigmeus que ameaçavam um gigante, os punhos irados erguiam-se contra o céu, cerca de oitenta quilómetros acima da sua cabeça.

«E muito provavelmente», pensou Stormgren, «Karellen olhava para baixo, para a aquela cena toda, e divertia-se imenso.»

Esta era a primeira vez que Stormgren se reunia com o líder da Liga da Liberdade. Ele ainda se perguntava se seria aconselhável fazê-lo. Em última análise, só tinha aceitado porque a Liga usava qualquer recusa como munição contra ele. O Secretário-Geral sabia que o abismo era grande demais para que qualquer acordo saísse dessa reunião.

Alexander Wainwright era um homem alto, mas levemente encurvado, perto dos sessenta anos. Parecia inclinado a desculpar-se pelos mais barulhentos dos seus seguidores, e Stormgren foi apanhado de surpresa não só pela sua óbvia sinceridade, mas também pelo seu considerável charme pessoal.

– Suponho – disse Stormgren – que o objetivo principal da sua visita seja registar um protesto formal contra o Projeto da Federação. Estou correto?

– Esse é o meu objetivo principal, senhor Secretário. Como sabe, nos últimos cinco anos temos tentado despertar a raça humana para o perigo que a confronta. Devo admitir que, do nosso ponto de vista, a resposta tem sido uma desilusão. A grande maioria parece satisfeita em permitir que os Senhores Supremos governem o mundo como lhes apraz. Mas esta Federação Mundial é tão intolerável quanto será inviável. Nem mesmo Karellen pode apagar dois mil anos de história mundial com uma canetada.

– Então o senhor considera – interrompeu Stormgren – que a Europa, e o mundo todo, devem continuar indefinidamente divididos em dezenas de Estados soberanos, cada um com sua própria moeda, forças armadas, alfândegas, fronteiras e todo o resto dessa... dessa parafernália medieval?

– Não tenho nada contra a federação como um objetivo final, embora alguns dos meus apoiantes possam discordar. O meu ponto é que ela deve vir de dentro e não deve ser imposta de fora. Temos de resolver o nosso próprio destino... temos o direito à independência. Não deve existir mais interferência externa nos assuntos humanos!

Stormgren suspirou. Tudo isso já ele tinha ouvido uma centena de vezes antes, e sabia que só tinha a oferecer as mesmas velhas respostas que a Liga da Liberdade se recusava a aceitar. Ele tinha fé em Karellen, e eles, não. Essa era a diferença fundamental, e não havia nada que ele pudesse fazer a esse respeito. A sua sorte, é que também não havia nada que a Liga pudesse fazer.

– Deixe-me fazer-lhe algumas perguntas – disse ele. – Você nega que os Senhores Supremos trouxeram segurança, paz e prosperidade ao mundo?

– É verdade. Mas tiraram-nos a nossa liberdade. Nem só de pão...

– Vive o homem. Sim, eu sei... Mas esta é a primeira época em que todos os humanos têm a certeza de conseguir pelo menos isso. De qualquer maneira, que liberdade perdemos comparada à que os Senhores Supremos nos deram, pela primeira vez na história humana?

– Liberdade para controlar as nossas vidas, sob a orientação de Deus.

Stormgren abanou a cabeça.

– No mês passado, quinhentos bispos, cardeais e rabinos assinaram uma declaração conjunta, comprometendo-se a apoiar as políticas do Supervisor. As religiões do mundo estão contra si.

– Porque muito poucas pessoas se apercebem do perigo. Quando se derem conta, poderá ser tarde demais. A humanidade terá perdido a iniciativa e ter-se-á tornado numa raça de vassalos.

Stormgren não parecia ouvir. Observava a multidão lá em baixo, movendo-se sem rumo, agora que tinha perdido o líder. Quanto tempo, perguntou-se, até que o homem deixasse de abandonar a razão e a identidade? Wainwright podia ser um homem sincero e honesto, mas não se poderia dizer o mesmo de muitos dos seus seguidores.

Stormgren voltou-se para o visitante.

– Dentro de três dias vou-me reunir com o Supervisor novamente. Explicar-lhe-ei as suas objeções, já que é o meu dever representar as opiniões do mundo. Mas isso não mudará nada.

Lentamente, Wainwright recomeçou.

– Isso traz-me a outro ponto. Uma das nossas principais objeções aos Senhores Supremos, como sabe, é o seu sigilo. O senhor é o único ser humano que já falou com Karellen... e nem mesmo você o viu. É assim tão surpreendente que muitos de nós tenhamos suspeitas quanto às motivações dele?

– Vocês ouviram os seus discursos. Eles não são convincentes o suficiente?

– Francamente, palavras não bastam. Não sei o que é que causa este ressentimento... a omnipotência de Karellen ou a sua reclusão.

Stormgren ficou quieto. Não havia nada que pudesse responder. Ou pelo menos nada que fosse convencer o outro. Às vezes perguntava-se se já se

tinha, de facto, convencido a si mesmo.

*

Era, obviamente, apenas uma operação muito pequena, do ponto de vista deles, mas, para a Terra, era o maior acontecimento de todos os tempos. Não houvera nenhum aviso, mas uma enorme sombra caíra, repentinamente, sobre duas dezenas das maiores cidades do mundo. Erguendo os olhos das suas mesas de trabalho, um milhão de homens percebeu, naquele instante de gelar o coração, que a raça humana não estava sozinha.

As vinte naves eram símbolos inquestionáveis de uma ciência que o Homem não poderia ter a esperança de igualar nos próximos séculos. Durante sete dias flutuaram, imóveis, sobre as suas cidades, sem dar a entender que sequer sabiam da sua existência. Mas não era preciso: não se tratava de uma coincidência que as poderosas naves tinham parado precisamente sobre Nova York, Londres, Paris, Moscovo, Camberra, Roma, Cidade do Cabo, Tóquio...

Antes mesmo do final desse dia inesquecível, já alguns homens tinham adivinhado a verdade. Não se tratava de uma primeira tentativa de contato por parte de uma raça que não sabia nada sobre o Homem. Dentro das naves silenciosas e imóveis, mestres psicólogos estudavam as reações da humanidade. Quando a curva de tensão atingisse o pico, eles agiriam.

Foi no oitavo dia que Karellen, Supervisor da Terra, se fez conhecer ao mundo; num inglês impecável. O conteúdo do seu discurso foi ainda mais surpreendente do que a forma. Por quaisquer padrões, tratava-se da obra de um génio insuperável, mostrando um domínio completo e absoluto dos assuntos humanos.

Não poderia haver dúvida alguma de que a sua erudição e virtuosismo, os vislumbres tentadores de um conhecimento ainda inexplorado, tinham sido deliberadamente concebidos para convencer a humanidade de que estavam na presença de um poder intelectual esmagador. Quando Karellen terminou, as nações da Terra souberam que os seus dias de soberania precária estavam a acabar. Os governos locais, internos, ainda conservariam os seus poderes, mas, no campo mais amplo dos assuntos internacionais, as decisões supremas iriam abandonar as mãos humanas. Discussões, protestos, era tudo inútil. Nenhuma arma seria capaz de atingir aqueles gigantes soturnos,

e mesmo que pudessem, a queda das naves destruiria por completo as cidades mais abaixo. Da noite para o dia, a Terra tinha-se tornado um protetorado de algum obscuro império estelar, situado para lá da compreensão humana.

Em pouco tempo o tumulto passou e o mundo voltou a tratar dos seus assuntos. A única mudança que um Rip Van Winkle, subitamente acordado, notaria era a expectativa reprimida, uma atitude mental de apreensão, enquanto a humanidade aguardava que os Senhores Supremos se mostrassem e descessem das suas naves brilhantes.

Cinco anos mais tarde, continuaria a aguardar.

*

A sala era pequena e não estava mobiliada, à exceção de uma cadeira e de uma mesa sob um ecrã assente numa divisória. De acordo com a sua intenção, não dizia nada a respeito das criaturas que a tinham construído. Havia uma única entrada, que conduzia diretamente à escotilha no flanco curvo da enorme nave. Pela escotilha apenas Stormgren, entre todos os homens vivos, tinha alguma vez entrado para se reunir com Karellen, Supervisor da Terra.

O ecrã na divisória estava vazio agora como sempre estivera. Atrás daquele retângulo de trevas havia um mistério absoluto – mas também afeição, e uma compreensão imensa e tolerante pela humanidade. Uma compreensão que, Stormgren sabia, só poderia ter sido adquirida por vários séculos de estudo.

Da grade oculta veio a voz calma e nunca apressada, com o seu tom implícito de humor, que Stormgren já conhecia tão bem, embora o mundo só a tivesse ouvido três vezes na história.

– Sim, Rikki, eu estava a ouvir. O que é que pensas do Sr. Wainwright?

– É um homem honesto, a despeito do que quer que sejam os seus seguidores. O que é que vamos fazer com ele? A Liga em si não é perigosa, mas alguns dos seus extremistas apregoam abertamente a violência. Pergunto-me se deveria colocar um guarda em minha casa. Mas espero que não seja preciso.

Karellen fugiu ao assunto da maneira irritante que, às vezes, adotava.

– Os detalhes da Federação Mundial já foram divulgados há um mês. Houve um aumento substancial, na ordem dos sete por cento que ainda não

aprovam, ou nos nove por cento de indecisos?

– Ainda não, apesar das reações na imprensa. O que me preocupa é um sentimento generalizado, mesmo entre os seus simpatizantes, de que já está na hora desta reclusão terminar.

O suspiro de Karellen foi tecnicamente perfeito, embora, de alguma forma, lhe faltasse convicção.

– Tu sentes a mesma coisa, não é?

A pergunta era tão retórica que Stormgren não se deu ao trabalho de responder.

– Compreende realmente – prosseguiu, sem meias palavras – como esta situação dificulta o meu trabalho?

– Não que ajude o meu – replicou Karellen, com um certo vigor. – Gostaria que as pessoas parassem de pensar em mim como um ditador e se lembrassem de que eu sou apenas um funcionário público, tentando pôr em prática uma política colonial um tanto idealista.

– Não pode pelo menos dar-nos alguma razão para a sua reclusão? Porque não conseguimos entendê-la, aborrece-nos e gera todo tipo de boatos.

Karellen deu aquela sua gargalhada, intensa e profunda, um pouco musical demais para ser completamente humana.

– O que é que acham que eu sou agora? A teoria do robot ainda é a principal? Preferiria ser uma massa de engrenagens a rastejar pelo chão feito centopeia, como alguns tabloides parecem imaginar.

Stormgren soltou um palavrão finlandês que tinha quase a certeza que Karellen não reconheceria – embora nunca fosse possível estar absolutamente certo nessas questões.

– Será que não pode levar isto a sério?

– Meu caro Rikki – Karellen respondeu – é só por não levar a raça humana a sério que consigo manter os fragmentos que ainda possuo de meus outrora consideráveis poderes mentais.

Mesmo sem querer, Stormgren sorriu.

– Isso não me ajuda muito, não é? Eu vou ter que descer e convencer os meus pares de que, embora vocês não se vão mostrar, não têm nada a esconder. Não é um trabalho fácil. A curiosidade é uma das características humanas mais marcantes. Não vão poder afrontá-la para sempre.

– De todos os problemas com que nos defrontámos quando viemos para a Terra, esse foi o mais difícil – admitiu Karellen. – Vocês têm confiado na

nossa sabedoria noutros assuntos. Com certeza também podem confiar em nós neste tema!

– *Eu* confio em vocês – disse Stormgren – mas Wainwright não, nem os simpatizantes dele. Pode realmente culpá-los por interpretarem mal a sua relutância em mostrar-se ao mundo?

– Ouça, Rikki – Karellen respondeu, por fim. – Essas questões estão para lá do meu controlo. Acredita que lamento a necessidade dessa reclusão, mas os motivos são... suficientes. No entanto, tentarei obter uma declaração do meu superior que poderá satisfazê-lo a si, e talvez, aplacar a Liga da Liberdade. Agora, por favor, podemos voltar à agenda e recomeçar a gravação? Só chegámos ao item vinte e três, e quero ter um desempenho melhor do que o dos meus antecessores dos últimos milhares de anos em resolver a questão do meio...

*

– Teve sorte, chefe? – perguntou Van Ryberg, ansioso.

– Não sei – respondeu Stormgren, cansado, enquanto atirava os dossiês sobre a escrivaninha e se deixava cair na cadeira. – Karellen vai consultar o superior dele agora, seja lá quem, ou o que for. Não quis fazer promessas.

– Ouça – disse Pieter, abruptamente – acabei de pensar numa coisa. Que motivo temos para acreditar que *haja* mais alguém acima do Karellen? Os Senhores Supremos podem ser um mito. Bem sabe como ele odeia esse título.

Cansado como estava, Stormgren endireitou-se abruptamente na cadeira.

– É uma teoria engenhosa, mas entra em choque com o pouco que sabemos do passado de Karellen.

– E o que é que sabemos?

– Bem, sabemos que ele era um professor de astropolítica num planeta chamado Skyrondel, e resistiu o máximo que pôde antes que lhe impusessem este serviço. Ele finge detestá-lo, mas na verdade gosta do que faz.

Stormgren fez uma breve pausa, e um sorriso bem-humorado suavizou as suas feições enrugadas.

– De qualquer maneira, ele disse-me uma vez que administrar um jardim zoológico particular é uma boa diversão.

– Hummm. Um cumprimento um tanto ambíguo. Ele é imortal, não é?

– Sim, de certo modo, embora exista alguma coisa, daqui a milhares de anos, que eles parecem temer. Não consigo imaginar o que seja. E isso realmente é tudo o que sei sobre ele.

– Ele pode ter inventado tudo. A minha teoria é que a frota deles se perdeu no espaço e está à procura de uma nova casa. Não quer que nós saibamos que eles são poucos. Talvez todas as outras naves sejam automáticas, e não tenham ninguém lá dentro. Talvez seja apenas uma fachada imponente.

– Tu – disse Stormgren – andas a ler ficção científica a mais durante o trabalho.

Van Ryberg sorriu sem graça.

– A «Invasão do Espaço» não correu exatamente como o previsto, não é? A minha teoria certamente explicaria porque é que Karellen nunca se mostra. Não quer que nós saibamos que não há Senhores Supremos.

Stormgren abanou a cabeça, discordando, bem-humorado.

– A tua explicação, como quase sempre, é engenhosa demais para ser verdadeira. Embora só possamos inferir a sua existência, deve haver uma grande civilização por trás do Supervisor. E uma que já sabe tudo a respeito da humanidade há muito tempo. O próprio Karellen deve nos ter estudado durante séculos. Repara no seu domínio do inglês, por exemplo. Ele até já me ensinou a usar expressões idiomáticas!

– Às vezes, acho que ele foi um bocadinho longe demais – riu Van Ryberg. – Já descobriu alguma coisa que ele não soubesse?

– Ah, sim, muitas vezes... mas só coisas triviais. No entanto, somados um de cada vez, não creio que os seus dotes intelectuais estejam muito para lá do alcance das conquistas humanas. Só que nenhum homem poderia fazer todas as coisas que ele faz.

– Isso é mais ou menos o que eu também já concluí – concordou Van Ryberg. – Podemos discutir sobre Karellen para sempre, mas ao final do dia voltamos sempre à mesma pergunta: porque diabo é que ele não se mostra? Até que ele o faça, vou continuar a teorizar e a Liga da Liberdade vai continuar a berrar.

Ergueu um olho rebelde para o teto.

– Numa noite escura, Sr. Secretário, espero que um repórter pegue num foguete até à sua nave e suba pela porta dos fundos com uma câmara. Que furo que isso seria!

Se Karellen estava à escuta, não deu sinal. Mas, é claro, nunca dava.

*

Estava completamente escuro quando Stormgren acordou. No início, sentia tanto sono que não se deu conta de como isso era estranho. Então, quando a consciência plena retornou, sentou-se com um sobressalto e procurou o interruptor ao lado da cama.

Na escuridão, a sua mão encontrou apenas uma parede de pedra nua, fria ao toque. Imobilizou-se de imediato, a mente e o corpo paralisados pelo impacto do inesperado. Então, mal acreditando nos seus sentidos, ajoelhou-se na cama e começou a explorar, com a ponta dos dedos, a parede tão surpreendentemente desconhecida.

*

Fazia isso apenas há um momento quando ouviu um clique repentino e parte da escuridão deslizou para o lado. Viu, de relance, a silhueta de um homem contra um fundo de luz fraca. Em seguida, a porta tornou a fechar-se e a escuridão voltou. Aconteceu tão depressa que não teve oportunidade de ver nada dos aposentos em que se encontrava. Um segundo depois, foi ofuscado pela luz intensa de uma lanterna elétrica. O feixe de luz passou pelo seu rosto, fixou-se nele por um instante e, em seguida, desceu para iluminar toda a cama, que era, via ele agora, nada mais que um colchão apoiado em tábuas rústicas.

Da escuridão, uma voz suave dirigiu-se a ele num inglês excelente, mas com um sotaque que Stormgren, a princípio, não conseguiu identificar.

– Ah, Sr. Secretário. Fico satisfeito por o ver acordado. Espero que se sinta bem.

As perguntas indignadas que estivera a ponto de fazer morreram nos seus lábios. Cravou os olhos na escuridão e retorquiu calmamente:

– Durante quanto tempo estive inconsciente?

– Vários dias. Prometeram-nos que não haveriam efeitos colaterais. É bom confirmar que era verdade.

Em parte para ganhar tempo, em parte para testar as suas próprias reações, Stormgren girou as pernas para fora da cama. Ainda vestia as suas roupas de dormir, mas estavam amarrotadas e pareciam ter acumulado uma quantidade considerável de pó. Quando se mexeu, sentiu uma ligeira

tontura. Não o suficiente para ser desagradável, mas para o convencer de que, de facto, tinha sido drogado.

O feixe de luz deslizou pelo aposento e, pela primeira vez, Stormgren teve uma ideia das suas dimensões. Compreendeu que estava debaixo de terra, talvez a uma grande profundidade. E, se estivera inconsciente por vários dias, podia estar em qualquer parte do planeta.

A lanterna iluminou uma pilha de roupas dobradas sobre um caixote.

– Essas roupas devem ser suficientes para si – disse a voz, na escuridão. – O serviço de lavandaria é um tanto ou quanto problemático aqui, de modo que trouxemos alguns dos seus fatos e meia dúzia de camisas.

– Isso – disse Stormgren, sem humor – foi muita consideração da sua parte.

– Sentimos muito pela ausência de mobília e de luz elétrica. Este sítio é conveniente, mas deixa a desejar no que toca ao conforto.

– Conveniente para quê? – perguntou Stormgren, enquanto se enfiava numa camisa lavada. A sensação do tecido familiar nos seus dedos era estranhamente tranquilizadora.

– Apenas... conveniente – disse a voz. – E, a propósito, já que é provável que passemos um bom tempo juntos, pode chamar-me Joe.

– Apesar da sua nacionalidade? – respondeu Stormgren. – Você é polaco, não é? Acho que seria capaz de pronunciar o seu nome verdadeiro. Não pode ser pior do que muitos dos nomes finlandeses.

Houve uma pequena pausa, e a luz oscilou por um instante.

– Bem, eu devia ter estado à espera disto – disse Joe, conformado. – Deve ter muita prática nesse tipo de coisas.

– É um passatempo útil para um homem na minha posição. Suponho que você nasceu na Polónia, e aprendeu inglês na Grã-Bretanha. Talvez durante a Guerra? Imagino que tenha passado um bom tempo na Escócia, pelo forma como pronuncia os erres.

– Isso – disse Joe, com firmeza – é mais do que o suficiente. Como parece que já terminou de se vestir... Obrigado.

As paredes à sua volta, embora aqui e ali revestidas de betão, eram, no geral, rocha nua. Ficou claro para Stormgren que estava numa mina abandonada, e dificilmente poderia imaginar uma prisão mais eficaz. Até então, a ideia de ter sido vítima de sequestro não chegara, por algum motivo, a preocupá-lo demasiado. Tinha imaginado que, o que quer que

acontecesse, os recursos imensos do Supervisor em breve o localizariam e resgatariam. Agora já não estava tão certo. Devia existir um limite até mesmo para os poderes de Karellen, e se de facto estivesse enterrado em algum continente remoto, todas as ciências dos Senhores Supremos poderiam mostrar-se incapazes de o localizar.

Haviam outros três homens sentados à mesa na sala simples, mas intensamente iluminada. Ergueram os olhos com interesse e uma boa dose de respeito, enquanto Stormgren entrava. Joe era, de longe, o personagem mais interessante – e não apenas pelo tamanho. Os demais eram indivíduos comuns, talvez europeus. Provavelmente seria capaz de determinar os seus locais de origem quando falassem.

– Bem – disse ele, com uma voz neutra – agora talvez vocês me digam a que se deve tudo isto e o que esperam obter.

Joe pigarreou.

– Quero deixar uma coisa clara – disse ele. – Isto não tem nada a ver com Wainwright. Ele vai ficar tão surpreso como o resto do mundo.

Stormgren estava à espera disso. Dava-lhe pouca satisfação confirmar a existência de um movimento extremista dentro da Liga da Liberdade.

– Só por curiosidade – disse ele – como é que me sequestraram?

Não tinha muita esperança de que lhe contassem e foi com um certo espanto que recebeu a boa vontade, até mesmo o entusiasmo, com que o outro lhe respondeu.

– Foi como num dos velhos filmes de Fritz Lang – disse Joe, esfuziante. – Não tínhamos a certeza se Karellen o mantinha sob vigilância, por isso tomamos algumas precauções um bocado complexas. O senhor foi adormecido com um gás no ar-condicionado. Fácil. Depois, foi levado para o carro. Sem problema. Tudo isso, devo dizer, não foi feito por nenhum dos nossos. Contratámos... profissionais para o serviço. Karellen talvez os apanhe. Aliás, deve apanhá-los. Mas não vai descobrir nada. Quando saiu de sua casa, o carro entrou num longo túnel, a menos de mil quilómetros de Nova York. Voltou a sair na altura esperada, pela outra extremidade. Ainda transportava um homem drogado e muito parecido com o Secretário-Geral. Quase ao mesmo tempo, um grande camião carregado de caixas metálicas saía do túnel na direção oposta e dirigia-se para o porto onde as caixas foram carregadas num cargueiro. Enquanto isso, o carro que realmente tinha

feito o serviço prosseguiu, numa série de manobras evasivas, rumo à fronteira canadiana. Quem sabe, Karellen já o tenha apanhado. Não sei.

– Como vê – continuou Joe – e espero que aprecie minha franqueza, todo o nosso plano dependia de uma única coisa. Temos uma boa certeza de que Karellen consegue ver e ouvir tudo o que acontece na superfície da Terra. Mas, a menos que use magia, e não a ciência, não consegue ver por baixo dela. Desta forma, não vai descobrir a transferência que fizemos dentro do túnel. É claro que assumimos um risco, mas houve também uma ou duas etapas da sua remoção de que não falarei agora. Podemos querer usá-las de novo, e seria uma pena entregá-las.

Joe narrara toda a história com um prazer tão evidente que Stormgren teve dificuldade em sentir a fúria apropriada. No entanto, também se sentia muito perturbado. O plano fora engenhoso, e parecia mais do que provável que, qualquer que fosse a guarda que Karellen mantivesse sobre ele, tivesse sido enganada por estas manobras.

O polaco observava as reações de Stormgren de perto. Ele teria de parecer confiante, quaisquer que fossem os seus sentimentos reais.

– Vocês devem ser parvos – disse Stormgren, fazendo pouco caso – se acham que conseguem enganar os Senhores Supremos assim tão facilmente. De qualquer maneira, que benefício é que acham que isso vos pode trazer?

Joe ofereceu-lhe um cigarro, que Stormgren recusou, e em seguida acendeu um para si mesmo.

– Os nossos motivos – começou – são óbvios. Constatámos que discutir é inútil, então tivemos que tomar outras medidas. Karellen, quaisquer que sejam os poderes que tenha, não vai achar fácil lidar connosco. Estamos dispostos a lutar pela nossa independência. Não me entenda mal. Não vai ser nada violento... no começo, pelo menos. Mas os Senhores Supremos têm que empregar agentes humanos, e nós podemos tornar-lhes a vida bem desconfortável.

«Começando comigo, pelos vistos», pensou Stormgren.

– O que é que pretendem fazer comigo? – perguntou, finalmente. – Sou um refém, ou o quê?

– Não se preocupe. Vamos tratar de si. Estamos à espera de algumas visitas daqui a um ou dois dias e, até lá, procuraremos hospedá-lo o melhor que pudermos.

Acrescentou algumas palavras no seu próprio idioma e um dos outros tirou do bolso um baralho novinho.

– Comprámos este especialmente para si – explicou Joe. A sua voz tornou-se subitamente grave. – Espero que tenha bastante dinheiro. Afinal, dificilmente poderíamos aceitar cheques.

Chocado, Stormgren encarou inexpressivo os seus captores. E então ocorreu-lhe, de repente, que todas as responsabilidades e preocupações do cargo se tinham evaporado dos seus ombros. O que quer que acontecesse, não havia absolutamente nada que pudesse fazer a esse respeito. E agora, estes fantásticos criminosos queriam jogar póquer com ele.

De modo abrupto, atirou a cabeça para trás e riu como não fazia há anos.

* * *

Nos três dias seguintes, Stormgren analisou os seus captores com alguma profundidade. Joe era o único que tinha alguma importância, os outros eram nulidades: a gentalha que se poderia esperar na periferia de qualquer movimento ilegal.

Joe era uma pessoa mais complexa, de modo geral, embora às vezes o lembrasse de um bebé gigante. As intermináveis partidas de póquer eram entremeadas de violentas discussões políticas, mas rapidamente ficou claro para Stormgren que o enorme polaco jamais pensara a fundo na causa pela qual lutava. A emoção e o conservadorismo extremo nublavam todas as suas opiniões. A longa batalha do seu país pela independência condicionara-o tão completamente que ele ainda vivia no passado. Era um curioso ativista, uma daquelas pessoas que jamais achariam graça a uma vida normal. Quando o seu tipo desaparecesse, se é que isso alguma vez aconteceria, o mundo seria um lugar mais seguro, mas menos interessante.

Havia poucas dúvidas agora, pelo menos para Stormgren, de que o Supervisor não conseguira localizá-lo. Não se surpreendeu quando, cinco ou seis dias após a sua captura, Joe lhe disse que esperasse receber visitas. Já há algum tempo que o pequeno grupo vinha a mostrar um nervosismo crescente, e o prisioneiro adivinhou que os líderes do movimento, uma vez confirmado que a costa estava livre, finalmente viriam buscá-lo.

Já estavam à sua espera, reunidos ao redor da mesa precária, quando Joe, educadamente, lhe fez sinal para que viesse até à sala de estar. Os três

capangas tinham desaparecido, e o próprio Joe parecia um tanto contido. Stormgren, percebeu de imediato que agora enfrentava homens de calibre muito maior. Havia força intelectual, determinação férrea e inflexibilidade nestes seis homens. Joe e os seus colegas eram inofensivos. Ali estavam os verdadeiros cérebros da organização.

Com um breve aceno de cabeça, Stormgren dirigiu-se a uma cadeira e tentou aparentar calma. Enquanto se aproximava, o homem idoso e atarracado, no lado oposto da mesa, inclinou-se para a frente e encarou-o com olhos cinzentos e penetrantes. Este olhar deixou Stormgren tão pouco à vontade que acabou por falar primeiro, coisa que não pretendera fazer.

– Suponho que tenham vindo discutir as condições. De quanto é o meu resgate?

Percebeu que, no fundo da sala, alguém tomava nota das suas palavras num caderno de taquigrafia. Tudo muito profissional.

O líder respondeu com um sotaque galês cadenciado.

– Pode pôr as coisas nestes termos, Sr. Secretário-Geral. Estamos interessados em informações, não em dinheiro. O senhor conhece os nossos motivos. Pode chamar-nos um movimento de resistência, se quiser. Acreditamos que, mais cedo ou mais tarde, a Terra terá que lutar pela sua independência. Sequestrámo-lo, em parte, para mostrar a Karellen que não estamos a brincar, que somos bem organizados, mas principalmente porque o senhor é o único homem que nos pode dizer alguma coisa sobre os Senhores Supremos. O senhor é um homem razoável, Sr. Stormgren. Coopere connosco, e poderá recuperar a sua liberdade.

– O que é que desejam saber exatamente? – perguntou Stormgren, cauteloso.

– O senhor sabe quem ou o que é que os Senhores Supremos realmente são?

Stormgren quase sorriu.

– Acredite – disse – estou tão ansioso para descobrir como vocês.

– Então, vai responder às nossas perguntas?

– Não prometo nada. Mas pode ser que sim.

Houve um ténue suspiro de alívio, vindo de Joe, e um ruge-ruge de antecipação passou pela sala.

– Temos uma ideia geral – prosseguiu o outro – das circunstâncias em que o senhor se reúne com Karellen. Mas gostaríamos que as descrevesse

minuciosamente, sem deixar de fora nada de importante.

Aquilo parecia bastante inofensivo, pensou Stormgren. Já o fizera muitas vezes antes, e daria a impressão de que estava a cooperar. Stormgren apalpou os bolsos e retirou um lápis e um envelope velho. Desenhando rapidamente, ao mesmo tempo que falava, começou:

– Sabem, é claro, que uma pequena máquina voadora, sem nenhum meio visível de propulsão, me vem buscar a intervalos regulares e me leva até à nave de Karellen. Há apenas uma pequena sala na máquina, quase vazia, excetuando uma poltrona e uma mesa. A disposição é mais ou menos esta.

Enquanto Stormgren falava, tinha a sensação de que sua mente estava a trabalhar a dois níveis ao mesmo tempo. Por um lado, tentava desafiar os homens que o capturaram, ainda que, por outro, tivesse a esperança de que pudessem ajudá-lo a desvendar o segredo de Karellen.

O galês conduziu a maior parte do interrogatório. Era fascinante ver aquela mente ágil a tentar uma abertura depois da outra, testando e rejeitando todas as teorias que o próprio Stormgren abandonara há tanto tempo. A certa altura, atirou-se para trás com um suspiro.

– Não estamos a chegar a lado nenhum – disse ele, resignado. – Queremos mais factos e isso significa ação, não discussão. – Os olhos penetrantes fitavam Stormgren, pensativos. Por um minuto, tamborilou nervosamente na mesa: era o primeiro sinal de indecisão que Stormgren notava. Depois, prosseguiu:

– Estou um pouco surpreso, Sr. Secretário, que nunca tenha feito nenhum esforço para saber mais sobre os Senhores Supremos.

– O que é que sugere? – perguntou Stormgren friamente, tentando disfarçar o seu interesse. – Já lhe disse que há apenas uma maneira de sair da sala onde falo com Karellen, e que esta me leva diretamente até uma escotilha.

– Pode ser viável – refletiu o outro – projetar um instrumento que nos ajude a descobrir alguma coisa. Não sou cientista, mas podemos investigar o assunto. Se lhe dermos a liberdade, o senhor estaria disposto a ajudar-nos num plano destes?

– De uma vez por todas – disse Stormgren, zangado – quero deixar a minha posição perfeitamente clara. Karellen está a trabalhar por um mundo unido, e eu não farei nada para ajudar os seus inimigos. Não sei quais são os seus planos finais, mas acredito que sejam bons. Vocês podem incomodá-lo,

vocês podem até atrasar a conquista dos seus objetivos, mas nada disso fará diferença no fim. Vocês podem ser sinceros nas crenças que têm: posso entender o vosso medo de que as tradições e culturas dos pequenos países sejam esmagadas quando o Estado Mundial chegar. Mas vocês estão enganados: é inútil agarrarem-se ao passado. Mesmo antes dos Senhores Supremos chegarem à Terra, o Estado soberano já estava moribundo. Ninguém pode salvá-lo agora, e ninguém deveria tentar.

Não houve resposta. O homem do outro lado da mesa não se mexeu nem falou. Ficou sentado, com os lábios entreabertos, os olhos, agora, sem vida, cegos. Ao seu redor, os outros estavam igualmente imóveis, congelados em posições forçadas e anormais. Com um grito sufocado de puro horror, Stormgren levantou-se e recuou em direção à porta. Enquanto o fazia, o silêncio foi subitamente quebrado:

– Um belo discurso, Rikki. Obrigado. Agora, acho que podemos ir.

– Karellen! Graças a Deus! Mas o que é que aconteceu?

– Não te preocupes, está tudo bem com eles. Podes chamar-lhe uma paralisia, mas é muito mais subtil do que isso. Estão simplesmente a viver mil vezes mais lentamente do que o normal. Quando tivermos saído, eles nunca vão perceber o que é que aconteceu.

– Vai deixá-los aqui até a polícia chegar?

– Não. Tenho um plano muito melhor. Vou deixar que partam.

Stormgren teve uma sensação de alívio que preferiu não analisar. Lançou um olhar de despedida à pequena divisão e aos seus ocupantes congelados. Joe estava apoiado sobre um só pé, olhando de maneira tremendamente idiota para o nada. De repente, Stormgren sorriu e remexeu nos bolsos.

– Obrigado pela hospitalidade, Joe – disse ele. – Acho que te vou deixar uma lembrança.

Mexeu nos pedacinhos de papel até encontrar os números que desejava. Então, numa folha razoavelmente limpa, escreveu, com cuidado:

BANCO DE MANHATTAN
Pagar a Joe a quantia de quinze dólares
e trinta e cinco cêntimos (US$ 15,35).
R. Stormgren

Enquanto colocava a tira de papel ao lado do polaco, a voz de Karellen perguntou-lhe:

– O que é que *estás* a fazer?

– A pagar uma dívida. Os outros dois fizeram batota, mas o Joe jogou como deve ser.

Enquanto caminhava para a porta, sentia-se muito alegre e despreocupado. A flutuar do lado de fora estava uma grande esfera lisa de metal, que se moveu para o lado para o deixar passar. Presumiu que fosse uma espécie de robot, o que explicava como é que Karellen tinha conseguido alcançá-lo através de sabe-se lá quantas camadas de rocha.

– Segue em frente durante uns cem metros – disse a esfera com a voz de Karellen. – Depois vira à esquerda até eu te dar mais instruções.

Ele correu, ansioso, embora se desse conta de que não havia necessidade para pressas. A esfera permaneceu suspensa no corredor e Stormgren supôs que fosse a geradora do campo de paralisia.

Um minuto depois, encontrou uma segunda esfera, aguardando por si numa bifurcação do corredor.

– Tens mais meio quilómetro pela frente – disse o objeto – Mantém-te à esquerda, até nos encontrarmos de novo.

Encontrou mais seis esferas no seu caminho até chegar a céu aberto. Ao princípio ainda se perguntou se o robô conseguia alguma forma de lhe passar à frente. Depois, concluiu que devia haver uma série de máquinas diferentes, de forma a manter um circuito completo até às profundezas da mina. À entrada, um grupo de guardas formava uma estranha coleção de estátuas, vigiadas por mais uma daquelas ubíquas esferas. No declive da colina, a alguns metros de distância, repousava a pequena máquina voadora na qual Stormgren fizera tantas viagens até Karellen.

O Secretário-Geral ficou ofuscado durante um momento com a luz do Sol. Quando entrou para a pequena nave, teve um último vislumbre da entrada da mina e dos homens congelados à sua volta. De repente, uma fileira de esferas de metal voou à pressa pela entrada, como balas de canhão prateadas. Em seguida, a porta fechou-se atrás de si e, com um suspiro de alívio, Stormgren afundou-se na familiar poltrona.

Aguardou por um instante até ter recuperado o fôlego. E só depois, pronunciou uma sílaba, única e sincera:

– Bem?

– Peço desculpa por não te ter podido resgatar antes. Mas peço-te que compreendas como era extremamente importante que esperasse até que todos os líderes estivessem ali reunidos.

– Quer dizer – gaguejou Stormgren – que sabia onde é que eu estava este tempo todo? Se eu achasse...

– Não sejas tão precipitado – respondeu Karellen. – Pelo menos, deixa-me acabar de explicar.

– É melhor que seja uma boa explicação – disse Stormgren, de mau humor. Começava a suspeitar de que não passara de isco numa complexa armadilha.

– Já há algum tempo que eu tinha um «marcador» em ti – começou Karellen. – Embora os teus ex-amigos estivessem corretos em pensar que eu não conseguia segui-los debaixo de terra, fui capaz de seguir-te até que te trouxessem para mina. A transferência no túnel foi engenhosa, mas, quando o primeiro carro parou de reagir, denunciou logo o plano e eu tornei a localizar-te. Depois, foi só aguardar. Eu sabia que assim que eles tivessem a certeza de que eu te perdera, os líderes deles viriam até aqui. Assim conseguia apanhá-los a todos.

– Mas acabámos de os deixar escapar em liberdade!

– Até agora – disse Karellen – eu não tinha como saber quais, dos dois mil milhões de homens neste planeta, eram os verdadeiros líderes desta organização. Agora que foram localizados, posso seguir os seus movimentos em qualquer lugar na Terra. Isso é muito melhor do que prendê-los. Estão efetivamente neutralizados, e sabem disso.

A gargalhada profunda ecoou no diminuto compartimento.

– De certa maneira, não passou tudo de uma comédia, só que com uma finalidade séria. Será uma lição prática importante para os outros conspiradores.

Stormgren ficou em silêncio por um instante. Não estava inteiramente satisfeito, mas compreendia o ponto de vista de Karellen e uma parte da sua raiva já se evaporara.

– É uma pena ter que fazer isso nas minhas últimas semanas no cargo – disse, depois de algum tempo – só que, de agora em diante, vou ter um guarda em minha casa. Para a próxima, o Pieter que seja raptado. Por falar nisso, como é que ele se tem portado? A confusão é tão grande como eu imagino?

– Ficarias desapontado ao saber o quão pequeno foi o impacto da tua ausência. Observei o Pieter cuidadosamente durante a última semana, mas evitei ajudá-lo, de propósito. No geral, saiu-se muito bem... Mas não é homem para assumir o teu lugar.

– Sorte a dele – disse Stormgren, ainda um tanto ressentido. – E já recebeu uma resposta do seu superior, a respeito... a respeito de se revelar ao mundo? Agora tenho a certeza de que esse é o argumento mais forte dos nossos inimigos. Vezes e vezes sem conta, eles disseram-me: «Nunca vamos confiar nos Senhores Supremos até podermos vê-los».

Karellen suspirou.

– Não. Não recebi nada. Mas sei qual deverá ser a resposta.

Stormgren não insistiu no assunto. Outrora talvez o tivesse feito, mas agora, pela primeira vez, a sombra ténue de um plano começava a formar-se na sua cabeça. O que Stormgren se recusara a fazer à força, talvez viesse a tentar de sua livre e espontânea vontade.

*

Pierre Duval não se mostrou surpreendido quando Stormgren entrou, sem avisar, no seu escritório. Eram velhos amigos e não havia nada de incomum numa visita pessoal do Secretário-Geral ao Diretor da Divisão de Ciência. Karellen certamente não acharia isso estranho se, por acaso, virasse a sua atenção para este canto do mundo.

Durante algum tempo os amigos falaram de negócios e trocaram fofocas políticas. Então, um tanto ou quanto hesitante, Stormgren tocou no assunto. À medida que o seu visitante falava, o velho francês reclinou-se na cadeira e as suas sobrancelhas subiram cada vez mais, milímetro a milímetro, até quase se enroscarem na madeixa de cabelos que lhe caía sobre a testa. Uma ou duas vezes pareceu estar a ponto de falar, mas acabou sempre por desistir.

Quando Stormgren terminou, o cientista olhou com algum nervosismo, à volta da sala.

– Achas que ele nos está a ouvir? – perguntou.

– Não creio que possa. Ele tem aquilo a que ele chama «um marcador» em mim, para minha proteção. Esta sala é blindada, não é? Karellen não é mágico. Ele sabe onde é que eu estou, mas apenas isso.

– Espero estejas certo. Além disso, não achas que vamos ter problemas quando ele descobrir o que é que estás a tentar fazer? Porque ele vai descobrir, tu sabes.

– Vou aceitar o risco. Além do mais, nós damo-nos muito bem.

O físico brincou com o lápis e ficou a olhar em direção ao nada durante algum tempo.

– É um problema muito interessante. Gosto – disse, sem afetação. Em seguida, enfiou a mão numa gaveta de onde tirou um enorme bloco de notas, com certeza o maior que Stormgren já vira.

– Certo – disse, escrevinhando furiosamente no que parecia ser uma espécie de taquigrafia particular. – Quero ter a certeza de que tenho todos os factos. Conta-me tudo o que puderes sobre o sítio onde vocês têm as reuniões. Não deixes nenhum detalhe de fora, por mais trivial que te pareça.

O francês, de testa franzida, estudou o desenho.

– E isto é tudo o que me podes dizer?

– Sim.

Duval bufou, descontente.

– E a iluminação? Ou costumam sentar-se às escuras? E quanto à ventilação, o aquecimento...

Stormgren sorriu com aquela explosão típica.

– O teto é todo luminoso e, pelo que sei, o ar vem por uma grelha no altifalante. Não sei por onde é que sai. Talvez a corrente se inverta às vezes, mas nunca reparei. Não há sinal de qualquer aquecedor, mas a sala está sempre a uma temperatura normal. Quanto à máquina que me leva até à nave de Karellen, é tão simples como a cabine de um elevador.

Houve vários minutos de silêncio enquanto o físico enfeitava o bloco de notas com notas meticulosas e microscópicas. Ninguém poderia dizer que, por trás da testa ainda quase sem rugas, o melhor cérebro tecnológico do mundo trabalhava com a fria precisão que o tornara famoso.

Então Duval balançou a cabeça para si mesmo, satisfeito, inclinou-se para a frente e apontou o lápis para Stormgren.

– O que é que te faz pensar, Rikki – perguntou – que o ecrã da divisória de Karellen, como tu lhe chamas, é mesmo o que parece ser? Não te parece muito mais provável que o teu «ecrã» seja na verdade, *nada mais complexo do que um espelho de um só lado?*

Stormgren estava tão chateado consigo mesmo que ficou calado durante um momento, reconstruindo o passado. Desde o início, jamais duvidara do que Karellen dizia... No entanto, agora que olhava para trás... o Supervisor alguma vez lhe dissera que usava um sistema de televisão? Era uma simples suposição. Tudo não passava de um embuste psicológico, e ele fora completamente enganado. Tentou consolar-se com a ideia de que, nas mesmas circunstâncias, até Duval teria caído na armadilha.

– Se tu estiveres correto – disse Stormgren – tudo o que tenho que fazer é partir o vidro...

Duval soltou um suspiro.

– Estes leigos em tecnologia! Achas que a divisória é feita de alguma coisa que tu consigas partir sem explosivos? E, mesmo que conseguisses, qual será a probabilidade de Karellen respirar o mesmo ar que nós? Não seria maravilhoso, para vocês os dois, se de repente ele vivesse numa atmosfera de cloro?

Stormgren empalideceu.

– Bem, então o que é que *sugeres*? – perguntou, já exasperado.

– Tenho que pensar bem. Em primeiro lugar, temos que descobrir se a minha teoria está correta e, se estiver, descobrir alguma coisa sobre o material que compõe esse ecrã. Vou pôr alguns dos meus técnicos a trabalhar no assunto. A propósito, imagino que tu leves uma pasta quando reúnes com o Supervisor, certo? É esta mesma que tu trouxeste?

– Sim.

– É um bocado pequena. Podes arranjar alguma que tenha pelo menos dez centímetros de espessura e passar a usá-la daqui em diante, para que ele se habitue a vê-la?

– Muito bem – disse Stormgren, duvidoso. – Queres que eu leve um aparelho de raio-x escondido?

O físico sorriu ironicamente.

– Não sei ainda, mas vamos pensar em alguma coisa. Daqui a quinze dias digo-te.

Depois soltou uma pequena gargalhada.

– Sabes o que é que isto me faz lembrar?

– Sei – respondeu imediatamente Stormgren. – A época em que tinhas de construir pequenos aparelhos de rádio clandestinos, durante a ocupação alemã.

Duval pareceu desapontado.

– Bem, pelos vistos já *puxei* este assunto uma ou duas vezes.

*

Stormgren largou a pasta espessa, cheia de folhas datilografadas, com um suspiro de alívio.

– Graças a Deus que isto está resolvido, até que enfim! – disse ele. – É estranho pensar que estas centenas de páginas contêm o futuro do Mundo.

Deixou a pasta cair dentro da mala, cuja superfície estava a vinte centímetros do retângulo escuro do ecrã. De tempos em tempos os seus dedos percorriam os fechos, numa reação nervosa mais ou menos consciente, mas não tinha a intenção de carregar no interruptor oculto até que a reunião estivesse terminada. Havia uma hipótese de que alguma coisa pudesse correr mal – embora Duval tivesse jurado que não havia maneira de Karellen detetar algo, era impossível ter a certeza.

– Agora, disse-me que tinha novidades para mim – prosseguiu Stormgren, com uma ansiedade mal dissimulada. – É sobre...

– Sim – disse Karellen. – Recebi a decisão do Comité de Políticas há algumas horas atrás. Estou autorizado a fazer uma importante declaração. Não creio que a Liga da Liberdade vá ficar muito satisfeita, mas deverá ajudar a reduzir a tensão. A propósito, não vamos gravar isto.

– Tu disseste-me com frequência, Rikki, que não importa o quão diferentes sejamos no aspeto físico, que a raça humana se habituaria a nós. Acho que isso mostra alguma falta de imaginação da tua parte. Ou talvez até fosse verdade no teu caso, mas a maior parte do mundo ainda é demasiado inculta por quaisquer padrões razoáveis, além disso, estão cheios de preconceitos e superstições, cuja erradicação poderá demorar cem anos.

– Deves concordar que nesta fase nós já percebemos um pouco sobre a psicologia humana. Sabemos, com bastante detalhe, o que aconteceria se nos revelássemos ao mundo no seu estado atual de desenvolvimento. Não posso entrar em detalhes para já, nem mesmo contigo, de modo que vais ter que aceitar a minha análise na base da confiança. No entanto, o que eu posso fazer é uma promessa definitiva, que deverá trazer-te alguma satisfação. *Daqui a cinquenta anos, o equivalente a duas gerações, iremos descer das nossas naves e a humanidade poderá finalmente ver como somos*.

Stormgren permaneceu calado durante algum tempo enquanto absorvia as palavras do Supervisor. Sentiu apenas uma margem da satisfação que a promessa do Karellen lhe teria trazido no passado. De facto, ficou até um pouco confuso com este sucesso parcial e, por um momento, a sua motivação fraquejou. A verdade chegaria com o passar do tempo. O seu plano era desnecessário, quem sabe, até insensato. Se decidisse avançar na mesma, seria apenas pelos motivos egoístas de quem não viverá mais cinquenta anos.

Karellen deve-se ter apercebido da sua indecisão, porque continuou:

– Sinto muito se a nossa decisão te deixa desapontado, mas pelo menos os problemas políticos do futuro próximo não serão da tua responsabilidade. Talvez julgues que os nossos medos sejam infundados, mas acredita quando te digo que temos provas convincentes do perigo de qualquer outro curso.

Stormgren inclinou-se para a frente, respirando fundo.

– Eu já calculava. Então já foram *vistos* pelo Homem!

– Eu não disse isso – Karellen apressou-se a responder. – O *vosso* planeta não é o único que nós supervisionamos.

Mas Karellen não se livraria de Stormgren tão facilmente.

– Existem muitas lendas que sugerem que a Terra já foi visitada por outras raças no passado.

– Eu sei. Também li o relatório da Divisão de Pesquisas Históricas. Faz com que a Terra pareça o cruzamento do Universo.

– Podem ter havido visitas que vocês desconheçam – disse Stormgren alimentando a sua própria esperança. – Mas, como vocês devem estar a observar-nos há milhares de anos, creio que essa possibilidade seja bastante improvável.

– Julgo que sim – replicou Karellen, no seu tom menos solícito. E, com ele, Stormgren tomou a sua decisão.

– Karellen – disse abruptamente – vou redigir e enviar-lhe uma declaração para aprovação. Mas reservo-me ao direito de continuar a infernizá-lo e, se vir alguma oportunidade, farei os possíveis para descobrir o vosso segredo.

– Estou perfeitamente ciente disso – respondeu-lhe o Supervisor, com uma risadinha bem-humorada.

– E não se importa?

– De modo algum. Embora trace os meus limites no que toca a armas nucleares, gás venenoso ou qualquer outra coisa que possa estragar a nossa amizade.

Stormgren perguntou-se se Karellen já teria conseguido adivinhar alguma coisa. Por trás dos gracejos do Supervisor, Stormgren reconhecera um certo tom de compreensão, quem sabe... e quem poderia dizer... até talvez uma espécie de incentivo.

– Fico feliz por saber – retorquiu Stormgren, com a voz mais uniforme que conseguiu. Posto isto, levantou-se enquanto fechava a pasta, deslizando o polegar ao longo da ranhura.

– Vou redigir a declaração agora mesmo – repetiu Stormgren – e enviá-la ainda hoje pelo teleimpressor.

Enquanto falava, carregou no botão... e imediatamente constatou que todos os seus medos tinham sido infundados. Os sentidos de Karellen não eram mais sensíveis do que os do Homem. O Supervisor não devia ter detetado nada, já que não houve qualquer mudança na sua voz enquanto se despedia e ditava o código que abria a porta da câmara.

Ainda assim, Stormgren sentiu-se como um ladrão a sair de uma loja sob o olhar do segurança. Soltou um suspiro de alívio quando a porta se fechou atrás de si.

* * *

– Eu admito – disse Van Ryberg – que algumas das minhas teorias não correram muito bem. Mas diga-me o que pensa desta.

– Tem mesmo que ser? – suspirou Stormgren.

Pieter pareceu não ter notado.

– Na verdade, a ideia não é minha – disse ele, modesto. – Roubei-a de um conto de Chesterton. E se os Senhores Supremos estiverem a esconder o facto de não terem nada a esconder?

– Isso soa-me um tanto ou quanto complicado – disse Stormgren, revelando algum interesse.

– O que eu quero dizer é isto – prosseguiu Van Ryberg, ansioso. – E se eles, em termos de aspeto físico, forem seres humanos como nós? Concluíram que toleraríamos ser governados por criaturas que imaginamos

ser... bem, alienígenas e superinteligentes. Só que, a raça humana sendo como é, simplesmente não aceitaria ordens de criaturas da mesma espécie.

– Bastante criativa, como todas as tuas teorias – disse Stormgren. – Seria bom se as começasses a enumerar para eu conseguir acompanhá-las. As objeções a esta... – Nesse momento, porém, Alexander Wainwright foi admitido na sua sala.

Stormgren perguntou-se em que é que ele estaria a pensar. Perguntou-se também, se Wainwright teria estabelecido contacto com os homens que o tinham raptado. Duvidava que assim o fosse, acreditava sinceramente que a postura de Wainwright contra a violência era cem por cento sincera. Os extremistas infiltrados no seu movimento tinham perdido toda a credibilidade e ainda iam demorar muito tempo até que o mundo voltasse a ouvir falar deles.

O líder da Liga da Liberdade ouviu com atenção enquanto a minuta era lida. Stormgren esperava que ele apreciasse o gesto, que tinha sido ideia de Karellen. Ainda faltavam doze horas até que o resto do mundo conhecesse a promessa que era feita aos seus netos.

– Cinquenta anos – disse Wainwright, refletindo. – É muito tempo para esperar.

– Não para Karellen nem para a raça humana – respondeu Stormgren, que só agora se começava a dar conta da elegância da solução dos Senhores Supremos. Dava-lhes a eles o espaço de manobra que acreditavam precisar, ao mesmo tempo que minavam os alicerces da Liga da Liberdade. Não imaginava que a Liga fosse capitular, mas a sua posição ficaria seriamente enfraquecida.

Com certeza, Wainwright também se dava conta do mesmo facto, como também se devia dar conta de que Karellen o estava a observar, porque quando falou, falou muito pouco, e saiu o mais rapidamente possível. Stormgren sabia que não voltaria a vê-lo durante o seu mandato. A Liga da Liberdade ainda poderia ser um incómodo, mas seria um problema para o seu sucessor.

Havia coisas que só o tempo poderia curar. Homens maus podiam ser destruídos, mas nada podia ser feito com homens bons, mas iludidos.

*

– Aqui tens a tua pasta, – disse Duval. – Está como nova.

– Obrigado – respondeu Stormgren, inspecionando-a com atenção. – Agora, quem sabe podes-me contar o que foi que aconteceu e quais são os nossos próximos passos.

O físico parecia estar mais interessado nos seus próprios pensamentos.

– O que não consigo entender – disse ele – é a facilidade com que escapámos. Se eu fosse Kar...

– Só que não és. Vai direito ao assunto, homem. O que é que conseguimos descobrir?

Duval empurrou para a frente uma imagem que, para Stormgren, parecia o registo de um terremoto moderado.

– Vês este pico?

– Sim. O que é?

– Apenas Karellen.

– Meu Deus! Tens a certeza?

– Tenho um bom palpite pelo menos. Ele está sentado, ou de pé, ou seja lá o que for que eles façam, a cerca de dois metros do lado oposto da divisória. Se a resolução fosse um bocadinho melhor poderíamos até calcular o seu tamanho.

Os sentimentos de Stormgren dividiram-se ao contemplar a curva quase invisível naquele traço. Até então, nunca tinham existido provas concretas de que Karellen sequer tivesse um corpo material. O indício ainda era indireto, mas tinha que o aceitar sem discussões.

A voz de Duval cortou-lhe o devaneio.

– Preciso que compreendas – disse ele – que não existe, de facto, um verdadeiro espelho de um só lado. O «ecrã» de Karellen, descobrimos ao analisar os resultados, transmite luz com cerca de cem vezes mais facilidade para um lado do que para o outro.

Com o ar de um mágico que retira do nada uma ninhada de coelhos, estendeu o braço para dentro da secretária e tirou daí um objeto parecido com uma arma, com uma boca flexível em forma de sino. Relembrou Stormgren de um bacamarte de borracha, mas foi incapaz de imaginar o que seria na realidade.

Duval sorriu com a sua perplexidade.

– Não é tão perigoso como parece. Tudo o que tens que fazer é encostar o bocal contra o ecrã e carregar no botão. Vai emitir um feixe intenso com a duração aproximada de dez segundos. Durante esse tempo vais poder girá-

lo pela sala e ver o que é que lá está. A luz toda vai atravessar o ecrã e iluminar muito bem o teu amigo.

– Isto não vai magoar o Karellen?

– Não, se tu apontares para baixo e depois fores subindo devagar. Haverá tempo suficiente para que os olhos dele se adaptem. Presumo que tenha reflexos como os nossos, nós também não queremos que ele fique cego.

Stormgren olhou para a arma, indeciso, e sentiu o seu peso na sua mão. Nas últimas semanas, a sua consciência perseguira-o. Karellen sempre o tratara com uma afeição inegável, apesar da sua ocasional franqueza devastadora. Mas agora que o seu tempo juntos se aproximava do fim, Stormgren não queria fazer nada que pudesse estragar a relação deles. O Supervisor, fora devidamente avisado e Stormgren estava convencido de que, se a escolha fosse dele, Karellen já se teria revelado há muito tempo. Só que agora a decisão ia ser tomada por Stormgren: quando a última reunião chegasse ao fim, ia poder olhar de frente para a cara de Karellen.

Isto é, se Karellen tivesse cara, claro.

*

O nervosismo que Stormgren sentira no início, já há tempos que tinha passado. Praticamente só Karellen é que falava, utilizando frases longas e intricadas, um recurso estilístico que ele parecia gostar de usar. Há algum tempo atrás, Stormgren tinha considerado que esse era um dos talentos mais inesperados de Karellen, impressionante e maravilhoso. Mas agora já não lhe parecia assim tão esplêndido, sabia que, como ocorria com a maior parte dos poderes do Supervisor, tratava-se apenas de pura capacidade intelectual. Não era nenhuma habilidade extraordinária.

Karellen tinha tempo de sobra para a composição literária quando desacelerava os seus pensamentos até à velocidade do discurso humano.

– Não te preocupes – disse ele – com a Liga da Liberdade. Estiveram muito quietos durante o mês passado e, embora um dia voltem à vida, não serão uma grande ameaça. De facto, uma vez que é sempre valioso saber o que é que os teus opositores andam a fazer, a Liga é uma instituição muito útil. Se algum dia passarem por dificuldades financeiras, posso até pensar em subsidiá-la.

Stormgren às vezes tinha dificuldade em perceber quando é que Karellen estava a brincar. Assim sendo, manteve o rosto impassível e continuou a

ouvir.

– Muito em breve a Liga perderá outro de seus grandes argumentos. Tenho assistido a algumas críticas, todas um bocadinho infantis, sobre a posição especial que tu tens ocupado nos últimos anos. Considerei-a efetivamente muito valiosa durante o período inicial da minha administração, mas agora que o mundo está a seguir o curso que planeei, julgo que poderá deixar de existir. No futuro, todas as minhas interações com a Terra serão indiretas. A posição de Secretário-Geral poderá voltar a ser algo que nos lembre a sua forma original.

– Durante os próximos cinquenta anos – continuou Karellen – haverão várias crises, mas serão apenas passageiras. Dentro de quase uma geração atingirei o ponto mais baixo da minha popularidade, isto porque os nossos planos não poderão ser completamente explicados e precisarão de ser implementados nessa altura. É possível que até hajam mesmo tentativas de me destruir. Mas o padrão do futuro é claro o suficiente, e um dia todas estas dificuldades serão esquecidas... mesmo por uma raça com uma memória tão longa como a tua.

As últimas palavras foram proferidas com uma ênfase tão especial que Stormgren congelou de imediato na poltrona. Tinha a certeza que Karellen nunca cometia lapsos involuntários de linguagem: todas as suas indiscrições eram calculadas e proferidas com a precisão de várias casas decimais. No entanto, não houve tempo para perguntas, que certamente também não seriam respondidas. Mantendo o seu ritmo constante o Supervisor já tinha mudado mais uma vez de assunto.

– Tu sempre me perguntaste sobre os nossos planos a longo prazo – prosseguiu ele. – O estabelecimento de um Estado Mundial é, naturalmente, apenas o primeiro passo. Tu viverás para ver a sua conclusão. Mas a mudança, quando vier, será tão impercetível que poucos se darão conta. Depois disso, haverá um período de consolidação lenta, enquanto a vossa raça se prepara para nós. E só depois é que chegará o dia que vos prometemos. Tenho pena que tu já não vás estar presente.

Os olhos de Stormgren estavam abertos, mas o seu olhar fixava-se bem para lá daquela barreira escura. Olhava para o futuro, imaginando o dia que nunca veria.

– Nesse dia – continuou Karellen – a raça humana experimentará o que pode ser descrito apenas como uma descontinuidade psicológica. Mas sem

qualquer tipo de dano permanente. Os homens dessa época serão mais estáveis do que os seus avós. Teremos sido uma parte constante das suas vidas e, quando nos conhecerem, não lhes vamos parecer tão... estranhos, como pareceríamos a vocês.

Stormgren nunca vira Karellen num estado de espírito tão contemplativo, mas isso não o surpreendeu. Acreditava que nunca tivera contacto com mais do que uma ou duas facetas da personalidade do Supervisor. O verdadeiro Karellen era desconhecido, talvez fosse até incompreensível para um ser humano. E, mais uma vez, Stormgren teve a sensação de que os verdadeiros interesses do Supervisor estavam noutro lugar.

– Aí haverá uma nova pausa, só que desta vez mais curta, o mundo tornar-se-á impaciente. O homem desejará viajar às estrelas, ver outros mundos deste Universo e juntar-se a nós no nosso trabalho. Este é apenas o início... nem um milésimo dos sóis da Galáxia foram já visitados pelas raças que conhecemos. Um dia, Rikki, os teus descendentes, nas suas próprias naves, levarão a civilização aos mundos que estiverem prontos para a receber... tal como nós o estamos a fazer agora.

Karellen caíra no silencio, e Stormgren teve a impressão de que estava a ser observado atentamente.

– É uma grande visão – disse, suavemente. – Vocês levam-na a todos os mundos?

– Sim – disse Karellen. – A todos os que são capazes de a compreender.

Do nada, um pensamento estranhamente perturbador penetrou na mente de Stormgren.

– Mas, e se apesar de tudo, a vossa experiência com o Homem falhar? Nós temos noção que isso pode acontecer, pelos nossos contactos com raças humanas mais primitivas. Imagino que vocês também já tenham tido os vossos fracassos?

– Sim – disse Karellen, numa voz tão baixa que Stormgren mal conseguiu ouvir. – Tivemos os nossos fracassos.

– E o que fazem, nesses casos?

– Aguardamos... e tentamos de novo.

Seguiu-se um silêncio que durou talvez uns dez segundos. Quando Karellen voltou a falar, as suas palavras foram tão inesperadas que, durante um momento, Stormgren não reagiu.

– Adeus, Rikki!

Karellen tinha-o enganado. Talvez já fosse tarde demais. Mas a paralisia de Stormgren durou apenas um segundo. Até que, sacou a arma de luz e pressionou-a contra o vidro.

* * *

Teria sido tudo uma mentira? O que é que ele tinha realmente visto? Tinha a certeza que não vira mais do que aquilo que Karellen pretendia. Tinha a certeza de que o Supervisor soubera do seu plano desde o início, que previra cada momento.

Porque outro motivo aquela enorme cadeira já estaria vazia quando o círculo de luz ardeu sobre ela? No preciso momento em que começara a girar o feixe de luz, já era tarde. A porta metálica, com o dobro da altura de um homem, fechava-se rapidamente quando ele a viu pela primeira vez – rapidamente, mas não rápido o suficiente.

Karellen confiara nele, não quis que passasse o longo crepúsculo da sua vida perseguido por um mistério que jamais conseguiria desvendar. Karellen não se atrevera a desafiar os poderes desconhecidos dos seus superiores (seriam *todos* da mesma raça?), mas fizera os possíveis. Se houve desobediência, nunca o conseguiriam provar.

«*Tivemos os nossos fracassos*.»

Sim, Karellen, era verdade. Mas terás sido *tu* quem falhou, antes da alvorada da história humana? Mesmo passados cinquenta anos, será que conseguirás subjugar o poder de todos os mitos e lendas do mundo?

No entanto, Stormgren sabia que não haveria um segundo fracasso. Quando as duas raças se voltassem a encontrar, os Senhores Supremos teriam conquistado a confiança e a amizade da espécie humana. Nem mesmo o choque desse encontro poderia estragar esse trabalho.

E Stormgren também sabia que a última coisa que veria, ao fechar os olhos para a vida, seria aquela porta que girava rapidamente, e a longa cauda negra que desaparecera por trás dela.

Uma cauda célebre e inesperadamente bela.

Uma cauda com ponta de flecha.

Para descobrir mais sobre como o legado de Sir Arthur está a ser celebrado, visite http://clarkefoundation.org